

Tínhamos uma
regra, quebrá-la
selou nosso destino
para sempre.



NÃO *beije* a NOIVA

CARIAN COLE

Da mesma autora de *Como se não houvesse amanhã*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

Tínhamos uma
regra, quebrá-la
selou nosso destino
para sempre.



NÃO *beije* a NOIVA

CARIAN COLE

Da mesma autora de *Como se não houvesse amanhã*

NÃO *beije* a NOIVA

CARIAN COLE

Tradução: Lorrane Rodrigues

1ª EDIÇÃO – 2024
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK
EDITORA

© 2024 AllBook Editoria.

Todos os direitos reservados

Direção Editorial: **Beatriz Soares**

Tradução: **Lorrane Rodrigues**

Preparação e Revisão: **Clara Taveira e Raphael Pellegrini**

ISBN do impresso: **978-65-85953-10-8**

ISBN do e-book: **978-65-85953-11-5**

Projeto Gráfico, Diagramação e Produção digital: **Saavedra Edições**

Adaptação de Capa: **Rebecca Barboza**

Imagem de Capa: **Daria_cherry | Shutterstock**

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C655n

Cole, Carian

Não beije a noiva [recurso eletrônico] / Carian Cole ; tradução Lorrane Rodrigues.

– 1. ed. – Rio de Janeiro: Allbook, 2024.

Recurso digital

Modo de acesso: word wide web

ISBN 978-65-85953-11-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Lorrane. II. Título.

24-92417

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439



1ª edição – 2024

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA
allbookeditora.com | contato@allbookeditora.com

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Capítulo 1

Jude

Capítulo 2

Skylar

Capítulo 3

Skylar

Capítulo 4

Jude

Capítulo 5

Skylar

Capítulo 6

Skylar

Capítulo 7

Jude

Capítulo 8

Skylar

Capítulo 9

Skylar

Capítulo 10

Jude

Capítulo 11

Skylar

Capítulo 12

Jude

Capítulo 13
Skylar

Capítulo 14
Skylar

Capítulo 15
Skylar

Capítulo 16
Jude

Capítulo 17
Skylar

Capítulo 18
Jude

Capítulo 19
Skylar

Capítulo 20
Jude

Capítulo 21
Jude

Capítulo 22
Skylar

Capítulo 23
Jude

Capítulo 24
Jude

Capítulo 25
Skylar

Capítulo 26
Skylar

Capítulo 27
Skylar

Capítulo 28
Skylar

Capítulo 29
Jude

Capítulo 30
Jude

Capítulo 31
Skylar

Capítulo 32
Skylar

Capítulo 33
Jude

Capítulo 34
Skylar

Capítulo 35
Skylar

Capítulo 36
Skylar

Capítulo 37
Jude

Capítulo 38
Jude

Capítulo 39
Skylar

Capítulo 40
Skylar

Capítulo 41
Jude

Capítulo 42
Jude

Capítulo 43
Jude

Capítulo 44
Jude

Capítulo 45
Skylar

Capítulo 46
Skylar

Capítulo 47
Jude

Capítulo 48
Skylar

Capítulo 49
Skylar

Capítulo 50
Skylar

Capítulo 51
Jude

Capítulo 52
Skylar

Capítulo 53
Skylar

Capítulo 54
Skylar

Capítulo 55
Jude

Epílogo
Skylar

Como se não houvesse amanhã

AllBook Editora

Capítulo

1

Jude

O barulho de pneus e *Two Out of Three Ain't Bad*, do Meatloaf, no último volume desviam minha atenção dos projetos sobre os quais estou curvado. Eu franzo a testa quando vejo um Corvette prata '75 acelerando no estacionamento da escola secundária ao lado.

É uma das minhas músicas favoritas, mas não às sete da manhã de uma segunda-feira.

Até hoje, a construção desta casa residencial de dois andares tem sido tranquila. Sem barulho de trânsito. Sem pessoas circulando por aí. Zero distração. Exatamente do jeito que eu gosto. Mas tudo isso vai mudar agora que as férias de verão terminaram e as crianças estão de volta à escola. Adolescentes barulhentos rindo têm passado bastante pelo meu local de trabalho na última hora.

— Porra — meu supervisor Kyle murmura sob a respiração e solta um assobio longo e baixo.

— O quê? — Sigo seu olhar até o estacionamento da escola enquanto enrolo as plantas e as prendo com um elástico.

Uma jovem sai do Corvette, empurrando seus óculos de sol tipo aviador para cima de sua juba de cabelos ondulados loiros na altura da cintura. Ela fecha a porta do lado do motorista com um balanço casual de quadril – um movimento que instantaneamente faz minha boca secar. As dobradiças da porta rangem por décadas de ferrugem, mas ela parece não perceber.

Afasto meu cabelo do rosto, fascinado pela franja dos mocassins balançando e por suas panturrilhas cobertas por jeans. Há uma camiseta preta com uma marca de beijo vermelha estampada por

baixo de uma jaqueta de camurça combinando. Ela se afasta do carro com a postura de uma estrela de cinema que acabou de sair de uma limusine, não de um carro esportivo velho enferrujado que tem mais do que o dobro de sua idade.

Algum portal de tempo a sugou dos anos setenta e a largou nos dias de hoje?

— As coisas que eu gostaria de fazer com ela... — Kyle diz, lambendo os lábios como se ela estivesse prestes a ser sua última refeição.

Meu intestino arde com uma pontada de nojo e culpa enquanto desvio meus olhos da garota.

— Ela é uma adolescente, cara — eu digo, dando um empurrão duro no ombro dele. — Volte ao trabalho. Eu não estou te pagando para você olhar adolescentes.

Rindo, ele pega o cinto de ferramentas e bota o capacete.

— *Adolescente* o cacete, Lucky. As meninas com certeza não eram assim quando estávamos no ensino médio.

Verdade. Se fossem, talvez eu tivesse ficado mais interessado em ficar por perto. Em vez disso, larguei a escola seis meses antes da formatura para ter um emprego em tempo integral.

Olho para o céu escurecendo.

— As nuvens estão chegando. Vamos fazer algo antes de começar a chover. Não podemos nos dar ao luxo de perder mais tempo neste trabalho.

— Beleza, Jude. — Ele olha para a garota mais uma vez antes de voltar ao trabalho.

Pegando minha garrafa térmica de café, escaneio meu pessoal, quatro homens, e tento avaliar nosso progresso. Estamos dois dias atrasados graças ao pedido de mudanças de última hora dos proprietários, mas acho que podemos recuperar e passar para o próximo trabalho dentro do cronograma. Terminar ou começar um trabalho tarde irrita o cliente, e eu não preciso de nenhum comentário de uma estrela sobre a minha empresa publicado na internet.

— Ei, Skylar! — grita uma voz feminina. — Os anos oitenta ligaram. Eles querem as roupas e o carro de volta!

Eu enrosco a tampa de volta na garrafa térmica enquanto sou sugado para o drama adolescente que se desenrola a poucos metros de distância. Três meninas estão rindo enquanto seguem a garota do Corvette até a entrada dos fundos da escola. Ela de repente para, girando para enfrentá-las em um turbilhão de cabelos loiros e franjas de camurça. Elas dão um passo para trás, esbarrando umas nas outras.

— Uau. — Ela olha as meninas de cima a baixo antes de se

concentrar na mais alta e bonita do grupo. Deve ser a líder malvada, baseado em todos os filmes que eu já vi. — Pena que seu pai não conseguiu te comprar alguns neurônios junto com a cirurgia no nariz, Paige. O carro é dos anos setenta.

As meninas olham para ela e, em seguida, simultaneamente reviram os olhos. Ela fica parada na calçada, forçando-as a desviar e andar ao seu redor. Um sorriso inclina o canto de sua boca.

Quando se vira para entrar na escola, ela me pega observando. Sustentando meu olhar com seus olhos brilhantes, ela me dá um sorriso provocador, faz uma bola de chiclete rosa, estoura-a e por fim desaparece para dentro.

Eu rapidamente limpo o sorriso bobo do meu rosto com as costas da mão e volto minha atenção para o trabalho. Distrações não são um luxo que eu possa ter. *Especialmente bonitas e com “problema” estampado por toda parte.*



— Você precisa de alguma coisa antes de eu ir embora? — Kyle pergunta, olhando para as plantas que estão espalhadas em uma mesa. Nós nos conhecemos desde o ensino médio, e ele trabalha para mim desde que eu comecei a empresa há dez anos. Ele é sempre o último a ir embora.

— Não. — Eu limpo as mãos empoeiradas em um pano e o enfio no bolso traseiro da calça jeans. — Até amanhã.

— Vou te trazer um bagel.

Depois que ele sai, faço uma varredura rápida do local de trabalho para ter certeza de que nada ficou largado por aí, e jogo minhas ferramentas na parte traseira da minha picape. O som característico de um motor se esforçando para ligar vem do estacionamento da escola, e não estou surpreso ao ver a garota loira batendo os punhos contra o volante do Corvette.

Já dentro do carro, acendo um cigarro e dou ré. Meu espelho retrovisor me dá um vislumbre da garota olhando dentro do capô do carro.

Ela pelos menos sabe o que está procurando?

Ela se inclina para o motor e mexe por alguns segundos, depois se afasta e cruza os braços.

— Merda — murmuro, girando com a picape. Eu não posso simplesmente deixar uma adolescente em um estacionamento com um

motor morto. Nuvens escuras de tempestade estão se arrastando pelo céu e uma brisa quente está chicoteando através das árvores. Vai chover a qualquer minuto.

Levo minha caminhonete para o estacionamento e paro ao lado dela.

— Precisa de ajuda? — pergunto da minha janela aberta.

Sua boca se abre e, em seguida, fecha imediatamente quando é interrompida por dois atletas do ensino médio se aproximando.

— Ei, Skylar! Se precisar de carona, pode vir sentar aqui — O garoto pega seu pênis e ri histericamente.

— Isso é muito pequeno para mim, Michael — ela grita de volta. — Eu prefiro sentar no seu pai e te fazer me chamar de *mamãe*.

Ah. Ela é toda explosiva, cheia de faíscas – o que pode ser bom e ruim.

Os caras não estão rindo mais.

— Vai se foder, sua puta.

Quando eles me veem pular da caminhonete, imediatamente começam a andar na outra direção

— Você não devia provocar esses imbecis — eu digo.

Suas sobrancelhas se levantam.

— Sério? Eu posso cuidar de mim mesma, cara.

— Eu percebi, Sparkles. O que há de errado com o carro?

— Sparkles? — repete.

— Sim. Você solta muita faísca. Como um rojão.

A cor de seus olhos se transforma em um tom mais brilhante de turquesa, e o canto de sua boca se levanta lentamente.

— Meu avô costumava me chamar de Sabichona, então acho que Sparkles é um nível acima.

Soltei uma risada e andei ao redor dela para olhar o capô do carro.

— Então, o que aconteceu?

Ela encolhe os ombros.

— Não tenho certeza. Estava tudo bem esta manhã, agora não liga.

— Entre e tente ligá-lo.

Ela obedece, mas o motor nem se mexe.

— Eu acho que é a sua bomba de combustível — eu digo quando ela sai do carro.

— Ah. — Ela morde o lábio inferior e olha para o motor. — Isso pode ser corrigido?

— Sim. Você vai ter que rebocar até um mecânico.

— Merda.

— Pode ser difícil encontrar peças para este carro, no entanto. Qual o ano? 75?

— Sim. Foi um presente.

Eu fecho suavemente o capô e limpo as mãos na calça jeans.

— Bom presente, mas provavelmente vai começar a te custar dinheiro. É um carro velho.

Ela olha para o céu escuro e solta um grande suspiro.

— Ótimo — diz ela.

— Você ou seus pais têm algum mecânico de confiança? — pergunto.

Inclinando a cabeça para o lado, ela pisca para mim.

— Não, hum... nós não temos. Minha mãe não dirige.

— Eu conheço um cara no North Main. Ele é bom e não vai te roubar. Se você quiser, eu chamo um reboque e peço que eles levem o carro para você.

— Tudo bem. Obrigada. — Ela olha para o chão e depois lentamente volta para mim. — O reboque é caro?

A preocupação em seus olhos puxa meu coração.

— São só uns cinco quilômetros, então vai ser barato. Talvez vinte dólares.

Um alívio visível toma conta de seu rosto quando eu pego meu celular e organizo a vinda de um caminhão de reboque. Segurando a bolsa e a mochila, ela olha para o carro com uma expressão desamparada.

Eu me pergunto se ela pode pagar pelo conserto. O carro é mais velho que andar pra frente, e suas roupas, que fazem o estilo hippie-chic, podem ter sido compradas na Goodwill para economizar dinheiro, não por moda.

Enfio meu celular no bolso.

— O reboque deve chegar daqui a cerca de quinze minutos.

Ela acena com a cabeça e sorri.

— Obrigada por fazer isso por mim.

— Sem problemas.

Gotas gordas de chuva começam a cair, respingando no asfalto ao nosso redor. Seus olhos se arregalam enquanto um trovão soa ao longe.

— Você precisa de uma carona para casa? Eu posso esperar com você até que o reboque venha.

Não há outras crianças do ensino médio por perto, e eu vou me

sentir mal se simplesmente deixá-la aqui sozinha.

Seu olhar percorre as tatuagens que cobrem meus braços e mãos. Para no meu cabelo desgrenhado na altura dos ombros. A dúvida cintila em seus olhos.

Eu sou um cara legal fazendo uma boa ação? Ou um canalha de cabelos compridos, todo tatuado e com uma ficha criminal de quilômetros de comprimento?

Talvez eu seja os dois.

— Hum...

— Você me viu mais cedo trabalhando naquela casa. — Aceno com a cabeça para a nova construção. — E este é o nome da minha empresa no caminhão. Eu não vou fazer nada de ruim. Estou apenas tentando ser legal.

Seu queixo se projeta.

— Você acha que estupradores e sequestradores andam por aí com cartazes? Eles têm empregos. Às vezes, esposas e filhos. Eles parecem mais normais do que você.

— Você tem razão. — Balanço a cabeça e dou risada. — Ok, então, eu vou para casa antes que fique encharcado. O reboque estará aqui a qualquer momento; tenho certeza de que ele vai te dar uma carona para casa. Ou você pode chamar um Uber.

— Espera — ela diz enquanto eu pego na maçaneta da porta. — Estou meio sem dinheiro essa semana. — Ela respira, hesitante. Ainda não tem certeza se pode confiar em mim. — Se você não se importar de me dar uma carona...

Entre um motorista do Uber, o cara do reboque e um estranho aleatório, ela decidiu que eu sou o menor dos males.

Ei, vou considerar isso um elogio.

— Entre, então. — Uma gota de chuva imensa cai no meu rosto. — Podemos esperar na minha caminhonete até que o cara do reboque chegue.

Uma vez no meu banco da frente, ela coloca a mochila entre nós no assento, como se estivesse criando uma barreira para a segurança.

— Eu tenho uma faca — ela diz com naturalidade. — Se você tentar alguma coisa, eu vou te esfaquear no pau. — Rindo, acendo um cigarro.

— Relaxa, Sparkles. Nem todo mundo sai na rua só pra te pegar. Vou ficar aqui do meu lado. — Eu dou um trago do meu cigarro, me perguntando se essa garota só é paranoica ou se tem algum tipo de trauma que a deixe desconfiada. — E você não deveria dizer às pessoas que tem uma arma. Se eu fosse um cara ruim, saberia que você ia reagir com uma faca, e a primeira coisa que faria seria tirar de

você. Se você quer me surpreender, não anuncia essa porra.

Ela suspira e olha pela janela.

— Obrigada pela dica.

Se eu estivesse com minha irmã, diria que *foi o que ela disse* e nós riríamos como idiotas. Eu também diria que ela não deveria trazer uma arma para a escola. Mas minha irmãzinha se foi, não está mais aqui para rir das minhas piadas ou seguir meus conselhos.

Eu limpo a garganta.

— Meu nome é Jude, a propósito. Meus amigos me chamam de Lucky.

— Significa sortudo. Você é? — Ela se vira para me encarar.

O tom de sua voz e a maneira como está me prendendo com os olhos me enerva um pouco. Eu balanço a cabeça e exalo fumaça pela janela.

— Na verdade, não. Meu sobrenome é Lucketti. Foi daí que veio.

— Me chamo Skylar.

— Prazer em conhecê-la. — Eu deixo meu cigarro em uma garrafa de água quase vazia no meu console. — Você curte os anos setenta? O carro, Meatloaf, a jaqueta de camurça de franja e mocassins. É tudo legal, só estou curioso.

— Eu não sei — ela diz suavemente, girando um anel de prata em torno do polegar. — Acho que sempre me atraí por coisas mais velhas. Elas me dão uma espécie de conforto. Elas foram esquecidas e jogadas de lado. — Ela respira melancolicamente. — Acho que quero amá-las. Lembrá-las de que ainda são importantes. Isso faz sentido? Ou parece estúpido?

Seus olhos encontram os meus, esperando, torcendo para que eu não ria dela. Ela *quer* que eu entenda.

E eu entendo. Suas palavras acabaram de entrar na minha alma.

— Não é estúpido, de jeito nenhum — digo enquanto o caminhão de reboque se aproxima de nós. — E faz muito sentido. Mais do que você imagina.

Muito mais do que ela imagina.

Eu *sou* uma dessas coisas esquecidas e jogadas de lado.

Capítulo

2

Skylar

Jude não falou muito depois que eu dei meu endereço. Ele obviamente não é uma daquelas pessoas que tenta preencher o silêncio com conversas aleatórias e estúpidas como *qual é a sua matéria favorita?* ou *nós realmente precisávamos dessa chuva*.

Em vez disso, ele diz, com um cigarro pendurado na boca:

— Você gosta do Pink Floyd, Sparkles?

— Caramba, sim. Quem não gosta?

Sorrindo, ele passa um dedo tatuado sobre um botão no volante, e o som familiar e assombroso de *Dark Side of the Moon* nos envolve com sua calma única. Eu não sei quantas horas eu passei deitada na cama com varas de incenso acesas na minha mesa de cabeceira, olhando para o teto ouvindo este álbum quando me sentia sobrecarregada com a vida. Isso sempre me acalma e me põe nos eixos.

— Nada melhor do que terapia musical, hein? — Jude diz, como se estivesse lendo minha mente. Aceno com a cabeça.

— Verdade.

Nós cantamos juntos, o que deveria ser estranho, mas não é.

— Você pode me deixar aqui, e eu ando o resto do caminho — eu ofereço quando nos aproximamos da placa dobrada no começo da minha rua.

Ignorando, ele vira à esquerda e entra na estrada esburacada.

— Não seja boba. Eu disse que te levaria para casa, não que te deixaria em uma esquina na chuva. — Ele balança a cabeça e olha para mim. — Qual casa é?

Aponto para a direita e pego minha mochila e bolsa.

— Duas casas à frente. Aquela com o trailer.

Ele dirige lentamente até a entrada e estaciona a caminhonete.

— Tem alguém em casa? — Sua testa franze quando observa a casa escura, percebendo como as grossas cortinas que cobrem as janelas não permitem o menor vislumbre de luz entrando ou saindo. Nenhum brilho azul visível de uma televisão ligada na sala de estar. Teias de aranha cobrem a luz da varanda, que não tem uma lâmpada há anos.

— Minha mãe está em casa. Ela deixa tudo escuro porque tem dores de cabeça fortes — recito bem a mentira.

Afinal, venho contando com sucesso há anos.

— Obrigada por me ajudar hoje e me dar uma carona.

— Sem problema.

Hesito antes de me despedir, imaginando se vou vê-lo novamente.

— Você ainda vai trabalhar naquela casa? Perto da escola?

Ele acena com a cabeça.

— Sim, ainda temos mais algumas semanas lá.

— Legal. Eu provavelmente vou te ver por aí, então?

— Com certeza.

Mordo o lábio para esconder meu sorriso.

— Bem, tenha uma boa noite, Jude.

— Você também, Skylar. Fique longe de problemas.

— Vou tentar.

Quando ele sorri, um lado de sua boca se eleva mais do que o outro. De repente, entendo que estou em um carro sozinha com um cara muito gostoso e *muito* mais velho, com músculos definidos, pele bronzeada e tatuagens, cabelo nos ombros e olhos da cor da ardósia. Ele não é do tipo belo e refinado, mas tem tudo que há no pacote de trabalhador de construção civil robusto e sexy. Camiseta branca apertada, jeans desbotado e botas de trabalho marrons e usadas.

Uma sujeira atraente.

Eu pulo da caminhonete dele e bato a porta, mas ele não se afasta. Percebo que está tentando ser todo nobre e cavalheiro e realmente me ver entrar em casa com segurança.

Suspirando, subo a passarela em ruínas até a casa, depois me viro para acenar para ele com uma mão na maçaneta da porta de tela enferrujada. Eu forço um sorriso que diz: *Sim, estou em casa em segurança. Nada com que se preocupar.*

Se ao menos isso fosse verdade.

Eu me sinto meio mal quando ele sorri e acena de volta antes de

manobrar para a rua, porque ele parece um cara legal. Depois de esperar alguns segundos para ter certeza de que ele não está mais me observando, vou até os fundos da casa e passo pelo velho trailer em que meu pai morava. Subo na caixa de madeira encostada na casa, abro a janela do meu quarto e entro.

Fluffle-Up-A-Gus, minha gata, pula da cama e imediatamente corre para se esfregar em meus tornozelos, cauda erguida como uma bandeira. Eu a pego e afundo meu rosto em seu pelo macio e cinza.

— Eu senti sua falta hoje, Gus. — Ela irrompe em ronronos e amassa meu ombro. — Você sentiu minha falta? Vamos te alimentar.

Eu gentilmente a desço e abasteco seu prato com comida, em seguida, despejo água de uma garrafa de plástico em sua tigela.

Bocejando, eu tiro as roupas e as jogo no cesto, depois me agacho cuidadosamente em um grande balde atrás da porta do armário. Eu me limpo com um pequeno quadrado de papel higiênico e coloco em um saco de lixo plástico; em seguida, retiro a urina amontoadá da areia do gato no fundo do balde, peneirando-a no saco de lixo. Repito o processo com a caixa de areia do gato do outro lado do armário e, em seguida, amarro o saco para jogar fora amanhã.

Eu começo meu ritual diário de limpar meu rosto e corpo com lenços umedecidos para bebês, depois borrifo xampu seco no cabelo.

Finalmente, pego uma camiseta oversized e um short de algodão. Gus serpenteia em torno dos meus pés, buscando atenção, o que eu amo. Sorrindo para ela, eu me ajoelho na frente da minha pequena geladeira, para tirar uma garrafa de água, duas fatias de pão e um pote de manteiga. A preocupação com o meu carro me atormenta enquanto espalho manteiga no pão com uma faca de plástico. Eu mastigo distraidamente, tentando calcular quantas horas extras terei de trabalhar na boutique para pagar o conserto. Eu só tenho algumas horas disponíveis para trabalhar, por isso poderia levar semanas para pagar.

Parece que eu nunca consigo fazer uma pausa.

Antes que eu possa me acomodar na cama para assistir TV, destranco as três travas na porta do meu quarto e olho para o corredor escuro. Um fedor azedo e mofado imediatamente enche minhas narinas. Meu estômago se agita com náuseas. Eu posso ouvir a televisão e ver os fracos flashes de luz que vêm da sala de estar no final do corredor.

— Boa noite, mãe — eu grito, minha voz vacilante.

Eu não posso vê-la, mas tenho certeza de que ela ainda está lá — no velho sofá verde. Já se passaram meses desde que tentei me aventurar fora do meu quarto, mas sei que ela está cercada por pilhas e mais pilhas de coisas, possivelmente tudo chegando ao teto agora.

Para chegar a qualquer outro cômodo, ou mesmo à porta da frente, eu teria de me espremer por caminhos estreitos e subir sobre pilhas de caixas e tralhas que cobrem o chão. A cozinha e o banheiro estão tão imundos e abarrotados, que parei de usá-los há dois anos. Até mesmo o velho trailer está cheio até o topo com roupas velhas, cobertores, plantas falsas, decorações natalinas – o que der para imaginar. Minhas esperanças de me mudar para ele quando ficou vazio foram frustradas quando ela o encheu menos de um mês depois que meu pai saiu.

Minha mãe é uma acumuladora.

Fui forçada a me refugiar no meu quarto, incapaz de usar o banheiro e a água corrente como uma pessoa normal. Há provavelmente duzentos frascos de xampu, condicionador e sabonete líquido lá fora entre as pilhas caóticas, mas se eu tentar pegar algum, minha mãe terá um ataque. Eu tenho de manter a porta do meu quarto trancada o tempo todo, porque é um espaço valioso aos olhos dela. Um espaço de doze por quatorze para ela preencher com milhares de itens de loja de um dólar, estátuas de animais em tamanho real, esteiras ou casacos de pele falsa.

Ela nunca usa nenhuma das coisas que compra. Elas são adicionadas ao museu de seus pertences. Mas, de alguma forma, tudo isso dá a ela um tipo de satisfação que eu literalmente nunca, nunca vou entender.

Meu pai morou no trailer por quase quatro anos, incapaz de lidar com tudo isso. Então, um dia, ele se foi, me deixando com um bilhete de desculpas e a realidade de que fiquei sozinha para me defender na selva desta casa. Ele tentou conversar com ela muitas vezes ao longo dos anos, para levá-la a procurar ajuda, mas minha mãe se recusou. Eu fiz o mesmo, mas ela não me ouve. Se desliga e se fecha. Agora, mal fala comigo. Como ela poderia quando temos que percorrer montanhas de lixo para estar fisicamente no mesmo espaço? Em vez disso, eu tenho que ligar ou enviar uma mensagem de texto para ela para me comunicar. Eu costumava me perguntar se ela se importava com o que isso estava fazendo comigo. Se ela se preocupava comigo subindo pelas janelas, usando um balde como vaso sanitário e me escondendo no meu quarto com meu gato.

Não adianta ficar imaginando porque eu já sei as respostas.

Fecho a porta e tranco-a novamente com um suspiro de alívio. Eu consegui criar meu próprio pequeno mundo seguro aqui com a Fluffle-Up-A-Gus. Temos tudo o que precisamos para sobreviver. É quase como se o pesadelo do outro lado da porta não existisse.

Mas também está lentamente começando a parecer que *eu* também não existo.

Capítulo

3

Skylar

— Quando você vai pegar seu carro? — Megan pergunta enquanto damos nossa terceira volta ao redor da pista. Uma névoa leve está persistente no ar, umedecendo minha pele e deixando meu cabelo eriçado. A aula de educação física sempre é no primeiro tempo, e nesse último ano não é diferente. É uma droga ficar toda suada e agitada logo pela manhã, quando eu mal estou acordada, mas o lado positivo é que eu posso tomar um banho quente depois. Isso resolve meu dilema de não poder tomar banho em casa e não desperta nenhuma suspeita nos meus colegas de classe. Durante o verão, tive a interessante e desagradável experiência de ter que dirigir até uma parada de caminhão para tomar banho duas vezes por semana.

Ninguém sabe do estado da minha mãe. Nem mesmo Megan, e ela é minha melhor amiga desde a quarta série. Depois de um tempo, ela simplesmente aceitou que eu era uma daquelas pessoas que nunca leva amigos em casa. Seríamos loucas se não fôssemos para a casa dela, de qualquer maneira. Tem uma sala de cinema e uma piscina.

Afasto um mosquito do meu rosto.

— Não tenho certeza de quando vou recuperá-lo. O mecânico me mandou uma mensagem esta manhã e disse que me avisaria depois de descobrir o que há de errado.

— Espero que não demore muito. Eu posso te buscar todas as manhãs, mas não consigo te dar carona depois da escola, porque eu tenho um monte de merda extracurricular basicamente todos os dias.

A única atividade extracurricular que eu tenho é um trabalho de meio período.

— Tudo bem. Eu posso ir andando depois da escola para a boutique ou para casa. Vou perguntar a Rebecca se posso trabalhar no fim de semana por algumas horas extras. Quem sabe quanto isso vai me custar.

— Você deveria ter comprado um Hyundai usado. Eles vêm com garantia. O *Vette* é legal, e de graça, mas está praticamente caindo aos pedaços.

— Um Hyundai é apenas um carro. Não tem caráter.

Ou valor sentimental.

O *Vette* era do meu avô. Ele o comprou para ser um projeto de restauração há alguns anos, com a esperança de reconstruí-lo totalmente e dá-lo a mim como um presente de formatura do ensino médio. Tenho certeza de que foi, de certa forma, um complô para me impedir de largar a escola. Eu costumava sentar no carro em sua antiga garagem, sonhando com quando eu poderia dirigir. Infelizmente, a vida tinha outros planos, e ele foi deixado para mim em seu testamento. Agora o sonho dele se tornou meu. Até lá, tenho orgulho de dirigi-lo como está.

A sra. Stephens, nossa professora de educação física, balança a cabeça para nós enquanto passamos pelas arquibancadas em que ela está empoleirada.

— Senhoritas, é para *correr* ao redor da pista.

— Qual é o sentido de correr se ninguém está nos perseguindo? — eu respondo, sorrindo inocentemente. Sem se divertir, ela empurra os óculos de aro escuro até a ponte de seu nariz.

— Pelo menos caminhe rápido. Vocês não estão aqui para exercitar as bocas.

Megan ri enquanto prende seu cabelo longo e preto em um rabo de cavalo.

— Essa umidade é nojenta — ela me diz. — Eu não quero exercitar *nada*.

— Somos duas.

— Sexta-feira à noite a gente podia... — Ela para brevemente. — *Uau*. Santo bíceps, Batman.

— Hein? — Confusa, sigo o caminho de seus olhos, o que me leva diretamente a Jude, que está andando pela calçada em direção à casa em que está trabalhando. Um pequeno saco plástico da loja de conveniência a um quarteirão de distância balança de sua mão.

— É *ele* — eu digo.

— Ele quem? — ela pergunta, os olhos ainda fixados nele.

— O cara que me deu uma carona para casa. Jude.

Ele se vira, e um sorriso lento se abre quando me reconhece. Um

grupo de colegas de classe passa por nós na curva da pista, bloqueando-o momentaneamente da nossa vista.

— Vocês estão fazendo errado — ele brinca depois que passam.

— Estamos exercitando nossas bocas — Megan responde, andando mais devagar e me forçando a fazer o mesmo para que fiquemos alinhadas.

Rindo, ele volta sua atenção para mim.

— Como está o carro? Alguma novidade?

— Ainda não.

A sra. Stephens apita.

— Senhoritas, se vocês não começarem a se mover, as duas ficarão de detenção. Sr. Locketti, tenho certeza de que você se lembra de como é isso.

Minhas bochechas esquentam de vergonha. Ele realmente passou por essa escola quando era mais jovem?

Jude lhe dá um sorriso arrogante.

— Qual é, você sabe que sente minha falta, sra. Stephens.

— Continue andando, Lucky. — Uma pitada de afeto se faz presente em sua voz.

— Você não me disse que ele era gostoso — diz Megan, depois que Jude desapareceu atrás das novas paredes que sua equipe levantou. — Como você pôde deixar essa parte de fora?

— Eu não reparei nele, Meg. — Isso pode ser uma mentira. Talvez eu possa ter reparado um pouco. — Ele tem uns trinta anos.

— É verdade, mas ainda é uma perdição total.

— Eu não sabia que ele estudava aqui. A sra. Stephens trabalhou aqui a vida toda? — Megan encolhe os ombros.

— Provavelmente. Aposto que o apito é a única coisa que ela já colocou na boca. — Eu faço uma careta para ela.

— Nojento. Prefiro não visualizar ela colocando a boca em nada.

— Eu gostaria de visualizar a boca desse cara. Você viu aquelas tatuagens? Ele tem um irmão mais novo fofo?

— Calma. Eu peguei uma carona com ele. Não fiz uma análise da biografia dele. — Ela olha para a casa, mas Lucky não está em lugar algum.

— Espero que os caras sejam bonitos assim quando tivermos essa idade. Eu não quero me casar com alguém bonito que depois fica todo careca e barrigudo. — Ela estremece dramaticamente.

Esbarro meu ombro no dela.

— Você é louca. Quando você se casa com alguém, você vai amar essa pessoa não importa o que aconteça. Faz parte dos votos.

— Vamos fazer uma promessa para ver como nos sentimos quando estivermos em nossos trinta anos, casadas e com filhos. Temos de confessar honestamente uma à outra se ainda estaremos atraídas por nossos maridos.

Conheço a gente e a nossa amizade. Definitivamente teremos essa conversa daqui a alguns anos.

— Por que você está pensando em casamento e filhos? Ainda nem nos formamos no ensino médio.

Ela encolhe os ombros.

— Não é esse o objetivo final? Casamento, dois filhos, uma casa legal, carreira de sucesso? Minha mãe já está planejando meu casamento, e eu nem estou namorando ninguém.

— Não é isso que eu quero. — Seguimos até as portas. — Eu nunca vou me casar.

— Não me diga que você ainda está presa nessa ideia de viver-em-um-trailer-com-um-bando-de-gatos?

Megan quer o que seus pais têm. Uma casa grande em um beco sem saída. Uma família. Muitas reuniões de família. Carreiras de sucesso. Eu não a culpo, porque em seu mundo, isso é muito próximo da perfeição.

Mas o meu mundo é diferente.

— O que há de errado em viver em um trailer? Eu posso ir a qualquer lugar. Viver em qualquer lugar. Eu não quero ficar presa. Em um lugar *ou* a alguém. Quero ser livre.

Ela levanta a sobrancelha.

— Então, melhor essa sua bunda livre estacionar esse trailer na minha garagem para me visitar algum dia.

— Claro que eu vou. E se você não estiver feliz com seu marido barrigudo, vamos fugir dele como Thelma e Louise.

— Fechado.



O dia se arrasta. Estou entediada e inquieta, observando o relógio em todas as aulas, contando os minutos até três da tarde, quando posso ir para o trabalho. Eu adorava vir à escola todos os dias. Até a terceira série, era divertido e emocionante. Absorvia o conteúdo como uma esponja e tinha muitos amigos. Lembro de ir a festas de aniversário, usar chapéus bobos e cantar. Comer bolo. Mas, por volta

da quarta série, as coisas pioraram em casa. Ou talvez eu só finalmente tivesse idade suficiente para perceber que as coisas sempre estiveram *erradas*. A escola virou uma fuga.

Eu não conseguia escapar de mim mesma, no entanto. Não dos medos que se espalhavam pela minha cabeça ou a sensação doentia que se agarrava dentro do meu peito.

Eu lentamente me afastei de todos os meus amigos e colegas de classe, até que Megan decidiu que eu seria sua melhor amiga. Ela era a garota nova e sentou na minha frente na sala de aula. Em seu primeiro dia, se virou e deixou escapar toda a sua história de vida para mim em uma enorme, contínua e desconexa frase. Ela estava muito animada – mãos balançando, cabelos pretos se movendo, olhos se arregalando em um momento e rolando no próximo. Eu pisquei e acenei com a cabeça para ela por dez minutos inteiros enquanto ela falava, presa em seu feitiço.

— Você tem olhos muito bonitos — ela disse quando finalmente respirou.

Daquele momento em diante, nos tornamos melhores amigas.

Às vezes, eu gostaria de poder convencê-la a seguir meu sonho do trailer. Vou sentir falta dela quando Megan for para a faculdade e começar uma vida totalmente nova. Nós nos divertiríamos dirigindo pelo país juntas, ouvindo boa música, tirando centenas de selfies em lugares novos. Em vez disso, estaremos nos comunicando por mensagens e chamadas de vídeo.

O sinal das três da tarde finalmente toca, e eu ando um quilômetro e meio pela cidade até a Belongings, a butique em que eu trabalho há quase um ano. A Belongings vende itens artesanais, como joias, roupas, decoração para casa, velas, doces, bonecas e até maquiagem e sabonetes. Embora a loja pareça bem pequena do lado de fora, é muito maior por dentro, dividida em quatro seções. Todas decoradas como se fosse a casa de alguém – fotos nas paredes, joias em caixas, pratos e canecas colocados em mesas – dando a sensação de caminhar por uma casa onde se pode comprar as coisas que você gosta. Adoro o aconchego da loja.

Rebecca, a proprietária, faz biscoitos na pequena cozinha nos fundos da loja, que costumava ser uma pequena lanchonete. Há dois anos, ela e o marido se divorciaram. Ela tem trinta e dois anos e não tem filhos, então, aparentemente, depois que eles se separaram, ela se esforçou para aprender a cozinhar para se manter “ocupada demais para se envolver em um relacionamento ruim”, como ela mesma diz. Acontece que ela tem talento para preparar sobremesas incríveis. Ela coloca os biscoitos em saquinhos fofos para os clientes levarem. Rebecca está sempre tentando me fazer comê-los, mas eu nunca provei

um. Mas eles deixam a loja com um cheiro incrível. Às vezes eu acho que metade dos clientes vem apenas pelos biscoitos.

O sino na porta da butique toca quando eu abro a porta, e a explosão de ar-condicionado é refrescante depois de caminhar no calor sufocante.

— Oi, Rebecca — eu grito. — Desculpa, estou atrasada hoje. Eu tive que vir a pé.

Ela olha por cima de uma exibição rotativa de colares de cristal e enfia o cabelo preto na altura dos ombros atrás da orelha.

— Tudo bem. Você sabe que eu não me estresso com coisas assim. Aconteceu alguma coisa com o seu carro?

Eu coloco bolsa e mochila atrás do balcão da caixa registradora e uma onda de tontura me faz segurar na borda da vitrine. Xingando a mim mesma por não chamar um Uber nessa umidade, eu destampo minha garrafa de água e bebo água até que a sensação diminua lentamente.

— Eu tive que rebocá-lo ontem à noite. — Felizmente, eu não estava escalada para trabalhar ontem, já que era o primeiro dia de aula. — Não tenho certeza do que há de errado com ele, ainda está no mecânico.

— Lamento ouvir isso. Não se preocupe em chegar um pouco atrasada quando precisar. Sério. — Seu olhar permanece em meu rosto. — Você está se sentindo bem? Você está pálida.

Balançando a cabeça, eu digo:

— Estou bem. Só está muito úmido lá fora. Eu ia perguntar se você tem alguma coisa que eu possa fazer no fim de semana. Não sei quanto vai custar essa coisa do carro... — Eu me afasto, envergonhada e esperando que ela não pense que estou tentando pressioná-la por horas extras.

— Hmm. — Ela olha ao redor da loja. Seus olhos de repente se iluminam. — Na verdade, acho que tenho algo que você pode fazer por mim, porque eu não tenho tempo ou paciência. Preciso de fotos da loja e dos produtos para serem colocadas nas redes sociais. Aparentemente, eu deveria postar pelo menos uma foto por dia. Essa é a última moda agora, e eu relaxei totalmente com isso porque é uma enorme perda de tempo.

— Parece divertido, na verdade. Sigo muitas pessoas e produtos no Instagram. Eu tenho tentado construir minha própria base de seguidores. Posso olhar outras butiques e ter algumas ideias.

— É exatamente disso que eu preciso. Eu não sei por que não pensei em te pedir para fazer isso antes. Como está a câmera do seu celular?

Meu coração afunda um pouco quando eu tiro meu celular antigo do bolso.

— Hum, não muito bem. Minha tela está rachada. Não sei se isso vai...

Ela levanta a mão, sorrindo.

— Sabe de uma coisa? Eu estive pensando em comprar um celular novo. O meu também é antigo. Hoje à noite vou parar no shopping e comprar dois iPhones. Minha irmã disse que a câmera é incrível. Vou dar um para você.

— Ah, Rebeca. Eu não posso aceitar. Você sabe quão caros eles são?

Ela não está satisfeita.

— Eu posso colocar como despesa da loja. Seria uma grande ajuda ter você assumindo isso. Você pode ter acesso às contas, usar filtros legais e responder todos os comentários ou perguntas que as pessoas deixarem. Pode ser uma nova parte do seu trabalho, se você estiver interessada. Eu te dou até um aumento.

Um novo telefone, novas responsabilidades e um aumento? Sinto que acabei de receber um bilhete de loteria premiado.

A vontade de abraçá-la é enorme, mas isso provavelmente seria pouco profissional e estranho, já que ela é minha chefe, então eu resisto.

— Oh — eu digo, lutando contra lágrimas de felicidade. — Obrigada. Claro que estou interessada. Vou fazer um ótimo trabalho, prometo. Vou pesquisar hashtags. Eu vou fazer aquela coisa legal de organizar por cores que todas as contas populares fazem. Talvez possamos fazer um sorteio com uma caixa dos seus famosos biscoitos. — Meu cérebro está girando com um monte de ideias.

— Viu? Você já está muito à minha frente. Você pode vir neste fim de semana e começar a tirar fotos. Não esqueça só de registrar o seu tempo para mim.

As coisas parecem finalmente estar melhorando.

Capítulo

4

Jude

Essa semana que passou foi interminável e parece ter vindo diretamente do inferno. Meu plano era sair do trabalho cedo, já que é sexta-feira, mas não. Não rolou. Os proprietários me pegaram quando eu estava saindo *há três horas* e quiseram passar mais detalhes e pequenos complementos. Pelo menos, eles estão felizes com o trabalho até agora. Eu acho que eu teria pulado do telhado se eles não estivessem.

Assim que entro na minha caminhonete, despejo um pouco de água em uma toalha de papel e limpo meu rosto, pescoço, braços e mãos. O calor e a umidade ultimamente têm sido brutais, a poeira gruda em mim como uma segunda pele arenosa. Tudo que eu quero fazer é chegar em casa, tomar um banho e relaxar no sofá com Cassie e um bom filme.

A cerca de três quilômetros da cidade, vejo uma menina andando na calçada, uma mochila com uma estampa brilhante de um crânio pendurada em seus ombros finos. Percebendo que é Skylar, hesito, debatendo se devo oferecer uma carona de novo. Está quente como o inferno lá fora, mas não está chovendo, e ainda não está escuro.

Um comichão profundo no meu intestino me lembra que não estava escuro ou chovendo quando minha irmãzinha desapareceu.

Suspirando, coloco minha picape alguns metros à frente dela e abro a janela do lado do passageiro. Ela se aproxima da janela com um sorriso no rosto.

— Você está me seguindo, Lucky? — ela brinca.

— Você ainda não pegou seu carro?

— Você acha que eu estaria andando nesse calor infernal se tivesse?

Eu estendo a mão do outro lado do carro e abro a porta para ela.

— Entre, Sparkles. Vou te dar uma carona.

— Talvez você devesse trabalhar na Uber — diz ela depois de entrar. Desta vez, ela coloca a suas coisas no assoalho entre os pés dela, não entre nós.

Olhando para o meu espelho, eu volto para o trânsito.

— Eu só tenho dado caronas para você. Posso acabar sendo seu motorista pessoal.

Rindo, ela diz:

— Não vejo problema nisso.

— Alguma notícia sobre o carro?

— Você estava certo. Era a bomba de combustível. Ele está dando uma recauchutada também, já que está lá. Vou pegar na segunda-feira, que é quando minha amiga pode me levar até a oficina.

Aceno com a cabeça.

— Que bom. Você vai para casa agora ou para outro lugar?

— Casa, por favor.

— Se importa se eu passar num drive-through no caminho? Estou morrendo de fome.

— De forma alguma.

— São quase sete. De onde você está vindo?

— Eu trabalho meio período na Belongings Boutique.

— A loja da Rebeca?

Ela se vira em seu assento para me encarar.

— Você a conhece?

— Mais ou menos. Estudamos juntos. — Nós nos conhecíamos, mas não éramos amigos. Ela fazia parte da galera popular, e eu fazia parte da outra galera.

— Eu não sabia que você tinha estudado na minha escola quando era jovem.

A maneira como ela diz *quando era jovem* faz com que eu me sinta um velho. Tenho trinta e quatro anos, não setenta. Aceno com a cabeça.

— É uma cidade pequena. Eu vivi aqui a minha vida toda.

— Eu também.

Eu chego na hamburgueria e entro na fila do drive-through.

— Você tem algum irmão ou irmã?

Ela balança a cabeça.

— Não, só eu. Eu tenho um gato, no entanto. E você?

— Uma irmã. — Eu não consigo me forçar a dizer *tenho* uma irmã ou *tive* uma irmã. — E um cachorro.

— Qual cachorro?

— Uma coisinha marrom e branca difusa. Um cheetos, eu acho.

Ela ri.

— É Shih-tzu.

— Saúde.

Ela sorri.

Olho o menu e recito o meu pedido de sempre no alto-falante antes de virar para Skylar. — Você quer alguma coisa? Eu pago.

Piscando, seu olhar passa de mim para o menu.

— Hum. Apenas uma garrafa de água. E um hambúrguer sem a carne e as outras coisas.

— Muito engraçado — eu digo, balançando a cabeça. Eu peço água para ela, em seguida, vou para a próxima janela para pagar antes de parar em uma vaga.

— Eu não gosto de comer enquanto estou dirigindo — explico enquanto pego minha comida e entrego a água para ela.

— Obrigada — ela diz baixinho, olhando para a garrafa em seu colo.

Dando uma mordida no meu hambúrguer, eu seguro meu pacote de batatas fritas temperadas para ela.

— Quer um pouco?

Ela balança a cabeça, ainda sem olhar para cima.

— O que houve? — Ninguém recusa batatas fritas waffle.

— Nada.

— Desembucha, Sparkles.

Ela respira fundo.

— Você não pediu meu pão.

Eu engulo minha comida e olho para ela.

— O quê? Eu pensei que você estava brincando. Você de verdade queria só um pãozinho de hambúrguer? Sem mais nada? — *Por quê?*

— Sim.

Ela está bem séria.

— Não se mexa — eu digo, colocando meu hambúrguer e sua embalagem no console.

Ela começa a dizer alguma coisa, mas eu não a ouço porque já pulei da caminhonete e fechei a porta atrás de mim. Se ela quer um maldito pão de hambúrguer, eu vou pegar um para ela. Eu entro no

restaurante, fico na fila por dez minutos e ignoro o olhar louco que recebo do garoto atrás do balcão quando peço um hambúrguer simples, sem carne, sem queijo – nada.

— Eu nem sei como cobrar por isso, então só leva — diz ele, me entregando a sacola. Eu jogo um dólar no pote de gorjetas.

— Obrigado.

— Jude, oh, meu Deus, você não precisava fazer isso — diz Skylar quando eu volto para a caminhonete. — Estou me sentindo mal...

Entregando a sacola, eu digo:

— Não. Eu me ofereci para te dar algo para comer, e eu fiz merda. Agora eu acertei.

Seu rosto se ilumina com um sorriso tímido que provavelmente poderia parar o trânsito.

— Obrigada. Para alguém com essa cara de mau, você é, na verdade, bem legal.

Eu quase engasgo com minhas batatas fritas.

— Você acha que eu tenho cara de mau?

— Um pouco, sim. Você é muito colorido.

Uma risada profunda ressoa em mim.

— Como isso é mau exatamente?

— Ok, essa é uma descrição ruim. São as tatuagens. — Seus olhos examinam meu braço e depois voltam para o meu rosto. — Os músculos. O cabelo.

Pelo menos ela não está me acariciando, como as pessoas fazem. Elas sempre querem tocar minhas tatuagens e meu cabelo, e isso é bizarro pra caramba.

— Por que você só quer comer pão? Eles têm salada, frango, copos de frutas, milkshakes. Espero que você não tenha pedido isso só porque é barato. Eu consigo te pagar uma refeição de verdade.

Seu ombro se levanta ligeiramente.

— Isso é exatamente o que eu quero.

— Tudo bem... Contanto que você esteja feliz.

Ei, quem sou eu para julgar? Eu costumava amassar manteiga de amendoim e geleia em uma tigela e comer com uma colher – sem pão.

— Eu ganhei um aumento hoje — ela solta enquanto pega as sementes de gergelim de seu pão e as coloca no saco de papel. — Estou um pouco animada.

— Parabéns. O que você faz lá?

— Normalmente eu trabalho no caixa, cuido dos displays, esse tipo de coisa. Mas agora Rebecca quer que eu gerencie as mídias sociais da loja. Ela vai me comprar um iPhone para tirar fotos dos

produtos e postar online.

Uau. A pequena butique de Rebecca deve estar indo bem para dar um iPhone novinho em folha para uma funcionária adolescente de meio período.

— Isso soa muito mais divertido do que trabalhar no caixa.

— Não é? — ela praticamente grita, a excitação explodindo em um grande e deslumbrante sorriso. — Vou começar neste fim de semana para poder pagar pelo meu carro.

É fofo vê-la tão animada com o trabalho. Eu costumava vender drogas no ensino médio para pagar minhas coisas, mas não vou dizer isso a ela, então apenas aceno com a cabeça. Esse passado deve ficar exatamente onde está.



Parar para comer e depois levar Skylar em casa fez com que eu chegasse muito mais tarde do que do que eu planejei. Cassie tem um ataque assim que eu entro pela porta da frente. Tenho certeza de que ela ficou olhando para a porta nas últimas três horas, andando pela casa toda agitada.

— Calma, garota — eu digo enquanto ela corre em círculos ao redor dos meus pés, com o rabo peludo balançando. Apoiado em um joelho, eu acaricio sua cabeça, e ela dá seu latido rouco e bate a pata, me repreendendo como sempre faz.

Alguém precisa me manter na linha. Pode muito bem ser uma cachorrinha fofa.

Depois de passear com ela no quintal, vou direto para o andar de cima, tirando minha camisa enquanto ando com a cadela no meu encalço.

— Vamos assistir a um filme depois que eu tomar banho — eu digo a ela, e ela inclina a cabeça para mim, porque sabe que a palavra *filme* significa *sentar no sofá*. Isso provavelmente diz embaraçosamente muito sobre minha vida e status social.

Fico no chuveiro, respirando o vapor, até que a água quente esfrie. Minha mente volta a deixar Skylar naquela casa assustadora e escura. Quando eu estava me afastando de sua garagem, olhei pelo retrovisor e a peguei subindo por uma janela.

Não posso deixar de me perguntar do que se trata.

Minha irmã costumava entrar e sair por janelas também. Para conhecer meninos. Para festejar. Quem sabe o que mais?

Quando ela desapareceu, colocamos cartazes em um raio de cento e sessenta quilômetros. Eu não trabalhei por um mês – procurando sem parar por ela. Meninas de dezesseis anos não desaparecem nesta pequena cidade. Houve até um grupo de busca com cães farejadores e um helicóptero. Duas semanas depois, recebi uma mensagem no meio da noite:

Erin: Pare de procurar, Jude. Não estou perdida. Eu fui embora.

Eu: Cadê você, caralho? Volte para casa.

Erin: Apenas pare. Ok?

Eu: Diga onde você está. Eu vou te buscar. Eu só quero que você volte para casa.

Erin: Por favor, pare de me procurar. Tenho que ir.

Nunca mais ouvi falar dela, e seu número de celular foi desativado pouco depois. Já se passaram dez anos e nunca houve pistas. O caso esfriou. Os policiais basicamente a consideraram uma fugitiva, principalmente depois que eu mostrei as mensagens. Nunca soube se deveria acreditar que foi ela quem enviou aquilo. Essa última frase, *tenho que ir*, me incomodou. Nós éramos próximos, e eu não posso acreditar que essa foi a última coisa que ela me disse. Ela diria algo engraçado ou *amo você*. Ela estava sendo *forçada* a ir? Alguém a sequestrou e mandou do celular dela para nos despistar? Ela pode estar morta. Ou ter sido vendida a algum psicopata. Meu sangue arrepia só de pensar nisso. Ou, talvez, ela realmente fugiu e está no mundo vivendo sua versão de uma vida melhor.

Espero que sim.

Mais tarde, quando estou esticado no sofá com uma tigela de pipoca e a cachorra enrolada em meus pés, meu celular apita com uma mensagem:

Skylar: Só queria dizer oi e obrigada pela carona e jantar.

Eu: Um hambúrguer sem carne não é jantar.

Skylar: Qualquer coisa pode ser jantar ;-)

Eu: Verdade.

Skylar: Aqui estou eu e meu gato agora.

Vem uma foto dela e de um gato peludo cinza sentado no chão.
Seu cabelo está em um coque enorme e bagunçado.

Eu tiro uma foto rápida de mim e Cassie e envio de volta.

Eu: Aqui estou eu e minha cachorra cheetos.

Skylar: KKKK. Ela é fofa.

Eu: Tenha um bom fim de semana. Aproveite o seu novo trabalho.

Skylar: Obrigada! Espero que você descanse um pouco.

Mais cedo, eu dei a ela meu número para o caso de precisar de uma carona para pegar o carro. Eu não estava esperando que ela comesse a me enviar mensagens aleatórias. Por outro lado, eu provavelmente não deveria ter dado meu número a ela. Eu não quero virar um motorista de táxi ou receber mensagens malucas cheias de emojis noite e dia.

Mas eu não posso negar que é bom receber uma mensagem de alguém que não está pedindo algo ou reclamando de algo, alguém que estava apenas pensando em mim e queria dizer oi.

Prego, conheça o caixão.

Capítulo

5

Skylar

Não é surpreendente: eu nunca tive um celular novo. Os três que tive eram antigos da minha mãe e sempre vieram pegajosos, amassados e rachados.

Mas este novo iPhone da Rebecca me deixou chocada.

É como uma obra de arte. Aninhado e cintilante em uma caixa branca robusta e intocada. Tela preta perfeita e brilhante e – oh, meu Deus – um belo acabamento roxo-lavanda.

Quase tenho medo de tocar. É lindo *nesse nível*.

— Skylar?

Eu olho para os olhos questionadores de Rebecca e perco a compostura. Eu não consigo me controlar. Jogo meus braços ao redor dela e a abraço, não me importando se isso pode ser pouco profissional. Felizmente, não há clientes andando pela loja no momento.

— Rebecca, muito obrigada. É maravilhoso.

Rindo, ela me abraça de volta, depois lentamente se afasta.

— É só um celular. Mas estou muito feliz que você gostou. Pensei que o roxo ia combinar com você.

— Gostar? Eu amei. É a coisa mais incrível que eu já tive. Prometo que vou cuidar dele. E se você tiver que me demitir, eu o devolvo. Eu não vou quebrar. Vou conseguir uma boa capa para ele.

— Skylar, é seu. Você nunca vai precisar devolver. Eu não tenho planos de te demitir. Estou animada para você começar com todas essas coisas de rede social. Estou curiosa para ver se isso traz mais vendas.

— Eu também. — Ligo o telefone. — Assim que eu configurar, vou baixar os aplicativos que pesquisei ontem à noite, e então começo a tirar fotos.

Ela sorri.

— Divirta-se. Não se preocupe com o caixa hoje. Eu sempre trabalho aqui na frente nos fins de semana. Muitos frequentadores vêm apenas para conversar de qualquer maneira.

Ela dá alguns passos em direção à frente da loja, depois faz uma pausa.

— Fiz biscoitos frescos e muffins de mirtilo. Pega um antes que os clientes devorem todos.

Sorrindo, aceno com a cabeça.

— Tudo bem.

Meu estômago está roncando por causa do cheiro dos biscoitos, e tenho certeza de que eles são deliciosos, mas eu não posso comer nenhum deles.



Passo o dia fotografando os produtos na loja. A maioria dos itens já está colocada em posições prontas para fotos — os suéteres estão cuidadosamente dobrados em cima de uma cômoda chique e surrada, as velas em prateleiras de madeira bruta, os ursinhos de pelúcia artesanais aconchegados em cestas de vime fofas. Eu organizo colares, pulseiras e anéis no chão de madeira, passo uma fita roxa em torno deles e uso os recursos da câmera do celular para desfocar sutilmente os itens no fundo.

Olhando para as anotações que fiz sobre Como Fazer Fotos Incríveis de Produtos Para o Instagram, coloco as fotos no aplicativo de edição, adiciono o filtro que escolhi para fazer nossa marca parecer coesa e, *uau...* Meu coração dá um pequeno salto. Eu não acho que alguém será capaz de dizer que uma jovem de dezoito anos com zero experiência em fotografia fez isso. Elas realmente parecem profissionais. Eu até coloquei aquela coisa legal de luz *bokeh* no fundo de algumas fotos, e um pequeno brilho em um dos colares de pedras preciosas.

— Como está indo? — Rebecca pergunta quando me encontra na pequena mesa da cozinha.

— Incrível. Estou montando um cronograma para que duas fotos por dia sejam postadas automaticamente, uma de manhã e outra no

final do dia. Vou postar vídeos curtos na seção de Stories, como um pequeno tour virtual pela loja.

— Ótima ideia!

— Olhe as fotos, me fala se você gosta delas.

Ela pega o celular da minha mão, e seu rosto diz tudo. Seus olhos se arregalam, sua boca se abre, e então ela dá um enorme sorriso.

— Skylar... são melhores do que eu poderia imaginar. Parece que tivemos uma sessão de fotos profissional. Eu nem consigo te dizer quão animada eu estou.

Tento não deixar meu sorriso *muito* largo.

— Eu também estou. Amanhã vou pegar algumas daquelas decorações de outono e Halloween que você tem lá atrás e tirar algumas fotos para deixar tudo pronto. Acho que devíamos colocar uma plaquinha fofa no caixa, dizendo para as pessoas te seguirem para ver novos itens, vendas, todas essas coisas.

Ela entrega o celular de volta para mim, seus brincos sacudindo enquanto balança a cabeça um pouco.

— Continue assim e você acabará sendo minha guru de marketing.

— É realmente muito divertido e interessante. Mal posso esperar para ver quais fotos vão receber mais curtidas.

— Estou feliz. Desfrutar do seu trabalho é muito bom. Se há alguma palavra de sabedoria que eu possa transmitir, é para você se certificar de que goste do que faz. — Não consigo evitar o sorriso orgulhoso que dou enquanto ela se dirige para o caixa. — Eu estarei lá na frente se você precisar de mim.

Eu procuro na minha bolsa uma pastilha de mel e coloco-a na boca. Minha garganta tem ardido ultimamente. Espero não estar resfriada. A última coisa que eu preciso é ficar doente.



— Você transou nos fundos da loja ou algo assim? — Megan pergunta enquanto eu entro no lado do passageiro de seu Audi.

— Não, por quê?

— Porque você está sorrindo como se tivesse.

Revirando os olhos, puxo o cinto de segurança e afivel-o. Megan dirige de forma meio errática, eu não quero acabar atravessando o para-brisa.

— Olhe para isso. — Mostro meu celular a ela como se tivesse acabado de pegar um unicórnio. — Isso não é a coisa mais incrível que você já viu? Eu consigo continuar com meu antigo número também.

Seus olhos castanhos brilham.

— Puta merda! Lavanda! Você roubou?

— Não, doida. Rebecca me deu para tirar fotos dos produtos e postar. Cara, estou adorando. Eu me diverti muito fazendo isso hoje. O tempo voou. Vai fazer parte do meu trabalho agora. Ela vai me dar um aumento também.

— Quanto a mais ela vai te dar?

Encolhi os ombros.

— Não sei. Eu não perguntei. Eu não me importo.

Ela sai do estacionamento, e minha cabeça é jogada contra o encosto quando Megan pisa fundo no acelerador, entrando na estrada principal.

— Eu não sei como você ainda não perdeu a carteira — eu digo, segurando o apoio de braço. Ela me ignora.

— Sky, você não pode não se importar com um aumento. Você precisa saber essas coisas.

— Para ser honesta, estou animada com a oportunidade de fazer algo que gosto enquanto aprendo e sou paga por isso ao mesmo tempo.

— Quanto você vai receber deve ser a prioridade, no entanto. Você pode estar fazendo o tipo de trabalho que merece, tipo, trinta dólares a hora.

— Duvido. Sou uma funcionária de meio período com nenhuma habilidade especial. Rebecca sempre foi mais do que justa com meu salário e meu bônus de férias. Confio nela. Isso sem falar que esse celular é supercaro e ela me deu.

Megan me olha de lado.

— Tenho que admitir que estou com inveja dele.

Meu corpo se inclina para a frente enquanto ela freia abruptamente em um sinal vermelho.

— Ah, ei — diz ela, sem se incomodar com a parada repentina. — Sinto muito, mas não vou conseguir te dar uma carona para pegar seu carro amanhã. Minha mãe me mandou uma mensagem mais cedo dizendo que eles vão sair, e eu tenho que cuidar do Johnny. Sério, eles não têm nenhuma consideração pela minha vida social. *Nenhuma*. Eu o levaria, mas não gosto de colocar ele no carro. Ele sempre grita como se estivesse sendo assassinado.

Eu esfrego meu pescoço.

— Tudo bem. Eu tenho um plano B. Não se preocupe.

— Tem certeza? Eu estou me sentindo muito mal.

— Com certeza. Não se sinta mal. Se você quiser, eu passo na sua casa quando estiver voltando. — O irmão mais novo dela é adorável, então eu não me importo de ficar com ela quando Megan precisa cuidar dele. Ele sempre me faz rir.

— Legal. Você quer ir na lanchonete? Quero uma salada e um shake de morango agora.

A ideia de cebola e alface se misturando com leite e morango me dá vontade de vomitar várias vezes. Não tem como eu me sentar de frente para ela e testemunhar esse tipo de coabitação culinária.

— Eu prefiro ir para casa. Não estou me sentindo muito bem, e tenho que trabalhar de novo amanhã. Quero ir para a cama cedo.

— Você nunca se sente bem. Por que você não vai ao médico?

— Acho que estou ficando resfriada. Ou pode ser alergia.

Nisso, abro minha bolsa e caço outra pastilha. Vou ter que comprar mais. Estou comendo essas coisas como balas.

— Tome algumas vitaminas — diz ela. — Talvez você devesse tomar uma daquelas coisas de infusão de vitamina IV.

— O que é isso?

— Você recebe de uma enfermeira uma intravenosa cheia de todos os tipos de vitaminas. É para aumentar a sua imunidade e fazer você se sentir saudável e energizada. Minha prima faz isso quando viaja ou não dorme o suficiente.

Tenho certeza de que não posso pagar por isso, mesmo que pareça interessante. Eu me sinto cansada, não importa o quanto eu durma.

— Vou pensar nisso se eu não começar a me sentir melhor — eu digo.

— Sabe aquele garoto Erik, o que tem o armário, tipo, dois abaixo do meu? — Minha mente vasculha sua fileira de armários e termina em branco.

— Não.

— Sim, você sabe. Ele sempre foi quieto pra caramba, meio nerd e magrinho? Ele tinha óculos tipo Harry Potter?

Balançando a cabeça, eu digo:

— Mais ou menos. — Eu não tenho ideia de quem ela está falando.

— Bem, ele usa lentes agora e acho que está malhando porque não é mais tão magro. Ele ainda é nerd, mas de uma maneira sexy. E o cabelo dele está um pouco mais comprido.

— Certo...

— Acho que vou chamar ele para sair.

Quase engasgo com a pastilha.

— O quê? *Por quê?*

— Porque ele é fofo e é carne nova agora que se reinicializou.

— Meg, apenas flerte com ele e espere que te convide para sair.
Ele vai te chamar se você der um pouco de atenção.

— Estamos no século XXI! Eu não tenho que esperar um cara para dar o primeiro passo.

Isso é verdade.

— Sim, acho que você está certa.

— Eu quero chegar nele antes que outra pessoa chegue.

— Pô. Ele não é um Xbox.

— Eu sei. Mas se *eu* notei quão bonitinho ele está, as outras também vão notar.

A maneira como ela diz *as outras* faz parecer que tem um navio de vikings do sexo feminino vindo reivindicar todos os garotos bonitinhos.

Quando ela chega na entrada da minha garagem e estaciona, eu me viro para olhar para ela. Eu posso ver sua mente trabalhando, inventando maneiras de prender o desavisado Erik.

— Eu odeio cortar seu barato, Meg, mas ele provavelmente ainda é virgem se ele era nerd e tímido até esse ano.

Sua boca se contorce.

— Você acha?

— Acho que é uma boa possibilidade.

— Hmm. Isso pode atrapalhar tudo. — Ela bate os dedos no volante, os lábios franzidos tortuosamente em pensamento. — Mas também pode ser divertido. Eu poderia virar o mundo dele de cabeça para baixo.

— Ele provavelmente vai se apaixonar loucamente se você for a primeira dele.

Ela franze a testa dramaticamente.

— É melhor não. Quero diversão. Não um drama romântico.

— Seja legal com ele. Nada de corações partidos.

Uma risada explode dela.

— Vou tentar. — Seu sorriso desaparece quando olha para a minha casa. — Este lugar está ficando largado. Ninguém corta a grama?

O nó no meu estômago se torce.

— Estamos procurando um novo paisagista. O último cara se

demituiu. — É mentira. Eu que corto a grama, mas eu me senti fraca demais ultimamente para cortar nesse calor.

— Espero que você encontre alguém em breve, ou a grama vai ficar até os joelhos. Pode ter cobras deslizando por aí.

— Não tem cobras. — Eu pego minhas coisas. — Obrigada pela carona. Te vejo amanhã.

— Tudo bem. Te amo, bebê.

— Te amo também — respondo antes de bater a porta.

Eu fico do lado da caixa de correio no final da entrada até que ela vá embora. Eu não quero que me veja entrando pela janela. Vai me abduzir e me fazer viver em seu quarto de hóspedes com um soro intravenoso em menos de vinte e quatro horas. Por mais que eu seja grata pelo cuidado, não quero que ninguém sinta pena de mim.

Mais tarde, depois de me acomodar na cama para assistir televisão, olho para a tela do meu celular supernovo, cogitando se devo aceitar a oferta de carona de Jude. Ele já saiu do seu caminho por minha causa duas vezes, mais do que qualquer um além de Megan já fez. Ele recusa o dinheiro da gasolina — não que eu possa realmente dar a ele. Mas eu gostaria de dar. Eu não espero bondades de estranhos.

Ir caminhando para a loja de manhã não vai ser ruim, já que a temperatura estará mais fria, mas no final da tarde, quando eu tiver de pegar meu carro, a previsão é trinta e cinco graus com umidade, e eu não acho que posso andar tanto.

Finalmente, deixo o orgulho e o risco de ser *aquela pessoa irritante* de lado e mando uma mensagem para Jude:

Eu: Oi.

Fluffle-Up-A-Gus se enrola do meu lado, ronronando alto. Eu coço a cabeça dela enquanto olho para o meu celular, esperando uma resposta.

Jude: Olá.

Eu: Eu odeio ter que pedir, mas se a sua oferta para me levar para pegar meu carro ainda estiver de pé, eu adoraria. Minha amiga tem que ser babá, então ela não pode me levar.

Alguns segundos se arrastam antes que sua resposta ilumine minha tela.

Jude: Claro. Que horas?

Eu: Estarei na Belongings. Posso sair às 3.

Jude: Ok. Passo lá.

Eu: Sinto muito por pedir isso. Está meio quente para andar tanto.

Claro, eu poderia pedir um Uber ou Lyft, mas isso me deixa nervosa. Desde que éramos crianças, todos falam para *não* entrar em carros com estranhos, mas aqui estamos todos nós, pagando estranhos para nos deixar entrar em seus carros. Eu simplesmente não me sinto bem com isso.

Jude: Não se preocupe. Não tenho planos para amanhã. Não é grande coisa.

Eu: Tudo bem. Obrigada :-)

Jude: Até amanhã então, Sparkles.



Meu coração vibra um pouco por esse apelido, assim como acontece toda vez que ele me chama assim pessoalmente.

Capítulo

6

Skylar

— **L**ucky. Uau, quanto tempo. Posso... hm... te ajudar a encontrar algo especial? — A voz suave e curiosa de Rebecca flutua até o estoque nos fundos.

Merda. Parece que ele chegou enquanto eu não estava lá na frente. Desligo a luz e saio. Ele está lá, parecendo totalmente deslocado nesta loja aconchegante, com uma camiseta branca, boné de beisebol preto para trás, jeans tão desbotados que parecem quase cinza e botas de trabalho arranhadas e desamarradas. Sorrindo com um palito de pirulito pendurado em sua boca, ele acena com a cabeça em minha direção enquanto eu me aproximo deles.

— Já encontrei. Estou aqui por ela.

Minha chefe o estuda de forma curiosa.

— Perdão?

— Ele vai me dar uma carona para pegar meu carro no mecânico, Rebecca — explico. A surpresa levanta as sobrancelhas dela.

— Ah.

Eu posso sentir seus olhos fixos em mim enquanto pego minha bolsa atrás do caixa. Sem dúvida, ela está se perguntando como Jude e eu nos conhecemos, mas terei de explicar outra hora, quero pegar o mecânico antes que ele feche às 3:30.

— São de graça? — Jude ergue um dos saquinhos de papel azul cheios de biscoitos, apertando os olhos para ver o logotipo. — Espero que não tenha passas neles.

— Tecnicamente são, mas para os clientes — responde Rebecca.
— E são gotas de chocolate.

Ele dá um sorriso malicioso, que eu rapidamente percebo que é seu traço característico sexy.

— Posso só comprar os biscoitos?

Rebeca balança a cabeça, mas sorri.

— Pode levar.

— Obrigado. Como está o Adam?

Ela faz uma careta à menção de seu ex-marido.

— Tenho certeza de que ele está indo muito bem, considerando que a última vez que o vi a secretária estava de joelhos na mesa dele.

— Ai — diz Jude. — Sinto muito em ouvir isso. Ele sempre foi um idiota.

— Isso é verdade. E você também.

— Ei, eu sou um idiota *legal*. Tem uma diferença.

Estreito meu olhar para ele.

— O que é um idiota legal, exatamente?

— Ele — responde Rebecca, limpando o armário de vidro. Nós sempre brincamos que esse móvel gera sozinho as impressões digitais.

— Exatamente ele, bem aí na sua frente.

Dou um puxão no braço de Jude.

— É melhor irmos, idiota legal. O mecânico disse que ia embora em 30 minutos. — Sorrio para Rebecca. — Até amanhã.

— Tenha uma boa noite. Aproveite os biscoitos, Lucky.

Ele acena.

— Se eu gostar deles, volto e compro algo para poder ganhar mais.

Partimos ao som da risada de Rebecca – um som que não ouço com frequência. Eu me pergunto se ela tinha uma queda por Jude quando eles eram jovens. Acho que peguei uma pitada de flerte dela. Mas agora que penso nisso, nunca a vi interagir com um homem na loja antes. Eles realmente fariam um casal fofo.

— Talvez você devesse convidá-la para jantar — eu digo na caminhada até a caminhonete de Jude.

Ele faz uma cara de choque e desdém.

— Quem? Rebecca? Por quê?

— Porque ela anda solitária desde que se divorciou.

Ele abre a porta do lado do passageiro para mim e eu entro.

— Eu tenho uma regra de não namorar mulheres divorciadas — diz ele quando está estabelecido atrás do volante. — Especialmente as solitárias.

Virando para ele, coloco meus óculos escuros.

— O que há de errado com mulheres divorciadas?

— Na minha experiência, elas geralmente estão tentando se casar de novo. O que é estranho, porque é natural pensar que elas nunca mais iriam por esse caminho de novo. Eu não estou procurando uma esposa e filhos.

— É mesmo?

Ele encolhe os ombros.

— A taxa de divórcio é insana. E as crianças sempre estão fora de controle, especialmente os adolescentes. — Ele olha para mim com seu sorriso. — Salvo minha companhia atual, claro. Fiz um inferno na vida dos meus pais quando eu era mais jovem. Minha irmã também. — Ele respira fundo e olha para o sinal vermelho em que estamos parados. — Eu só não quero investir meu coração e alma em alguém que poderia destruir tudo, levar metade das minhas coisas, bagunçar com a cabeça dos meus filhos e deixar Deus sabe quem fazer parte de suas vidas nos fins de semana e feriados. Foda-se tudo isso.

Eu aceno com a cabeça para a minha nova alma gêmea.

— Eu me sinto assim também. Tipo, eu não me importo de namorar alguém, mas eu prefiro deixar isso como um arranjo de livre arbítrio, como quando você trabalha para alguém. Você pode sair a qualquer momento; eles podem te demitir a qualquer momento. Não tem promessas, não tem laços legais, não tem aviso prévio de duas semanas, não tem expectativas. Você é livre para ir quando quiser. Sem ressentimentos.

— Sim. *Exatamente* isso, Sparkles. Eu não conseguiria formular melhor. Seus pais se divorciaram?

— Sim.

— Os meus também. Esse é um inferno que eu nunca quero experienciar de novo.

O divórcio dos meus pais foi tranquilo e sem intercorrências. Papai só foi embora. Não houve nenhuma briga, gritos ou drama. Eles não brigaram pela minha custódia ou móveis. Duvido que um deles tenha tido um caso, mesmo que ambos sejam pessoas de aparência decente. Não tenho certeza se meu pai paga pensão. Até onde eu sei, eles apenas assinaram os papéis e foi isso. Acabou o casamento. A única evidência de que eles estavam juntos é a minha existência, que não era mágica o suficiente para fazê-los lutar para melhorar. Para fazer funcionar. Cuidar de – ou mesmo pensar em – *mim*.

Jude entra no escritório sujo da loja de automóveis comigo. Eu presumi que ele simplesmente me deixaria no estacionamento e iria embora, mas não. Ele me levou para dentro, esperou enquanto eu desembolsava quinhentos e dez dólares em dinheiro no balcão empoeirado e depois me levou até o meu carro nos fundos. Ele come

os três biscoitos de chocolate do saco enquanto caminhamos.

— São deliciosos. — Ele está praticamente babando nos biscoitos.
— Como você não come isso o dia todo?

— Eu nunca comi, para ser honesta — admito enquanto mexo minha chave na fechadura da porta do lado do motorista. A fina camada de poeira que estava no meu carro quando ele foi rebocado se foi, e eu me pergunto se o mecânico se livrou dela com uma lavagem de carro.

Os olhos cinzentos de Jude piscam para mim.

— Você está brincando? Como diabos você consegue resistir a isso? Eles são macios, amanteigados e recheados.

Ovos. Assim que eu resisto.

— Eu só não sou uma grande fã de doces.

— Liga — diz ele, encostado no capô. — Vamos nos certificar de que está funcionando antes de eu meter o pé. — O motor gira com seu ronco profundo, familiar e reconfortante.

— Oba! — exclamo, batendo palmas. — Senti falta do meu bebê.

Ele contorna a porta aberta e se ajoelha ao meu lado, olhando para os assentos de vinil vermelhos rachados.

— Eu sempre amei Vettes, especialmente os mais velhos como este. Eu queria muito um quando eu tinha a sua idade.

— Você deveria comprar um.

Ele passa a mão sobre o apoio de braço rasgado, e tenho certeza de que ele o vê como eu — não pela condição em que está agora, mas como ficará depois de algum amor.

— Talvez um dia.

Eu olho para sua mão tatuada acariciando a porta do meu carro. Anéis de prata esterlina envolvem dois de seus dedos. Um com uma pedra de ônix, o outro, um nó de metal retorcido. Eles estão manchados e desbotados, não polidos e perfeitos.

Como ele.

Como eu.

Lambendo os lábios, puxo uma respiração curta e nervosa.

— Ei, você quer dar uma volta? Quero dizer, *você* dirige. Meu carro. Comigo.

— Sério?

— Sim. Eu não tenho nenhum lugar para ir. — Exceto passar na Megan, mas posso fazer isso mais tarde. Minha respiração para enquanto ele morde o interior da bochecha, até um grande sorriso florescer em seu rosto.

— Foda-se — ele finalmente diz, de pé. — Por que não? Essa é

uma oferta que não posso recusar. — Sorrindo, digo para ele entrar enquanto passo pelo console para o lado do passageiro.

Ele parece uma criança atrás do volante. Sorrindo animadamente enquanto empurra o encosto do assento e ajusta o espelho retrovisor.

— Escuta esse ronronar — ele diz melancolicamente antes de colocar o carro em marcha e sair para a estrada principal.

A palavra *ronronar* que sai de sua boca é sensual, quase secreta, como se eu não devesse ouvi-la.

— Esse não é o rádio original, Sparkles — diz ele provocativamente, tocando o mostrador de volume. — Estou um pouco desapontado.

Eu dou risada.

— Acredite em mim, eu também estou. Mas eu simplesmente não conseguia dirigir sem ouvir minha música favorita. O RingPop colocou esse para mim. Ele me deu desconto, já que trabalha em uma loja de rádios de carro. Não se preocupe, eu guardei o original.

— RingPop?

— Ele morava ao meu lado. Somos amigos desde sempre. Quando tínhamos uns sete anos de idade, ele me pediu em casamento com um *ring pop*.

Jude ri.

— Que fofo.

— Piora. Comecei a lamber, ele soltou e ficou preso na minha garganta. Engasguei até não conseguir respirar. Eu pensei que ia morrer. Ele me chutou na barriga, e eu cuspi.

— Puta merda. Acho que isso explica sua aversão a doces, então? — Na verdade, não é por isso. Mas eu aceno com a cabeça de qualquer maneira.

— Eu o chamo de RingPop desde então. Ano passado ele se mudou, mas ainda saímos de vez em quando.

— Eu também tenho uma boa história de asfixia/engasgo — diz ele, entrando na rodovia.

— Vamos ouvir.

— Quando eu estava no ensino médio, eu estava beijando uma garota, eu estava com um chiclete na boca e ela pensou que estava sendo sexy e sugou. Ele foi direto pra garganta, e ela começou a engasgar com ele. Acabou o clima totalmente.

— Eca! Que nojento — digo com repulsa. Eu poderia ter vivido para sempre sem ouvir isso. — Acho que ela devia gostar muito de você para querer pegar seu chiclete.

Eu não consigo imaginar gostar de um cara o suficiente para

querer qualquer coisa de sua boca na minha.

— É, ela tinha a personalidade de um interruptor.

Ele muda para uma marcha mais alta e se move para a via expressa, pisando fundo no acelerador.

— Esse bebê é rápido — diz ele.

— O mais rápido que eu fui com ele foi 170.

Ele me lança um olhar surpreso.

— Olhe só você, pequeno demônio da velocidade. Tenha cuidado. Você não quer seu rosto bonito preso em uma árvore.

— Eu só fui tão rápido assim uma vez. — Talvez duas vezes.

Ok, tipo, cinco vezes.

— Então, o que uma garota como você está fazendo com um carro como este? — Seu tom é brincalhão, mas minha resposta não é. Ainda me emociono ao falar do meu avô, e hoje não é diferente. Especialmente quando estou no carro que ele me presenteou, contando a alguém a história de como ele queria que eu tivesse algo bonito, legal e criado com amor. Algo que simbolizasse esperança, novos começos brilhantes.

— Parece que seu avô era um cara bom — diz Jude depois que eu lhe conto como meu avô pretendia me dar o carro quando eu me formasse.

— Ele era. — Eu enxugo a lágrima antes que ela escorra pela minha bochecha. — Sinto muita falta dele. E de minha avó.

— Ela também faleceu?

Aceno com a cabeça.

— Sim. Dois anos antes dele. Ela era diabética.

— Sinto muito — ele diz suavemente. — Eu não queria te chatear.

— Você não chateou. Eu sempre fico melancólica quando penso neles.

— Nada de errado com isso.

Perco a noção do tempo e da direção enquanto Jude dirige. Quase tudo desaparece — exceto o vento correndo pelas janelas abertas e minha playlist favorita nos fazendo companhia. E a voz de Jude, cantando as músicas que ele não tem ideia, mas que são as mais importantes para mim.

— Você tem uma ótima voz. — Não tento mascarar minha surpresa.

— Eu só canto bem no chuveiro e no carro. — Ele vira em uma estrada secundária e esburacada. — Me coloque em um palco, e eu sou um desastre.

— Eu duvido disso.

Ele desacelera e entra em um estacionamento de cascalho, perto de um pequeno playground.

— Eu só quero fumar rapidinho — diz ele, alcançando a maçaneta da porta. Eu rio enquanto ele tenta içar seu corpo alto para fora do carro baixo. — É difícil de sair assim.

— Eu me acostumei. Felizmente, eu não uso saias. — Eu olho ao redor para o parque vazio. — Vou andar por aí por alguns minutos.

Vou direto para os balanços. Costumava ter um balanço em nosso quintal, pendurado em uma árvore. Quando eu era pequena, eu balançava por horas todos os dias, acreditando que poderia voar direto para o céu e viver nas nuvens. Um dia, a corda arrebentou de um lado, e eu caí no chão. Por pelo menos meia hora eu fiquei esparramada chorando, pensando que eu estava morrendo. Quando meus pais não vieram me ajudar, eu me levantei e manqueei silenciosamente por dentro, minha bunda e pernas doendo a cada passo. Pensando bem, tenho certeza de que fraturei o cóccix.

O balanço ainda está lá, pendurado na corda rasgada e desgastada. Um ícone do dia em que percebi que estava sozinha.

Jude caminhou pelo parque e sentou no escorregador de metal. Ele me observa com um sorriso divertido que é incrivelmente sexy.

— Vem para o balanço comigo!

Ele balança a cabeça e sopra uma nuvem de fumaça no ar.

— Qual é, Lucky? Ninguém vai te ver.

— Eu não me importo com alguém me vendo.

— Então vem aqui. Não seja medroso.

Rindo, ele apaga o cigarro e o joga em uma lata de lixo no caminho para os balanços.

— Você é um pé no saco, sabe? — diz ele, apertando seu corpo musculoso no outro balanço ao meu lado.

Eu balanço as pernas com mais força, meu cabelo voando como uma bandeira atrás de mim.

— Eu sei. Não ligo. — Quando eu olho, ele está deslizando ao meu lado, sorrindo tanto quanto estava atrás do volante do meu Vette.

Fico feliz em ver que o bad boy tem uma criança interior.

— Quem aterrissar mais longe ganha o direito de dirigir para casa — diz ele maliciosamente. — Vamos!

Ele vai primeiro, saltando do balanço e pousando na areia da praia a quinze metros, rolando em uma cambalhota dramática.

— Estou velho demais para essa merda, Sparkles — diz ele, ajoelhando na areia. — Você e seu carro estão acabando com as

minhas costas.

— Prepare-se para perder!

Aterrisso três metros mais longe do que ele com um estrondo, e caio, de forma nada graciosa, de bunda.

— Eu ganhei

— Sim, mas não foi justo. Você é muito mais leve.

— É verdade. Vou deixar você dirigir de volta. Porque eu sou legal e gosto de você.

Ele se levanta, tira a areia da sua calça jeans e estende a mão para mim. Quando eu a agarro, ele sem esforço me puxa para cima, e eu tropeço em seu peito.

— Eu gosto de você também.

Sua voz, a súbita proximidade... Estou um pouco sem fôlego. Eu nunca estive tão perto de um homem antes. De um *garoto*, sim. Mas não um homem adulto musculoso, tatuado, com cheiro de pós-barba de sândalo, as mãos do tamanho da minha cabeça.

Eu deveria ter soltado a mão dele assim que fiquei de pé, mas eu não soltei. Eu a seguro por alguns segundos, gostando do calor e da sensação de sua palma calejada contra a minha.

Depois de alguns segundos, ele aperta gentilmente minha mão e, em seguida, puxa a dele da minha. É um gesto pequeno e afetuoso, esse aperto. Mas nós, meninas, sabemos o que é. Um abraço de mão.

Capítulo

7

Jude

Osom característico do motor de seu carro e *Tiny Dancer*, do Elton John, no volume máximo anunciam a chegada de Skylar antes mesmo de eu vê-la entrar no estacionamento da escola.

Ela olha casualmente para a casa em que estou trabalhando quando sai do carro, mas não me vê no telhado. Gostaria de saber se o carro lhe deu problemas esta manhã, porque a aula começou há mais de uma hora.

O tempo mudou durante a noite, e uma brisa fresca afugentou a umidade. Isso pode explicar o boné de aviador de couro marrom envelhecido e os óculos em sua cabeça. Duas longas tranças fluem por baixo do adorno estranho, que, de alguma forma, realmente fica legal nela.

— Ei, Lucky! — Kyle grita de baixo. — Venha conferir o piso.

— Estou indo.

Na descida, algo chama a minha atenção pelo canto do olho. Levo alguns segundos para perceber que o que parece uma pilha de roupas jogadas na calçada é Skylar.

— O quê...?

Jogando meu martelo no chão, corro pelo gramado e me ajoelho ao lado dela na calçada.

— Skylar?

Meu sangue esfria quando ela não se mexe. Ela está totalmente apagada.

Respirando, mas imóvel como uma pedra.

— Ei... — Eu toco sua bochecha enquanto meu coração acelera.

Seu chapéu bonitinho caiu, e vê-lo na calçada ao lado dela me dá um nó na garganta. Eu cutuco o braço dela. — Acorde, Sparkles.

Sua cabeça gira. Seus pés calçados se contorcem. Lentamente, seus olhos se abrem. Ela olha através de mim por alguns segundos com os olhos confusos até que seu foco finalmente retorna.

— O-o que aconteceu? — ela diz enrolado, piscando.

— Acho que você desmaiou.

Eu a ajudo a se sentar, mas ela imediatamente balança a cabeça e agarra meu braço.

— Eu não me sinto muito bem.

Ela também não *parece* muito bem. O tom da sua pele é de um pálido gritante. Olheiras escuras sombreiam seus olhos. Ontem no parque ela parecia tão vibrante, mas hoje é uma história totalmente diferente.

— Você tomou alguma coisa? — pergunto.

— Tomei o quê?

— Não sei. Pílulas?

Carrancuda, ela esfrega o lado da cabeça.

— Eu não uso drogas, Jude.

— Você bateu a cabeça?

— Talvez. Estou muito tonta.

Seus olhos se fecham e seus dedos seguram meu braço com mais força, como se ela estivesse prestes a desmaiar novamente.

— Vou te levar na emergência.

Ela balança a cabeça.

— Não... Não posso ir ao hospital.

— Sim, você pode. E você vai.

Kyle se aproxima com um martelo na mão e olha de mim para Skylar, ainda sentada na calçada.

— Estava procurando você. O que diabos está acontecendo?

— Acho que ela desmaiou.

— O que há de errado com ela?

— Não tenho certeza. Vou levá-la para o pronto-socorro. Você cuida das coisas enquanto eu estou fora?

— Com certeza. Talvez você devesse chamar uma ambulância?

— Não — resmunga Skylar.

— Dane-se a ambulância — eu digo. — Vai levar uma eternidade para chegar aqui. Vai ser mais rápido se eu mesmo a levar.

Ele acena com a cabeça.

— Tudo bem. Mas talvez você deva ligar para os pais dela.

— Boa ideia. — Eu me inclino para a linha de visão de Skylar. — Vamos ligar para sua mãe e eu vou te levar para o pronto-socorro. Ela pode nos encontrar lá.

De olhos fechados, ela balança a cabeça.

— Tenho dezoito anos. Eu não preciso ou quero ela lá.

— Mas...

— Por favor — ela sussurra. — Ela não vai, de qualquer forma. Confie em mim.

Kyle e eu trocamos um olhar. Um que diz que não devemos nos envolver. Mas eu não posso simplesmente deixá-la aqui ou deixá-la dirigir sozinha. Ela não consegue nem se levantar, muito menos dirigir.

— Tudo bem. Você acha que pode caminhar até a minha caminhonete?

— Acho que sim.

Eu a ajudo a ficar de pé, mas suas pernas balançam, parecem moles como macarrão.

— Eu vou te carregar — eu digo, puxando-a para os meus braços antes que ela possa protestar.

— Cara, pegue as coisas dela para mim — eu digo a Kyle.

Ele pega o chapéu, os óculos e a bolsa de livros e os entrega a ela.

— Obrigada — diz ela, encostando a cabeça no meu ombro.

Ignorando o olhar cético de Kyle, eu digo:

— Volto logo. Apenas mantenha as coisas em movimento aqui.

— Vou manter. Me manda uma mensagem e me atualiza sobre o que está acontecendo.

Eu a carrego para a caminhonete, imaginando o que diabos estou fazendo a cada passo; cuidadosamente a acomodo no banco do passageiro. Desajeitadamente, eu coloco o cinto de segurança em torno dela.

— Você não precisa me tratar como um bebê — diz ela quando ligo a caminhonete.

— Não é o que estou fazendo.

— Talvez eu devesse ir para casa... — ela diz, pressionando os dedos em suas têmporas. — Talvez eu esteja apenas cansada. E eu tive uma dor de garganta. Pode ser gripe... ou mononucleose.

Merda.

— Eu não beijo ninguém há um boooom tempo, na verdade. — Ela inclina a cabeça contra o assento e fecha os olhos. — Caso você esteja se perguntando, sim, eu sou uma excluída.

— Eu não estava me perguntando. E você não é. Mas eu acho que

é melhor você fazer uns exames. Você desmaiou na droga da calçada. Pode ter batido a cabeça. Pode ter uma concussão. — De repente, estou canalizando minha mãe. — Devemos ligar para a escola e dizer que você não vai?

Ela acena com a mão com desdém.

— Eles nem vão perceber que eu não estou lá. Eles nunca percebem. — O trânsito da manhã de segunda-feira é uma porcaria, forçando-nos a parar em cada sinal vermelho duas vezes. Skylar fica mais alerta durante a viagem, mas ela ainda parece estranhamente pálida para mim, especialmente com o sol brilhando através das janelas.

— Você está com fome? — pergunto. — Você comeu esta manhã?

— Eu nunca tomo café da manhã.

Eu me seguro antes de me transformar completamente na minha mãe e dizer a ela que o café da manhã é a refeição mais importante do dia.

Eu deveria ser legal. Com toda essa minha *cara de mau*. Palavras dela, não minhas.

Quando chegamos ao hospital, ela me diz que está se sentindo um pouco melhor e pode sair da caminhonete e andar sem tropeçar. Isso não me impede de levá-la lá para dentro e esperar enquanto ela informa seus dados.

— Obrigada por me trazer até aqui — diz ela, enquanto nos sentamos na área de espera longe das outras quatro pessoas. — Você pode ir. Vou ficar bem agora. Eu não quero bagunçar o seu dia inteiro.

— Como você vai voltar para casa?

Sua boca se contorce para o lado.

— Vou mandar mensagem para Megan mais tarde. Tenho certeza de que ela me dá uma carona de volta até o meu carro.

Balançando em meus calcanhares com as mãos enfiadas nos bolsos da frente, eu olho ao redor da sala. Em seguida, para ela, sentada na cadeira de plástico amarelo desbotado com os olhos azuis arregalados de ansiedade, esfregando a mão sobre o centro do peito. A pulseira de identificação impressa parece enorme circulando seu pulso. Eu nunca notei quão finos são seus pulsos.

— Skylar Timmons? — uma enfermeira grita das portas duplas.

Isso foi rápido.

Skylar fica de pé, sorrindo fracamente.

— Obrigada, Jude.

Como posso deixá-la aqui quando ela está parecendo toda doente, assustada e sozinha?

— Vou esperar você aqui, ok? Não deve demorar muito. — Eles provavelmente vão mandá-la para casa com alguns antibióticos e dirão para descansar por alguns dias.



Claramente, eu subestimei o que se passa além das portas da sala de emergência. Três horas depois, ainda estou na sala de espera, vacilando entre ficar irritado pra porra e preocupado pra caralho.

E por quê? Eu nem conheço essa garota. Ela não é amiga ou família para mim. O universo continua tentando me transformar em seu motorista particular.

Eu mando uma mensagem para Kyle dizendo que ainda estou esperando. Ele responde que eu deveria ir embora. Eu pego um refrigerante e batatas na máquina automática. Eu olho pela janela. Eu espiono um jovem casal sentado a poucos lugares de mim. Ela acha que está grávida, e eles não querem contar a ninguém. Sua família o odeia. Ela estava bêbada na semana passada e agora está preocupada em ter machucado o bebê. Ele se pergunta (em voz alta) se ela está bêbada agora. Uma mulher à minha frente está tossindo sem parar e está usando duas meias diferentes.

Sim. Quero ir embora daqui, mas agora estou investindo na espera. Ela já não teria sido liberada se estivesse bem?

— Jude Lucketti?

Eu saio do meu transe.

— Sou eu.

— Você pode entrar e ver sua sobrinha. Ela está perguntando por você.

Minha sobrinha?

Sigo a enfermeira através das portas de metal e pelo corredor até uma pequena sala privada de exames. Skylar está sentada na cama com um vestido cinza fino que a faz parecer menor do que é. Eu tento não olhar para a alça fina de sutiã de renda preta aparecendo. Ela está com acesso intravenoso.

Parece muito íntimo – eu estar em um quarto de hospital com ela. Vulnerável, pálida e pouco vestida. Outra pessoa deveria estar aqui. Pais, amigos ou namorado.

Não um cara que ela mal conhece.

— O médico voltará em breve — informa a enfermeira ao sair.

— Você ainda está aqui — diz Skylar.

— Eu estava preocupado com você. Já se passaram mais de três horas.

— Sinto muito. Você deve voltar ao trabalho.

— Estou sentado lá fora há horas. Não vou embora agora. Eles descobriram o que há de errado com você? E não comece a me chamar de tio Lucky, *sobrinha*.

Ela ri.

— Eu fiquei com medo de que eles não te deixassem entrar se não fosse da família.

Estreitando os olhos para ela, sento em outra cadeira incrivelmente desconfortável no canto da pequena sala.

— Você tem certeza que tem dezoito anos?

— Sim, Jude. Tenho certeza de que sei quantos anos tenho. Estou no último ano e completei dezoito anos há quatro meses. Repeti na escola quando era mais nova porque eu faltava muito.

— Tudo bem. Só conferindo. Então, o que está acontecendo? — Eu observo a sala. Suas roupas estão dobradas em uma cadeira do outro lado da cama. — Eles vão te dar alta?

Seu olhar cai e ela encosta o queixo na mão.

— Talvez amanhã. Eles vão me internar.

— Por quê?

— Eles querem fazer mais alguns testes. Uma endoscopia, eu acho, e algumas outras coisas. O médico fala muito rápido, eu não peguei tudo.

— O que eles acham que está errado?

— Só umas coisas...

— Só umas coisas? — Repito. — Então... *Coisas* são o seu diagnóstico?

Ela inclina a cabeça e me dá uma olhada.

— Não, mas você realmente quer ouvir tudo?

— Eu não perguntaria se não quisesse. — Eu afasto meu cabelo do rosto. — Mas você não precisa me dizer. Tudo bem.

Ela respira fundo e puxa o cobertor fino e branco para cima. Seus dedos se mexem sobre o tecido.

— Eu tenho um distúrbio alimentar. E alguns outros problemas. Com meu estômago, esôfago e saúde geral. — Ela levanta o olhar do cobertor para encontrar meus olhos. — E mental.

— Oh — eu digo baixinho, absorvendo a informação. Agora o hambúrguer sem carne faz sentido.

— Eu já sei há algum tempo — acrescenta. — Fui diagnosticada

há alguns anos. Eu só fiquei em negação, eu acho. Eu tive medo de voltar ao médico, e eu não podia pagar. Mas tem piorado ultimamente.

— Então é bom que você esteja recebendo ajuda agora.

— Sim. — Ela não parece convencida.

Eu me esforço para dizer algo que possa fazê-la se sentir melhor, mas eu não tenho nada que não soe piegas ou moralista.

— Você quer que eu chame alguém pra você? Ou que te traga alguma coisa?

Ela balança a cabeça.

— Não, eu estou bem. Mas você devia ir. Eu sei que você tem que trabalhar, e eles vão me mudar para um quarto em breve.

Acenando com a cabeça, eu me levanto e ando em direção à cama dela.

— Se você quiser, eu e Kyle podemos levar seu carro até sua casa, para que ele não fique no estacionamento da escola durante a noite. Acredito que você não quer que ele seja rebocado.

— Você realmente faria isso por mim?

— Com certeza. Faremos hoje à noite.

— Obrigada. Você é um cara muito legal, Jude.

Toco sua mão e dou um aperto reconfortante.

— Fica bem, ok, Sparkles? Me manda uma mensagem e me fala como as coisas estão indo. Eu suponho que você vai precisar de uma carona para casa? — Eu provoco.

Ela solta uma gargalhada.

— Você me conhece tão bem.

Ao sair, percebo que passei metade do dia de trabalho sentado em um hospital com uma garota que eu mal conheço, quando tenho um prazo para entregar a casa. Onde diabos estão os pais dela? Ela é fofa e tudo, mas eu não posso ser algum tipo de cavaleiro de transporte em armadura brilhante para ela, vindo em seu socorro toda vez que ela precisa de uma carona. Vou levar o carro dela para sua casa, e é isso. Eu tenho de me afastar.

Mas quando eu entro na minha caminhonete e vejo seu chapéu de aviador e óculos no banco do passageiro, sei que ela não é o tipo de garota que eu vou ser capaz de simplesmente afastar da minha mente.

Capítulo

8

Skylar

Nossos corpos nos dão muitos avisos. O que escolhemos fazer com isso depende da gente, é claro. Meu corpo e minha mente vêm levantando bandeiras vermelhas há anos. Como a maioria das pessoas, eu as ignorei. Deixei-as de lado. Arranjei desculpas. Minha mãe fez o mesmo, ignorando minhas *travessuras em busca de atenção* desde que eu era uma garotinha. Finalmente, meu corpo disse *que se dane você, Skylar...* e me jogou na calçada bem na frente de Jude.

O diagnóstico que recebi há muito tempo é basicamente o mesmo, só piorou tudo.

Refluxo ácido.

Úlceras.

DRGE.

Desidratação.

Deficiência de vitaminas.

Ansiedade.

Depressão.

Exaustão.

E, por último, mas certamente não menos importante, e meu favorito para dizer: TARE. Transtorno Alimentar Restritivo Evitativo.

Mas vou digerir (trocadilho não intencional) tudo isso depois. No momento, estou preocupada com a Fluffle-Up-A-Gus. Em casa, sozinha no meu quarto, trancada com uma quantidade-inaceitável-para-uma-gata de ração e água. Gus não ficará apenas descontente, ela ficará seriamente sem comida e água até amanhã de manhã.

Se algo acontecer com ela, eu não serei capaz de lidar com isso.

Ela é minha amiga aconchegante. Eu ainda não mandei mensagem para minha mãe sobre meu paradeiro, mas sei que ela não pode entrar no meu espaço para alimentar minha gata. Ela nunca subiria pela minha janela, e tenho certeza de que há muitas coisas entre a sala de estar e a porta do meu quarto para ela escalar. Minha mãe nem gosta de gatos.

O que é bom, suponho, porque se ela gostasse? Ela provavelmente teria mil amontoados em nossa casa.

Isso me deixa com duas opções: pedir à Megan ou possivelmente Jude para ir à minha casa, pela janela, cuidar de Gus.

Mesmo que Meg seja minha melhor amiga, ela nunca viu minha situação de vida. Ela vai ficar horrorizada. Eu sei que não contaria a ninguém na escola, mas e se isso mudasse a forma como ela se sente em relação a mim? Eu faço xixi em uma caixa de areia de gato. Tomo banho na escola. Isso é um pouco difícil de aceitar.

Jude também ficará horrorizado, mas ele não parece ser do tipo julgador. E não temos uma relação. O que de pior poderia acontecer? Ele vai pensar que eu sou uma bagunça e nunca mais me dar uma carona? Eu posso viver com isso.

Certo?

Mas... Jude é um adulto. Se ele fosse pego subindo pela janela do quarto de uma menina de dezoito anos, poderia ter problemas. Eu consigo vê-lo explicando à polícia que estava apenas tentando alimentar meu gato. Ninguém acreditaria nisso.

Megan, sendo uma colega adolescente, é a escolha mais segura. Se ela fosse pega, provavelmente seria liberada por um comportamento típico de adolescente.

Mando uma mensagem pra ela:

Eu: Oi!

Megan: MDSm onde você está? Eu te procurei e mandei mensagens o dia todo.

Eu: Estou no hospital.

Megan: PQP, o quê?

Eu: Eu desmaiei bem no meio do estacionamento hoje de

manhã.

Megan: Mentira!

Eu: Eu juro! Jude me viu e me trouxe aqui. Que embaraçoso.

Megan: Jude, com os músculos e tattoos?

Eu: Sim.

Megan: Sorte a sua, doida! LOL Você está doente?

Eu: Eu tenho refluxo ácido e desidratação.

Megan: Que porcaria!

Eu: Vou ficar aqui até amanhã. Talvez até quarta. Eu estava pensando se você poderia me fazer um grande favor.

Megan: Claro.

Eu: Eu preciso que você dê comida e água pra minha gata e pegue o carregador do meu telefone.

Megan: Sem problemas!

Eu: Eu meio que tenho que te dizer uma coisa.

Megan: Ok.

Eu: Você tem que subir pela janela do meu quarto. Se você está na frente da minha casa, olhando para a porta da frente, é do lado direito da casa. Há uma caixa de madeira sob a janela para ficar em pé.

Megan: Hum..... Por quê?

Eu: Por favor, não me faça responder isso agora. Prometo que vou. Eu só não consigo agora.

Megan: Você está me assustando, mas tudo bem. Sua gata vai me morder?

Eu: Não! Ela é uma querida. Quando você entrar no meu quarto, tem jarros de comida e água lá mesmo. Não tem como não achar. Meu carregador está do lado da minha cama. Você tem que sair pela janela também. Por favor, não abra a porta do meu quarto.

Megan: E a sua mãe? Ela não vai se perguntar o que eu estou fazendo?

Eu: Não. Ela provavelmente nem vai te ouvir e ela não vai te ver.

Megan: Isso é altamente suspeito, mas eu estou aqui para isso.

Eu: Lembra de fechar a janela quando você entrar e depois quando você sair, para que a gata não saia.

Megan: Vou fechar. Devo ir hoje à noite?

Eu: Se puder. Eu realmente agradeço.

Megan: Vou levar seu carregador para você hoje à noite antes que o horário de visitas termine.

Eu: Você é a melhor. Eu te amo. Prometo que vou explicar tudo.

Megan: Não se preocupe com isso. Eu tenho que ir. Fica bem! Bjo

Talvez isso não seja tão ruim. Megan talvez nem note os baldes. Eu só tenho uma cômoda e uma mesa de cabeceira, e meu colchão está no chão, mas meu quarto é bem ok. Não é bagunçado ou sujo – apenas esperso. Eu posso ter que explicar por que uso uma janela em vez da porta.

Posso lidar com isso.

Eu digito uma mensagem para minha mãe dizendo que vou passar a noite no hospital, mas que não deve não se preocupar.

Não que ela o faça.

A enfermeira entra e a gente debate o que eu vou comer no jantar. Ela não quer me dar pão e água. Ela tenta me convencer de canja de galinha e gelatina. Eu tenho ânsia só de pensar nisso. Concordamos com chá sem leite e torradas com manteiga ao lado.

Ela me entrega também um copo minúsculo com uma pílula nele.

— O que é isso? — pergunto.

— Um antiácido. É para azia.

Eu não gosto de tomar pílulas, a menos que eu as veja saindo diretamente do pote.

Ela me olha com irritação enquanto eu tiro uma foto da pílula com meu celular antes de engoli-la. Mais tarde, vou pesquisar no Google as marcações nela e confirmar se é o que ela diz que é.

Meia hora depois, tomo chá e mordisco as torradas enquanto assisto a um game show na televisão. Ainda não tenho nenhum sinal da minha mãe, mesmo que minha mensagem esteja marcada como lida.

Pensar nela me faz pensar em quanto vai custar essa visita ao hospital. Eu não tenho plano de saúde. Ou dinheiro. Minha mãe não é do tipo que me ajuda a pagar minhas contas.

Quando mandei uma mensagem para Rebecca mais cedo, ela ficou preocupada, mas me disse para não me preocupar e ir trabalhar quando eu estivesse pronta. Mas não ir trabalhar significa não ser paga.

Claro, isso tinha que acontecer logo quando me deram novas responsabilidades e um aumento.

Meu objetivo de economizar para um trailer está indo pelo ralo.

Por volta das seis da tarde, Megan entra no meu quarto carregando uma grande sacola de compras rosa em um braço e uma enorme bolsa Louis Vuitton no outro. Ela imediatamente me abraça, depois se senta na beira da minha cama, empilhando suas coisas em cima de mim.

— Primeiro de tudo, seu gato é a coisa mais fofa de todos os tempos — diz ela. — Segundo, o que diabos são todas aquelas fechaduras na sua porta? Não estou me sentindo bem com isso, Sky. Alguém naquela casa está te machucando?

Eu balanço a cabeça com tanta força que tenho certeza de que meu cérebro chacoalha.

— Não, nada disso.

— Você tem que me dizer. Eu prometo que não vou julgá-la ou contar a alguém. Mas eu não posso simplesmente ignorar isso. Você é minha melhor amiga. — Ela solta em um fôlego só. — Como você está se sentindo? Parece um pouco que você está na pior ressaca da sua vida.

— Seria ótimo se eu realmente estivesse de ressaca.

Ela toca na sacola de compras rosa.

— Espero que você não se importe, mas enquanto eu estava no seu quarto, peguei algumas roupas para você e o livro que estava na sua mesa de cabeceira, caso você queira ler.

— Você é tão doce. Obrigada.

— Seu carregador também está aí. Agora me diga o que está acontecendo.

Seus olhos se arregalam quando eu conto a ela sobre minha mãe, e sua boca abre igualmente quando eu falo alguns, mas não todos, detalhes sobre o acúmulo e como ele tomou conta da casa.

— Oh, meu Deus, Skylar. Eu nem sei o que dizer. É horrível e nojento, e eu não posso acreditar que você nunca me disse isso.

— Eu não queria que ninguém soubesse, Meg. É constrangedor.

— Mas eu sou sua amiga! Eu pensei que você era apenas uma esquisitona que não queria que eu visse seus brinquedos e roupas. Você pode vir à minha casa a qualquer momento para tomar banho ou usar o banheiro. Foda-se essa merda. Eu não quero que você se sinta envergonhada de forma alguma. Eu te amo e nada vai mudar isso.

Eu me inclino e dou um abraço nela.

— Eu tenho muita sorte de ter você.

— Eu tenho a mesma sorte de ter você — ela disse quando eu a soltei. — Você me aguenta há anos. — De repente, ela agarra minha mão com excitação. — Esqueci de te contar! Adivinha!?

— O quê?

— Vou sair com o Erik hoje à noite! Vamos jantar, então eu não posso ficar muito tempo. Eu tenho que ir para casa e dar um jeito no meu rosto. Marcamos às oito.

Seu rosto parece legal para mim. Ao contrário do meu próprio rosto agora.

— Nossa! Quem chamou quem pra sair?

— Eu chamei.

— Você chamou! — Eu rio, mas a admiro por ir atrás do que quer. Eu não sei se eu teria confiança para convidar um cara para sair.

— Eu chamei!

— Você tem que me mandar mensagem depois e me contar tudo.

— Claro que vou. Vou tirar uma foto com ele para você ver quão bonito ele está agora.

— Eu vou aguardar.

Ela cerra os olhos para mim e fixa o vestido em torno dos meus ombros.

— Mas estou preocupada com você. Talvez eu devesse adiar meu encontro e ficar aqui com você.

— Estou bem. Eu quero que você vá. Eu só vou ler e dormir. Será bom poder dormir em um quarto com ar-condicionado, em vez de suar a noite toda.

— Tem certeza? Posso jantar com Erik amanhã à noite.

Eu sorrio para ela.

— Eu quero que você vá se divertir. Eu estou vivendo indiretamente através de você, então você tem que me manter entretida.



A tristeza brota em mim depois que Megan vai embora. Eu observo o sol desaparecer pela janela do hospital. Eu estaria saindo do trabalho agora se não tivesse desmaiado, indo para casa para abraçar Gus e pesquisar dicas de fotografia. Comer um pão de cachorro-quente no jantar e uma bala de cereja de sobremesa.

Eu queria estar jantando com um garoto bonitinho como Megan

está. Queria que meu rosto estivesse impecável ao invés de pálido e doente. Queria poder ir à lanchonete e comer batatas fritas com queijo e beber um milk-shake cremoso de baunilha. Queria que minha casa fosse uma casa limpa e normal. Queria que minha mãe agisse como uma mãe.

Queria que alguém, além de Megan e Gus, me amasse e se importasse comigo. Com esse pensamento deprimente, fecho os olhos e tento dormir um pouco.

Capítulo

9

Skylar

Os médicos me mantiveram no hospital por quatro cansativos dias. Mesmo que eu não estivesse suando a noite toda como faço no meu quarto, era uma merda para dormir, e eu me preocupava com Gus constantemente, embora Megan entrasse no meu quarto todas as noites para cuidar dela. Ela me mandou fotos quando estava lá para que eu pudesse ver que Gus estava bem.

Ela também me mandou fotos dela e do Erik, que na verdade é bem bonitinho. Ela o vê todas as noites desde que eles tiveram o primeiro encontro. As coisas parecem acontecer de forma tão fácil e suave para Megan o tempo todo, enquanto eu só vivo dias de luta.

Minha mãe me mandou uma mensagem uma vez para perguntar o que houve. Eu digitei uma explicação enorme que ocupou toda a tela do meu telefone, mas ela não respondeu. São *quinze centímetros* de palavras minúsculas. Eu não sei se ela simplesmente não se importa ou se ela se sente culpada. Ou talvez ela tenha se distraído com algo no QVC. Eu acho que realmente não importa, já que o resultado é o mesmo para mim.

Uma hora atrás, Megan me deixou em casa, e agora estou sentada na minha cama com Gus no colo e cinco receitas de remédios que não posso me dar ao luxo de comprar, além de um plano de tratamento com o qual não poderei me comprometer. Eu não posso pagar por visitas semanais a um psiquiatra especializado em transtornos alimentares, ansiedade e depressão.

Eu nunca me considereei deprimida, no entanto. Triste e frustrada às vezes, mas não deprimida.

De qualquer forma, não poderei ir em busca de tratamento.

Duas noites atrás, enviei uma mensagem para Jude contando como eu estava, e ele respondeu com um *Ótimo. Espero que você continue melhorando.*

Parecia curto, quase frio e formal. Ele nem me chamou de Sparkles. Eu queria que ele tivesse me chamado, porque sempre me dá uma pequena explosão de felicidade, e faz um tempo que não sinto isso.

Talvez eu *esteja* deprimida.



Desde que cheguei em casa do hospital, em uma tarde de quinta-feira, Rebecca me convenceu por celular a ficar em casa até segunda de manhã e não voltar à escola ou ao trabalho ainda. Eu tenho um atestado médico para a escola, então não estou preocupada com problemas lá, mas estou preocupada em perder parte do meu salário. Eu pago as contas de luz e cabo da casa. Não porque minha mãe não pode pagar, mas porque ela esquece. Luz e televisão são duas coisas que eu não estou disposta a viver sem, então prefiro pagar eu mesma para ter certeza de que não vou acabar no escuro.

Passei toda a minha sexta-feira limpando meu quarto e pesquisando as doenças com as quais fui diagnosticada para ver o que posso fazer para me sentir melhor sem médicos e prescrições caras.

Às cinco da tarde, meu celular vibra com uma mensagem.

Jude: Ei.

Olho para a tela com surpresa. Ele nunca me mandou uma mensagem por conta própria antes.

Eu: Oi.

Jude: Como você está se sentindo?

Há uma queimadura constante no meu estômago. Parece que há algo preso na minha garganta e peito. Meus ouvidos doem e minhas entranhas se agitam. Estou exausta e com a mente confusa.

Eu: Muito melhor, obrigada.

Jude: Bom. Eu fiquei com seu chapéu e sua bolsa de livros.

Ah, merda.

Eu: Esqueci totalmente disso.

Jude: Eu posso passar aí depois do trabalho e levá-los para você. Vou sair em dez minutos.

Eu: Você não precisa fazer isso. Você pode devolver na segunda, quando eu for para a escola.

Jude: Eu prefiro levar para você hoje à noite.

Nossa. Ele realmente quer me devolver as coisas.

Eu: Tudo bem. Você pode deixar nos degraus da frente e eu pego depois.

Jude: Eu não posso simplesmente te entregar como uma pessoa normal?

Não, Jude. Eu estou horrível, sem maquiagem, não tomo banho há dias e me sinto suja. E eu não quero que você me veja rastejando para dentro e para fora pela janela, porque abrir a porta da frente está fora de cogitação.

O barulho do aplicativo de mensagens puxa minha atenção de volta para a tela.

Jude: Você está me evitando?

Eu: Claro que não. Eu só não estou me sentindo bem.

Jude: Achei que você tinha dito que estava melhor, não?

Eu: Eu quis dizer que estou melhor do que antes, mas ainda não estou bem.

Jude: Entendi. Acho que vou deixar nos degraus da frente,

Eu: Você não precisa, mas obrigada.

Quarenta minutos depois, meu celular toca e seu número ilumina minha tela.

— Alô? — eu digo.

— Sou eu. Estou na sua casa.

Droga!

— Você pode só deixar as coisas. De verdade, não precisava vir até aqui.

Ele limpa a garganta.

— Na verdade, eu precisava. Eu encontrei sua amiga mais cedo. Perguntei como você estava, e ela disse que estava preocupada com você. Ela disse algo do tipo “especialmente sobre você ter que morar naquela casa”...

Meu coração salta para a minha garganta. Eu não acredito que Megan realmente disse isso a ele! Ela prometeu que não diria nada a ninguém.

— Sério? — digo casualmente. — O que mais ela disse?

— Só disse isso. Mas era bastante óbvio que ela está preocupada com alguma coisa.

— Megan é a rainha do drama. Eu estou bem.

— Skylar, vem na porta da frente. Me mostra que você está bem.

Eu não vejo o interior da porta da frente há anos. Eu nem tenho certeza se minha mãe ainda usa essa porta. Acho que ela usa a porta da garagem para entrar e sair e trazer seus novos tesouros para dentro de casa, o que ainda exige uma navegação cuidadosa através de fileiras e pilhas de coisas com teias de aranha.

— Não posso — respondo. — Por que você está sendo tão difícil?

— Por que você está?

— Eu estou horrível.

Ele bufa.

— Eu não dou a mínima para a sua aparência. Eu me importo que você esteja bem.

— Eu não pareço bem?

— Não, você parece alguém que está tentando se livrar de mim.

— Você obviamente não pega uma indireta

— Você não pode me enganar, Sparkles. Vou bater na porta em dois segundos...

— Não! — digo rapidamente. — Por favor, não. Vem na janela do lado direito da casa.

— Você quer dizer aquela que eu vi você escalando? — Eu engulo em seco.

— Sim.

— Ok, vou desligar. Te vejo na janela, Rapunzel.

Eu coloco um moletom branco, puxando o capuz sobre o meu cabelo amassado. Arrumo meu edredom amarrotado. No caminho para a janela, pego a lata de purificador de ar e borriço rapidamente no quarto, depois me certifico de que as portas do meu armário estão fechadas.

— Seja legal! — eu sussurro para Gus.

Antes que Jude tenha a chance de tocar na janela, eu abro e olho para fora para encontrá-lo de pé sob ela. Ele é quase alto o suficiente para ver por dentro.

— Oi — eu digo.

— Oi de novo. — Ele levanta os braços e me entrega minha bolsa de livros, chapéu e um pequeno ursinho de pelúcia marrom. — Eu comprei um urso para desejar melhoras.

— Ah. — As outras palavras me escapam. Coloco minhas coisas no chão ao meu lado, mas agarro o ursinho contra o peito. — Obrigada.

— Posso entrar? — pergunta.

Meu estômago afunda como um saco de tijolos.

— Aqui dentro?

Seus olhos cinzentos me repreendem com a impaciência de um pai frustrado lidando com uma criança indisciplinada. Não posso culpá-lo, sei que estou agindo como uma.

— Tudo bem — respondo com um suspiro, afastando-me da janela para que ele possa subir. Estou surpresa que ele seja capaz de manobrar seus ombros largos. Por um momento, fiquei com medo de que ele ficasse preso.

Fecho a janela atrás dele. Ele lentamente circula pelo quarto como se estivesse esperando que um assassino em série pulasse do armário ou saísse debaixo da minha cama.

— Você parece melhor — diz ele quando seu olhar pousa em mim.

— Obrigada.

Ele lentamente se move para a porta do meu quarto e acena para as três fechaduras.

— O que é isso tudo?

— Não é tão ruim quanto você provavelmente está pensando, Jude.

Cruzando os braços, ele se inclina para trás contra a porta, sua silhueta quase cobrindo-a completamente. Ele parece muito maior aqui no meu pequeno quarto.

— Nada de bom exigiria tantas fechaduras.

— Por que você se importa? — respondo defensivamente, sem querer dizer a verdade.

Seus olhos amolecem por um momento, mas endurecem novamente quando ele respira fundo.

— Não tenho certeza, para ser honesto. Mas agora que estou aqui e vi isso — ele inclina a cabeça em direção às fechaduras — não vou simplesmente ignorar.

Jude é obviamente como um cão com um osso na boca. Ele não vai deixar para lá e ir embora, e eu estou cansada demais para pensar em uma mentira crível e criativa. Jude é inteligente demais para comprar uma explicação esfarrapada, de qualquer maneira.

— Você pode confiar em mim — diz ele. — Eu já não provei isso para você?

Ainda segurando o urso de pelúcia como se fosse um bote salva-vidas, aceno com a cabeça e me abaixo para sentar na beira da cama.

— Sim.

— Eu não gosto de implorar para as pessoas falarem comigo, Sparkles. Ralei pra caramba no calor hoje. Estou cansado. Você parece cansada também. Facilite isso para nós dois, ok?

Ele lentamente atravessa o quarto, e eu olho para as pontas de suas botas arranhadas quando ele para na minha frente.

— Posso sentar do seu lado?

— Sim.

Ele se senta a cerca de um metro de distância, e Gus imediatamente começa a esfregar a bochecha no seu braço. Eu sempre pensei que ela ficaria desconfiada com homens, já que nunca estive perto de um antes.

— Gato fofo — diz ele.

— É meio que uma longa história — eu começo. — Acho que tem algumas coisas acontecendo. Tem coisas *lá fora*. — Inclino o olhar para a porta trancada. — E coisas que estão acontecendo comigo.

Sua mão grande acaricia suavemente as costas da gata enquanto ele espera que eu continue. Gus ronrona como uma pequena locomotiva peluda em resposta.

— Não sei quando começou, mas minha mãe é acumuladora. Eu

acho que ela provavelmente sempre foi, mas não era tão ruim quando eu era mais nova. Ela tem coisas empilhadas quase até o teto em todos os cômodos da casa. Você não pode ir de cômodo em cômodo sem escalar as coisas ou se espremer entre elas. Ela parou de limpar anos atrás. A cozinha e o banheiro estão imundos, e tem insetos e comida podre por todo lado. — Eu engulo com força. O queixo de Jude se contrai um pouco, e vejo um músculo em sua mandíbula pulsar. — Eu não consigo mais usar o banheiro, então eu uso areia de gato em um balde e só jogo fora todos os dias. Eu sei que é nojento, mas eu não sabia mais o que fazer.

Ele enfia a mão rudemente os cabelos, os cantos de seus olhos se estreitando enquanto examina o quarto, finalmente percebendo a pequena geladeira no canto.

— Eu deixo um pouco de comida e água aqui, e tomo banho na escola todos os dias, depois da aula de educação física, ou em uma parada de caminhão. Eu não tenho notícias do meu pai desde quando ele foi embora há alguns anos. E minha mãe... ela só fica sentada lá fora. Ela trabalha com call center daqui de casa. Mas é como se ela tivesse esquecido que eu estou aqui. Ela não fala comigo. Eu não vou mais lá fora, então eu nunca a vejo. Eu só envio mensagens. Às vezes, ela responde. Eu tenho que manter a porta trancada para ela não conseguir entrar e botar mais coisas aqui. Eu uso a janela porque não consigo chegar na porta.

— Que *porra* é essa? — ele rosna quando eu termino.

Piscando, eu digo:

— Apreendi a viver com isso até que eu consiga me mudar.

Ele se levanta abruptamente e aponta para a porta.

— Abre — diz ele. — Abre essa porta agora e me deixa ver.

Meu coração dispara. Este é o meu pior pesadelo. Eu não quero que ele veja — ou cheire — o resto da casa.

— Jude, eu...

— Abre. Agora — diz ele, com o peito mexendo para cima e para baixo.

Eu me levanto e vou até a porta. Minha mão treme enquanto eu mexo nas fechaduras.

— Você não pode dizer nada para minha mãe, Jude. Ela está doente. Por favor, não...

— Não vou dizer nada. Só me deixa ver o que está do outro lado da porta.

Minha mãe provavelmente está muito absorta na televisão para perceber que alguém está em casa. A dor no meu peito se espalha até a garganta e clavícula enquanto eu deslizo as fechaduras e abro a

porta. Jude recua, com o nariz enrugado pelo mau cheiro. Tenho certeza de que qualquer amizade que eu tenha cultivado com ele vai ter acabado quando ele for embora esta noite. Ninguém quer ser amigo de uma pessoa que vive nessa sujeira.

Ele solta um suspiro baixo enquanto se aventura a apenas um pé fora da minha porta – até onde ele consegue chegar, a menos que tente espremer seu corpo através do caminho estreito de pilhas que são mais altas do que ele. Eu agarro seu braço e o puxo de volta para dentro do meu quarto, fechando a porta rapidamente e trancando novamente.

— Feliz agora? Você viu a casa dos horrores.

— Você sabe o risco de incêndio disso aqui? Para não mencionar o fato de colocar em perigo uma criança...

— Eu tenho dezoito anos — eu intervenho.

— Você não tinha há alguns meses. Isso é *muito fodido*. — Ele percorre o comprimento do meu quarto, olhando para a porta do quarto a cada poucos segundos.

— Você quer sentar no quintal e conversar? — eu ofereço depois de observá-lo por alguns segundos. Tenho certeza de que ele provavelmente está querendo muito um cigarro agora.

Ele acena com a cabeça rapidamente.

— Sim, eu preciso de um pouco de ar.

Mesmo que eu mesmo tenha saído pela janela centenas de vezes, ele estende as mãos para me ajudar quando chega ao chão. O cavalheirismo não morreu com esse cara. Silenciosamente, caminhamos no escuro até os fundos da casa e nos sentamos em um velho e enferrujado conjunto de bistrôs que está aqui há anos. Na verdade, *eu* sento. Jude acende um cigarro e olha para o céu.

Sua preocupação comigo é doce, mas inesperada. Não sei o que fazer com esse tipo de cuidado. Devo ficar grata ou desconfiada?

Como sabemos que realmente podemos confiar em alguém?

— Você não deveria estar vivendo assim, Skylar. É insalubre pra caralho de umas vinte formas diferentes.

— Eu sei disso. Mas isso é tudo o que eu tenho. Minhas opções são limitadas. Estou fazendo o meu melhor para economizar dinheiro e ir embora daqui. É por isso que eu estava tão animada em trabalhar mais com a Rebecca. Espero poder trabalhar para ela em tempo integral depois de me formar.

— Onde está seu pai? — ele pergunta isso de frente para a árvore com o balanço quebrado, o que parece encaixar perfeitamente, de alguma forma.

— Ele morou naquele trailer lá na frente até não conseguir mais

lidar com isso. — Ele gira para me olhar. — Ele te deixou aqui vivendo assim?

Minha não-resposta é resposta suficiente.

Ele deixa cair o cigarro no chão, o esmaga com a bota e, em seguida, senta na cadeira do outro lado da mesa torta.

— Me diz o que aconteceu no hospital. Fez mais exames? Você está bem?

Eu mexo em um caule de planta que está preso na borda entalhada da mesa.

— Sim. Eu tive alguns problemas de saúde quando eu era mais nova, mas nunca consegui tomar os remédios ou ver o médico para acompanhamentos. Acho que tudo piorou.

— Por que você não tomou os remédios?

— Não temos plano de saúde, e minha mãe nunca acreditou que fosse sério. Eu repeti na escola porque eu faltava muito quando era mais nova. Se eu não me sentia bem, ela simplesmente me mandava para a cama. Ela parou de me levar ao médico.

— Porra, inacreditável — diz ele, balançando a cabeça.

— Minha mãe só é... — Eu luto por uma palavra bonita. — Ruim da cabeça. Aprendi a não provocar nenhuma reação. Eu me cuido.

— Você não deveria ter que fazer isso.

Eu puxo a folha do caule e a deixo no chão.

— Eu não tenho escolha.

— Você tem razão. — Ele esfrega a mão na barba no queixo. — Você está bem? Tem os remédios agora? Vai se sentir melhor?

Queria.

— Não exatamente. Eu não posso pagar os remédios ou as consultas semanais que eles querem que eu faça.

— *Semanais?*

Todas essas perguntas me deixam no limite. Eu nunca tive de me explicar para ninguém antes.

Estou acostumada a ser ignorada e negligenciada. A desaparecer nas sombras e sumir.

Trago os joelhos até o peito e apoio os tênis na cadeira, abraçando as pernas.

— Acho que eu te disse quando estávamos no hospital: eu tenho um distúrbio alimentar — eu digo, deixando meu olhar finalmente encontrar o dele. Pequenas linhas gravam os cantos externos de seus olhos. — O nome é TARE. Significa Transtorno Alimentar Restritivo Evitativo. Aparentemente, eu tenho isso há um bom tempo, mas fui oficialmente diagnosticada no ano passado. Guardei dinheiro e fui a

um médico. Eu não consegui pagar mais do que aquela consulta.

— O que é isso? É tipo bulimia?

— Não, não vomito. Só não consigo comer certos alimentos. Quero dizer, eu *consigo* comer. Eu só... Mentalmente, eu não consigo. Se eu tento, tenho ânsia. Ou sinto náuseas e fico enjoada. Eles me disseram que é como um transtorno mental. Eu associei certos alimentos a coisas traumáticas que aconteceram comigo quando eu era mais nova, então é como se meu cérebro estivesse tentando me proteger não me deixando comer essas coisas.

Fico feliz que esteja escuro, com apenas a luz da rua e a lua lançando um brilho sobre nós. Eu não quero que ele veja o meu rosto. Eu não quero ver o rosto dele enquanto estou contando para ele – esse cara que eu mal conheço, mas *quero* conhecer – detalhes embaraçosos sobre a minha vida.

— Acho que começou quando eu era pequena, porque minha mãe deixava comida vencida em casa. Tipo leite. Ovo. Frango. Fruta. Pudim. Eu não sabia das coisas, então eu comia. Então passava mal. Acho que minha mente relacionou certos alimentos a ficar doente. Às vezes, nem é o alimento em si, mas a mesma cor desse alimento ou a textura. — Exalo e tento medir seu silêncio. Ele está só me ouvindo? Está com pena de mim? Me julgando? — Eu também tenho problemas de digestão. Refluxo ácido. Fico com uma azia muito ruim. E dores de garganta e sinusite. Às vezes, eu não como ou bebo o suficiente porque isso me faz passar mal. Mas não comer ou beber me faz passar mal também. Acho que sou só caótica mesmo.

— Você não é. Nunca pense isso.

A profunda sinceridade de sua voz chega até minha alma e me acalma como um cobertor quente. Não posso deixar de me deleitar com isso por alguns momentos antes de começar a falar novamente.

— Você é a única pessoa para quem eu já contei tudo isso. Nem Megan sabe tudo, e ela é minha melhor amiga há anos.

— Você não teve muita sorte na vida.

— Acho que sim, mas não vou deixar que seja assim pelo resto da minha vida. Vou encontrar uma maneira de sair daqui e descobrir como posso comer um maldito hambúrguer.

Ele solta uma risada e acena com admiração por todo o rosto.

— E é por isso que eu te chamo de Sparkles.

Eu não tenho certeza de como ele faz isso. De alguma forma, Jude faz eu me sentir como se cada molécula do meu corpo tivesse aprendido a sorrir.

Eu gosto disso.

Eu gosto *dele*.

Capítulo

10

Jude

As paredes são rosa. Não um tom mais claro de rosa, daqueles de berçário, mas um tipo de rosa magenta ousado. Eu tirei o carpete bege há alguns anos e levei quase duas semanas para isso. Não porque seja difícil rasgar o carpete – eu posso fazer isso com uma mão nas costas. Mas porque as áreas mais claras, limpas e macias do carpete eram lembretes de onde a cama e os móveis ficavam.

As memórias podem ser uma merda.

O piso de madeira em que estou de pé agora é muito melhor. Não abriga nenhum fantasma. Mas mesmo que eu tenha remobiliado com móveis novos, é o único cômodo que continua a parecer um poço vazio.

Odeio rosa com todas as minhas forças, mas eu nunca conseguiria repintar.

E, no entanto, ainda sinto que está gritando comigo. Essa porra desse quarto e suas paredes horrivelmente femininas. Está dizendo *Ei! Olhe para mim! Eu sou um quarto agradável, limpo e rosa sem uma pessoa!*

Como um hambúrguer sem carne.

Saindo do quarto, fecho a porta atrás de mim. Eu sempre mantive a porta fechada, esperando que, talvez um dia, eu ouvisse Erin lá dentro. Com música alta, rindo ao celular com uma amiga ou gritando palhaçadas para mim.

Nossa mente fala coisas idiotas para nos apaziguar.

Há muito tempo, essa casa era o lar do que eu pensava ser uma família feliz. Mas as risadas se transformaram em gritos, o que levou

ao divórcio. Meu pai se mudou quando eu tinha dezessete anos e Erin tinha nove. Passei a maior parte do meu tempo em festas. Eu bebia muito, ficava muito chapado e me metia em muitos problemas. Eu me mudei aos dezoito anos. Cinco anos depois, minha mãe estava lutando contra o câncer, e eu deixei meu apartamento sujo para voltar a morar aqui — com a promessa de resolver minhas merdas para cuidar dela e da minha irmã.

Minha mãe melhorou, mas Erin se transformou em uma criança meio rebelde que nossa mãe não conseguia lidar. Querendo ser o irmão mais velho legal, me tornei mais um amigo e fechei os olhos para as travessuras da minha irmã.

Então ela se foi.

Minha mãe sentiu muito sua falta, então conheceu um homem que roubou seu coração, como diz o ditado. Ela queria um novo começo. Longe dessa cidade, dessa casa e de qualquer coisa que a lembrasse do seu passado — inclusive eu. Ela passou a casa para o meu nome e saiu no dia seguinte, tornando-se a terceira pessoa a desaparecer da minha vida.

Se eu tivesse dado apoio para minha irmã como deveria, talvez ela não tivesse desaparecido. Nossa mãe não teria fugido. Eu não me sentiria culpado, inútil e abandonado. Quem sabe, talvez eu não tivesse medo de relacionamentos e estaria morando nessa casa de três-quartos-e-dois-banheiros-e-meio em dois acres com uma esposa e filhos, e minha mãe e minha irmã viriam para o Natal.

Eu subo na minha motocicleta e vou para o meu lugar favorito nas montanhas, tentando esquecer o quarto rosa vazio, mas a voz ainda está na minha cabeça, assim como estava na semana passada. O que começou como uma ideia maluca ganhou vida própria. Quanto mais ela fica no meu cérebro marinando, menos louca e mais certa parece.

Eu posso melhorar as coisas.

Eu não falo com Skylar há uma semana. Eu a vi no estacionamento da escola, e nós acenamos um para o outro. Mas naquela noite, a culpa me perseguiu por todo o caminho da casa dela até a minha. Tem sido assim desde então. Me observando. Ficando fora de vista, mas deixando clara sua presença.

Mesmo o banho quente que tomei quando cheguei em casa naquela noite não conseguiu tirar o fedor de comida podre — ou qualquer que fosse o cheiro infernal — das minhas narinas. Dormir não banii as imagens das fechaduras, das pilhas de lixo e a tristeza e ansiedade nos olhos de Skylar.

Tudo parecia tão nojento, sem esperança e errado.

E, no final das contas, de forma alguma, em nenhum aspecto, isso

é um problema meu ou uma preocupação.

Mas assim como quando vi Cassie — uma cachorrinha minúscula e suja sozinha em um canteiro de obras vazio — não consigo me afastar. Eu tentei com a filhote. Durante três dias eu a observei tropeçando nas folhas. Eu ignorei seus gemidos e seus enormes e tristes olhos castanhos, supondo que ela pudesse cuidar de si mesma ou que alguém interviria e a ajudaria. Isso não aconteceu. Finalmente, eu a peguei para levá-la para casa por uma noite, porque estava frio, e eu estava com medo de que ela congelasse.

Uma noite o cacete.

Isso foi há quatro anos.

Eu tiro meu celular do bolso e envio uma mensagem para Skylar.

Eu: Ei, Sparkles.

Skylar: Oi, Lucky.

Eu: Você está no trabalho hoje?

Skylar: Sim, eu estou. Você é da polícia do trabalho? ;-)

Eu dou risada e digito de volta:

Eu: Não. ;-) Podemos dar uma volta quando você terminar aí?

Skylar: Você quer dirigir meu carro de novo, não é?

Eu: KKKK, sim. Mas também quero falar com você.

Alguns segundos se passam antes que ela responda.

Skylar: É algo ruim?

Eu: Não.

Skylar: Tudo bem. Se você quiser vir à loja às 3:30,

podemos dar uma volta.



Aguardo no estacionamento, fumando encostado no capô do carro dela. Eu não quero que Rebecca pense que algo está acontecendo entre mim e Skylar, mas eu realmente quero mais desses biscoitos de chocolate com gotas derretidas.

Eu: Alguma chance de você poder me trazer alguns daqueles biscoitos? ;-)

Skylar: KKKK. Claro! Vou sair em cinco minutos.

Ela sai na hora certa, ainda parecendo um pouco pálida, mas mais energizada do que a última vez em que a vi. Hoje ela está usando seus mocassins de franja, jeans elegantemente rasgados do meio da coxa até o joelho e um suéter preto felpudo com pequenas penas; parece que um corvo explodiu nele.

Essa garota tem as roupas mais estranhas e legais que eu já vi.

Ela se aproxima de mim com um grande sorriso e me entrega suas chaves, junto com um pequeno saco azul de biscoitos.

— Eu sinto que você só quer me ver pelo meu carro e pelos biscoitos — ela brinca quando entramos no automóvel.

— Talvez seja para ver que roupa bizarra você está usando.

— O quê? Você não gosta das minhas roupas? — ela desafia com um sorriso confiante e atrevido.

Ligo o motor e fico parado por alguns segundos.

— Na verdade, eu curto suas roupas.

Quando saímos da cidade, ofereço um dos biscoitos antes de começar a comer.

Seu nariz enruga.

— Não, obrigada.

— Você já provou um?

— Cookies estão na minha lista proibida.

— Bom. Mais para mim. — Eu lhe dou um sorriso e mordo um. — Você já foi ao médico? — Ela balança a cabeça.

— Não. Estou resolvendo.

Eu não estou pronto para ter essa conversa até que estejamos

estacionados em algum lugar quieto, então volto o assunto para a comida.

— Você está com fome? Vou te levar para comer alguma coisa.

— Jude. — Ela se vira para olhar para mim, colocando seus longos cabelos atrás da orelha. — Por favor, não tente me alimentar. Eu não sou um pombo no parque.

— Eu sei, eu só...

— Só *não*. Eu não quero análises ou dicas suas. Apenas seja meu amigo, ok? — Eu engulo meu biscoito.

— Amigos não deixam amigos morrerem de fome.

— Eu não estou morrendo de fome.

— Você desmaiou na calçada.

— Eu estava cansada e estava quente pra caramba. Isso não tinha nada a ver com os meus outros problemas. Desmaio pelo menos uma vez por ano desde pequena.

Ela diz que é totalmente normal, o que é perturbador, mas eu relevo. Meu plano era ajudá-la, não a irritar a ponto de ela querer pular do carro para fugir de mim.

Ela me conta histórias engraçadas sobre clientes estranhos enquanto dirijo. Eu não tinha um plano sobre para onde ir, mas acabamos voltando para o playground onde pulamos dos balanços.

— Não me diga que você quer tentar me bater no salto de balanço — diz ela enquanto empurra a porta enferrujada do carro. — Você vai perder de novo.

— Não, eu só quero conversar com você.

Ela me olha de canto de olho na caminhada até uma mesa de piquenique mais distante dos outros cinco adultos e seus filhos correndo.

— Por que estou nervosa com você dizendo que quer *conversar* como se fosse algo sério?

— Porque *é* sério.

Sentamos no banco um ao lado do outro e observamos uma garotinha virar um balde de areia na cabeça e depois rir descontroladamente. Skylar se vira para mim, com a testa enrugada. Sua língua passa pelos lábios nervosamente.

— Então, e aí, Lucky? Você não está morrendo, está?

— Porra, não.

Minhas palmas estão úmidas. Estou perdendo a calma rapidamente, percebendo que essa minha ideia é, na verdade, uma ideia completamente fodida. Ela pode surtar, me chamar de nomes horríveis e correr para o carro. Ela pode pensar que eu tenho algum

motivo oculto distorcido para tentar ajudá-la.

— Jude? — ela insiste.

— Eu estive pensando sobre a sua situação — eu digo, esfregando minhas mãos juntas. — E acho que posso ajudar.

Uma careta curva sua boca.

— Que situação? Minha casa? Meu transtorno?

— Tudo isso.

Ela encosta o cotovelo na mesa, o queixo apoiado na mão, os olhos azuis apertados levemente, revelando que está intrigada e apreensiva.

Eu ainda não consigo acreditar nas palavras que saem da minha boca em seguida. Palavras que eu nunca pensei que diria, especialmente assim.

— Eu estava pensando que a gente podia se casar.

Tenho certeza de que ela não está respirando. Ela ficou como pedra, totalmente imóvel e silenciosa, olhando para mim pelo que parece ser para sempre. Finalmente, ela pisca.

— A gente podia fazer *o quê?* — ela quase grita. Duas das mulheres ao lado da caixa de areia olham para nós.

Limpo a garganta e evito o contato visual com as espectadoras.

— Casar. Só no papel — acrescento rapidamente, como se pudesse diminuir o choque. — Eu posso te colocar no meu plano de saúde para você poder ir ao médico e ter seus remédios. Você pode morar na minha casa, se quiser. Eu tenho um quarto vazio. Você teria seu próprio banheiro. Sem obrigações. Apenas companheiros de quarto até você ficar bem.

— Você quer se casar comigo? — ela diz, totalmente estupefata.

— Não — eu digo. — Quero dizer, sim, mas apenas para te ajudar. Não vai ser um casamento *de verdade*. Depois de se formar e poder trabalhar em tempo integral e ter seu próprio plano de saúde, a gente pede o divórcio. Não é grande coisa. Mas vai consertar essa bagunça de merda em que você está até lá. Você terá um lugar seguro e limpo para morar e pode ter a ajuda médica que precisa.

Parece que ela entrou em choque. Sua pele ficou visivelmente mais pálida. Ela olha para as crianças brincando atrás de nós. Deve estar apavorada sentada aqui ao lado de um cara que, aos olhos dela, está se mostrando assustador. E eu devo ser um completo lunático por sugerir casamento com uma garota de dezoito anos.

Que ainda está no ensino médio.

É isso aí, Lucky. Você oficialmente perdeu a cabeça.

De repente, eu gostaria de poder entrar em combustão espontânea

numa nuvem de fumaça e desaparecer.

— O que você ganha com isso? — Sua voz vacila.

Meu cérebro fica em branco. O que eu *ganho* com isso?

— Hum... — Passo os dedos pelo cabelo e puxo meus cigarros do bolso. Eu não tenho certeza de como responder a isso, porque, embora tecnicamente não haja nenhum ganho para mim na superfície, há em um nível mais profundo e pessoal.

Redenção. A chance de ajudar alguém quando eu não pude, ou não fiz, há tanto tempo, quando estava bem debaixo do meu nariz. A esperança de não deixar outra jovem mulher ser arrastada para um lugar ruim quando ela tem tanto potencial.

Abro meu zíper, acendo meu Marlboro e depois dou uma tragada longa.

— Só quero fazer algo legal. — Eu exalo fumaça para longe dela.
— Só isso.

— Mas por quê? Por que eu?

Encolhendo os ombros, eu digo:

— Por que não? Acho que você merece um descanso. Você é uma boa pessoa. — Ela levanta as pernas e enfia os pés sob ela, ainda olhando para mim.

— E quanto a Fluffle-Up-A-Gus?

Eu engasgo com fumaça e gaguejo.

— Que porra é Fupagus?

— Minha gata — ela diz, como se eu devesse saber. — Fluffle-Up-A-Gus.

— Traga ela. Quanto mais, melhor.

— E a sua cachorra? Ela é amiga de gatos?

— Acho que vamos descobrir.

Sua sobrelanceira se contorce.

— Você mora sozinho?

— Sim.

— Nessa cidade? Eu ficaria na minha escola?

— Sim.

Alguns momentos de silêncio passam, e eu suponho que ela está pensando em mais perguntas. Sua cor está voltando lentamente. Um sorriso hesitante e tímido eventualmente se abre por seu rosto.

— E-Eu mudaria meu sobrenome?

Eu nem tinha pensado nisso.

— Só se você quiser. Isso depende totalmente de você.

Ela exala uma respiração longa e lenta e fecha os olhos por alguns

momentos antes de abri-los.

— Isso é... Uau. Minha mente está meio que explodindo agora, Jude. Aqui estava eu pensando que minha maior decisão este ano seria o que vestir no baile. Não isso.

— Eu também não estava exatamente planejando isso. Mas depois que eu vi como você está vivendo, e sabendo que você não consegue ir ao médico, e encontrar você caída na calçada, tudo isso me abalou. Não sei por que, mas me abalou, e eu quero *fazer* alguma coisa.

Eu não sei como explicar para ela algo que eu mesmo não consigo entender. Tudo o que sei é que acordei depois daquela noite na casa dela sentindo que *tinha* de fazer isso por ela. Como se fosse algum tipo de missão que foi atribuída a mim.

— Você está falando sério sobre isso? De verdade? — diz.

— Totalmente sério. Quero te ajudar. Nada além disso, eu prometo. Eu só preciso que você assine um pré-nupcial dizendo que você não tem direito a metade das minhas coisas quando nos separarmos. Isso é tudo o que eu quero em troca.

— Estou de boa com isso. Eu não quero suas coisas.

Meu coração está batendo forte e não tenho certeza se é porque estou preocupado com o que estou me metendo ou outra coisa.

— Eu vou ganhar uma aliança com diamante? — ela pergunta em um tom brincalhão, quase esperançoso.

— Alianças de diamante são para pedidos *reais*. Mas acho que vamos trocar alianças de casamento, só para oficializar. Nós não temos que usá-las, no entanto.

— Tudo bem.

— Então... isso é um sim?

Sua cabeça se inclina para o lado.

— Talvez... Acho que sim.

— Você acha? — repito, rindo. — Porra, fico feliz que esse não tenha sido um pedido real. Eu estaria arrasado agora.

Ela dá um empurrão brincalhão no ombro.

— Você não estaria, não. Quero pensar nisso por um dia ou dois, ok?

— Claro, sim. Você deve pensar sobre isso pelo tempo que quiser.

— Você também deveria pensar sobre isso.

— Eu tenho pensado sobre isso desde a noite em que estive na sua casa. Ninguém deveria ter que viver assim. Eu tenho uma casa. Eu tenho plano de saúde. Eu não tenho esposa ou filhos. Não há razão para não te ajudar.

— Mas isso não vai te custar dinheiro?

— Um pouco. Não é grande coisa. Não se preocupe com isso.

— Não vai ser estranho que eu esteja no ensino médio e legalmente casada?

— É... mas você não precisa contar a ninguém. Porra, com certeza não vou divulgar isso. É só um acordo, nada mais. Eu não me casaria com você de verdade.

Sua cabeça cai lentamente, e seus longos cabelos caem sobre seu rosto enquanto ela olha para o chão. Por vários longos momentos ela permanece assim, seu rosto escondido de mim.

— Você está bem? — pergunto.

Ela acena com a cabeça e funga.

— Sim.

Seu sussurro rouco quase estrangula meu coração.

Gentilmente, afasto seus cabelos de seu rosto.

Eu não esperava ver lágrimas. Resisto ao impulso de limpá-las.

— Ei, o que há de errado? Eu pensei que isso deixaria você feliz.

Ela passa as pontas dos dedos pelo rosto e dá um sorriso fraco.

— Deixou. Muito. Eu estou... chocada. — Ela olha para mim, seus grandes olhos azuis descansando nos meus. — Ninguém nunca fez uma coisa tão boa para mim. Nunca.

Antes que eu possa dizer uma palavra, ela joga os braços ao redor dos meus ombros, e sua bochecha quente e úmida está pressionando meu pescoço.

— Obrigada — ela diz baixinho. — Você é incrível.

— Eu não sou incrível, Sparkles. Estou só tentando ser um cara bom. — Ela me abraça com mais força.

— Você é. Você é o melhor de todos os tempos. — Eu não estava esperando lágrimas e abraços.

Eu também não estava esperando abraçá-la de volta.

Capítulo

11

Skylar

Estou em uma névoa desde que vi Jude ontem.

Casamento.

Um casamento *arranjado*.

Com um homem mais velho que eu mal conheço, enquanto eu sou uma estudante de ensino médio.

Eu vi filmes sobre isso — casamentos por conveniência.

Casamentos só no papel.

Nos filmes, geralmente fica tudo brega e romântico, com o casal se apaixonando e vivendo feliz para sempre. Isso não vai acontecer conosco, no entanto. Meus olhos estão firmemente voltados para o prêmio — meu trailer dos sonhos e explorar o mundo com Gus.

Eu gostaria de poder contar a Megan sobre isso e ouvir alguns conselhos, mas o medo de ouvir que é a coisa mais estúpida que ela já escutou na vida está me impedindo. Ou ela poderia contar a Erik, e ele poderia contar a outra pessoa, e logo a escola toda saberia.

Como sempre, estou sozinha, exceto que agora estou tentando tomar uma das maiores decisões da minha vida.

Sento no chão com Gus, que me ouve atentamente com seus olhos verde-brilhantes fixados em mim.

— Pode ser um desastre — eu digo. — Estaríamos morando em uma casa com um homem que mal conhecemos. Ele pode ser um psicopata. Ele pode nos trancar no porão e me forçar a ter bebês. Ou ele pode nos matar de fome, e ninguém jamais saberia que a gente morreu. Ele apenas diria pra todo mundo que roubamos parte do dinheiro dele e fugimos.

Os bigodes da gata se inclinam para a frente, e ela bate no meu braço, querendo ser acariciada.

— Ou talvez ele realmente seja apenas um cara legal. Poderemos viver em uma casa limpa e aprender a comer boa comida. Poderemos usar a porta da frente. E ter um banheiro de verdade. Eu conseguiria economizar dinheiro para o nosso trailer e, daqui a um ano, estaríamos vivendo nossa melhor vida. — Eu lentamente coço a cabeça da gata e esfrego suas bochechas. — Tudo o que temos que fazer é confiar nele. Ele tem sido legal até agora, certo? Ele não fez ou disse nada assustador. Ele vai trabalhar todos os dias. E ele me chama de Sparkles, Gus.

Suspirando, olho ao redor do meu quarto esparsos. O armário onde eu e meu gato temos caixas de areia. A porta com as três trancas.

Isso não é uma casa. É uma prisão.

Eu tenho dezoito anos agora — legalmente uma adulta. Responsável por tomar minhas próprias decisões de vida — sejam certas ou erradas.

Jude está me oferecendo uma saída, e eu seria uma imbecil se dissesse não. Casar com ele e aceitar sua ajuda pode mudar todo o meu futuro.

Lembro de que não é um casamento real. Não é um casamento de verdade. Não é nada além de um pedaço de papel que vai me tirar deste lugar e me permitir cuidar de mim mesma da maneira que eu deveria.

— Você não precisa chamá-lo de papai, Gus. Não é assim. Tenho certeza que a cachorra dele será legal com você. Você pode gostar de ter uma amiga peluda para sair.

A gata se enrola ao meu lado, aparentemente satisfeita com a nossa conversa.

Eu pego meu celular e clico no número de Jude.

— Ei — ele cumprimenta.

— Oi... — Eu giro meu cabelo nervosamente em torno do meu dedo. — Tenho pensado na sua proposta.

— Vamos chamar isso de acordo, ok?

— Acordo — corrijo. — Eu estava me perguntando se eu poderia ver sua casa primeiro...

— Uh, claro. Eu deveria ter te oferecido isso antes. Eu não pensei...

— Está tudo bem. Eu acabei de pensar nisso.

— Acabei de malhar. Preciso tomar banho, então pode vir lá pelas quatro?

— Pode ser.

— Você pode trazer sua amiga se quiser — ele oferece. — Se isso te deixar mais confortável.

— Acho que eu prefiro ir sozinha. Mas obrigada.

— Vou te mandar uma mensagem com o meu endereço.

Segundos depois, a mensagem chega, e eu sorrio. Estrada de Winterberry. Parece extravagante e seguro.

— Deseje-me sorte — digo a Gus depois de ter passado um pouco de maquiagem, vestido um moletom do Doors, jeans e tênis preto de cano alto.

Usando o GPS do meu celular, dirijo pela cidade até uma área rural que não estou familiarizada. Winterberry é uma estrada lateral sinuosa e arborizada que se ramifica por outra estrada lateral igualmente sinuosa. As casas são recuadas em relação à estrada e espaçadas entre si — nada parecidas com as casas iguais umas das outras na minha rua, que estão praticamente umas em cima das outras. A caixa de correio de Jude é visível muito antes da casa dele, e eu olho para ela, certificando-me de que é o endereço certo antes de entrar na longa entrada de cascalho.

Meu coração começa a bater mais rápido quando me aproximo da casa. Dou um gole na minha garrafa de água e abro a janela para pegar um pouco de ar fresco, na esperança de me acalmar. Quero parecer calma, madura e equilibrada, mesmo que eu esteja surtando por dentro.

A casa de dois andares com varanda em estilo de fazenda, canteiros de flores e garagem não é o que eu estava esperando. Parece uma casa em que uma família viveria — não um cara solteiro coberto de tatuagens. Se a picape dele não estivesse na garagem, eu pensaria que estava na casa errada.

Confusa, estaciono meu carro em frente à garagem, ao lado da caminhonete dele. Enquanto subo o caminho de tijolos até a varanda, o único pensamento que passa pela minha mente é: eu poderia morar aqui. Eu poderia sentar naquele balanço da varanda. Gus poderia olhar pela janela para todas essas árvores e ver muitos pássaros e esquilos.

— Consegui chegar.

Eu pulo ao ouvir a sua voz. Eu estava tão perdida em pensamentos que não o ouvi abrir a porta da frente, e agora um pequeno cachorro peludo está se mexendo alegremente aos meus pés.

— Oi... Eu não... Ela é tão fofa — gaguejo, me ajoelhando para cumprimentar o adorável cachorro. Ela tenta me sufocar com beijos. — Quem é a coisa mais fofa do mundo? — murmuro suavemente, passando minhas mãos através de seu pelo macio. Seu rosto é pouco visível atrás do esfregão de pelos pendurado sobre seus olhos.

— Cassie, vamos lá. Pega leve — diz. — Desculpa, ela fica animada. Não temos muita companhia. Ela vai se acalmar quando você não for mais algo empolgante. — Ele sorri desajeitadamente. — Quero dizer, tenho certeza de que você é empolgante, mas não será mais. Para ela. Quero dizer, você só não será nova. — Ele faz uma careta para sua própria falta de jeito e isso o deixa incrivelmente sexy. — Você entendeu o que estou querendo dizer.

— Eu entendo. — Eu sorrio e gesticulo para o quintal com a mão. — É bonito aqui.

— Vem, entra.

Eu o sigo pela porta da frente, e fico aliviada e surpresa ao ver que o interior é tão bonito e acolhedor quanto o exterior. Uma grande cozinha se abre para uma sala de jantar. Há uma aconchegante sala de estar, com uma lareira de tijolos cinza. E quantas janelas! Tudo está arrumado e limpo — com exceção de algumas bagunças básicas no balcão da cozinha. O único cheiro no ar é o do perfume de Jude. Ou talvez seja o pós-barba dele ou aquele óleo para pele que eu continuo vendo nas redes sociais. De qualquer forma, nada cheira a esquecimento e decomposição.

— É lindo — eu digo. — Eu não esperava que fosse tão bom.

— Por que eu sou um cara solteiro?

— Sim.

Seus ombros se levantam.

— Estou surpreso também. Era a casa dos meus pais, e eu de alguma forma a herdei. Estou reformando aos poucos. Este andar está pronto, mas ainda estou trabalhando no andar de cima, e depois vou terminar o porão.

— É lindo. De verdade.

— Deixa eu te mostrar algo que eu acho que sua gata Fupagus pode gostar.

Rindo do seu massacre com o nome da minha gata, eu o sigo até os fundos da casa, até uma marquise — paredes e teto de vidro — com toneladas de plantas penduradas e mais algumas empoleiradas em pequenas mesas.

— Uau! — digo. — Isso é tão legal.

— Obrigado. Minha mãe gostava de plantas. Demorei um pouco para aprender a não matar todas elas, mas agora elas estão indo bem. — Ele caminha pelo ambiente. — Eu tenho aloe. — Ele aponta para uma fileira de caixinhas. — E eu estou cultivando algumas ervas aqui. Ervas permitidas perante a lei, claro. — Aquele sorriso diabólico. — Você cozinha? — Uma pitada de esperança tinge suas palavras.

— Eu? — Acho que ele esqueceu que eu não conseguia nem

entrar na cozinha em casa há muito tempo. Ou do fato de que eu não como muito. — Não, mas eu sempre quis aprender.

— Bem, se você quiser tentar, eu serei sua cobaia. Eu geralmente estou muito cansado depois do trabalho para cozinhar qualquer coisa decente. Se você quiser. E se você decidir que quer morar aqui.

Seu nervosismo realmente faz eu me sentir melhor sobre toda essa situação louca. Eu acho que ele se sente tão sem jeito e inseguro sobre isso quanto eu, e isso faz com que pareça mais como se estivéssemos nisso juntos, em um terreno comum.

— Eu adoraria tentar cozinhar. Prometo não te envenenar. — Eu giro ao redor do local, feliz. — Gus vai adorar isso aqui.

— Quer ver o andar de cima?

Eu aceno animadamente, e ele vai na frente.

— Como eu disse, aqui ainda é um trabalho em andamento. — Ele acena com a cabeça em direção à massa corrida na parede do corredor. — Mas o quarto e o banheiro que você usaria foram reformados e nunca foram usados. Este é o banheiro. — Paramos em frente a uma porta branca, e dou uma rápida espiada lá dentro. Precisei de uma séria dose de autocontrole para não gritar e pular de um lado para o outro. Um chuveiro com azulejos! Um vaso! Pias duplas! Tudo é tão limpo — todo branco e cinza-claro. E tudo cheira tão bem, tem tanto frescor.

— Jude... isso é incrível. Eu posso acabar morando naquele chuveiro, só para você saber. — Seus olhos brilham de orgulho, como deveriam. Ele fez um ótimo trabalho.

— Contanto que você o mantenha limpo, eu não me importo. Eu só peço isso.

— Eu vou. Eu prometo — digo solenemente. Eu nunca, nunca poderia arruinar nada disso. Nem a sua confiança, nem sua casa bonita.

— Bem ao lado seria o seu quarto. Desculpe, não é uma suíte.

Como se isso importasse. Há alguns metros entre as portas, mas é totalmente limpo, um corredor seguro para andar, desobstruído. Isso é como o paraíso para mim.

Ele abre a porta para revelar o cômodo que é obviamente um quarto de menina, com paredes cor-de-rosa. É desprovido de qualquer decoração que não seja uma cômoda e um armário branco, duas mesas de cabeceira e uma cama de casal com um edredom cinza-claro.

— Hum... você pintou isso para mim? — Um arrepio de desconforto desliza pela minha espinha. Ele apenas assumiu que eu me mudaria e pintou de rosa ultra-feminino?

— Não, Deus, não. Eu nunca pintaria um quarto dessa cor por

vontade própria. — Ele esfrega o rosto. — Este era o quarto da minha irmã mais nova. Eu me livrei de todas as coisas dela e do tapete velho, mas ela amava a cor. Eu simplesmente não consegui pintar por cima. Tudo é novo, a cama, os lençóis e o edredom, a cômoda e o armário. Eu odeio quartos vazios. Eu o mobílei muito antes de te conhecer.

Solto um rápido suspiro de alívio.

— É bonito — eu digo, sem deixar de notar como seus olhos se deslocaram para baixo quando ele mencionou a irmã. Definitivamente há algo que ele não contou. Mas tudo bem. Eu não estou aqui para me intrometer na vida pessoal desse cara.

— Você pode repintar se quiser.

— Não — eu digo, tocando seu braço. — Eu gosto. É uma cor feliz. Eu definitivamente posso usar. — O quarto é muito maior do que o meu antigo, e o armário é maior também. As janelas têm vista para as árvores e as flores no quintal. Em breve, as folhas estarão num tom de vermelho, amarelo e laranja vibrante, a vista perfeita da Nova Inglaterra.

Ando pelo quarto, tocando levemente nos móveis, depois me viro para Jude. Ele está de pé na porta, encostado no batente. Seu cabelo ainda está úmido do banho, parte dele caindo sobre os olhos. O tecido da sua camisa preta está esticado sobre seus braços e peito, que parecem estar inchados pelo treino mais cedo.

É difícil ignorar todas as tatuagens, os músculos e como ele é masculino. É um pouco intimidante. O único homem com quem já vivi foi meu pai, e ele não tinha uma presença tão grande e cativante. Mas vou ter de me acostumar se quiser morar aqui.

E eu *quero muito* morar aqui. Quero me mudar agora.

— Skylar?

— Hm?

Ops. Fiquei aqui olhando para ele como uma idiota. Espero que não tenha feito uma cara boba e sonhadora.

Mas seu sorriso me diz que sim, eu definitivamente estava com essa cara.

— Eu perguntei se você quer ir lá pra baixo e conversar sobre tudo isso.

Minhas bochechas estão subitamente quentes, e meu coração está vibrando de vergonha.

— Pode ser. — Enfiando as mãos no bolso da frente do moletom, sorrio e passo por ele.

Quando nos instalamos em sua cozinha, fico preocupada de estar sendo rude ao dizer não à sua oferta de algo gelado para beber. As

peças não percebem com que frequência oferecem comida e bebida umas às outras e como é difícil, para pessoas como eu, ter de negar e ficar com medo de soar como um insulto. Alimentos e bebidas são comportamentos sociais. Espero que, com a ajuda do médico, eu possa aprender a ser normal com tudo isso.

— Posso te dar um pão, pelo menos? — ele meio que brinca. — Eu tenho um aqui.

Eu atiro nele um olhar.

— Jude. Estou bem. Por favor, só senta. Você tem que deixar de lado essas coisas de comida. Prometo que vou ao médico e farei o meu melhor para tentar superar minhas aversões a alimentos e bebidas. Mas você não pode me forçar.

— Eu não estou tentando te forçar. Eu só me sinto mal.

— Eu sei, é fofo e eu agradeço. Mas, para o bem da nossa saúde mental, não vamos jogar o jogo “o que consigo fazer Skylar comer ou beber”. Você pode comer e beber na minha frente, isso não me incomoda.

— Isso *me* incomoda. Parece rude.

— Não é — garanto. — Eu não posso viver aqui se sentir que estou sob um microscópio. Eu não estou acostumada com isso, e isso vai me assustar.

Ele se inclina para trás na cadeira de madeira e acena com a cabeça.

— Você está certa. Precisamos de menos estresse se vamos viver juntos, não de mais. Principalmente você. Vou ser legal.

Meu Deus. Eu realmente vou fazer isso?

Como não fazer? Se eu ficar em casa, a casa vai ficar cada vez mais suja. Eu não consigo pagar os remédios e as visitas ao médico, então eu vou ficar mais doente. Tenho medo de piorar, e não sei quão grave isso pode ficar. O que vai acontecer comigo? E se eu ficar tão doente a ponto de não conseguir trabalhar? Eu poderia murchar e morrer, trancada no meu quarto. Vai levar meses para minha mãe perceber que estou morta. Gus também morrerá.

Meu coração acelera, minha cabeça gira, minha pele fica coberta de suor. Por que de repente está tão quente? Eu gostaria de poder tirar meu moletom, mas eu só estou com um sutiã por baixo. Há tantas janelas, mas nenhuma delas está aberta. Preciso de ar...

— Você está bem, Sparkles?

Eu pisco para Jude, que de repente está embaçado.

— Skylar? — Seu rosto finalmente entra em minha visão, e ele está estreitando seus olhos para mim. — Você está branca como um fantasma novamente.

— Desculpa... Estou tonta.

— Merda. — Ele empurra a cadeira para trás e vai para a pia, onde molha um amontoado de toalhas de papel. — Coloca isso na testa — diz ele. Faço o que ele pede, pressionando as toalhas frias no meu rosto. — Tente beber isso. — Ele gira a tampa de uma garrafa da geladeira e a entrega para mim. — É basicamente água com sabor de laranja. Tem eletrólitos. Não tem nada de estranho nela. Nada que possa cair mal. Eu sei que estou quebrando nosso acordo de não te empurrar comida ou bebida, mas não posso deixar você desmaiar na minha cozinha.

— Ok — sussurro, cedendo. Lembro vagamente de beber coisas como essa quando era mais nova. Eu não gosto de colocar na minha boca coisas que são da cor de giz de cera, porque eu nunca achei que poderia ser certo ou seguro.

Meus dedos tremem enquanto agarro a garrafa. Jude não me daria nada de ruim. Eu o vi abrir a garrafa. Ouvi o pequeno estalo do selo. Esta é uma bebida nova e fechada. Há um banheiro bem no corredor, se isso me fizer passar mal, e Jude já provou que me levará a um hospital se eu ficar realmente doente.

Confio nele.

Provisoriamente, eu bebo a bebida fria e levemente doce, e não é horrível. Eu espero que algo ruim aconteça, o que, eu não sei, mas nada acontece. É realmente muito refrescante. Eu gostaria que fosse transparente e não laranja, mas desde que eu não olhe a cor, acho que posso beber sem surtar.

— V-você tem um copo escuro pra colocar isso? E um canudo? — pergunto.

Quatro segundos depois, ele está derramando a água aromatizada em um copo preto alto e coloca um canudo verde nele.

Sorrio em agradecimento e continuo bebendo de olhos fechados. A doçura é agradável. A tontura começa a diminuir. Nada de ruim está acontecendo.

— Eu acho que eu estava começando a ter uma crise de ansiedade — eu digo. — Não acho que seja a mesma coisa de quando eu desmaiei da última vez.

— Crise de ansiedade? — ele repete, caindo na cadeira em frente a mim. — Por quê? Você está com medo de estar aqui?

Assustada. Animada. Preocupada. Esperançosa.

Abaixo o olhar para a cadela enrolada em um pequeno tapete em frente à pia, um ursinho de pelúcia desbotado ao lado dela. Ela é feliz aqui. Amada.

— Um pouco nervosa. Acho que tenho medo de tomar a decisão

errada. — Retiro as toalhas úmidas da testa e coloco sobre a mesa à minha frente. — Estou tão cansada de morar naquela casa. E de me sentir doente o tempo todo. Tenho medo do que vai acontecer comigo se eu ficar lá.

— Eu também — ele concorda suavemente.

— Eu quase não comecei a escola esse ano — admito. — Eu ia desistir e trabalhar em tempo integral, então ganharia dinheiro suficiente para alugar um quarto ou apartamento. — Eu engulo mais da bebida gelada. — Mas prometi ao meu avô que nunca desistiria. Eu sei que é bobo. Mesmo que ele tenha ido embora, tenho medo de que ele saberia se eu fizesse isso.

— Não é bobo. Você precisa terminar a escola. Até mesmo ir para a faculdade. É difícil pra caralho organizar a vida se você fizer más escolhas quando é jovem. Às vezes, você nunca consegue sair do buraco. Confie em mim, eu estive nele.

— Sinto que já tenho um pé nesse buraco.

— É por isso que estou tentando te ajudar.

Girando o canudo, eu o analiso do outro lado da mesa e tento descobrir qual é o lance dele. Por que Jude está morando aqui sozinho? Um cara bonito da sua idade já não deveria estar casado?

Por que ele não vendeu essa casa grande e foi para algo menor? Por que ele não quer repintar aquele quarto rosa? E por que, por que, *por que* ele quer *me* ajudar?

Lambo os lábios nervosamente.

— Eu ainda não entendo por que você quer me ajudar. Eu não sou ninguém.

Ele recua com meu comentário.

— Você é alguém.

— Mas você nem me conhece... Não de verdade.

— E daí? As pessoas se ajudam todos os dias sem realmente se conhecerem, não é? — Ele encosta os cotovelos na mesa, seus intensos olhos cinzentos fixos nos meus. — Os médicos ajudam os pacientes. As pessoas carregam suas bolsas na loja. Alguns doam dinheiro para estranhos. Eles param para ajudar se o seu carro estiver quebrado na estrada. *Existem* pessoas boas no mundo, Skylar. Pessoas que não querem nada em troca, exceto saber que ajudaram outra pessoa. Eu tive um passado merda. Eu fiz algumas coisas cagadas. Talvez eu só queira uma chance de fazer algo de bom uma vez. Isso é tão ruim assim?

Eu engulo com força ao ouvir sua sinceridade. Eu acho que ninguém, nunca, foi tão profundamente honesto comigo assim. Eu ainda acho que há uma razão subjacente para ele querer me ajudar,

mas quaisquer pensamentos sobre isso estão desaparecendo rapidamente.

— É só isso que é para você? Apenas uma boa ação aleatória?

Ele se inclina na cadeira e empurra as mangas da camisa para cima.

— Sim. Só isso. — Mas sua voz áspera não esconde o que seus olhos estão dizendo: esse ato de bondade significa algo mais para ele.

— Bem, eu acho que eu sou sortuda, então, não sou, Lucky? — Tento aliviar o clima com um sorriso. Ele retribui com seu sorriso convencido.

— Talvez um pouco.

Respirando fundo, coloco o copo sobre a mesa e empurro alguns centímetros para trás.

— Então, se fizermos isso... como vai ser? O que vem depois?

Uma infinidade de cenas de casamentos de filmes passa pela minha mente.

— Você tem certeza de que quer falar sobre isso hoje? Não quer esperar até que esteja se sentindo melhor?

— Eu me sinto bem. Acho que devemos falar sobre isso agora, para que eu possa tomar uma decisão.

Ele acena com a cabeça, e seu cabelo cai em seu rosto, mas ele joga para trás com um empurrão rápido.

— Tudo bem. Eu acho que primeiro eu faria com que meu advogado elaborasse um contrato dizendo que, quando nos divorciarmos, você não tem direito a nenhum dos meus bens ou a uma pensão. Não quero parecer um idiota, mas tenho que proteger meu negócio e minha casa.

— Eu entendo totalmente.

— Se você quiser adicionar algo ao contrato, me avise.

— Como o quê?

— Não sei. Como eu não ter direito a ter metade das suas coisas.

Eu ronco.

— O que, metade do meu carro surrado e da minha gata?

— Sim. Mais uma coisa... Só para que seja tudo justo, vou colocar que nenhum de nós tem direito aos bens um do outro, ou qualquer coisa que compramos enquanto casados. Todas as nossas finanças permanecerão separadas. Eu vou pagar o que for para te colocar no meu plano, mas você é responsável por pagamentos ou qualquer coisa não coberta pelo plano.

— Estou de acordo com isso — eu respondo, torcendo para que eu possa pagar o que não for coberto. — E o aluguel?

— Eu não vou cobrar aluguel, Skylar. Eu sou o dono da casa.

— Bem, eu não posso simplesmente viver aqui de graça. Até em casa eu pago algumas das contas. Eu não quero abusar, Jude.

Ele suspira e passa a mão pelos cabelos.

— Justo. Que tal você ficar responsável pelo mercado? Eu odeio fazer compras, então isso será uma grande ajuda para mim. — Seu olhar percorre a sala. — E você pode escovar o cachorro.

— Posso regar as plantas e limpar a casa?

— Você não é empregada doméstica. Eu não quero ou espero isso.

— Eu *quero* fazer isso.

— Você pode fazer isso se quiser, mas isso depende de você. Eu não quero nada de você.

— Eu sei. Isso só vai fazer com que eu me sinta bem por fazer alguma coisa. Caso contrário, vou me sentir culpada pra caralho. Eu não vou entrar no seu quarto e banheiro, no entanto.

— Fechado — diz ele. — Então suponho que agora é só escolhermos uma data, obtermos uma licença de casamento e arranjarmos um oficiante. Sem convidados ou testemunhas, apenas nós.

— Tudo bem.

Eu nunca fui a garotinha que sonhou com um casamento de princesa e um vestido branco esvoaçante, então não estou surpresa com quão calma minha voz soa; como se esta fosse uma conversa totalmente normal e não a coisa mais louca que meu cérebro já teve que processar.

E isso diz muito.

— Você fuma? Bebe? — questiona.

Fico surpresa com a pergunta aleatória.

— Eu não tenho idade para beber.

— Ah. — O canto de sua boca puxa para baixo. — Erro meu. Eu esqueci que você só tem dezoito anos.

— Eu não beberia *mesmo se tivesse* idade suficiente. E eu nunca fumei.

— Obviamente sou fumante, mas nunca fumo em casa. De vez em quando, eu bebo uma cerveja. Chego em casa e caio no sofá com a cachorra todas as noites. Só para você saber que eu não dou festas aqui. É sempre tranquilo.

Com seus cabelos compridos, tatuagens sem fim e aparência robusta e sexy, eu nunca teria pensado que ele seria do tipo quieto e doméstico. Eu o imaginei em bares ou clubes de strip-tease.

Estou aliviada por descobrir que estava errada.

— Eu também sou quieta — eu digo. — Gus também. Nós não vamos incomodar. Não estou namorando ninguém. Eu e Megan costumamos ficar na casa dela. Tudo o que eu quero fazer é melhorar, sair daquela casa, me formar e colocar minha vida nos trilhos. Eu não vou a festas. Eu geralmente vou pra cama às dez todas as noites.

Ele pisca para mim, e meu coração dá um galope estranho.

— Não é de se admirar que você não esteja namorando.

— Obrigada. Idiota. — Eu o chuto de brincadeira por baixo da mesa.

— Brincadeira — diz ele. — Eu não achei que você curtisse nenhuma dessas coisas. Você parece muito equilibrada.

— Isso está começando a parecer uma entrevista muito estranha.

Ele solta uma risada e joga a cabeça para trás, expondo suas tatuagens no pescoço. Eu amei um pequeno trevo verde de quatro folhas logo abaixo da sua orelha.

— Eu prometo que não haverá nada mais estranho que isso. Eu não vou ficar enchendo o saco.

— Eu não vou te deixar maluco ou fazer coisas estúpidas — eu prometo. — Você nem vai saber que estou aqui. Vou ficar no meu quarto.

— Você não precisa ficar no seu quarto. Você pode ficar onde quiser. É uma casa grande. Você ficou limitada a um quarto por muito tempo.

Eu lentamente balanço a cabeça para frente e para trás com incredulidade.

— Eu não posso acreditar que realmente vamos fazer isso. Isso é loucura, né?

— É. Não vou mentir. Mas só vai ser loucura se nós permitirmos que seja. Se ficarmos de boa sobre isso, vai ficar tudo bem. Apenas duas pessoas morando juntas, casadas no papel para que você possa ir a um médico e sair de casa. Não é grande coisa.

Eu me permiti absorver isso.

Não é grande coisa.

— Tudo bem. Você está certo.

— Eu tenho um pedido — diz ele, apertando as mãos. Eu não posso deixar de estudar os desenhos e letras tatuadas nelas. — É um ponto crucial.

— Uh-oh. — Eu estreito o olhar para ele. — O que é?

— Preciso conhecer sua mãe. Eu mesmo tenho que dizer a ela o que estamos fazendo e por quê. — Meu estômago gira com ansiedade.

— Jude, não...

— Skylar, eu devo. É a coisa certa a fazer. Ela é sua mãe.

— Ela não vai dar a mínima para o que eu estou fazendo! Ela nunca deu. — Lembro vagamente de minha mãe ser amorosa e atenciosa quando eu era muito nova, mas essas memórias se perderam no fundo da minha mente.

— Talvez sim, talvez não. Você pode ter dezoito anos, mas você ainda é filha dela, e eu não posso simplesmente casar com você e deixar que você venha morar comigo sem conversar com sua mãe.

Eu não gosto de nada disso. Eu não consigo imaginá-lo sentado no sofá em meio a todo o lixo tendo uma conversa com minha mãe sobre se casar comigo. Ela largou totalmente o cargo de mãe anos atrás. Este cara a cara será epicamente humilhante e vergonhoso.

— Que diabos, Jude? — Eu faço cara feia. — Você não pode ligar para ela? Fazer uma chamada de vídeo? — Eu não me lembro da última vez que tive uma conversa pessoalmente com minha mãe. É assim que tem sido desde que as pilhas de coisas ficaram muito altas para transitar pela casa.

Ele balança a cabeça.

— Não. Eu tenho que fazer isso direito.

— Você mesmo disse que nem é um casamento de verdade!

— Mas é um casamento legal. Isso não é negociável, Skylar.

Olhamos um para o outro por alguns minutos, e está claro que ele não vai recuar. Sinto que estou me afogando em seus olhos cinzentos, hipnotizada pelas manchas prateadas, e tenho que desviar o olhar.

— Posso ir lá?

— Claro.

Se Jude acha que minha mãe vai ficar chocada e dizer: “oh, não... você não pode levar minha filhinha embora!”, ele está louco. Se ela for fazer algo, vai ser pedir dinheiro.

— Muito bem. Você ganhou. Boa sorte espremendo esses ombros largos na minha casa.

— Você é engraçada. — Seu sorriso se amplia. — Se pensarmos em mais outra coisa, vamos adicionar ao pré-nupcial. Eu devo estar com tudo pronto essa semana, então poderemos ir em frente.

Eu me levanto e coloco minha cadeira no lugar.

— Eu tenho uma regra — eu digo, sorrindo para ele. — Não beije a noiva na cerimônia.

Ele também fica de pé e atravessa a sala para colocar minha caneca na máquina de lavar louça.

— Fechado. Eu posso te prometer, Sparkles, que eu nunca vou tentar te beijar.

Eu ignoro o pequeno aperto de decepção em meu coração.

Capítulo

12

Jude

Skylar não estava brincando.

Mesmo com o aviso, fico chocado quando ela destranca a porta da frente de sua casa e entramos.

Há uma mistura de porcarias em todos os lugares, empilhadas do chão ao teto. Parte delas em caixas e sacos, algumas apenas jogadas de qualquer jeito. Roupas, malas, enlatados, revistas, livros e cobertores. Frascos de loção e xampu. Decoração aleatória apenas jogada em qualquer lugar. É como se uma loja de um dólar tivesse explodido e essa mulher tivesse decidido enfiar um sofá e uma televisão em cima da bagunça.

— Mãe — Skylar diz em voz alta enquanto nos esprememos por caminhos estreitos e escalamos as pilhas mais baixas. — Estamos aqui.

Aparentemente, ela disse à mãe que eu viria, mas não disse o porquê.

— Oh, bom — sua mãe responde com uma voz completamente normal e otimista que só a faz parecer uma louca, dado o fato de que duas pessoas estão literalmente escalando sua sala de estar.

Quando finalmente chegamos ao outro lado da sala, há um raio de meio metro ao redor do sofá que é limpo o suficiente para ficarmos de pé. Pelo canto do olho, vejo uma barata grande ou um rato pequeno correndo sob o sofá.

Que porra?

Tudo o que eu quero fazer é pegar Skylar e levá-la para fora desse inferno de lugar.

— Mãe, este é meu amigo, Jude — Skylar diz desajeitadamente,

afastando uma mosca de seu rosto. — Jude, esta é a minha mãe, Nicole.

O nojo se acumula em mim como uma cobra quando percebo que a mulher sentada no sofá de veludo verde é apenas alguns anos mais velha do que eu. Ela não é a mulher mais velha que teve uma filha no final da vida e começou a ficar grisalha como minha imaginação me fez acreditar.

É óbvio que ela já foi bonita — uma versão mais velha de Skylar, com cabelos longos e loiros e olhos azuis. Mas algo, os tempos difíceis, álcool, drogas ou transtornos mentais, a fez parecer áspera e cansada. Seu cabelo e pele são opacos, suas unhas, muito longas. Em uma pequena mesa ao lado dela há um balde que ela está usando como cinzeiro. Eu espio dois cigarros no balde. Não os normais, de maconha.

— Sente... — Nicole se move para a direita, empurrando sacos de Cheetos e pretzels do sofá para o chão.

Skylar agarra meu braço antes que eu possa me mover.

— Não — diz ela. — Vamos ficar de pé. Não vamos ficar por muito tempo.

O desconforto de Skylar é palpável, e eu não a culpo. Isso é como ficar no meio de um local de despejo de resíduos perigosos.

Eu a ignoro e sento no sofá ao lado de sua mãe. Tenho certeza de que me sentei em lugares piores quando era mais jovem e festejei em quartos de motel mais decadentes com estranhos.

Cruzando os braços, Skylar permanece de pé, seus olhos escuros de impaciência, seus lábios esmagados um contra o outro. Tenho certeza de que ela está mordendo a língua.

A velha almofada do assento do sofá cede sob o meu peso, e a parte traseira da minha cabeça bate em algo duro. Eu me viro para me encontrar cara a cara com uma estátua de girafa de quatro pés com o pescoço se estendendo sobre o encosto do sofá.

— O que é isso, exatamente? — pergunto, passando a mão sobre seu nariz de feltro preto.

— É uma girafa — diz Nicole.

— Mas por que está aqui?

Preciso de algum tipo de vislumbre da lógica dessa mulher. Talvez ela tenha uma boa razão para colecionar todas essas coisas. Quem sabe não poderia haver um plano maior se formando em sua mente que Skylar não está ciente.

Nicole olha para a estátua com tanta admiração, que me faz sentir que estou espionando um momento íntimo.

— Porque é bonita, e foi apenas duzentos dólares, e eu não tenho

nenhuma outra girafa — ela responde.

Não. Não há nenhuma lógica aqui. Pelo menos não uma verdadeira.

Acenando com a cabeça, dou à girafa mais um olhar e tento encontrar as palavras certas para dizer a essa mulher por que pedi sua filha em casamento, para que eu possa sair daqui.

— Mãe, viemos aqui para dizer que vamos nos casar, e eu estou me mudando — Skylar desabafa, me atropelando.

— Você está grávida? — Nicole pergunta em tom acusatório, seu olhar se concentrando na parte central do corpo da filha.

— Não — nós dois dizemos ao mesmo tempo.

— Então por que você vai se casar? — ela diz a Skylar e depois se vira para mim. — Com *você*?

Aceno com a cabeça.

— Porque...

— Quantos anos você tem? — Nicole interrompe.

— Eu tenho trinta e quatro anos, mas...

— Você tem trinta e quatro anos? — Skylar chia com os olhos esbugalhados. — Eu não sabia que você era tão velho assim.

— Ei, não sou *tão velho assim* — eu digo defensivamente. Eu tenho a porra de um tanquinho debaixo da minha camisa, não uma pança de chope.

— Bem, eu tenho trinta e oito anos — afirma sua mãe, sem rodeios. — Você tem idade suficiente para ser o pai dela...

Sim, se eu tivesse sido burro o suficiente para engravidar alguém quando eu tinha dezesseis anos. O que eu não fui. Levantei as mãos.

— Podemos voltar um segundo?

— Não importa quantos anos você tem. Não é um casamento de verdade, mãe — intervém Skylar.

— Sim — corrijo. — *É* um casamento real, legal. Mas não estamos juntos. Eu não estou dormindo com a sua filha.

Nicole pressiona os dedos nas têmporas e fecha os olhos como se essa conversa estivesse lhe dando dor de cabeça. Definitivamente está me dando uma.

— Isso é muito confuso — diz ela.

— Eu não queria que fosse — respondo. — Nós só vamos nos casar para que eu possa colocá-la no meu plano de saúde e dar a ela um lugar para morar. Ela está doente e precisa de um médico. Ela precisa de terapia e remédios.

Meu sangue ferve quando Nicole revira os olhos. Eu não estou brincando, ela revira os olhos e se inclina de volta para o sofá com um

grande e dramático suspiro.

— Ela sempre foi uma chorona. O estômago, a cabeça, a garganta. Ela isso, ela aquilo. Ela faz isso desde os cinco anos de idade.

— Porque eu estou doente, mãe. Que porra é essa? — As bochechas de Skylar ficam avermelhadas, e ela bate no focinho da girafa com raiva. Seu pescoço se ajusta com o golpe, e agora está olhando para nós dementemente com seus olhos de vidro. — Você está presa em seu mundo de fantasia louca, e eu estou saindo dele!

— Ok, calma. — Eu pego a mão de Skylar, mas ela se afasta com uma carranca, quase tropeçando em uma caixa de panela de barro que está no meio do chão.

— Ela nem cozinha! — ela grita, chutando a caixa. — Eu disse que ela não se importaria, Jude. *Olhe* para ela.

Estou olhando para ela, e estou ficando mais irritado a cada segundo com a indiferença de Nicole. Ela está apenas sentada lá, folheando uma revista, alheia às emoções da filha. Eu não posso dizer se ela é uma cretina ou se há algo mentalmente errado com ela. Ou ambos, o que é uma combinação perturbada.

Descansando meus antebraços sobre os joelhos, eu olho para Nicole, esperando que ela faça contato visual comigo, mas ela não faz.

— Eu só queria que você soubesse que não há nada acontecendo entre nós. Somos apenas amigos. Eu quero ajudar, isso é tudo. Ela vai ter um lugar seguro para morar e vai se consultar com um médico.

Ela faz um barulho tsk com a língua.

— Nenhum homem no planeta quer só ajudar uma menina bonita — ela desenha. — Eu não nasci ontem.

— Pare com isso, mãe — Skylar ferve, balançando a cabeça. — Ele não é assim.

Nicole joga a revista no chão.

— Eu não me importo com o que você faz. Esta é a minha casa, e é melhor você não levar nenhuma das minhas coisas quando sair.

Skylar revira os olhos, e eu me arrependo de sugerir essa reunião e colocá-la nisso.

— Jesus Cristo, eu não quero nenhuma das suas merdas. Estou tentando *fugir* disso.

— E eu não vou pagar a cerimônia — Nicole acrescenta de forma irreverente.

— Não vai ter cerimônia — garanto.

— Bom. Não espere que eu vá. Não vai durar um ano.

Eu não me incomodo em gastar saliva tentando explicar que esse é o ponto principal — que não é para durar.

— Podemos, por favor, ir? — Skylar pergunta, seus olhos implorando. — O cheiro está me deixando enjoada.

— Que cheiro? — Nicole pergunta, torcendo o nariz para o ar. — Eu não sinto cheiro de nada.

Eu acho que não ter olfato é um verdadeiro fenômeno. Como diabos ela não consegue sentir o ar pútrido nesta casa em que está vivendo? Eu só estou aqui por dez minutos e estou tentado a cheirar água sanitária quando sair.

De pé, limpo a garganta.

— Prazer em conhecê-la — digo o mais educadamente que posso. Há tanta coisa que eu quero dizer a essa mulher sobre como ela está tratando a filha, mas isso só vai tornar esse encontro feio, e eu não quero aumentar o estresse de Skylar. — Eu prometo que sua filha vai ficar bem. — *Você se importando ou não.* — Se você precisar de ajuda para limpar este lugar, eu sou um empreiteiro. Eu e minha equipe podemos trazer uma caçamba de lixo e te ajudar a colocar as coisas em ordem.

Ela olha para mim com uma raiva repentina.

— Por que eu faria isso? Eu não quero jogar minhas coisas fora.

— Tudo bem — respondo. — Nos avise se mudar de ideia.

— Eu não vou — ela sibila. — Você pode ficar com *ela*, mas nem pense em tentar pegar outra coisa.

A maneira como ela basicamente entregou a filha sem pensar duas vezes me faz estalar, e eu não consigo mais me conter.

— Caralho — eu digo. — Eu estava pensando em levar aquela porra de girafa para casa para botar na minha marquise.

Nicole olha para mim com uma ira ardente em seus olhos.

— Saia — ela sibila.

Skylar agarra meu pulso.

— Vamos, Jude. Por favor.

Nós engolimos ar fresco quando saímos de casa, tentando limpar os pulmões do mau cheiro azedo. Eu me pergunto se aquela puta está escondendo o corpo morto do marido lá dentro. Talvez ele não tenha ido embora como Skylar pensa.

Eu fumo um cigarro enquanto Skylar senta nos degraus da frente, olhando para o sol se pondo atrás das árvores.

— Eu te disse — ela finalmente diz, sua voz resignada. — Ela está pouco se fodendo pra mim.

Coloquei o pé no degrau ao lado dela e me inclinei para baixo em sua linha de visão.

— Eu não acho que seja isso — eu digo. — Acho que ela está

bagunçada na cabeça.

— Você acha? — ela diz sarcasticamente.

— Estou falando sério. Acho que ela se importa, *sim*. Ela só está muito bagunçada pra mostrar ou processar. — Eu odeio defender esse projeto ruim de mãe, mas eu tenho que dizer *alguma coisa* para fazer Skylar se sentir melhor sobre a maneira como foi tratada.

— Eu nem me importo mais, Jude. Meu pai tentou, ele realmente tentou. Ela parou de tomar os remédios, parou de ir ao médico. Eu também tentei depois que ele foi embora. É só... — Ela encolhe os ombros. — É simplesmente impossível. Você não pode ajudar alguém que não quer ser ajudado.

— Você está certa.

Ela inclina a cabeça para cima e olha nos meus olhos com determinação.

— Eu *quero* sua ajuda. Eu gostaria de não querer, mas você viu com o que estou vivendo.

Exalo fumaça pelo nariz e aceno com a cabeça. Ela não precisa que eu diga nada.

— Eu quero ir embora hoje à noite — ela diz suavemente. Quase um sussurro. — Podemos fazer isso? Posso ir morar com você hoje à noite?

A surpresa acelera meu pulso. Eu estava planejando que ela não se mudasse por algumas semanas. Eu pensei que nós dois teríamos mais tempo para assimilar tudo. Minha cabeça sempre me diz que não se deve tomar decisões impulsivas, porque isso geralmente acaba em confusão.

Mas, porra. Eu nunca fui conhecido por evitar uma confusão.

Eu jogo meu cigarro na passarela rachada e apago as brasas com a minha bota.

— Quantas coisas você tem pra levar, Sparkles? — pergunto.

Um sorriso lento se abre por seu rosto.

— Só o que couber na sua caminhonete.

Capítulo

13

Skylar

Não tenho certeza se é triste ou conveniente que todos os meus pertences caibam na caçamba da caminhonete de Jude. E, por sorte, minha mãe tinha uma caixa para transporte de gatos novinha em folha guardada na banheira, debaixo de uma árvore de Natal de fibra óptica.

Ela me deixou levar como presente de casamento.

Eu a abracei rigidamente antes de sair, e isso fez meu coração doer. Ela não se agarrou a mim ou ficou com os olhos marejados. Uma parte de mim gostaria que ela tivesse ficado. Não importa o que vem acontecendo, ela ainda é minha mãe, e eu a amo. Infelizmente, ela se tornou alguém que eu não tenho ideia de como entender, e eu não posso permitir que ela me machuque mais, seja intencionalmente ou não.

Segui Jude até sua casa no meu Corvette, com Gus miando alto em sua caixa presa ao cinto de segurança no lado do passageiro. A casa desapareceu no meu espelho retrovisor como uma memória embaçada, e mesmo que uma bola de emoção surgisse na minha garganta, eu sabia que nunca mais voltaria para lá.

Jude e eu carregamos minhas coisas da caminhonete por suas belas escadas de carvalho até o quarto com as paredes cor de framboesa. Eu não tinha muito — apenas minhas roupas, vários bichos de pelúcia, livros e produtos de higiene pessoal. Mais cedo, ele pacientemente me convenceu a deixar a geladeira do meu quarto. Não só porque teria sido uma porra tirá-la da casa, mas porque devo aprender a usar a geladeira na cozinha. A comida não deveria ficar escondida no meu quarto. Claro, a minha parte lógica *sabe* disso, mas

eu entrei em pânico no início. Senti que não conseguia respirar ao pensar em deixá-la para trás. A pequena geladeira era uma caixa mágica que mantinha a comida segura para mim.

Eu fui em frente, no entanto. Deixei lá, que é exatamente onde ela pertence.

Eu destranquei as três fechaduras antes de sairmos pela janela pela última vez. Tenho certeza de que dentro de um mês meu quarto e móveis estarão soterrados sob uma avalanche de coisas aleatórias da minha mãe. Todos os vestígios de que estive ali serão obliterados.

Eu sou arrancada dos meus pensamentos por duas batidas rápidas na porta do meu novo quarto.

— Pode entrar — eu digo, sentada no chão, com minhas roupas espalhadas ao meu redor, dobrando-as ordenadamente para colocar nas cómodas e armário.

Jude entra vestindo calça de moletom cinza e uma regata preta. Eu não estava pronta para o seu visual relaxado-de-noite-em-casa, mas, droga, ele está implorando para ser postado no Instagram agora com a hashtag #moletomcinza.

— Você precisa de alguma coisa antes de dormir? — ele pergunta, olhando para mim de cima.

Minha boca fica seca, o que não posso dizer sobre *outras* partes do meu corpo.

Eu consigo fazer isso. Eu consigo morar com um homem bonito sem ficar toda encantada e derretida.

Isso sem mencionar que ele tem trinta e quatro anos! É quase tão velho quanto meus pais. Totalmente não sexy.

— Eu estou bem. — Eu rapidamente desvio meus olhos *dele* e coloco o suéter que acabei de dobrar em cima da minha pilha de calcinhas, que está à mostra desde que ele entrou. — Estou só guardando minhas coisas. Nunca tive tanto espaço e tantas gavetas.

Ele sorri, mas é mais um sorriso triste do que feliz.

— Está tarde, você não precisa fazer tudo isso agora.

— Eu não estou cansada — eu digo. Meu cérebro é um furacão de ansiedade, medo, esperança e excitação.

Não há como dormir a menos que eu me mantenha ocupada o suficiente para me acalmar.

Ele levanta o queixo para Gus enrolada na cama com seu rato de erva de gato.

— Parece que ela já se acomodou.

Eu sorrio.

— Estou surpresa. Eu pensei que ela ficaria assustada e se

esconderia debaixo da cama por semanas.

— Amanhã podemos deixar que ela e Cassie se encontrem. Mas eu acho que elas vão ficar bem.

— Espero que sim.

— Até lá, vou mantê-la no meu quarto com a porta fechada.

Ele boceja e aperta a nuca, torcendo-o para o lado.

— Ok, vou para a cama. Até amanhã.

— Boa noite — eu digo, mas depois o paro assim que ele chega à porta. — Espera... Jude? — Ele se vira para mim.

— Hm?

Passo a língua pela borda dos dentes.

— Obrigada. Por tudo o que você está fazendo por mim. — Sinto que deveria abraçá-lo, mas também sinto que não deveria.

Ele pisca para mim e sorri.

— Durma bem, Sparkles.

Assim que ele fecha a porta, solto uma respiração longa e calmante. Jude realmente é um cara bom. Ele não se importou comigo sentada aqui com uma camiseta branca sem sutiã. Ele não fez nenhuma insinuação sexual. Mais cedo, ele fez questão de me dar minha própria chave. Ele não fez nada além de me fazer sentir como se estivesse hospedada na casa de um amigo.

Mas, ainda assim, há um leve medo no meu estômago. Eu poderia estar cometendo um erro horrível. E se as coisas derem errado e eu tiver de sair da casa? Eu não poderia voltar a morar com minha mãe com a sua avalanche de coisas já tendo tomado conta do meu quarto. Para onde eu iria? Eu acabaria em uma situação ainda pior do que eu estava antes? Eu poderia ter de viver no meu carro ou debaixo de uma ponte.

Oh, Deus.

Não, eu silenciosamente digo a mim mesma enquanto guardo minhas roupas. *Vou ficar bem.*

São quase duas da manhã quando finalmente apago a luz, me arrasto para a cama e me enfito sob o novo e macio edredom. Pressiono meu rosto no travesseiro, inalando o cheiro suave. Eu nem sei qual é o *cheiro*, além de limpo. Reconfortante. Mesmo que eu ame coisas mais antigas e vintage, estar neste quarto cheio de roupas de cama e móveis novos é uma mudança bem-vinda. Tudo o que eu quero fazer é respirar, respirar e respirar, como se isso pudesse de alguma forma entrar em mim e me dar um novo começo.

Talvez, espero, esse *seja* um novo começo.

Capítulo

14

Skylar

TRÊS SEMANAS DEPOIS

Hoje é o grande dia.

Em alguma realidade alternativa, esse seria o dia mais feliz da minha vida. Eu estaria entrando com um vestido branco. Me conhecendo bem, seria algo boêmio, longo e rendado, com centenas de botões minúsculos. Eu usaria botas de couro vintage. Meu pai estaria do lado de fora, esperando para me levar até o altar. Minha mãe estaria se esforçando ao máximo para acalmar minha ansiedade. Megan seria minha dama de honra, e ela estaria me dizendo o quanto estou bonita e como tenho sorte de Jude ter um ótimo corpo e cabelo. Eu diria sim ao homem dos meus sonhos, e começaríamos o nosso felizes para sempre.

Mas a realidade é que eu não acredito em casamentos, Príncipe Encantado ou felizes para sempre. E ninguém está comigo neste dia, além de Jude.

A oficiante chamada Carol estará aqui dentro de uma hora. A cerimônia será ao lado do jardim de flores no canto mais distante do quintal de Jude, sob um velho mandril com videiras serpenteando através dele.

O que se veste no seu casamento que não é um casamento de verdade?

Eu estou em pé na frente do meu armário, mordendo meu lábio há cinco minutos me fazendo essa pergunta. Eu finalmente decido por uma saia branca estilo tutu e um body preto de renda e mangas compridas. Eu jogo uma jaqueta de couro preta vintage por cima e calço meu tênis Converse rosa sobre meias de renda branca. Completo

o visual com um pequeno véu preso com um grampo e o distribuo sobre meu cabelo. Eu sorrio para o meu reflexo de corpo inteiro no espelho. A roupa é muito fofa. Especialmente a saia branca. Eu quero parecer pelo menos *um pouco* noiva para que Carol acredite que estamos realmente nos casando. Jude e eu conversamos sobre isso ontem à noite — não podemos deixá-la saber que nossos votos de *até que a morte nos separe* são puro fingimento.

Se ela soubesse que esse é um casamento de conveniência, poderia não nos casar.

Depois de fazer minha maquiagem e colocar um perfume que comprei da Belongings, eu desço as escadas.

Encontro Jude sentado em uma cadeira de vime na marquise com Cassie e Gus, que, como nós, se tornaram boas colegas de casa. Convivendo alegremente no mesmo espaço e ficando fora do caminho uma da outra.

— Oi — eu digo. — Carol deve chegar logo.

— Sim. — Seu olhar sai de seu telefone e viaja lentamente pelo meu rosto, descendo pelo meu corpo. Meu estômago dá um salto quando sua atenção se fixa nas minhas pernas longas, e um leve sorriso de admiração inclina seus lábios. Isto é, até que seu olhar pousa em meus pés, e ele tem uma reação em delay, o sorriso desaparecendo.

— Skylar, você não pode usar tênis rosa.

Olho para os meus pés.

— Por que não?

— Porque eles fazem você parecer jovem.

Eu ergo a cabeça e olho para ele. São só tênis. Não é como se eu estivesse com um chocalho na mão.

— Eu *sou* jovem.

— Eu sei, mas vamos nos casar. Não temos que anunciar sua idade à juíza de paz.

Cruzo os braços desafiadoramente.

— Um monte de gente usa tênis rosa. E eu não vou seguir com isso se você tem vergonha de mim, Jude. Que se dane.

Ele solta um suspiro e coloca o celular na pequena mesa ao seu lado.

— Eu não tenho vergonha de você. Mas você parece jovem para a sua idade. As pessoas sempre assumem o pior. Eu não quero que ninguém pense que eu fiz algo com você.

Não tenho certeza de onde isso está vindo — quem ele acha que esse “alguém” é, ou o que esse “algo” poderia ser.

— Tipo o quê? — pergunto. — Me dopou e me arrastou para o quintal para me casar com você?

— Não, tipo manipular ou fazer lavagem cerebral para uma síndrome de Estocolmo ou alguma merda de sequestro.

Eu franzo a testa para ele.

— Eu nem sei o que é isso.

Ele balança a cabeça.

— Deixa pra lá. Só coloca uns sapatos mais adultos, só para a cerimônia. Ela vai ser a primeira pessoa a nos ver juntos como um suposto casal e...

Agora eu entendo. Ele está preocupado com a forma como vamos parecer *juntos*. Além de morar na mesma casa, nunca estamos juntos. Eu entendo como podemos parecer um pouco incompatíveis para algumas pessoas. Eu pessoalmente não me importo, mas talvez *ele* se importe.

— Tudo bem — eu digo. — Mas eu não acho que sapatos diferentes vão me fazer parecer mais velha.

Volto para o meu quarto e coloco o único par de sapatos que tenho que acho que parecerão adultos o suficiente para satisfazê-lo — um par de scarpins pretos de dez centímetros. Eu só usei uma vez, em uma festa de Halloween no ano passado, quando me vesti de mulher-gato. Megan me convenceu de que usar salto seria sexy.

Mas quando eu volto, Jude, de novo, tem uma reação lenta e surpresa quando vê os sapatos.

— E agora? — pergunto. — Você ainda está fazendo uma careta. Tenho certeza que saltos brancos seriam melhores, mas eu não tenho branco. Eu...

Colocando a mão para cima, ele me impede de entrar em uma discussão divagante sobre sapatos.

— Está tudo bem. Realmente. Preto é bom. Eles só são... — Ele olha para os sapatos. — *Altos*.

Eu pisco para ele enquanto Jude se levanta.

— Hum, é por isso que chamam de salto alto.

— Eles estão bons. — Ele sorri, mas aquele pequeno músculo em sua mandíbula está se contraindo. E ele ainda está olhando para os sapatos. Na verdade, acho que ele está olhando para as minhas panturrilhas. — Não se preocupe — diz ele. — Você está ótima. Vou me vestir.

Eu me planto na cadeira da qual ele acabou de sair e olho para o quintal, que parece uma pintura de outono. As folhas estão mudando agora — todas vermelhas, amarelas e laranja espalhadas pela grama. Esquilos estão passeando entre as nozes e galhos, proporcionando

diversão para Gus, que está com os olhos vidrados neles.

Morar aqui é ainda mais legal do que eu pensava que seria quando me mudei há três semanas. É tranquilo e pacífico. Durmo melhor aqui do que jamais dormi na casa da minha mãe. Talvez porque eu me sinta mais segura, menos ansiosa. Compartilhar uma casa com Jude é confortável — ele nunca me deixou nervosa ou com a sensação de ser indesejada. Ele é quieto e independente. Um pouco taciturno. Mas também tem um lado provocador e brincalhão. Acho a mistura atraente. Mas acho que o que mais admiro nele é a sua consistência. Ele vai trabalhar todas as manhãs, chega em casa e janta, assiste TV e depois vai para a cama. Nos fins de semana, ele trabalha em casa, ou joga sinuca com um amigo. Costumamos jantar e assistir a um filme juntos. Quando eu era pequena, meu pai entrava e saía de casa como se tivesse uma porta giratória. Seus horários eram sempre diferentes. Às vezes ele trabalhava de noite, às vezes de dia. Ele saía frequentemente com os amigos para jogar boliche ou tomar uma cerveja. Muitas noites ele não voltava para casa. Eu nunca sabia quando o veria — às vezes passava semanas sem vê-lo. Se ele fazia planos para passar algum tempo comigo, geralmente esquecia ou algo surgia no último minuto.

E então ele se mudou para o trailer, o que foi o começo do fim.

Eu também aprecio muito poder dormir com a porta do meu quarto aberta, se eu quiser, e o luxo de entrar e sair por uma porta da frente de verdade. Meus dias de escalada de janelas acabaram.

Eu me viro quando ouço Jude descer as escadas e entrar na sala, e desta vez é a minha vez de ficar com os olhos colados nele.

Seu cabelo está amarrado em um coque — a primeira vez que eu o vejo desse jeito. Eu nunca fui fã desse estilo em homens, mas parece muito bom nele.

O mesmo acontece com todo o resto.

Preto sobre preto sobre preto.

Uma camisa preta de botão tomou o lugar de sua camiseta ou moletom habitual. Os quatro botões superiores estão desabotoados, mostrando um vislumbre da tatuagem no meio de seu peito. Calça jeans preta e botas biker pretas. Uma pulseira de couro preto com um fecho de metal grosso em torno do seu pulso. Meu coração salta quando percebo que o quarto dedo de sua mão esquerda não tem seu anel de crânio esterlino.

Um calor repentino corre em minhas veias.

Em breve, colocarei um anel nesse dedo.

Ele vai colocar um no meu.

Este homem que está na minha frente será legalmente o meu

marido.

E eu serei legalmente a esposa dele.

Formigamentos percorrem minha coluna.

Palavras como *meu* e *dele* flutuam pela minha mente. Palavras que eu não deveria estar pensando, porque elas são uma farsa. Não são reais. Mas, às vezes, elas aparecem. Eu me pergunto como seria ser a pessoa especial de outra pessoa. Tê-la como *minha*.

Eu rapidamente sacudo o sentimento de tristeza que tenta tomar conta de mim. De forma alguma estou me deixando criar sentimentos por Jude. Ou qualquer outro homem, aliás.

— Ela chegou. — Ele me oferece a mão, e eu deixo que ele me puxe para cima. — Vamos lá nos juntar, Sparkles.

Respiro fundo, balançando nos saltos finos, as pernas trêmulas.

— Ok — eu digo, sorrindo. — Vamos.

Ele segura minha mão enquanto saudamos a juíza de paz na varanda da frente e continuamos de mãos dadas enquanto caminhamos com ela para o quintal. Eu não tenho certeza se ele está fazendo isso para “mostrar” a ela que somos um casal feliz ou para me confortar.

Ele é o primeiro garoto (ou homem, neste caso) a segurar minha mão, e eu gosto demais disso para me importar com o motivo.

Carol não hesita nem nos dá tempo para pensar. Ela nos coloca em pé um na frente do outro debaixo do caramanchão antes que eu pudesse sequer piscar. Ela nos pede para dar as mãos, e eu tento não rir com o nervosismo, de repente sentindo uma explosão de infantilidade — como se isso fosse uma brincadeira. Como da vez em que o RingPop me pediu em casamento quando éramos pequenos.

Os *sapatos adultos* me colocaram quase na altura dos olhos de Jude, mas eu me forço a olhar para nossas mãos ou para Carol, com sua cabeleira prateada, enquanto ela lê os votos com sua voz suave e alegre. Os olhos de Jude têm algum tipo de poder mágico que me envolve e faz com que eu me sinta como se eu não pudesse pensar direito. Olhar para eles enquanto conto a maior mentira da minha vida parece errado. Um karma pesado.

Minha mão treme quando eu coloco a faixa de prata em seu dedo, e o mesmo acontece com a dele quando Jude coloca um anel fino e brilhante no meu.

Eu congelo enquanto olho para o anel no meu dedo. Não compramos os anéis juntos; nós apenas combinamos que compraríamos um ao outro para usarmos na cerimônia. Adereços, por falta de um termo mais adequado. Eu comprei o dele enquanto fazia compras com Megan no shopping, em uma daquelas barracas de joias

de prata esterlina.

Mas o anel que ele acabou de colocar no meu dedo parece ter pequenos e reais diamantes colocados na faixa de ouro rosê. Parecido com o que falei ter *amado* quando estávamos assistindo a um filme juntos, e a personagem principal ganhou um.

Eu não achava que Jude estivesse prestando atenção.

Aparentemente ele estava.

E agora eu sinto vontade de chorar, e eu não tenho ideia do motivo.

— Eu agora vos declaro marido e mulher. Você pode beijar sua noiva! — Carol exclama feliz, fechando seu livrinho de votos.

Fizemos um acordo de que não teria beijo na noiva. Nós nos beijaríamos na bochecha e torceríamos para que Carol não notasse ou pensasse que éramos estranhos. Mas quando eu me movo para fazê-lo, um dos meus saltos fica preso na grama úmida, e eu tropeço. Sua mão agarra minha cintura para me estabilizar. Mesmo assim eu erro sua bochecha, e meus lábios pousam diretamente nos dele.

Suas mãos na minha cintura apertam, e ele me puxa para mais perto. Seus lábios se abrem para os meus. Nossos olhos se fecham. Minha mão encontra a nuca dele. Nossas bocas permanecem sem fôlego quando não deveriam — quentes e úmidas — antes de, lenta e relutantemente, nos separarmos.

Com apenas um beijo, nosso acordo foi quebrado e nosso destino, selado.

Capítulo

15

Skylar

— Parabéns! — Carol exclama enquanto Jude e eu nos afastamos um do outro. — Vocês formam um casal tão bonito e fofo.

Eu afasto meu olhar do dele, que se tornou cor de estanho. Meus lábios não parecem mais meus depois desse beijo, e eu nem tenho certeza se posso formar palavras inteligíveis.

— Obrigado — responde Jude, sua voz totalmente firme e normal. — Agradecemos que você tenha vindo aqui.

— Eu posso tirar algumas fotos se vocês quiserem — Carol oferece.

— Nós adoráramos, se você tiver tempo — eu digo, dando alguns passos cuidadosos em direção ao meu telefone, que eu coloquei em uma grande pedra, a poucos metros de distância.

Eu não consigo olhar para Jude. Ele está se sentindo todo bagunçado por dentro como eu? Provavelmente não.

É possível que a maneira como estou me sentindo não tenha nada a ver com o beijo. Eu posso estar tendo outro ataque de ansiedade. Ou pode ser porque eu não comi esta manhã.

— Eu sempre tiro fotos dos meus casais — diz Carol com um sorriso enquanto tira meu celular de mim. — Talvez na frente dessa grande árvore? Tem muitas folhas vermelhas bonitas.

Seguindo a deixa dela, ficamos em frente à árvore como duas crianças de doze anos com medo de se aproximar. Dá para cortar com uma faca o súbito constrangimento entre nós. Eu não sei se devo rir ou chorar enquanto Carol mexe no meu celular. Finalmente, Jude coloca o braço ao meu redor e sorrimos enquanto a câmera clica.

— Lindo! — diz ela. — Agora, talvez, se vocês virarem um para o outro e derem um beijo. É fofo quão tímidos vocês dois são.

Oh, Deus.

Nós nos voltamos um para o outro. Uma sugestão de seu sorriso familiar e sexy está curvando o canto de sua boca, e isso me faz *querer* beijá-lo. Jude gentilmente coloca meu cabelo para trás, depois segura minha bochecha com sua mão enorme, seu polegar sob meu queixo, inclinando meu rosto para cima.

Eu coloco as mãos em seu peito e as deslizo até seus ombros. Enquanto ele se inclina em minha direção, fecho os olhos e levanto um dos meus pés para aquela pose de flamingo que vemos nos filmes.

Nossos lábios se tocam suavemente, até que ele inclina sua boca sobre a minha, capturando meus lábios. Um suspiro quase inaudível escapa de mim, e ele o inala com uma puxada lenta e sensual de respiração. Sua mão aperta minha bochecha, e então ele se afasta, arrastando lentamente o polegar pela minha mandíbula antes de se virar para Carol e sair para falar com ela.

Me deixando de pé ali.

Esse segundo beijo pode ter sido curto, mas a maneira como Jude tocou meu rosto e moveu o polegar pela minha bochecha com aquele maldito sorriso e aqueles olhos fascinantes fez meu coração acelerar.

E ele continua assim. Minutos depois.

Eu já fui beijada antes. Por pelo menos seis caras. Fiquei com alguns de forma bem quente e intensa em festas e no cinema, e até fui até o fim com dois deles. Em ocasiões distintas, é claro. Faz um ano que não fico com ninguém, mas, puta merda, nenhum deles fez com que eu me sentisse como Jude fez com somente dois beijos curtos e um toque. Ninguém nunca fez minhas pernas ficarem fracas e minhas coxas formigarem apenas tocando na minha bochecha. Eu acho que nenhum cara com quem eu fiquei tocou no meu rosto, agora que estou pensando nisso. Eles estavam muito ocupados tentando agarrar meus seios e minha bunda.

Como eu não sabia como uma carícia na bochecha poderia ser?

É uma coisa de cara mais velho?

Ou uma coisa de Jude?

— Você vem, Sparkles? — pergunta, virando para olhar para mim enquanto ele e Carol se dirigem para a casa.

Eu pisco para ele enquanto Jude caminha pelas folhas crocantes. Na frente dele, Cassie e Gus estão nos observando da marquise de sua bela casa. Estou parada com um sentimento estranho e melancólico. Eu quero manter esta imagem em meu coração para sempre.

— Vou. — Eu tiro meus saltos e os sigo descalça até a varanda da

frente. Assinamos nossa certidão de casamento, Jude entrega a Carol um cheque, e a abraçamos antes que ela suba em seu Volkswagen Beetle e vá embora.

Tudo aconteceu tão rápido. Acho que a coisa toda levou menos de trinta minutos, e agora estamos casados.

Legalmente, pelo menos.

Sem dizer nada, entramos, e ele sobe as escadas direto. Eu permaneço na cozinha com os animais de estimação, até que ele volta alguns minutos depois vestindo sua habitual camiseta preta e jeans desbotados.

— Vou sair para jogar sinuca — diz ele, mal olhando para mim enquanto se dirige diretamente para a porta da frente. — Veja você mais tarde.

— Ok — eu digo, mas Jude já passou da porta.

Sentindo-me atordoada, subo para o meu quarto e caio na cama com um suspiro. Gus e Cassie se juntam a mim, provavelmente esperando que eu tire uma soneca para que eles possam se enroscar nas minhas pernas. Sou tentada a ficar sob os cobertores pelo resto do dia. Pelo menos esses bebês de pelo vão afugentar a solidão.

Eu me sinto triste e irritada, como a personagem principal de um filme de romance ruim, e não tenho certeza do motivo. Nunca fizemos planos para depois da cerimônia. Acho que pensei que passaríamos o dia juntos depois. Mas agora percebo que foi estúpido. Somos apenas amigos. A cerimônia foi apenas uma formalidade. Uma necessidade legal para que Jude possa me adicionar no seu plano de saúde.

Nada mais.

E os beijos? O primeiro foi um acidente desajeitado, e o segundo foi apenas para as fotos, porque Carol nos *pediu* para nos beijarmos.

O toque na bochecha... Bem, isso provavelmente é um jeito que Jude tem com as mulheres, e ele só fez por hábito.

Só isso.



O som da porta da frente me acorda, e eu me sento no meu quarto escuro, confusa sobre que dia ou hora é. O relógio da minha mesa de cabeceira diz nove e meia.

Merda. Estou dormindo há seis horas.

No andar de baixo, Jude está andando pela cozinha fazendo

barulho. Cassie pula da cama e sai correndo do quarto, me lembrando de que eu esqueci de alimentá-la. Bocejando, visto calças de ioga, mas mantenho a camiseta e desço silenciosamente as escadas.

— Ei — ele diz, olhando para mim por trás da porta da geladeira aberta. — Você estava dormindo?

— É... Caí no sono lendo.

— Você comeu? — Ele tira queijo fatiado e manteiga da geladeira. — Estou fazendo um queijo-quente.

— Eu não estou com fome.

— Você não comeu no café da manhã ou almoço, e eu vou chutar que você não jantou. Você tem que comer alguma coisa.

— Lucky...

— Vou fazer torrada pra você.

— Tudo bem — eu digo, encostada na ilha. Eu não estou com vontade de comer, mas ele está certo. Eu preciso comer todos os dias. Eu o observo fazer seu sanduíche em uma frigideira preta, depois colocar duas fatias de pão na torradeira para mim. Tudo o que Jude faz com as mãos parece fácil e fluido, como um truque de mágica. Eu me pego observando suas mãos com frequência desde que me mudei, fascinada por suas tatuagens, sempre tentando decifrar os desenhos.

Quando ele me entrega um prato com torradas levemente amanteigadas polvilhadas com canela, percebo que seu anel se foi.

Sua aliança de casamento. Não seus outros anéis.

Essa foi rápida.

Enquanto ele come seu sanduíche do outro lado da ilha, eu ainda estou olhando para suas mãos, mesmo que a rápida remoção do anel esteja me incomodando. Não consigo parar de pensar em como ele me tocou mais cedo, a maneira como ele segurou meu rosto bem perto para o beijo. Parecia tão romanticamente possessivo.

Preciso parar de pensar nisso.

Depois de terminar minha torrada, abro o forno e tiro a pequena panela coberta de papel alumínio que escondi lá na noite passada.

— Eu fiz isso para você. Nós — eu digo colocando a panela na frente dele. — Eu pensei que comeríamos mais cedo, mas você saiu... — *Correndo, acho que se encaixa bem pra situação.*

Ele enxuga a boca com o guardanapo e me olha com curiosidade. Eu puxo o papel alumínio para revelar dez biscoitos de chocolate decorados com glacê para parecer smokings de noivo e vestidos de noiva.

— Rebecca me ajudou a fazer e decorar ontem. Faz parte da minha terapia, assar algo do zero e depois comer. — Respiro, ainda sem saber se consigo comer um. — Eu ainda não tentei. Eu queria que

fizéssemos isso juntos.

— Skylar... — Eu não esperava ouvir o leve tom de emoção em sua voz profunda. Ou ver seus olhos suavizarem enquanto olha para os biscoitos. — Eu não acredito que você fez biscoitos de casamento para nós.

— Eles são iguais aos que você gosta da loja, mas com glacê. Espero que isso não os arruine para você.

— Você está brincando? O glacê os torna ainda melhores. — Ele tira um dos decorados como uma noiva da panela. — Se eu soubesse que você tinha feito isso, teria ficado.

— Você ficaria para comer biscoitos, mas não para passar tempo comigo depois do nosso casamento? — eu provoco.

— Claro, pelos biscoitos. Você sabe que eles são meu ponto fraco. Mas sair com minha nova esposa falsa teria sido o glacê no topo do bolo. — Ele pisca para mim e dá uma mordida na noiva biscoito. — Piadinha não intencional.

— Como está? — a falsa esposa pergunta. Essa sou eu.

— Delicioso. Se for comer um, é melhor ir logo antes que eu coma todos.

Cautelosamente, eu pego um dos biscoitos de noivo e o analiso. Rebecca fez tudo, passo a passo comigo. Mostrou todos os ingredientes frescos e explicou o propósito de cada um. Como Jude, ela tem sido paciente e compreensiva com a minha recuperação.

Ela também teve um pequeno ataque quando eu disse a ela que ia me casar com Jude. Fez uma lista de quilômetros de comprimento com razões pelas quais era uma ideia muito ruim. Todos eles válidos. Eu a entendo totalmente, especialmente porque ela passou por um divórcio desagradável.

— Você quer falar sobre isso? — Jude pergunta, comendo seu terceiro biscoito enquanto eu ainda estou olhando para o meu. — Tem algo nele que está te preocupando? A cor? O que tem nele? Uma lembrança?

Eu balanço a cabeça.

— Não. Nada disso. Só é novo.

— Você quer dividir em pequenos pedaços? — ele sugere.

Isso funciona, às vezes. Um biscoito com dez centímetros de diâmetro é menos intimidador se for quebrado em pedaços pequenos.

— Vou tentar — respondo, grata por ele conhecer todos os meus pequenos passos. Conversamos muito depois de cada uma das minhas sessões de terapia, e ele realmente me ouviu. Eu acho que Jude entende a importância de tudo isso porque ficou em reabilitação por uso de drogas por um curto tempo quando era mais novo.

Eu quebro o biscoito ao meio, depois em quartos. Em seguida pego esses pedaços e os quebro em pedaços menores. Pegando um, coloco na boca, deixo descansar na minha língua por um momento, depois mastigo lentamente. São muitas texturas e sabores diferentes. As lascas de chocolate são doces e macias entre as partes mais crocantes. O glacê é um pouco escorregadio. Eu não tenho ânsia nem me sinto doente.

Jude levanta a sobrancelha para mim, esperando que eu reaja. Às vezes, eu gosto de alimentos novos, outras vezes, eu cuspo.

— É bom — digo depois de engolir. — Eu não fiquei obcecada, mas não é ruim.

Ele ri.

— Obcecada é uma palavra forte.

— Bem, a carapuça serviu... — Eu sorrio.

Eu pensei que as coisas ficariam estranhas depois do beijo, mas estamos de volta a como éramos antes... como se nunca tivesse acontecido. Devo estar ficando louca por imaginar que ele *sentiu* alguma coisa me beijando.

Alguma parte profunda de mim espera que Jude tenha sentido, porque eu senti.

Mas o que isso significaria?

Não é como se fôssemos começar a ficar ou namorar.

Jude me observa comer outro pedaço com um sorriso torto no rosto.

— Eu sei o que você está pensando — diz ele.

— Ah, sério? Em que estou pensando? — eu desafio, sabendo que ele não tem ideia do que está passando pela minha mente.

Ele me prende com os olhos e inclina a cabeça para o lado.

— No beijo.

Minha respiração fica presa na garganta. Mantendo meu olhar no dele, tomo um gole de água, imaginando como conseguiu chegar a essa conclusão.

— O que faz você pensar isso? — Eu recuo casualmente.

— Estou errado?

— Só me responda.

Recuando, ele puxa o elástico preto de seu cabelo e balança a cabeça. Seu cabelo comprido chicoteia em torno de seu rosto como se Jude tivesse saído de um videoclipe de rock.

— Porque eu também estava pensando nisso.

— E? — eu cutuco.

— E eu deveria ter deixado você usar os tênis — diz ele, pegando

nossos pratos e levando para a pia.

— Viu? — Eu entro nas brincadeiras provocativas. — Eu coloquei os sapatos de adulto e acabei caindo em cima de você.

Ele se vira e me dá um sorriso.

— Não se preocupe, baby. Você não foi a primeira.

Vá se danar.

— Tenho certeza de que não fui — digo brincando enquanto cubro os dois últimos biscoitos com papel alumínio. — Mas eu sou a primeira *esposa* a cair em cima de você.

— Você tem um ponto.

— Vou anotar para lembrar de nunca mais usar saltos perto de você. — Ele acena com a cabeça.

— Bom. Não quero mais beijos acidentais.

— Idem.

Olhamos um para o outro, o espaço entre nós carregado com mais química do que um laboratório de ciências. Seu músculo da mandíbula está se contraindo. Meu coração está vibrando.

Então é assim que vai ser. Brincar vai ser a nossa maneira de sair disso.

— Os biscoitos foram ótimos. Obrigado — diz ele, estendendo a mão para mim.

Minha respiração acelera quando percebo que ele vai tocar na minha bochecha novamente... Puxar meu rosto para o dele para mais um beijo.

Fecho os olhos, esperando por isso.

Ele bagunça meu cabelo.

— Boa noite, Sparkles. Feliz dia de casamento.

Quando abro os olhos, Jude se foi.

Capítulo

16

Jude

Feliz dia de casamento?

Eu realmente acabei de dizer essa merda, e depois de bagunçar o cabelo dela?

Cara, você acabou de se casar com ela. Ela não tem cinco anos.

Caralho. Hoje tudo deu errado de todos os jeitos possíveis.

Não há quantidade de dinheiro no mundo que eu aceitaria pra beijar uma garota de dezoito anos. Eu não sou do tipo que cobiça mulheres mais jovens.

Casamento é um veneno.

Casamento é uma maldição.

Eu já ouvi isso antes, e essa é a prova disso. Não tem vinte e quatro horas, e estamos fazendo coisas que *não deveríamos* estar fazendo.

Mas Skylar é como um ímã. Durante toda a noite, eu me senti atraído para voltar para casa e ficar com ela. Senti isso quando a beijei, e sinto isso agora.

Porra, eu senti isso desde a primeira vez que a vi no estacionamento. Eu deveria ter corrido em vez de me permitir me aproximar cada vez mais. Agora, eu sou legalmente casado com ela, e ela está morando na minha casa. Não consigo escapar.

E não nos esqueçamos — eu a beijei. *Duas vezes*. Depois que eu prometi a ela — e a mim mesmo — que nunca, nunca, cruzaria essa linha.

Mas não. Minha cabeça burra colocou meus lábios bem nos dela.

Nunca.

Eu nunca senti faíscas quando beijava uma garota antes, mas, *porra*, eu senti com ela, e isso me abalou.

Alguns minutos atrás, eu a ouvi abrindo o chuveiro, e agora eu consigo ouvir *Dark Side of the Moon* saindo de seu quarto. Estou preocupado. Eu notei todos os sinais mais cedo na cozinha. Como ela me espiava, com seus olhos grandes e brilhantes. A maneira como ela continuou olhando para o meu dedo anelar. Os biscoitos de noivo e noiva. Que estavam bons pra caralho, por sinal.

Ela tem uma queda por mim. E está tudo bem, é fofo, e não exatamente não-recíproco. Mas sentimentos inocentes podem se transformar em um coração partido. Essa é a última coisa que a gente — *ela* — precisa. Sua terapia está indo muito bem, e eu não vou deixar nada, especialmente *eu*, atrapalhar.

Eu trouxe um pequeno presente para ela, que esqueci de dar mais cedo porque ela me distraiu com os biscoitos. Tiro as botas e ando pelo corredor até o quarto dela. A porta está entreaberta, a lâmpada de cabeceira irradiando uma luz fraca e âmbar. Quando levanto a mão para bater, a vejo em pé na frente de sua cômoda, de costas para mim. Ela está olhando para a aliança de casamento em seu dedo, virando a mão para que as pedras preciosas brilhem sob a luz.

Meu coração dá um salto.

A aliança foi a primeira joia que eu dei a uma mulher. Fui a quatro joalherias tentando encontrar uma que se parecesse com o que eu sabia que ela queria. Acontece que uma faixa de ouro rosê com pequenos diamantes em forma de amêndoa não é fácil de encontrar ou barata de comprar. O casamento pode ser falso, mas o anel é real.

Enquanto a observo, ela tira o anel e o coloca na gaveta superior da cômoda.

Que bom. Pensamos igual sobre não usar as alianças.

Cassie late quando eu bato na porta, e os ombros de Skylar se movem de surpresa.

— Ei — diz ela, quando se vira. — E aí?

— Posso entrar?

— Claro.

— Vejo que minha cachorra veio morar com você — brinco. Cassie está deitada em uma cama de gato de bolinhas rosa no canto, enquanto Fuptagus está esparramada em um cobertor de lã na cama. Uma vela eletrônica está acesa na mesa de cabeceira. Ela pendurou cortinas e algumas ilustrações vintage emolduradas de gatos usando chapéus e suéteres nas paredes. É bom ver o quarto com o toque dela. Não parece mais frio e vazio.

— Acho que ela gosta de mim — diz ela. — Ela fica me seguindo. Espero que esteja tudo bem. Eu posso fechar a porta e a deixar do lado de fora, se você quiser.

— Não, é legal. É bom que ela tenha companhia. Ela adora atenção.

Skylar coloca o cabelo comprido atrás da orelha antes de olhar para mim.

— E aí? Espero que você não esteja aqui para a lua de mel. — Sua sobrancelha direita se levanta para mim.

Não posso deixar de rir.

— Definitivamente não. Eu trouxe algo para você. É uma coisa pequena. — Eu tiro o bilhete de um dólar da loteria, uma raspadinha, do bolso traseiro, e ela recebe com as sobrancelhas franzidas.

— Oh. Obrigada. Eu nunca ganho nada, mas...

— Eu também. Mas é mais uma coisa simbólica. Eu vou te dar um todos os dias até que você se mude. Você está sempre dizendo sobre quão ruim é a sua sorte. Você não vai ganhar todos os dias, mas aposto que algumas vezes por mês vai ganhar pelo menos um dólar. Pense nisso como um lembrete de que sempre há dias bons chegando.

— Jude... — Seus olhos brilham sob a luz fraca. — Isso é tão doce.

Uh-oh. Era para ser *divertido*. Não doce.

Encolho os ombros.

— Não. É apenas algo divertido. E é só um dinheirinho.

Ela acena com a cabeça, segurando o bilhete como se fosse feito de ouro.

— Tudo bem. Mas se eu ganhar muito algum dia, temos que dividir.

— Tudo bem. Mas só se for mais de cinquenta dólares.

— Fechado — diz ela. — Eu tenho que fazer na sua frente?

Eu me seguro para não lançar um comentário sarcástico a respeito.

— Você pode fazer quando quiser.

— Eu prometo que vou te contar se eu ganhar.

— Eu não acho que você vai ficar rica com uma raspadinha.

— Se eu ficar, vou comprar um trailer.

— Um trailer? — repito.

— Sim, uma casa móvel.

— Eu sei o que é um trailer. É apenas um grande salto do seu Vette.

Ela me dá um sorriso bobo.

— Eu basicamente quero viver nele. Dirigir por todo o país, ir aonde eu quiser. Eu posso ficar o tempo que eu quiser e depois ir embora. Não quero ficar presa a um lugar só.

— Espero que você tenha melhor sorte com isso do que o seu Vette, caso contrário, você vai ficar presa na beira da estrada esperando um caminhão de reboque.

— Muito engraçado — diz ela. — Eu vou comprar um bom. Com um bom motor.

Invejo seu espírito jovem e livre. Não vai durar, no entanto. Em poucos anos, ela estará atolada como todo mundo, presa a um emprego, uma casa e uma família.

— Quando eu era mais novo, eu tinha os mesmos sonhos de pegar minha motocicleta, ir para onde a estrada me levasse e viver em motéis baratos — eu digo a ela.

— Por que você não fez isso?

— Porque eu também gosto de comer. Ninguém ia me pagar para passear pelas montanhas.

Ela morde o lábio pensativamente.

— É por isso que vou ter um trabalho que possa fazer de qualquer lugar.

A vida deveria ser fácil.

— Então, você está bem? — pergunto, me inclinando para acariciar a cadela. — Depois de tudo que rolou hoje?

— Tudo?

Eu me endireitei e encontrei seu olhar indagador.

— É... casar e tudo mais. — Eu nem sei o que quero dizer com *tudo mais*.

— Estou bem com tudo — ela responde. — Você está?

— Estou.

Skylar está me observando novamente, daquela maneira indescritível que ela faz, e eu sinto que deveria sair de seu quarto antes de acabar fazendo algo estúpido — como beijá-la ou bagunçar seus cabelos de novo.

— Bem, vou cair na cama — eu digo. — Parece que vou dormir sozinho, já que todo mundo está se acomodando aqui.

— Ah, você quer dormir aqui também? — ela pergunta, então seus olhos se arregalam e ela rapidamente diz: — Estou brincando.

Rindo, balanço a cabeça e me aproximo da porta.

— Nesse caso, eu me despeço dando boa noite.

Mas, uma vez que estou de volta ao meu quarto, tenho de admitir, é uma droga estar sozinho quando há uma festa de chamego

acontecendo no final do corredor.

Capítulo

17

Skylar

— Você se sente diferente? — Megan pergunta. É domingo, um dia depois da cerimônia, e estamos sentadas na minha cama fazendo nossas unhas com um kit de gel que ela trouxe.

— Por que eu me sentiria diferente?

— Porque você está *casada*.

Reviro os olhos.

— Não conta. Nada está diferente.

Mas está. Não sei explicar. De repente, sinto um vínculo com Jude. Como se algum fio invisível nos unisse.

— Isso é diferente — diz ela. — Eu posso finalmente vir na sua casa para ficar com você.

— É verdade. Estou feliz por isso.

— Eu também. Quem teria pensado que você estaria morando em uma casa legal, casada com um cara gostoso? Este é o seu ano. Acho que coisas boas estão finalmente acontecendo com você.

Espero que ela esteja certa.

— Jude e eu somos colegas de casa, Meg. Pare de dizer casada. E não conte a ninguém na escola. Nem mesmo ao Erik.

— Eu prometi a você que não iria contar. Não se preocupe.

Eu quero acreditar nela, mas Megan gosta de falar, e eu tenho medo que ela dê um deslize e conte pra alguém, ou pra todo mundo, sobre a minha situação. Aquelas vadias metidas nunca vão calar a boca se descobrirem.

— Como estão as coisas com Erik? — pergunto.

É fofo como só de mencionar o nome dele ela já abre um sorriso..

— Ele é *tão* doce, Sky. Eu juro, eu não consigo me cansar dele. Eu quase não vim hoje porque eu queria sair com ele.

— Nossa, obrigada — eu digo, alinhando os frascos de esmalte.

— Não foi isso que eu quis dizer. Você sabe que eu amo estar com você. Estou aqui, não estou? Só estou dizendo que realmente gosto de estar com ele. Ele me faz rir. Ele não é um idiota, sabe? Realmente gosta de mim. Me leva para jantar. Se preocupa comigo. É um namorado *de verdade*, não como aqueles outros que eu namorei que só saíam comigo aleatoriamente.

— Eu achei que você tinha dito que só queria algo divertido, não? Lembra que você disse que não queria que ele se apaixonasse por você?

— Eu disse isso, não disse? — Ela sorri sorrateiramente. — Acho que mudei de ideia.

— Meg... você está se apaixonando por ele?

Suas bochechas ficam rosadas, e é adorável.

— Acho que sim.

— Oh, meu Deus — digo, feliz. — Você já disse isso pra ele? Ele também sente isso?

Ela balança a cabeça.

— Ainda não, mas tenho certeza de que nós dois estamos sentindo isso.

— Isso é incrível. No ano passado, você pensava que ele era um nerd, e agora olha só.

— Né? A vida é tão bizarra.

Concordando com a cabeça, deslizo a mão sob a luz UV, esperando que seja seguro. Fico um pouco desconfiada com as coisas que Megan compra na internet.

— Temos que encontrar alguém pra você, pra podermos ter um encontro duplo. Lembra quando éramos pequenas, a gente sempre quis crescer e ter um encontro duplo? Erik e eu estávamos conversando sobre o amigo dele, Carson. Ele é um pouco estranho, mas pode ser divertido para você.

Eu torço o nariz e estremeço por dentro.

— Eu não vou namorar alguém chamado Carson.

— Por que não? Ele é fofo... de uma forma estranha.

Legal. Soa como um garanhão.

— Porque Carson é sobrenome — eu respondo. — Isso nem é um nome, são duas coisas grudadas. Carro e som.

Ela me dá uma cara frustrada.

— É só o nome dele, Skylar.

— Eu não gosto.

Soltando um suspiro, ela raspa um cantinho em sua unha.

— Você é tão estranha. Você foca nas coisas mais estranhas.

— O que você quer dizer? — digo, sorrindo.

— É fofo, mas você está limitando suas opções. Você não pode ser tão exigente com comida e homens. Você vai ficar com fome e solteira para sempre.

— Eu não sou exigente com comida, Meg — eu digo defensivamente. — Homens, sim. Mas não com comida. É diferente.

Seus ombros caem.

— Sinto muito, não quis dizer isso. Eu sei que você não pode evitar o lance da comida. Você está melhorando, no entanto. Estou tão orgulhosa de você por comer esse biscoito.

Mais cedo, comemos os dois últimos biscoitos de casamento antes de subirmos com as coisas para unhas.

— Gosto da minha terapeuta. É como falar com um amigo em vez de um médico. Eu só a vi algumas vezes, mas já acho que ela está me ajudando. Falamos sobre tudo, não só sobre o meu distúrbio alimentar.

Eu não estou pronta para dizer a Megan que estou tomando um antidepressivo. Só a palavra já me deixa desconfortável. *Antidepressivo*. Não estou deprimida. Estou feliz e tenho objetivos. Não é como se eu estivesse escondida no quarto o dia todo, me recusando a sair, querendo não existir.

— O que a terapeuta pensa sobre você se casar pelo plano de saúde?

Deus. Parece tão ruim quando a gente fala assim. Isso me faz parecer que estou envolvida em um golpe, ou como se eu estivesse usando o Jude.

— Eu não quis contar a ela no começo, mas a única maneira de ela me ajudar é se eu for honesta sobre tudo. Vi que ela ficou chocada, mas não é o trabalho dela me julgar. E, antes de tudo, se não fosse pelo Jude, eu nem poderia ter as sessões com ela.

Como ainda não estou no plano de Jude, paguei em dinheiro as primeiras sessões. Mas se eu tivesse de fazer terapia a longo prazo sem o plano de saúde, ficaria quebrada em um mês e teria de parar.

— É verdade — diz Megan. — É só uma situação muito estranha.

— E é por isso que eu só quero que quem de fato *precisa* saber, saiba. Eu não preciso que as pessoas me julguem.

— Eu entendi, amiga. Não se preocupe. — Ela olha para as

minhas mãos. — Eu gostei mais da sua cor. Por que você me deixou pintar com esse azul elétrico?

Eu escolhi uma cor bonita de outono, meio coral. Ela escolheu um azul fluorescente.

— Como se você fosse me ouvir, né? — eu provoco.

Ela ri.

— Você me conhece tão bem. Acho que vou lidar com isso. Estou com muita preguiça pra fazer tudo de novo.

Quando terminamos com as unhas, limpamos tudo e sentamos no chão, fofocando sobre os nossos reality shows favoritos. Tenho de admitir que fiquei viciada no drama deles.

Especialmente os de relacionamento.

— Você quer ver as fotos da cerimônia? — pergunto, depois de ter debatido na minha cabeça durante pelo menos dez minutos. Acabamos de ter uma enorme discussão sobre *Married at First Sight* e como deve ser estranho casar com uma pessoa que você nem conhece, então me parece apropriado mostrar.

— Você tem fotos e ainda não me mostrou? — diz ela. — Somos mesmo melhores amigas?

Rindo, pego meu celular e mostro a primeira foto minha com Jude, um ao lado do outro. Eu editei todas as fotos ontem à noite, e agora elas parecem realmente bonitas e encantadoras.

— Ah, olha como você está fofa! — Megan diz. — Essa saia é um arraso!

— Obrigada. — Eu passo para a próxima foto, e ela pega o celular da minha mão, ampliando a foto com os dedos.

— Espera... vocês dois estão *se beijando*?

— Foi só um selinho rápido. A celebrante pediu. Ela não sabe que é uma farsa, então fizemos só para ter certeza de que parecia tudo legítimo.

— Hum, parece *muito* legítimo. E olhe para os seus pés todos sensuais naqueles saltos, garota!

— Nunca mais vou usar. Quase quebrei o pescoço.

— Mas aquela mão na bochecha... Nossaaaaaaa. Essas tatuagens. Puta que pariu. Meus ovários estão explodindo.

— Né? — digo, pegando o celular de volta para olhar para elas pela quinquagésima vez. Carol nos pegou em alguns momentos perfeitos em várias fotos. Jude e eu olhando nos olhos um do outro. Nossos lábios se tocando. Seu polegar na minha bochecha.

Deus. Nós parecemos verdadeiros recém-casados. Naquele momento, eu me senti como uma noiva mesmo. As imagens podem ser

tão enganosas.

Droga, essa coisa toda de *beijar a noiva*! Uma caixa de pandora foi aberta.

— Você está deslumbrante — comenta Megan. — Não estou surpresa que ele não tenha conseguido manter as mãos longe de você.

— As mãos dele *não* estavam em mim.

— Vou tentar convencer Erik a fazer algumas tatuagens depois da formatura. Essa porra é sexy pra caramba.

Concordo. Jude me atiçou totalmente com as tattoos. Como Megan, eu adoraria sair com um cara que tivesse algumas.

— Então você acha que vocês ainda vão estar juntos? — pergunto.

Seu sorriso desvanece, e seus olhos se estreitam para mim. Eu gostaria de não ter dito isso.

— Por que não estaríamos?

— Você nunca namorou ninguém por mais de três meses. Eu achei que você não queria algo sério...

— Há alguns minutos eu literalmente te disse que o amo.

— Eu sei, eu só não percebi que você queria dizer amor, amor. Tipo, amor a longo prazo.

— Dã. Que outro tipo de amor existe?

Muitos, na verdade. Mas somos apenas garotas do ensino médio. Alguma de nós sabe o que *o amor*, *amor* realmente é?

Capítulo

18

Jude

— Como foi o seu passeio? Engoliu algum inseto? — Skylar pergunta assim que sai de seu carro e sobe a calçada. Acabei de chegar em casa depois de finalmente ter um sábado livre para andar na minha Harley durante o dia. Ela me observa enquanto eu abro a porta da garagem e empurro minha motocicleta para dentro.

— Foi bom. Nenhum inseto voou na minha boca dessa vez. Como foi o trabalho?

— Cheio — ela responde. — Não estou acostumada a trabalhar aos sábados.

Eu puxo minha camiseta e a uso para limpar o suor da testa e do rosto. Percebo como seus lábios se entreabrem levemente enquanto seus olhos se fixam no meu peito, depois deslizam até o meu abdômen. Eu não tenho moral alguma para falar. Meu próprio olhar foi atraído como um ímã para sua barriga nua, exposta por uma blusa fina e branca amarrada logo acima de seu umbigo — e o fino anel de prata que passa pela carne delicada. O sol brilha em uma pedra azul-turquesa — da mesma cor de seus olhos — presa ao piercing do umbigo.

Porra. Ela poderia facilmente ser uma modelo. Cabelos loiros bagunçados, pernas longas e bronzeadas, barriga lisa, lábios rosados e cheios brilhando com gloss, jeans rasgados e botas de cowboy. Aqueles olhos de oceano — sempre uma miríade de emoções — deslumbrantes em um minuto, cheios de alma no outro. E, porra, aquela merda de sorriso. Minha curva favorita.

Eu afasto os olhos quando me lembro que essa perfeição está toda envolta em uma menina de dezoito anos de idade.

Essa garota vai acabar comigo.

— Estava quente pra caralho hoje — eu digo, esvaziando meus alforjes.

Ela passa os dedos sobre o desenho da cabeça do lobo aerógrafo no tanque de gasolina e, em seguida, os desliza para baixo, até o assento desgastado. Sua palma se achata sobre o couro como se ela estivesse acariciando. O ciúme desconhecido me queima, desejando que o toque fosse em mim.

— Eu nunca andei em uma motocicleta antes — diz ela melancolicamente. — Talvez um dia eu possa ir com você, né?

A oferta é tentadora.

Muito tentadora.

Não. Eu não confio em mim mesmo para ficar preso entre suas coxas, com suas mãos em torno da minha cintura por horas a fio, enquanto estamos subindo as montanhas sem nada — e ninguém — ao nosso redor, a não ser árvores e céu azul.

Esse calor discreto e alimentado por flertes entre nós me deixou excitado. Já se passaram duas semanas desde o beijo no dia do casamento, e a lembrança ainda invade meus pensamentos quando estou sozinho à noite.

Jogando minha camisa por cima do ombro, eu pisco para ela.

— Você não é grande o suficiente para sentar aqui, Sparkles.

Um sorriso de flerte toca em seus lábios.

— Você está falando sobre a moto ou sobre você? Porque eu acho que posso lidar com os dois.

Oof.

Rindo, balanço a cabeça.

— Acho que pedi por essa, não pedi?

— Você com certeza pediu.

— Você comeu? — pergunto, mudando rapidamente de assunto.
— Vou tomar um banho e fazer um sanduíche rápido antes de sair para encontrar Kyle.

Ela acena com a cabeça.

— Eu tomei sopa mais cedo com a Rebecca.

— Vou chegar em casa tarde — digo quando saímos da garagem. Eu fecho a porta atrás da gente e a tranco.

— Eu estarei maratonando *Outlander*, então provavelmente ainda estarei acordada.

— Mais homens em kilts?

— Sabe como é. — Ela olha de lado para mim. — Talvez você devesse usar um. Tem pernas bonitas.

— Eu não acho que você conseguiria lidar com isso.

Ela sorri enquanto caminhamos até a casa, e eu destranco a porta da frente, abrindo para deixá-la entrar primeiro.

Somos recebidos por Cassie e Gus com caudas abanando e miados alegres.

— Gus parece estar lentamente se transformando em um cachorro — diz ela. — Viu como ela corre para a porta agora quando chegamos em casa?

— É ainda melhor quando *eu* chego em casa: vocês três vêm correndo para me ver.

Ela soca meu braço brincando.

— Cala a boca. Não é para ver você, eu só fico animada com uma porta da frente que as pessoas realmente podem entrar e sair.

— Mente que nem sente.

— Quer que eu faça seu sanduíche? — ela pergunta enquanto subo as escadas.

— Acha que precisa perguntar?

Para alguém que tem medo de comer um monte de comidas, ela faz um sanduíche de peru grelhado e queijo suíço no pão de centeio como ninguém.



O Possum's Den é um pequeno bar conhecido pela decoração com criaturas taxidermizadas, mais notavelmente um gambá estrábico empoleirado em uma prateleira atrás do bar, que já foi o animal de estimação do proprietário.

Eles também servem um hambúrguer com recheio de queijo matador em um pão torrado com ketchup balsâmico caseiro.

Eu estaria comendo isso agora se não tivesse comido aquele sanduíche de peru que Skylar fez pra mim.

— Mó tempão que tu não aparece. — Kyle dá um tapa nas minhas costas depois que eu atravesso a multidão até o nosso lugar habitual, nos fundos.

— Antes tarde do que nunca, né? — Eu avalio o lugar, que está mais cheio do que o usual, mesmo para um sábado à noite. — Eles estão dando cerveja de graça ou algo assim?

Ele encolhe os ombros e me joga um taco de sinuca.

— Os garotos da faculdade estão comemorando alguma coisa

esportiva. As garotas são gostosas e estarão bêbadas em breve.

Desde que a noiva de Kyle o abandonou, ele tem arado metade da população feminina da cidade como um cortador de grama.

Enquanto ele organiza as bolas, eu sinalizo ao barman uma cerveja e passo giz no meu taco.

— Você rodou de moto hoje? — Kyle pergunta.

Balançando a cabeça, inclino-me sobre a mesa e dou uma tacada.

— Você deveria ter vindo comigo. Dei uma volta de umas cem milhas. Provavelmente a última chance que terei pelos próximos meses.

— Meu cabo de embreagem ainda está quebrado.

Dou um gole na cerveja e a coloco de volta na mesa, olhando para cima e encontrando uma ruiva observando cada movimento meu sem fazer esforço para esconder. Eu faço um inventário visual rápido. Sorriso bonito. Vinte e poucos com maquiagem, trinta e poucos sem. Saia curta. Salto alto. Cabelos ruivos em espiral até a cintura. Correntes finas de ouro sobre um decote generoso de uma blusa de gola em V bem justa. Delineador preto grosso.

Eu posso estar interessado.

Mantendo o contato visual, ela se aproxima, com um coquetel na mão.

— Eu amei suas tatuagens — ela fala alto, pegando em meu bíceps. Eu observo sua mão se mover sobre o meu braço, em seguida levanto o meu olhar para encontrar o dela.

— Qual é o seu nome, ruiva?

Ela inclina a cabeça para o lado e coloca os lábios em torno de seu canudo, sugando o líquido rosa-vivo de uma taça, antes de responder.

— Eu me chamo Jolie — diz ela.

— Ei, Lucky, sua vez, cara — Kyle grita.

Os olhos castanhos da menina se arregalam, e um sorriso provocante dança em seus lábios.

— Seu nome é Lucky?

Eu balanço a cabeça.

Sua mão valsa pelo meu braço, por baixo da manga da minha camiseta, arrastando suas longas unhas sobre a minha pele como uma ave de rapina.

Ela se inclina mais para perto. Perto o suficiente para que sua respiração faça cócegas no meu ouvido. Seu perfume invade meus sentidos, mas não é um cheiro que eu goste.

— Quer se dar bem, Lucky? Eu sei que eu quero.

Solto uma risada e dou uma olhada entediada para ela.

— Vamos lá, ruiva. Você vai ter que fazer melhor do que isso.

Seu sorriso se transforma em uma carranca decepcionada enquanto eu lentamente me afasto.

Eu volto para a mesa de bilhar, lançando um olhar por cima do ombro, para encontrá-la ainda me observando, mesmo que esteja misturada na multidão com seus amigos de novo.

Kyle olha para ela enquanto continuamos nosso jogo, tentando capturar um pouco da sua atenção. Ele falha.

A ruiva só tem olhos para mim, ao que parece.

Pegar mulheres tem sido um esporte competitivo para Kyle desde que estávamos no ensino médio. Sinceramente não me importo com qual de nós fica com a garota. Não é tão importante para mim ir pra cama todos os fins de semana.

Ele, por outro lado, precisa sair com uma mulher diferente a cada semana.

Quando terminamos nosso jogo, Jolie e uma amiga loira se aproximam de nós e se separam rapidamente — a loira se desviando para Kyle e a ruiva se aproximando de mim.

— Você vai me dizer seu nome agora, bonitão? — ela pergunta.

Eu termino minha bebida.

— Você já sabe o meu nome.

Ela me olha com os olhos inebriados, encostando o quadril no meu.

— Algo me diz que isso é um apelido.

— Isso é tudo o que você vai saber.

Seus dedos tocam as pontas do meu cabelo.

— Você vem muito aqui? — Jolie, obviamente, não está ganhando nenhum ponto pela originalidade da conversa.

— Você está tentando me pegar ou me colocar para dormir? — pergunto, brincando. Ela ri.

— Você é difícil, não é?

— Eu poderia não ser se você não estivesse me aborrecendo, querida.

À minha esquerda, Kyle está com a língua na garganta da loira e a mão na camisa dela. Jolie os observa se beijar, depois lambe seus próprios lábios.

— Você quer sair daqui? — ela oferece. — Tem um motel no final da rua.

Teve uma época em que eu passava tantas noites naquele motel, que estou surpreso que meu nome não esteja em uma das portas em

vez de um número.

Já faz tempo. Minha mão precisa de um descanso.

Estou prestes a agarrar sua cintura e guiá-la para a porta dos fundos quando o sorriso de Skylar passa pela minha mente.

Como seus olhos brilharam quando ela me entregou o sanduíche de peru mais cedo — feito exatamente como eu gosto, com uma leve camada de mostarda picante — mesmo que a cor e o cheiro fizessem com que ela tivesse ânsia.

Eu mordo o interior da minha bochecha.

A mão de Jolie desliza até o meu pulso.

— Vamos lá — ela sussurra. — Você pode descobrir se essa é a cor natural do meu cabelo.

Solto um suspiro profundo.

— Vou ter que passar. Estou meio envolvido com alguém.

Seus lábios pressionam contra minha bochecha e ela sussurra:

— Eu não conto se você não contar.

A indiscrição escandalosa costumava me excitar.

Mas agora parece suja.

— Te vejo por aí, ruiva.

Dessa vez, eu não olho para trás quando me afasto e me dirijo ao bar. Olhando para o gambá estrábico, eu tomo um refrigerante enquanto espero Kyle voltar de seu encontro no estacionamento.

— O que tem de errado com você? — ele pergunta quando volta. — Aquela ruiva era um tesão. Eu até preferia ter ficado com ela ao invés da loira.

Nós abrimos caminho através da multidão para uma mesa pequena e privada, passando por Jolie e sua amiga, que agora estão flertando com outros dois caras. Ela sorri para mim, e eu apenas balanço a cabeça e rio.

— É, eu só não curti — eu digo quando nos sentamos.

Ele bebe seu shot de Mind Eraser e faz caretas.

— Como você pode não ter curtido?

Eu me inclino para trás na cadeira e passo os dedos na condensação do copo de vidro.

— Eu tenho que te contar uma loucura que eu fiz, cara.

— Agora você está falando minha língua.

— Não é uma história de sexo, idiota.

— Ah. — Ele tosses e se endireita. — Desculpa.

— Eu casei — desabafei.

Ele olha para mim, com o rosto congelado, depois cai na

gargalhada.

— Boa, Lucky. Essa porra nem é engraçada.

— Eu estou falando sério. — Dou um olhar inexpressivo, e ele lentamente para de rir.

— Espera... vamos lá. — Ele pisca, esperando que eu admita que estou brincando. — Você está *falando sério*?

— Estou.

— Vamos começar pela porra do começo. Com *quem*?

De manhã, eu provavelmente vou me arrepender de abrir tudo para Kyle, mas ele é meu amigo e eu sinto que preciso contar a alguém. Ele tem momentos em que não é um imbecil completo.

— Ninguém que você conheça — eu minto, decidindo não dizer a ele que é Skylar. Ele não precisa saber que ela tem só dezoito anos.

— Então, quem é?

— Só uma garota que eu conheci. Mas não estamos juntos. Eu casei com ela porque ela estava em uma situação ruim.

— Puta merda, ela precisava de um green card?

— Não, ela mora aqui na cidade. Ela tem alguns problemas de saúde e precisava de um plano de saúde. Estava vivendo em uma situação muito ruim e instável, então eu disse... por que não? Vou ajudar.

Ele agarra a borda da mesa.

— Você perdeu a cabeça, cara? Você odeia a ideia de casamento.

— Eu sei, mas não é real. É só um acordo. No papel.

Ele me olha e toma sua cerveja.

— Vou precisar de outro shot.

— Eu acho que você bebeu o suficiente.

— Deixa ver se eu entendi bem. Você se casou com uma garota só para dar a ela um plano de saúde. E agora ela está morando na sua casa?

Aceno com a cabeça.

— É basicamente isso.

— Ela é feia? Ela tem que ser feia.

Minha mandíbula se aperta.

— Não, ela é gostosa. Ela é linda.

— Ela é uma dessas interesseiras?

— Não, imbecil.

— É melhor ela não estar envolvida com um psicopata. Você não quer entrar numa merda dessas, cara.

— Ela não está envolvida com ninguém. Ela é apenas uma garota

legal e normal que a vida continuou maltratando.

— Ela pelo menos deixa você tirar uma casquinha?

— Eu sei que este pode ser um conceito difícil para você, mas eu realmente não penso com o meu pau toda hora.

Ele olha para mim como se eu tivesse dez cabeças.

— Teve festa? Você nem me convidou? Eu não deveria ter sido seu padrinho?

— Não teve. Só uma cerimônia privada.

— Essa porra é uma maluquice, cara.

Encolho os ombros.

— Eu queria fazer algo de bom para alguém. É uma sensação boa. Minha seriedade o deixa um pouco sóbrio.

— Então, como isso funciona? Ela tem um quarto dela?

— Sim, tem. Ela está no antigo quarto de Erin.

— Quanto tempo isso deve durar? Para sempre?

— Não, talvez um ano. Então a gente se divorcia, e ela se muda. Isso é tudo. É só uma coisa temporária.

Seus olhos piscam rapidamente com confusão.

— Eu nunca esperaria isso de você, cara. Minha mente está a mil.

— Ele faz um som de explosão.

— Sim, a minha também.

— É por isso que você não transou com aquela ruiva gostosa? Você está sentindo algum tipo de culpa conjugal deslocada ou alguma merda dessas?

Sim.

Não faz o menor sentido. Nós não somos realmente casados. Não estamos nem namorando. Eu sou livre para enfiar meu pau em qualquer coisa que eu quiser.

E, mesmo assim, eu não quero.

Faço uma pausa antes de negar.

— Sei lá. Talvez — respondo. — Aquela garota só estava atraída pelas minhas tatuagens.

— E? Quem liga?

Meu celular vibra no bolso e eu o puxo, vendo uma mensagem de Skylar. É uma foto de Cassie e Gus aconchegadas juntas no sofá.

Skylar: MDS, olha como elas são fofas. Elas se amam!

Sorrindo, digito uma resposta rápida.

Eu: Muito fofas. Como estão os homens com kilts?

Skylar: Sensuais. Como está a sinuca? Você conseguiu colocar as bolas nos buracos certos? ;-)

Eu: KKKK. Eu sempre consigo :-)-~

— Quem é? — Kyle pergunta, acenando com a cabeça em direção ao meu telefone.

— É ela.

— A esposa?

Esposa. Soa estranho pra caralho.

— Sim.

Seus olhos se estreitam enquanto eu enfio o celular de volta no bolso.

— Você gosta dela, não gosta?

— Claro que eu gosto dela.

— Não, quero dizer que você *gosta* dela. Dá pra perceber. Você nunca sorri assim. — Merda. É realmente tão óbvio assim?

— Eu sempre sorrio, porra — digo defensivamente. — E ela é apenas uma amiga.

— Posso conhecê-la?

— Eu não acho que ela está pronta para você — eu digo. — Talvez um dia.

Algo roça contra o meu ombro, e eu olho para cima. Jolie passa por nossa mesa a caminho dos banheiros. Kyle se abaixa e pega um pequeno pedaço de um guardanapo no chão.

Ele analisa e depois joga do outro lado da mesa para mim.

— É o número dela.

— Dela quem?

— A ruiva. Acho que ela tentou deixar cair na mesa, mas a bêbada errou. — Eu bufo e jogo de volta para ele.

— Guarda. Não estou interessado.

Ele dobra e o coloca na carteira.

— Vou guardar. Vou fazer algumas tatuagens falsas. Ela vai ficar em cima de mim como moscas na merda.

Bocejando, estendo os braços e dobro o pescoço.

— É melhor eu ir. Minhas costas estão me matando.

— Ir? — repete, apoiando os braços sobre a mesa. — Ainda tá cedo. Vamos beber uns shots, pegar algumas garotas aqui e fazer uma despedida de solteiro atrasada.

Em pé, puxo minha jaqueta de couro e ajeito a gola.

— Dois drinques é o meu limite agora. Você vai ficar bem para voltar pra casa? Eu posso te dar uma carona...

— Eu não estou tão bêbado. Vou ficar bem.

Ele está menos bêbado do que o normal. A multidão diminuiu, e a festa da faculdade parece ter caminhado para um lugar mais emocionante. Tenho certeza de que, quando eu sair, Kyle ficará entediado e voltará para casa.

Eu aperto o ombro dele.

— Te vejo segunda de manhã. Não fique de ressaca.



— Esse é o seu conceito de tarde? — Skylar diz, olhando para o relógio na parede da sala de estar quando chego em casa. — Ainda é meia-noite.

— Acho que andar no calor o dia todo me deixou cansado. — Seus olhos se fixam em mim.

— O que é isso no seu rosto?

— Onde?

— Na bochecha.

Eu estendo a mão e esfrego a lateral do meu rosto.

— O outro lado — diz ela, estreitando os olhos como uma águia. — Isso é batom?

Eu me encolho e passo a mão do outro lado do rosto.

— Sim, uma garota me beijou. — Ela aperta os olhos para mim curiosamente.

— Uma garota chegou em você e colou os lábios no seu rosto?

— Basicamente, sim.

Ela coça a cabeça.

— Isso acontece com frequência? — Eu lhe dou um sorriso.

— Não o suficiente.

— É uma cor brega. Não à toa você veio pra casa — brinca. — Você quer assistir um pouco de televisão comigo?

— Você ainda está assistindo Highlander?

— *Outlander*. É muito tragicamente romântico e bom. Eles estão meio que em um casamento arranjado também.

Espero que a série não esteja dando a ela ideias malucas. Nossa história não vai terminar tragicamente boa ou romântica. Vai acabar

de forma simples e sem clímax.

Ela vai seguir o caminho dela.

Eu vou seguir o meu.

Simples.

Tento ignorar o fato de que, se fosse simples, eu não teria recusado sexo com uma mulher gostosa porque eu não conseguia parar de pensar na minha falsa esposa de dezoito anos.

Não é bom.

Não é nada bom.

— Acho que vou para a cama — respondo.

A decepção passa por seu rosto e desaparece com a mesma rapidez.

— Tudo bem. Boa noite, Lucky.

— Boa.

— Cuidado com beijos aleatórios no caminho — brinca.

A primeira coisa que faço quando chego ao meu quarto é esfregar a porra do rosto.

Capítulo

19

Skylar

Estou fazendo pilates no quarto quando o celular toca com uma mensagem.

Jude: Você pode descer no porão?

Eu: Isso não é nada assustador, disse *ninguém*.

Jude: Só desce aqui. Calce sapatos com solas de borracha.

Eu: Continua sendo assustador.

Jude: Pare de ser uma esposa ruim ;-)

Rindo de sua piadinha, enrolo meu tapete de pilates, calço os tênis e desço.

O porão está inacabado e mofado. Eu raramente desço aqui, a menos que precise de algo que não tenha na grande despensa ou caso precise lavar roupa. Jude guarda suas ferramentas aqui embaixo e muitas caixas velhas e móveis antigos. A academia dele fica num canto, e ele usa o espaço várias vezes por semana.

Meus tênis rangem enquanto caminho em direção a ele no final

do porão, e só então percebo que o chão está molhado. Quando o alcanço, estamos parados em cerca de cinco centímetros de água. Ele está tirando freneticamente caixas de papelão do chão, empilhando-as em uma antiga bancada de trabalho e em paletes de madeira empilhados.

— Eita. O que está acontecendo? — pergunto.

— A bomba de sucção quebrou — ele responde, sem olhar para mim.

— O que é uma bomba de sucção?

— É tipo um aspirador que impede que o porão alague quando chove muito.

— Ah — digo, olhando para a água subindo no chão. Isso não parece bom.

— Me ajuda a mover essas coisas. Não posso deixar estragar. Tenta pegar os mais leves, se conseguir. — Rapidamente, eu pego uma velha caixa empoeirada que tem *Erin* escrito e a levo para o outro lado do local, onde ainda está seco.

Eu carrego mais duas caixas de Erin e, em seguida, ajudo a empurrar um armário de arquivo velho e uma mesa para fora da água.

— Obrigado — diz ele, passando a mão na testa. Seu cabelo comprido está grudado em seu rosto suado.

— De nada — eu respondo. — Quem é Erin? Uma ex-esposa? — Eu contei seis caixas com o nome dela, e ele estava obviamente com pressa para tirá-las primeiro.

Recuperando o fôlego, ele se inclina para trás contra a velha mesa.

— Minha irmã mais nova.

— Ah. Ela morava aqui, no meu quarto?

— Sim.

Eu me pergunto por que Erin não levou suas coisas quando se mudou.

— Quantos anos ela tem? — pergunto curiosamente.

Ele levanta a bainha de sua camiseta e enxuga o rosto com ela, deixando seu abdômen em plena exibição.

Santo Deus.

Minha boca de repente ficou mais seca do que o Saara. Engolindo em seco, tiro meus olhos de seu tanquinho de oito gomos.

— Espero que ela tenha vinte e seis anos — diz ele.

— Espera?

— É uma longa, longa história, Sparkles. Eu tenho que correr até a loja de ferragens, comprar uma nova bomba de sucção e limpar essa

bagunça. Meu sábado inteiro foi pro caralho.

— Eu posso ir com você — sugiro timidamente. — Você pode me contar sobre ela no caminho. Te ajudo quando voltarmos.

Sua atenção se desloca para a poça crescente no chão. Eu me pergunto se ultrapassei o limite de colegas de casa de alguma forma. Estamos casados há quatro semanas e estamos praticamente mantendo distância um do outro, exceto na hora do jantar e quando assistimos a algum programa de televisão juntos.

— Ou eu poderia tirar a água enquanto você vai lá — eu digo, preenchendo o silêncio. — Não vou deixar você fazer tudo sozinho. Eu moro aqui também.

Ele finalmente levanta o olhar. As linhas finas ao redor de seus olhos estão mais profundas. Seus olhos, um pouco vermelhos de exaustão e derrota.

— Você pode vir, se quiser — diz ele.

O silêncio paira entre nós nos primeiros minutos da viagem até a loja de ferragens. Lembro do dia em que nos conhecemos, quando ele me deu uma carona para casa.

Eu não tinha ideia de que Jude mudaria toda a minha vida.

Estou prestes a trazer isso à tona quando ele começa a falar com uma voz baixa e assombrada:

— Erin era minha irmã mais nova.

Ele me conta tudo sobre como ela simplesmente um dia desapareceu. Como ele a procurou por semanas e como a polícia finalmente assumiu que ela tinha fugido ou morrido.

Horrorizada, eu escuto. Erin tinha apenas dezesseis anos. Dois anos mais nova do que eu. Desapareceu sem deixar vestígios ou pistas além de uma mensagem estranha. A voz de Jude falha de emoção, e é de partir o coração. Ele acredita que ela morreu porque não era do tipo de pessoa que fugiria. Eles eram próximos — ela nunca o deixaria sem dizer adeus ou manter contato, especialmente depois de todo esse tempo. Mas a história não termina aí. Ele continua me contando sobre sua mãe e a luta contra o câncer, sua recuperação e a maneira como ela se afastou — deixando-o com uma casa cheia de lembranças e pouco mais do que um telefonema ocasional e alguns cartões de aniversário e festas desde então. Eu sabia que Jude passou por problemas com drogas e álcool quando era mais novo, mas não percebi que tinha a ver com tudo o que acabou de me contar. Isso mudou o que eu pensava sobre seu abuso de substâncias ser algo imprudente e rebelde; era o que amortecia sua dor.

Eu estendo a mão do outro lado da caminhonete e coloco sobre a dele.

— Sinto muito — eu digo, minha voz tensa. — É... horrível.

Eu não posso acreditar que uma menina possa desaparecer assim. Para onde ela foi? O que aconteceu com ela? O desconhecimento e a falta de um encerramento me deixariam louca. Meu pai basicamente desapareceu da minha vida, mas eu sei que ele está em algum lugar vivendo uma nova vida — apenas sem mim. Mas em uma situação como a de Jude, eu *precisaria* de respostas. Não consigo imaginar como ele se sente.

Jude assente e separa os dedos, convidando os meus a se entrelaçarem aos dele. A maneira como ele aperta meus dedos finos entre os dele cria um calor aconchegante. É aquela conexão sutil e não verbal — um abraço de mão.

Ficamos assim — mãos entrelaçadas — até chegarmos à loja de ferragens. Enquanto fazemos compras, não consigo parar de pensar na irmã desaparecida dele e na maneira como meu peito se aperta ao lembrar da dor em sua voz. Gosto de pensar que segurar minha mão o confortou. Quando o conheci pela primeira vez, não o teria rotulado como afetuoso e vulnerável, mas estou lentamente vendo que, debaixo desse exterior rude, se esconde um animal totalmente diferente.



Levamos horas para secar o porão. Usar o aspirador para sugar a água é estranhamente satisfatório, na verdade. Jude mergulhou em um estado de frustração, desabafando sobre casas antigas e os perigos dos esporos de mofo.

— Vou esfregar com água sanitária — diz ele quando secamos toda a água. — Por que você não sobe? O cheiro vai te dar dor de cabeça.

— E você? — pergunto.

— Já estou com dor de cabeça. Eu tenho uma máscara, não é grande coisa.

— Você tem certeza?

Ele me dá um sorriso cansado.

— Tenho certeza. Você ajudou muito. Eu subo daqui a pouco.

Relutantemente, subo as escadas para alimentar os animais e tomar um banho quente. Fiquei suada e pegajosa o dia todo, e meus pés ficaram molhados e frios por horas. Envolta em um roupão macio de algodão, sento na cama e seco o cabelo com uma toalha. Meu estômago ronca, me lembrando de que eu não comi hoje — algo com

o qual ainda estou lutando.

Mais cedo, Jude parou em um fast-food voltando da loja de ferragens, e eu congelei quando chegou a hora de pedir. Eu queria um pãozinho. Todas as fotos de comida no menu brilhante no drive-thru me sobrecarregaram e me deixaram enjoada. Tanta coisa escorrendo em hambúrgueres e saladas. Uma fila de carros se acumulou atrás de nós, me pressionando a decidir rápido, sem tempo para analisar os ingredientes.

Jude estava frustrado e com razão. Estava tendo um dia de merda e estava estressado com a casa. Ele arriscou e pediu batatas fritas pra mim, mas estavam encharcadas e me deixaram com uma sensação estranha na língua. Tive ânsia e cuspi, depois recusei sua oferta de metade de seu pão de hambúrguer.

Ele até ofereceu me dar a parte de cima do pão, só para que eu comesse. Quão doce é isso? E agora eu me sinto uma vaca porque neguei. Ele provavelmente acha que eu sou uma mimada ingrata.

Hoje foi o que eu chamo de um dia ruim de comida. Eu anotei isso no meu aplicativo de diário para que eu possa discutir com minha terapeuta e nutricionista na próxima semana.

— Ei.

Sua voz me assusta, e eu quase deixo meu celular cair quando olho para a porta. Ele está segurando um prato de torradas com canela, com aquele maldito sorriso no rosto.

Torrada ainda é pão, mas é o que eu considero como pão *enriquecido*.

— Eu pensei que você poderia querer alguma coisa — diz ele, que é sua maneira educada de dizer que *é melhor você comer*.

Ele tenta. Ele realmente tenta.

— Lucky... você não tem que me alimentar — eu digo, tirando o prato dele.

— Você trabalhou duro hoje me ajudando.

— Eu moro aqui. Eu deveria ajudar quando alguma porcaria quebrar. Você não precisa me agradecer ou me fazer um jantar.

— É torrada, não um banquete.

Eu dou uma mordida e mastigo devagar. Ele continua na minha porta. Jude nunca entra por completo, a menos que peça primeiro ou eu convide. Espirro e esfrego o nariz.

— Porra. Eu estou sentindo o cheiro da água sanitária em você. Você tem que trocar de roupa ou tomar banho e lavar a cabeça para não ficar doente.

— Sim, vou tomar banho. — Ele esfrega as mãos. — São só oito horas; você quer Netflix and chill depois que eu tomar banho?

Eu engasgo com a torrada.

— Hum, eu não acho que isso significa o que você acha que significa.

Seu rosto fica em branco com confusão.

— O quê? Assistir um filme e relaxar depois de um dia foda?

— Parece ótimo, mas não é isso que Netflix and chill significa.

— O que significa?

Lambo manteiga na ponta dos dedos.

— É basicamente uma gíria para se encontrar e foder.

Ele empalidece.

— Sério?

— Sim.

Ele levanta as mãos defensivamente.

— Eu só quero assistir um filme. Nada de sexo envolvido.

Uma leve sensação de decepção puxa minha boca para baixo, e eu rapidamente tento esconder dando outra mordida na torrada. Como ele faz isso comigo? Eu só quero que sejamos amigos, mas, de alguma forma, continuo entrando neste lugar estranho e desconhecido de ter borboletas no estômago, conversas embaraçosas e batimentos cardíacos acelerados.

— Não se preocupe — eu digo. — Eu não achei que você estivesse tentando ficar comigo.

— Ótimo. Se eu quisesse, eu não seria tão sem graça a ponto de usar um filme como desculpa pra te pegar. — Eu pisco para ele. — Não que eu estivesse tentando te pegar — diz ele rapidamente. — Ou transar com você.

— Hum, obrigada?

— Calma, é porque eu não gosto de você desse jeito.

— Você quer uma pá, Lucky? Você está indo muito fundo.

— Só estou dizendo que não faria isso. Quero dizer, você é bonita, mas...

— Você está sendo um marido *muito* ruim — interrompo, usando nossa pequena piada interna. Não me lembro como ou quando começamos a provocar um ao outro sobre ser um mau cônjuge, mas em momentos como este, isso quebra o constrangimento.

Eu sorrio enquanto ele enfia a mão no cabelo bagunçado.

— Estarei na sala em cerca de uma hora. Se você quiser assistir a um filme e me impressionar com sua capacidade de não comer pipoca quentinha e amanteigada, seria ótimo.

Depois que ele sai, pego meu celular e mando uma mensagem para Megan.

Eu: Mudança de planos, não consigo sair hoje à noite.

Megan: Mas Carson ia vir aqui. Eu queria que você ficasse com ele.

Eu: Me desculpe. Não estou me sentindo bem. Talvez outra vez?

Megan: Claro! Fica bem! Bj

Netflixing e não-chilling com Jude soa muito mais divertido do que suportar um encontro não tão aleatório. De qualquer forma, sou casada agora. Eu deveria namorar? Isso não é um carma ruim, mesmo que não seja um casamento *real*?

Capítulo

20

Jude

Acabo de me acomodar no sofá com uma tigela de pipoca no colo e a cadela aos meus pés quando Skylar se junta a mim, vestindo um moletom branco e calça de lã indo até os pés, com estampa de sinais de paz.

Rindo, balanço a cabeça e coloco pipoca na boca.

— Você não ria das minhas calças — diz ela, sentando em seu lugar habitual: a poltrona reclinável a poucos metros do sofá. — Meus pés estavam congelando por causa de toda aquela água.

— Suas roupas nunca decepcionam.

— Você está com inveja porque meus pés estão quentinhos e aconchegados.

— Não é mentira — eu digo.

— Você já escolheu um filme? — ela pergunta, juntando o cabelo em um rabo de cavalo bagunçado e prendendo com o elástico branco que tinha no pulso.

— Eu estava esperando para ver se você ia descer.

— Eu senti que era necessário demorar, depois da sua cantada mal colocada.

Eu pego o controle remoto e abro o menu da Netflix.

— Obviamente, eu não tento pegar uma garota há algum tempo.

— Obviamente — repete. — Falando nisso, Megan estava tentando me arrumar um encontro com um cara chamado Carson hoje. Ela o descreveu como *estranho*. Pulei fora bem rápido.

— Por quê? É sábado à noite, você deveria estar se divertindo.

— Não. Ter conversas constrangedoras com algum cara com nome de sobrenome que provavelmente só quer me deixar bêbada pra transar não é minha ideia de diversão.

Eu abafo uma risada. Eu era esse cara quando tinha dezessete anos.

— Qual é a sua ideia de diversão, então?

— Isso — ela diz simplesmente. — Relaxar com roupas confortáveis, não lidar com nenhuma falsidade, agarrar meu gato mais tarde em uma cama agradável e limpa e dormir até tarde amanhã. — Ela faz uma pausa e inclina a cabeça de forma brincalhona. — E ficar com você não é tão ruim.

Sua resposta me surpreende. A maioria das meninas da idade dela nem ferrando passaria uma noite de sábado em casa, especialmente com...

Com *quem*? O que ela pensa que eu sou? O cara mais velho com quem divide a casa? O marido falso? Eu como pipoca enquanto passo os filmes na tela. Provavelmente não quero saber como ela se refere a mim em sua cabeça e para seus amigos.

— Ooh, vamos assistir esse! — ela diz de repente, apontando animadamente para a tela. — *Quase Famosos*.

— Esse filme é velho.

— É... mas é um dos meus favoritos. Eu posso assistir mil vezes e nunca vou me cansar dele. — Sorrindo, eu seleciono o filme.

— É um dos meus favoritos também. Tem uma trilha sonora incrível.

— Põe *incrível* nisso! — ela concorda.

Quando o filme começa, coloco os pés na mesa de centro e me estico. Minhas costas e pescoço doem por ter ficado de quatro o dia todo.

Foi o que ela disse, a voz de Erin diz na minha cabeça.

— Você pode sentar aqui, você sabe — eu digo alguns minutos depois do filme começar. — Você vai conseguir ver melhor. — A poltrona reclinável fica em um ângulo estranho da televisão, fazendo com que Skylar entorte a cabeça para ver a tela. Quando eu morava aqui com minha mãe, eu odiava sentar lá. Comprei móveis novos há alguns anos, mas acabei colocando tudo exatamente no mesmo lugar. Não faço ideia do motivo, já que meu objetivo era fazer com que a casa ficasse diferente.

— Tem certeza? — pergunta, como se sentar no sofá comigo estivesse fora dos limites, mas eu tivesse concedido acesso VIP.

— Sim. — Concordo com a cabeça para a outra extremidade do sofá. — Aquele lugar é seu.

Ela atravessa a sala e aconchega a bunda com um grande sorriso no rosto.

Eu seguro a tigela para ela.

— Quer experimentar a pipoca? Ainda está quente.

Seu nariz levanta um pouco.

— Não consigo. Eu fiquei com um pedaço preso na garganta quando era pequena.

A maioria de seus medos alimentares são confusos pra caramba pra mim, mas eu não insisto no assunto. Tudo o que importa é que ela está se saindo melhor.

Não me lembro da última vez que fiquei assistindo filmes com alguém. Especialmente uma mulher. Mas desde que Skylar se mudou para cá, fazemos muito isso. Eu não percebia o quanto sentia falta de ter outra pessoa por perto. Ou ter alguém pra conversar que não seja minha cachorra.

Estou lutando contra o fato de que eu gosto de ter Skylar por perto. Muito mais do que deveria.

Quando ela está rindo, como agora, minha mente volta para aquele beijo.

Sim, o beijo que nunca deveria ter acontecido.

E o segundo beijo que nunca deveria ter acontecido.

E se eu não tiver cuidado, o terceiro beijo que não deve acontecer.

Mas não posso. Ela tem apenas dezoito anos. Não está nos meus planos. Ela está usando calças que cobrem os pés, pelo amor de Deus. Muito nova, inocente demais para se envolver com alguém como eu. As mulheres me amam até me odiarem. Eu sou um andarilho de namoro. Eu fico por um tempo, depois sigo em frente. Eu sempre fui o tipo de cara de viver o presente. O problema é que eu sou legal com elas. Eu trato bem as mulheres — não sou um idiota. Eu sou franco com onde estamos. Eu simplesmente não quero *ficar*. De alguma forma, isso piora a situação. É como se elas preferissem que eu fosse um completo idiota do que ser honesto e agradável.

Eu me inclino para trás, estendo os braços sobre a cabeça, e a dor dispara do pescoço até a base da coluna. Eu gemo e me contorço, fazendo caretas de desconforto.

— Ah, não... você machucou as costas?

— Eu tenho algumas vértebras cagadas nas costas e no pescoço. Às vezes, elas vêm à tona.

— Horrível ficar velho, hein? — ela fala brincando, mas há um lampejo de preocupação em seus olhos.

— Você não tem ideia.

Eu vasculho a pipoca, tentando encontrar uma extra amanteigada, e uma me chama a atenção por não ter manteiga.

— Olha isso. — Eu a seguro. — Parece com Cassie.

— Você está doido? — Ela ri. — É uma pipoca.

— Na verdade, não, olha. Aqui parecem pequenas orelhas, e aqui são olhos e um nariz.

Eu entrego a Skylar, e ela examina até que um grande sorriso se abre.

— Oh, meu Deus. *Parece mesmo*. Quão engraçado é isso?

— Você devia comer. Faça disso seu primeiro novo teste com pipoca.

— Hmm...

— Essa nem tem manteiga, então não está encharcada ou estranha.

— Tudo bem. Vou tentar — diz ela triunfante, enfiando na boca.

Alguns segundos depois, ela tosse, cobrindo a boca com a mão e segurando ansiosamente o braço do sofá com a outra.

— Você está bem? — pergunto.

Ela balança a cabeça rapidamente de um lado para o outro e se vira para mim com um olhar de terror.

— Está presa na minha garganta. Um pedaço.

Porra. Coloco a tigela de lado e me aproximei dela.

— Vai descer.

Seu peito sobe e desce enquanto ela engole ar.

— Não consigo respirar... Vou sufocar. — Ela está entrando em pânico bem na minha frente, à beira de hiperventilar.

— Você está falando, então consegue respirar. Não está sufocando. Só está fazendo cócegas na sua garganta. — Pego meu refrigerante e estendo para ela. — Tome um gole.

Seus olhos ficam ainda mais largos enquanto ela tosse e agarra a garganta.

— Não consigo.

Eu esqueci, ela não bebe refrigerante. Está na lista de coisas ruins.

Impotente, observo sua garganta se mover para cima e para baixo enquanto ela engole, tremendo de medo enquanto luta por ar.

Ela não está sufocando, tenho certeza disso. O pedacinho preso em sua garganta — provavelmente uma daquelas merdas de cascas de pipoca — a levou a um ataque de pânico massivo.

— Skylar, respire devagar — digo com calma. — Você não está sufocando.

— Eu não consigo engolir... — ela chora, com as bochechas avermelhadas. — Está presa.

— Vou buscar água pra você.

Corro para a cozinha para pegar uma garrafa de água, mas quando volto para a sala, ela sumiu.

— Skylar?

Sons engasgados vindos do banheiro no corredor me fazem andar até lá. A porta está entreaberta, então eu cautelosamente coloco a cabeça pra dentro. Meu coração afunda quando a encontro sentada no chão, encostada na banheira. Lágrimas estão escorrendo por suas bochechas, seu corpo tremendo incontrolavelmente enquanto ela se contorce.

Ajoelhado na frente dela, abro a garrafa de água.

Ela agarra meu braço, suas unhas cravando na minha pele em desespero.

— Estou morrendo... Não consigo respirar... — ela implora, ofegante por ar. O medo em sua voz rasga meu coração em pedaços e me arrepia.

— Skylar... baby, você está bem. Olhe para mim. — Ela levanta os olhos cheios de lágrimas e desesperados para encontrar os meus. — Você consegue respirar. Você não está morrendo, eu juro. Beba isso, ok? Prometo que vai descer.

Ofegante, ela diz:

— Eu não consigo, eu não consigo...

Mentalmente, ela está em outro lugar — não aqui comigo. Está óbvio no terror em seus olhos e nos lábios trêmulos de angústia. Ela foi arrastada de volta no tempo, dominada por uma memória de infância que não deixou ir embora.

Eu não tinha ideia de quão profundos eram seus medos, quão forte era essa força agindo sobre ela. Isso não é apenas um distúrbio alimentar. É como se um monstro a estivesse aterrorizando, ameaçando matá-la.

— Você está bem. Eu juro. — Eu seguro a garrafa em seus lábios. — Bebe um pouquinho. A água vai amolecer o pedaço, e ele vai descer.

Empurrando a garrafa para longe, ela ofega e puxa o ar.

— Vou desmaiar... Eu vou morrer...

Eu balanço a cabeça.

— Você está bem. Confie em mim. — Eu seguro a garrafa em seus lábios novamente. — Dê um gole. Eu estou aqui. Eu não vou deixar você morrer.

Ela não está nem perto de morrer. Mas ela acredita que sim. Seus demônios são reais. Ela não os deixou para trás naquele lixão que era sua casa. Eles estão bem aqui, habitando sua maldita alma, convencendo-a de que vai morrer engasgada.

Com as mãos trêmulas, ela agarra a garrafa e lentamente engole a água.

— Ainda está lá... — ela soluça desesperadamente enquanto mais lágrimas escorrem de seus olhos. Meu coração está destruído por vê-la assim. Talvez eu *devesse* levá-la a um hospital. Eu não sou capacitado para ajudar alguém em um colapso emocional sério.

— Continue bebendo — eu digo, mantendo a esperança de que possamos evitar uma viagem ao pronto-socorro. — Só mais um segundo.

Eu a observo tomar pequenos goles de água, esperando que aquela porra se desloque da garganta dela, e no momento em que isso acontece, eu vejo. Seus olhos se iluminam, seu aperto ao redor da garrafa afrouxa, e ela engole mais água.

Finalmente, ela solta um suspiro profundo e sofrido.

— Eu acho que foi — ela sussurra.

— Viu? — Eu rasgo um pouco de papel higiênico e entrego a ela. — Você está bem. — Fungando, ela enxuga o rosto e assoa o nariz.

— Jude... Me desculpa...

— Ei — interrompo. — Não se desculpe.

— Estou com tanta vergonha. — Ela esconde o rosto nas mãos. — Eu não conseguia respirar... Eu sufoquei quando era pequena... Eu fiquei com tanto medo.

— Está tudo bem.

— Não está. — Ela balança a cabeça e move as mãos para agarrar a nuca. — Eu sou um desastre. Pensei que estava melhorando.

— Você *está* melhorando. Não é uma coisa que vá se resolver da noite para o dia. Tenho certeza de que te disseram isso. — Ela acena fracamente.

— Disseram...

— Então, é normal ainda passar por coisas. Você está em terapia há menos de um mês. Seja gentil consigo mesma.

Em pé, eu estendo minha mão para ela e a ajudo a levantar.

— Jogue água no rosto, vai fazer você se sentir melhor. Vamos terminar o filme. Chega de pipoca.

Eu mordo o interior da minha bochecha e observo o rosto vermelho dela — uma mudança tão grande em comparação com o quão feliz e adorável ela estava antes.

— Eu fodi tudo. Não deveria ter pedido para você comer.

A culpa pesa em meu estômago. A culpa foi minha.

Eu sou um idiota.

— Não é sua culpa eu ter engasgado com seu cachorro-pipoca. — Um leve sorriso inclina seus lábios.

— É. Eu assumo isso. Mas, ei... — Eu toco seu queixo e levanto seu rosto. — Se eu achasse que você estava engasgando ou morrendo, de jeito nenhum ficaria parado aqui. Eu levaria você ao hospital mais rápido que um raio. Eu não deixaria nada acontecer com você.

— Eu sei — ela diz baixinho. Seu corpo ainda está tremendo como se estivesse congelando. — Já saio.

Dando espaço a ela, levo a cadela para passear no quintal e fumo um cigarro rápido enquanto olho para a lua. Ver Skylar tão assustada e amedrontada foi perturbador. Mas testemunhar isso só solidifica que eu fiz a coisa certa ao me casar com ela. Ela precisa de ajuda. Ninguém deveria passar a vida com tanto medo de comida.

Ela está me esperando na sala de estar quando volto para dentro, e ela parece incrivelmente jovem e vulnerável sentada no meio do sofá.

Sento ao lado dela.

— Está se sentindo melhor?

— Um pouco. Ainda estou tremendo um pouco e meu coração está acelerado. — Eu abro meu braço para ela.

— Vem cá — eu digo.

Ela me olha com hesitação antes de se aproximar lentamente de mim. Quando encosta em mim e apoia a cabeça no meu ombro, eu a cubro com uma manta levinha que está no encosto do sofá e coloco meu braço gentilmente ao redor dela.

— Isso faz você se sentir melhor? — pergunto baixinho.

Ela acena com a cabeça e se aconchega contra mim.

— Sim — ela diz baixinho. — Obrigada.

Só porque eu evito relacionamentos não significa que eu não entenda o poder de um abraço e de se sentir seguro com alguém. Ela está com medo, foi abandonada pela família e agora vive com um estranho.

Mostrar a ela um pouco de afeição humana não vai me matar.

Enquanto assistimos ao filme, passo suavemente minha mão em seu braço, na esperança de acalmá-la e afastar seus medos. Pelo menos por um tempo. Eu acaricio levemente a lateral de seu pescoço com as costas dos dedos, sentindo seu pulso sob o meu toque. Sua respiração abrande e seu corpo relaxa. Em algum momento no meio do filme, ela

estende a mão e segura firmemente a minha.

Não entendo por que ficamos tão confortáveis juntos. Como nós naturalmente nos encaixamos. Ou como esses pequenos toques íntimos parecem totalmente normais, e não errados ou desajeitados.

Nunca me senti assim.

Eu poderia fechar os olhos aqui mesmo e adormecer com ela em meus braços. E eu acho que eu gostaria disso. O impulso habitual de correr de qualquer tipo de intimidade não vem quando estou com ela. Eu estive esperando por isso. Talvez até provocando isso ao me permitir ter esses momentos de proximidade. Mas não vem. O que *vem* é confusão sobre por que meus sentimentos estão saindo da zona da amizade.

Eu sou tão bom com a confusão quanto com a intimidade.

Quando o filme termina, ela se senta e se vira para olhar para mim. Seus olhos azuis estão vermelhos e inchados de chorar, e seu rabo de cavalo está mais bagunçado do que antes.

Esse visual não deveria ser atraente, mas nela é. Adoravelmente.

— Você é um cara legal, Jude — ela diz suavemente.

Skylar sorri quando eu pisco para ela.

— Às vezes.

— Eu sei que você não se comprometeu com isso, mas obrigada por cuidar de mim.

— Lembro vagamente de concordar com alguma coisa sobre ser na saúde e na doença — digo com um sorriso.

— Sim, mas não eram *votos reais*.

Não.

Mas, de alguma forma, eles estão se tornando.

Capítulo

21

Jude

Estou surpreso de ver Skylar na cozinha às oito da manhã, mordiscando um croissant enquanto olha pela janela. Olhando por cima do ombro dela, vejo que o que capturou sua atenção foi um esquilo correndo no velho muro de pedra nos fundos.

— O que você está fazendo acordada tão cedo? — pergunto. — Você disse que queria dormir até tarde hoje. — Ela se afasta da janela.

— Eu queria, mas não conseguia dormir. Acho que a noite de ontem me abalou. Eu não tinha uma crise assim há um tempo. Minha terapeuta disse que isso pode acontecer quando eu comer alimentos novos. Acho que eu esperava que não fosse acontecer.

— Não acho que seja um retrocesso.

— Espero que não. Eu não gosto nada dessa sensação. — Ela me observa enquanto eu sento em uma cadeira e calço minhas velhas botas de trabalho. — Você vai trabalhar hoje? É domingo.

— Não. Vou visitar minha tia e meu tio...

— Eu não sabia que você tinha uma tia e um tio.

— Eles são mais velhos, têm uns setenta anos. Estão quase sempre viajando na maionese, e eu vou vê-los algumas vezes por mês para ter certeza de que eles não queimaram a casa ou enviaram metade de seu dinheiro para um príncipe estrangeiro na internet.

Ela ri.

— Eles parecem divertidos.

— Você pode vir comigo — sugiro casualmente. — Se você quiser.

Sua mastigação faz uma pausa por um instante.

— Sério? Você quer que eu conheça sua família?

Encolho os ombros.

— Por que não? Não é grande coisa. Vai ser divertido. Eu contei a eles sobre o nosso acordo há algumas semanas.

A surpresa brilha em seus olhos.

— Eu achei que você não queria que outras pessoas soubessem do casamento.

— Eu não quero que *todos* saibam, mas eles são família. Eu não acho que minha tia estava totalmente ligada na situação quando eu contei a ela.

— Acho que eu não me importaria de sair por um tempo — diz ela. — Ela vai tentar me alimentar?

— Provavelmente. Mas ela não vai se ofender se você não comer. Eu não estou planejando ficar para o almoço. Só uma visita rápida. Você deve ficar bem. Eu vou estar com você, não se preocupe.

— Tudo bem. — Ela olha para sua calça jeans e para o suéter branco. — Melhor trocar de roupa?

— Não, você está ótima.

— Vou pegar meus sapatos.

Dez minutos depois, ela desce as escadas com a adição de brincos de corrente prata com pequenas estrelas penduradas, um lenço roxo com estrelas brilhantes e botas de couro vintage roxas com grandes fivelas de metal na lateral.

— Estou pronta agora. Eu tive que adicionar um pouco de brilho.

Rindo, pego minhas chaves no balcão, mas ela toca meu braço.

— Vamos com meu carro. Você pode dirigir.

Eu balanço a cabeça. Minhas costas e pescoço estavam doendo tanto esta manhã, que mal conseguia sair da cama, então não vou poder entrar e sair de um carro que está a um pé do chão.

— Não posso. Minhas costas ainda estão doendo demais para o seu carro.

Ela franze a testa.

— Que saco.

— Talvez da próxima vez.



No caminho para a casa da minha tia e do meu tio, paro em um

drive-thru do Dunkin Donut para tomar um café extremamente necessário. Skylar concorda em pegar um bolinho glaceado de açúcar.

Não me pergunte como alguém pode comer *um* só desses. Não é natural.

— Eeeeei, Jude — a jovem na janela do pagamento cantarola com uma voz excessivamente amigável enquanto se inclina para além da divisória de vidro, como faz toda vez que venho aqui. Como se eu nunca tivesse ouvido alguém imitar a música dos Beatles com meu nome antes. — Você veio cedo hoje.

Eu aceno para ela enquanto pego meu pedido e coloco uma gorjeta no pote de vidro.

— Ah, oi, Skylar. — Ela continua olhando para além de mim. — Eu não vi você aí. Sua situação está tão tenebrosa a ponto de pegar carona com estranhos?

— Sim — responde Skylar. — Mas agora estamos procurando cabeças de vento para matar. Quando termina o seu turno?

— Cala a boca, vaca — a menina joga de volta.

Antes de me afastar, eu estendo a mão para o pote de vidro e pego meu dólar de volta.

— Você a conhece? — pergunto, enfiando o dólar no bolso da frente.

— Sim, estudamos na mesma escola.

Ah. Agora eu me lembro. Ela foi uma das meninas que incomodaram Skylar no primeiro dia de aula.

Balançando a cabeça, eu digo:

— Ela geralmente trabalha aqui nos fins de semana...

— Parece que sim. Ela sabe o seu nome. E a hora que você costuma chegar — resmunga.

Isso é uma pitada de ciúme vindo da minha pequena falsa esposa?

— Ela geralmente fode com meu café.

— Não estou surpresa. — Ela pega em seu bolinho, puxando pequenos pedaços para comê-los. — Paige é uma imbecil.

Não querendo alimentar o fogo desse drama de ensino médio, então mexo na minha playlist de The Doors, e cantamos *People Are Strange* juntos.

— Morrison foi um dos grandes — comenta Skylar quando a música termina. — Tão profundo e poético. Para não mencionar, sexy pra caramba.

— Não, no final ele não era mais.

Ela balança a cabeça para o lado.

— É verdade. Mas em seu auge, ele era tudo.

Não sei se ele era *tudo*. Ele era conhecido por ser mal-humorado, frio e emocionalmente instável na maior parte do tempo.

— Você tem alguma do INXS em sua playlist? — ela pergunta. — Michael Hutchence me traz a vibe do Jim Morrison.

Skylar obviamente tem um fascínio distinto por homens complexos. Vejo um coração partido em seu futuro.

— Na verdade, eu tenho. — Eu pego meu telefone, encontro a música que estou procurando e clico em play.

— Ah! — ela grita quando ouve. — *Don't Change* é muito boa. Essa e *Never Tear Us Apart* são as minhas favoritas. Você já ouviu o cover de *Never Tear Us Apart* que Ashes e Embers fizeram? É *tão* incrível.

— Já. É realmente boa demais.

— Asher Valentine tem a voz mais emotiva de todos os tempos. E aquele cara no violino? — Ela se abana com a mão. — Épico em todos os sentidos.

— Melhor eu ligar o ar pra dar uma esfriadinha aí, Sparkles? — eu provoco.

Ela sorri para mim.

— Fique quieto. Toda garota precisa de um cara para cobiçar.

— É mesmo?

— Sim. Assim como os homens. Tenho certeza de que você fica todo besta quando garotas como a Paige, com seus cílios de um quilômetro de comprimento, flertam com você — ela acusa brincando e me cutuca no braço.

— Posso garantir que tenho zero interesse em uma garota... ou melhor, uma *mulher*, porque eu não gosto de garotas, como a Paige.

— Por quê? — Ela estreita os olhos para mim curiosamente. — Ela é aquele tipo de garota bonita que “*é perfeita em todos os momentos*”.

— É disso que eu *não* gosto. Eu gosto de mulheres naturais. Não aquela maquiagem toda. Alguém que não flerta descaradamente comigo. Eu não gosto quando as mulheres estão sempre “em alerta” tentando parecer perfeitas, meio que agindo perfeitamente 24 horas por dia, 7 dias por semana. Para mim, são muito mais atraentes quando estão sentadas no sofá de moletom, com o cabelo bagunçado e agindo de forma boba.

— Como eu? — Sua voz se eleva com esperança. — De pijama que cobre até o pé?

— Na verdade, sim. Fofa pode ser sexy.

Cala a boca, Jude.

— Então os homens mais velhos devem ser diferentes, porque todos os caras da escola vão atrás das garotas lindas e populares. Eles nem notam garotas como eu.

— Vai por mim, eles notam você. Sabe o que eu acho? Eles se sentem intimidados porque você não age como se estivesse totalmente interessada neles. As tais garotas bonitas flertam com eles, convidam os caras a prestar atenção nelas. Mas você? Você não está tentando chamar a atenção deles. Você é confiante e única. Isso assusta esses garotos.

Pensando bem, eu posso ter passado muito tempo assistindo Skylar andando pra lá e pra cá no estacionamento da escola todos os dias.

Ela se vira para mim, com a testa franzida.

— Você acha mesmo?

— Sim.

— Mé... — ela diz com desdém e se recosta em seu assento para olhar pela janela. — Eu não estou interessada em nenhum deles mesmo.

— Não tem nenhum músico emo e atormentado na sua escola? Quando eu estudava lá, tinha um monte.

— Nenhum que eu tenha visto.

— Olha debaixo da arquibancada — eu digo. — É lá que eles costumam ficar. — Ela ri.

— Vou fazer isso.

Tenho muitas lembranças de ficar debaixo da arquibancada com amigos, fumar cigarros e becks e ter discussões filosóficas aleatórias.

— Então, quer dizer que *você* acha que eu sou fofa e sexy? — ela de repente pergunta enquanto brinca com os botões de controle do assento. — Espera.. esse botão aqui vai deixar minha bunda quente?

— Sim.

— Sim para “você acha que eu sou fofa e sexy” ou sim para essa coisa de assento aquecido funciona e vai deixar minha bunda quente?

Eu desvio de um carro que estava demorando para fazer uma curva. Meu cérebro está fazendo o mesmo — tentando desviar dessa conversa. Claro, ela é fofa e sexy pra caramba, mas isso não significa que eu quero admitir isso verbalmente.

— Sim, vai deixar sua bunda quente.

Desvia.

— Por que alguém iria querer ficar com a bunda quente? Por que esse encosto de cabeça não esquenta? Isso sim é algo que eu gostaria.

Fechando os olhos brevemente, balanço a cabeça e abafo uma

risada.

— Eu te assusto, Lucky? — ela pergunta com sua voz brincalhona.
— Com a minha confiança e meu cabelo bagunçado?

— Sim. Estou apavorado — brinco antes de tomar um gole do meu café.

— Eu acho que você está mesmo. — Sua voz abaixa, e ela me olha de lado com um sorriso torto. Uma notificação em seu celular a distrai, e ela o tira do bolso para ler uma mensagem.

Salvo pelo gongo.

— Você não quer saber se eu *te* acho fofo e sexy? — ela pergunta, colocando o celular no colo.

Olho no retrovisor e resisto à vontade de dizer sim.

— Não.

— Por que não?

— Fala sério, olha para mim. Claro que você acha que eu sou sexy. — Dei a ela um sorriso malicioso. — Não tem nada de fofo em mim.

— Você esquentaria mais uma pessoa do que esse aquecedor de assento — diz ela, ligando o botão para o assento desligar. — Espero que isso não tenha custado um valor extra. Não funciona.

— Concordo.

— E para constar, eu acho que você é meio fofo. Especialmente quando sorri. Não o seu sorriso malicioso e sexy que é sua marca registrada. Mas esse outro sorrisinho que você dá quando está cansado. É bem fofo.

Ugh. Fofo. Quando isso aconteceu?

Olho para ela e finjo inocência.

— Que sorriso malicioso e sexy?

Ela revira os olhos.

— Não finja que não sabe. Você sabe qual é. E você sabe muito bem que isso deixa as mulheres loucas.

— Sério? — digo com ar de mistério, virando na rua que minha tia e meu tio moram. — Me fala mais. — Eu não deveria flertar com Skylar, mas não consigo me conter. Provoações me excitam, são meu ponto fraco.

— Você sorriu assim para Rebecca. Aquele dia na loja.

Eu resmungo de volta:

— Eu não sorri, não.

— Sim, você sorriu.

— Deve ter sido um acidente. Eu sorriu assim para você?

— Por quê? Você não tem controle sobre seu próprio rosto? — ela

pergunta com sarcasmo provocante, então encolho os ombros.

— Depende do dia.

Rindo, ela diz carinhosamente:

— Você é um idiota. E, sim, você já sorriu para mim assim algumas vezes.

Eu entro na garagem da minha tia e do meu tio e desligo o motor.

— Bem, não foi intencional. Eu não gostaria de deixar *todas vocês loucas*, como você disse — eu digo, propositalmente dando o sorriso em questão.

Suas bochechas coram enquanto ela sorri e balança a cabeça.

— Não se preocupe. Não me importo de ficar um pouco louca — diz ela, abrindo a porta e pulando da caminhonete.

Eu me agarro a essa informação como um cachorro faminto, mesmo sabendo que não deveria. Na minha mente, ela tem um enorme sinal de néon sobre a cabeça piscando AVISO – MANTENHA DISTÂNCIA. Mas, de alguma forma, eu continuo chegando cada vez mais perto.

Capítulo

22

Skylar

— Deveríamos ter trazido alguma coisa? — pergunto suavemente enquanto subimos juntos os degraus da frente do rancho de tijolos. Por que eu não pensei nisso? Eu deveria ter trazido um bolo ou flores para conhecer a família dele. Eu não quero que pensem que eu sou rude.

— Não. — Jude dá mais uma tragada no cigarro antes de apagá-lo em um vaso de pedra perto da porta. Parece estar servindo como um enorme cinzeiro com um falso arranjo de flores preso no meio dele. — Eles podem entrar em choque se eu aparecer com presentes.

— Mas estamos aqui *juntos*.

— Não se preocupe. É só uma visita rápida para dizer oi, não o jantar de Ação de Graças.

— Eu sei, mas...

A porta da frente se abre, e uma adorável pequena mulher com cabelos grisalhos na altura dos ombros e óculos de aro está diante de nós, com a boca aberta em choque.

— Oh, meu Senhor — ela diz enquanto um grande sorriso se abre em seu rosto. — É verdade! — Ela vira a cabeça para gritar para dentro de casa. — Al! Lucky e a esposa estão aqui! Ela é real! Você me deve vinte dólares!

Jude passa por ela, parando por um segundo para beijar sua bochecha.

— Tá, tá, tá — resmunga, mesmo sorrindo. — Vocês dois estão fazendo um motim.

Eu o sigo para dentro, e sua tia fecha a porta assim que entramos.

— Olha, se não é a coisa mais adorável do mundo? — ela diz, sorrindo para mim. Eu posso sentir minhas bochechas avermelhando.

— Ela não é uma coisa — diz Jude. — Tia Suzy, esta é a Skylar. Skylar, esta é a minha tia Suzy, e aquele ali — ele acena para as nossas costas, onde um homem mais velho está sentado na sala de estar — é o tio Al.

— É um prazer conhecê-la — digo, inclinando-me para beijar sua bochecha.

— Entre, entre. Sinta-se em casa. Estamos tão felizes que vocês dois vieram. Lucky, você tem que olhar a máquina de lavar roupa para mim — diz ela enquanto andamos para a sala de estar. — Está fazendo aquele barulho de novo e vazando.

Eu pisco para limpar minha visão, convencida de que de jeito nenhum eu estou vendo tudo o que estou vendo. Mas está tudo lá, e meu coração dispara em êxtase.

Nós entramos em uma cápsula do tempo. Uma casa preservada da década de 1960.

Parece que eu estou no céu!

O tapete tem um padrão estonteante de laranja e marrom. Cortinas laranja pendem sobre as janelas. Painéis de madeira escura cobrem as paredes. Meu olho treinado de mercados de pulgas e lojas de antiguidades me diz que todos os móveis e decoração são obviamente autênticos, não cópias baratas. O incrível é que, mesmo que seja tudo antigo, não parece desgastado ou sujo, como algumas casas antigas em que tudo foi esquecido, ignorado e nunca atualizado. Um leve aroma floral enche o ar. Tudo aqui está limpo — propositadamente preservado e cuidado. Como em um museu.

Eu pego Jude me observando enquanto olho ao redor da sala. Meu coração palpita quando ele pisca para mim assim que nossos olhos se encontram.

Ele sabia o quanto eu adoraria isso aqui. É uma das casas mais legais em que já estive.

— Pensamos que Lucky tinha comido merda quando ele disse que tinha uma esposa — diz o tio Al da cadeira laranja no canto. Sua voz é profunda e grave, como se ele fosse fumante há um longo tempo. Ele me lembra de um velho hippie — longa barba e cabelo branco, óculos semelhantes aos da esposa, tatuagens desbotadas nos braços. Há um gorro de malha verde em sua cabeça. Jude tem os olhos e o sorriso de bad boy dele. Tenho certeza de que, no passado, o tio Al e a tia Suzy eram um casal bastante atraente.

Eu sorrio para ele, sem saber o que dizer.

— Uma esposa *falsa* — Jude corrige, sentando em um sofá do

mesmo tom de laranja e acariciando o espaço ao lado dele. — Não é um casamento de verdade. Eu disse isso a vocês. Somos só amigos.

Eu contornei a mesa de centro de vidro, que tem formato de bumerangue, e me junto a ele no sofá.

— Que tipo de loucura é essa? — Tio Al acena com o queixo barbudo para mim. — Você está bem com isso, querida?

— Sim — respondo, nervosa sob seu olhar. — Estou totalmente bem com isso. Jude foi gentil o suficiente para se casar comigo para que eu pudesse ter um plano de saúde por um tempo. — Espero estar contando a eles a mesma história que Jude contou. Queria que ele tivesse me dado um resumo no carro.

Tio Al aponta para nós dois.

— Bem, vocês *gostam* um do outro, certo?

Jude e eu olhamos um para o outro e rimos um pouco.

— Claro — diz Jude. — Mas ainda estamos nos conhecendo.

Tia Suzy voa pela sala, parando na entrada da cozinha.

— Eu não entendo por que vocês jovens querem namorar e se conhecer antes de casar. A única maneira de conhecer alguém é casando com a pessoa.

Tio Al concorda com a cabeça e puxa a barba.

— Eu casei com ela um mês depois de nos conhecermos e nunca olhamos para trás.

— Isso é loucura — comenta Jude.

— Eu acho que é ótimo — eu digo. — Tão romântico.

— A vida é muito curta para esperar — diz o tio Al. — Eu gostava dela, casei com ela.

— Ele era um jovem rebelde, assim como você, Lucky! — grita tia Suzy da cozinha. Eu não posso vê-la, já que há uma parede entre os cômodos. Agora vejo por que as novas plantas de conceito aberto são tão populares. — Levei anos para domá-lo.

Tio Al sorri e balança a cabeça.

— Ela nunca me domou. Eu apenas deixei que ela achasse que me domou.

— Sua casa é linda — digo quando tia Suzy volta com um prato cheio de biscoitos e queijo fatiado. Ela o coloca na mesa de centro e se senta em uma cadeira verde retrô na nossa frente.

— Obrigada. Nossos melhores anos foram os anos sessenta, então pensamos: por que não nos cercamos dele para sempre?

— É muito legal — comento, absorvendo todos os detalhes: estátuas, vasos, lâmpadas, relógios antigos.

Até a televisão e o rádio têm aquele visual vintage.

— A maior parte são nossas coisas originais de quando compramos a casa.

— É tudo ótimo até começar a quebrar — bufa Jude.

— Lucky nos disse que você trabalha em uma loja e tira fotos? — Tia Suzy pergunta, ignorando a observação de Jude.

Eu aceno com a cabeça, esperando que eles não pensem que estou me aproveitando do sobrinho deles.

— Estou no último ano do ensino médio, mas trabalho meio período em uma boutique na cidade. Eu trabalho no caixa, mas recentemente fui promovida. Agora eu tiro fotos dos produtos e publico na internet para promovê-los e atrair as pessoas para a loja. É muito divertido.

— Ela é muito talentosa tirando fotos — acrescenta Jude.

— Que bom. Adoro fotografia — comenta a tia Suzy.

— Você tem quantos anos? — Tio Al me pergunta.

— Não pergunte a idade dela! — exclama sua esposa. — Nunca pergunte a uma mulher a sua idade.

— Ela tem dezoito anos — responde Jude, enfiando um biscoito na boca.

Eu já me preparo para o choque e retaliação, então pego um biscoito e mordo com cuidado. Eu não quero parecer rude por não comer os lanches que Suzy trouxe para nós.

— Igual a mim! — Tia Suzy diz em vez disso. — Eu tinha dezoito anos quando me casei com Al. Eu me sentia tão velha na época, mesmo sendo tão jovem. — Ela olha para o marido com olhos melancólicos. — Eu achava que sabia tudo.

— Você *ainda* acha que sabe tudo — brinca o tio Al.

Suzy se vira para nós.

— A idade não importa. Vocês vão crescer juntos e descobrir tudo. Assim como nós.

— Gente, nós não somos realmente um casal — diz Jude, balançando a cabeça. — Vocês entendem isso, né? Ela só tem dezoito anos. E somos *só amigos*. Eu não quero que vocês dois fiquem animados pensando que teremos bebês.

— Eu amo bebês! — Tia Suzy exclama, agarrando-se a essa ideia como uma viciada em compras na Black Friday. — Não faria mal ter *um*.

Jude e eu rimos simultaneamente.

— Não, tia Suze. Sem bebês.

— Eu fico de babá para vocês. Não tenho nada para fazer o dia todo.

— Mesmo assim, não vai rolar — diz Jude.

— Bem, se ela pode ser babá... — eu provoco, cutucando seu braço de forma brincalhona.

Ele se vira para mim com um sorriso, inclinando-se tão perto que, por um momento, achei que poderia me beijar.

— Não os encoraje.

— Você disse que vocês estão morando juntos? — tio Al pergunta, levantando as sobrancelhas.

Jude concorda com a cabeça.

— Sim, mas...

— Por que não casar de verdade, então? — tia Suzy interrompe.

— Não *queremos* casar — responde Jude.

Tia Suzy balança a mão com desdém para ele.

— Isso é ridículo. Vocês já *casaram*. — Com um suspiro, Jude se levanta e chuta o pé de seu tio, brincando.

— Ok, chega de conversa sobre casamento e bebê. Você quer olhar a máquina de lavar? Ver se conseguimos encontrar algumas meias perdidas naquela coisa?

Tio Al concorda com a cabeça e se levanta.

— Talvez possamos tirar seu pé do meu saco enquanto estivermos lá embaixo.

Jude ri e olha de volta para mim antes que ele e o tio desçam as escadas do porão.

— Você vai ficar bem? — ele pergunta.

Eu concordo com a cabeça e pego outro biscoito.

— Sim — digo, feliz. — Eu estou bem.

Tia Suzy bate palmas quando eles se vão.

— Eu estava indo cortar legumes para uma sopa. Quer se juntar a mim na cozinha e podemos conversar?

Eu forço um sorriso, mas um pequeno alarme apita na minha cabeça com a menção de comida e culinária.

— Tudo bem.

Respirando fundo, eu a sigo até a cozinha. Vou ficar bem contanto que ela não me peça para comer nada. Ainda estou um pouco insegura sobre os vegetais. Eles crescem no solo. Com insetos. Pessoas e animais podem ter pisado neles — ou pior. Os insetos podem estar vivendo *dentro* deles.

Arrepiente.

Eu brinquei com meu lenço nervosamente enquanto a seguia até a cozinha. É um método que minha terapeuta me ensinou. Algumas texturas são calmantes ao toque, e isso me faz não hiperfocar na

comida.

— Estou tão feliz que Jude finalmente tem alguém especial na vida dele — diz Suzy, puxando duas tábuas de corte e um par de facas enormes e brilhantes de uma gaveta e colocando-as no balcão.

Levo um momento para responder porque estou cativada pelos utensílios de cozinha verde-abacate e pela bancada de fórmica branca, com o design de minúsculos bumerangues, assim como eu vi em casas mais antigas e nos filmes.

— Estes são os aparelhos originais? — pergunto, tocando a porta da geladeira depois que ela tira um punhado de legumes lá de dentro.

— Não, são réplicas pintadas. Lucky insistiu que tínhamos que mudar os aparelhos depois que o forno pegou fogo. — Não posso deixar de rir da maneira como ela revira os olhos, sorri e começa a cortar o aipo. — Ele comprou o conjunto inteiro no ano passado. Ele faz muito por nós dois. Ele conserta as coisas, nos ajuda a pagar nossas contas. Você conseguiu um bom marido, querida. Ele é como seu tio Al. — Ela se inclina para mais perto de mim e sussurra: — Um pouco áspero por fora, mas todo amor por dentro. Você só tem que deixar que eles acreditem que são caras durões.

Pegando uma faca e uma cenoura, eu imito seus gestos, me sentindo um pouco triste por poder estar decepcionando-a por não ser casada de verdade. Ela parece realmente animada com a ideia de uma família grande.

— Ele é um cara bom — concordo. — Mas, como ele disse, somos só legalmente casados. Não estamos envolvidos romanticamente. Ele é velho demais para mim, mas tem sido um bom amigo me ajudando. Tenho que tomar alguns remédios. Não é nada que ameace a vida, mas eu não poderia pagar sem o seguro. Eu não consigo dizer quão grata eu sou por ele ter se oferecido para me ajudar por um tempo.

Ela empurra os óculos no nariz e me olha com uma expressão de sabedoria em seus olhos enquanto espera que eu termine.

— Deve ter algo mais — diz ela com uma voz baixa, mas amigável. — Mesmo que você não veja. As pessoas não simplesmente casam.

Eu também pensava assim.

— Isso é verdade — eu digo. — Mas nós casamos. Eu sei que é difícil de entender e parece loucura. Mas nós realmente somos só amigos.

Estou começando a me preocupar que vamos passar toda essa visita tentando explicar como não somos realmente casados. Mesmo que sejam mais velhos, sua tia e tio não parecem estar sofrendo de qualquer transtorno mental ou confusão. Eles simplesmente não estão acreditando em nosso acordo de casamento.

— Querida, se você fosse apenas amiga, ele não teria te trazido aqui em casa. Ele nunca trouxe uma garota para cá antes. Nunca. — Ela bate em uma abobrinha com a faca, como se quisesse pontuar sua declaração. — E ele fala sobre você o tempo todo quando vem aqui ou quando nós conversamos por telefone.

Minha respiração trava na garganta, e eu quase corto a ponta do dedo.

— Sério? — comento, tentando parecer casual e não excessivamente animada.

Ela acena com a cabeça enquanto abre um armário e puxa um monte de pequenos vidros de especiarias.

— Ah, sim. Constantemente. Ele parece estar louco por você. É por isso que eu não entendo essa palhaçada de casamento falso.

Formigamentos de empolgação e nervosismo percorrem minha espinha ao pensar em Jude falando sobre mim, especialmente depois de ele ter sido tão enfático sobre não haver absolutamente nada entre nós. Não faz sentido.

Honestamente, eu tinha pensado que Jude só tinha me convidado para que eu pudesse ver toda a decoração legal dos anos sessenta, mas talvez eu estivesse errada. Talvez ele realmente quisesse que eu conhecesse sua família.

Tenho medo de deixar minha mente ir para o próximo pensamento: será que ele sente algo por mim?

Não, eu digo a mim mesma. Isso seria uma loucura. Só porque eu tenho uma pequena paixão boba por ele, não significa que ele tenha uma por mim. Mas e se Jude tiver? Sinceramente, não sei se isso seria bom ou ruim. Desenvolver sentimentos pode transformar nossa situação em uma bagunça.

— E a idade não importa — continua a tia Suzy, alheia às minhas preocupações. — Na verdade, acho que é melhor. Você merece um homem que saiba o que quer e possa cuidar de você depois de tudo o que você passou.

Então Jude obviamente *tem* falado com ela sobre mim, e não apenas sobre o meu trabalho e meus hobbies. Ela sabe da minha mãe? Meu transtorno alimentar? Ela deve pensar que eu sou um desastre. Decido mudar de assunto antes de me afundar em um buraco de minhoca de pensamentos e acabar desmaiando no chão de azulejos.

— Que tipo de sopa você está fazendo? — pergunto, colocando fatias de cenoura em uma tigela grande, assim como ela fez com o aipo.

— Legumes e arroz. É a minha favorita. Espero que vocês fiquem para almoçar.

— Ah, me desculpe. Acho que não podemos. Jude mencionou algo sobre ter que voltar para casa.

— Ele trabalha demais — diz ela com um misto de orgulho e compaixão. — Você tem que tentar fazer esse homem relaxar. Se divertir um pouco.

— Eu vou — eu prometo, mesmo que eu não tenha ideia de como fazer isso.

— Jude passava todos os fins de semana conosco quando era um menino. Sua mãe é irmã de Al.

— Ah, eu não sabia disso.

— Os dois trabalhavam muito, os pais dele. Então, ficávamos com as crianças nos fins de semana. Jude nos manteve ativos com as travessuras dele. Ele adorava nos fazer rir. Estava sempre cuidando de tudo e de todos. Eu costumava chamá-lo de Pequeno Faz-Tudo.

Isso desperta meu interesse. Há tanta coisa que eu não sei sobre ele.

— Por quê?

— Ele estava sempre consertando as coisas. Se um brinquedo quebrasse, ele passava horas colando. Ele pegava minha agulha e linha e costurava bichos de pelúcia rasgados para Erin. — Meu coração derrete.

— Que fofo.

— Um dia, um filhote de esquilo caiu do ninho bem ali no quintal e quebrou a perna. Com certeza ele bateu com a cabeça também, porque ficava balançando o tempo todo. — Eu sorrio enquanto ela balança a própria cabeça para frente e para trás para ilustrar. — De qualquer forma, Lucky cuidou dele sozinho até o bichinho ficar bem. Colocou em uma caixa grande, levou para casa com ele e trazia de volta para cá nos fins de semana.

— Uau. — Eu tento imaginar Jude como um garotinho cuidando de um pequeno esquilo.

— A perna sarou, mas ele nunca ficou bem da cabeça. Ele viveu em nossa varanda por quase seis anos. Era como um gato, sentava nos nossos colos e adorava receber carinho. Dormia em uma caminha aconchegante. Nós o amávamos, mas ele era o bichinho de estimação de Lucky. Ele ficou arrasado quando o animal morreu.

— Ah — respondo, mesmo com um caroço se formando na minha garganta. — Que triste. Mas parece que vocês deram a ele uma vida boa.

— Nós demos. Jude é muito mais sensível do que deixa transparecer. Ele sofreu muito com o divórcio dos pais. E depois teve a Erin... — Ela exala um suspiro profundo. — Ele nunca mais foi o

mesmo. A bebida, depois as drogas. Toda essa autodestruição. Nós nos preocupamos com ele.

Eu não sei o que dizer sobre Erin. Ofereço condolências? Comento sobre quão trágico tudo isso é? Só não digo nada?

— Ele está limpo agora. Então, isso é uma coisa boa — digo com otimismo. — Ele parece estar indo muito bem.

— Ele está. Mas, querida, me desculpe por dizer... Eu sei que vocês dois continuam dizendo que o casamento não é real. Mas se houver uma chance, acho que ele faria você muito feliz. Ele merece que alguém o ame. Alguém que cuide dele como ele tenta cuidar de todo mundo. É tão difícil para ele confiar e deixar as pessoas entrarem.

Eu concordo com a cabeça e engulo lágrimas inesperadas.

— Você está certa. Ele *merece* isso. — Eu não tenho coração para dizer a ela que nunca serei eu. Não foi com isso que Jude se comprometeu.

E eu me sinto horrível ao pensar que o nosso casamento pode impedi-lo de encontrar a mulher certa.

— Eu provavelmente falei demais — diz ela, pedindo desculpas. — Mas não consigo me conter. Ele é como um filho para nós...

— Você não falou demais. É tudo tão gentil. Você tem filhos? — Espero que não seja rude perguntar, mas estou muito curiosa para não questionar.

— Não, isso não fazia parte do plano. Mas nós amamos Jude e Erin como se fossem nossos.

— Ele tem sorte de ter uma família tão amorosa — eu digo, desejando ter parentes assim. Eu tive, por alguns momentos. Meus avós eram doces e solidários. Como Jude, eu também passava fins de semana e feriados com eles para “dar um tempo pra minha mãe”, como minha avó diria. Mas não era realmente para dar um tempo pra ela. Era para me tirar da casa dela por um tempo para que eu pudesse ter algum pinga de normalidade na vida. Muitas vezes, meus avós tentaram convencer minha mãe a me deixar morar com eles, mas ela se recusou e ameaçou não os deixar me ver. Para ela, eu era uma das coisas que pertenciam à sua pilha de tralhas.

— Você também faz parte da família agora — diz a tia Suzy, enxugando as mãos em um pano de prato. — Na verdade, eu tenho algo para te dar.

— Para mim? — pergunto, surpresa.

— Sim, eu já volto.

Eu me pergunto o que ela poderia ter para mim enquanto sai da cozinha e desce o corredor em direção ao que eu suponho serem os

quartos.

— Ok — diz ela, quando retorna um tempo depois. — Acho que você vai adorar.

Ela me entrega uma camiseta branca dobrada. Desdobro lentamente, intrigada sobre o porquê estaria me dando uma camisa. O tecido é macio, tão desgastado que é quase transparente. O decote e a bainha estão gastos, e vários pequenos buracos estão espalhados na roupa.

Eu encaro o logotipo com a guitarra azul-clara e uma pomba na frente, tentando lembrar onde eu já vi isso antes.

E então cai a ficha.

— Oh, meu Deus. — Minhas palavras são lentas. Estou tomado pelo choque. — Isso é o que eu acho que é? — Minhas mãos tremem enquanto seguro a camisa aberta e passo o dedo sobre o icônico logotipo de Woodstock.

— É, sim. Jude me disse o quanto você ama música antiga e roupas vintage. Eu adoraria que você ficasse com ela. Eu não uso há anos, mas houve um tempo em que eu vivia nela, como você pode ver. Odeio que ela fique guardada em uma gaveta.

— Eu não posso — eu digo, tentando devolver a ela. — É rara. É especial. Deve valer muito dinheiro...

Ela empurra de volta para mim.

— Ah, querida. Eu não me importo com isso. Eu adoraria que você ficasse. Por favor.

— V-você tem certeza? — pergunto.

Ela sorri tranquila.

— Eu tenho.

— Não sei o que dizer. — Eu seguro a camisa macia contra o meu peito. — Eu nem sei como agradecer por algo tão incrível. Eu amei. — Eu gentilmente a abraço. — Obrigada, tia Suzy.

Eu não posso acreditar que ela acabou de me dar uma genuína e autêntica camiseta Woodstock. Tenho muitas camisas legais, mas nenhuma delas chega perto da epopeia desta. E significa ainda mais vindo da tia de Jude.

Voltamos a cortar legumes, e ela me conta tudo sobre sua experiência com Woodstock. Ela diz que da próxima vez que viermos, me mostrará fotos de shows antigos, Jude mais novo e o esquilo. Ela está animada para me mostrar sua coleção de discos. Estou fascinada, mas minha mente está girando de tantas emoções.

Ela é uma mulher incrivelmente doce, e está claro que adora Jude. A culpa está consumindo minha consciência — estar em sua casa como uma esposa fingida, ser tratada como sendo da família.

Uma bola de tristeza parece ter se alojado na minha garganta. Se fosse real, acho que eu teria começado a gostar. Estaria ansiosa para ver a tia Suzy e o tio Al de novo e conhecê-los melhor.

Mas não sei se algum dia vou conseguir.

Capítulo

23

Jude

— Você sabe o que está fazendo, garoto? — tio Al pergunta.

Eu olho para ele por trás da máquina de lavar.

— É só uma máquina de lavar, não uma espaçonave. Acho que a mangueira está solta.

— Não isso, idiota. Com a menina.

Eu mostro o sorriso sarcástico que ele me vê dar desde que eu tinha cinco anos de idade.

— Alguma vez eu já soube o que estava fazendo?

— Pensei a mesma coisa.

Eu me arrasto de trás da máquina de lavar e remexo nas prateleiras aparafusadas na parede até encontrar um grande rolo de fita adesiva.

— Vou emendar com fita por enquanto, até que eu possa vir no próximo fim de semana com uma mangueira nova.

Ele assente e senta em um velho banco de madeira. Eu me preocupo, porque quanto mais velho ele fica, mais difícil é ficar de pé por muito tempo.

— Bom. Agora me diga o que diabos você está fazendo.

Eu seguro o rolo de fita adesiva na frente dele antes de voltar para a máquina de lavar.

— Exatamente isso. Vou remendar com fita.

— Com a menina, Lucky.

Droga. Por que eu pensei que eles simplesmente aceitariam a situação com Skylar e não me fariam um milhão de perguntas?

— Eu te disse. Ela tem alguns problemas de saúde e precisava de um plano de saúde. A mãe dela não tem, e Skylar não pode pagar por um. É temporário até que ela se forme na escola e possa trabalhar em tempo integral. Estou só sendo legal. Fazendo uma boa ação e tudo mais. É isso. Sem motivos ocultos. Nada com o que se preocupar.

— Eu acho que você está brincando com fogo, garoto.

Eu balanço a cabeça.

— Não. Está tudo bem.

Eu me enfiio de volta atrás da máquina de lavar, puxo alguns centímetros de fita adesiva do rolo e corto com os dentes antes de prender a mangueira.

— Então você vai simplesmente colocar a garota pra fora algum dia?

Quando acabo de prender a mangueira, saio de trás da máquina e bato a cabeça.

— Não, eu não vou colocar ela pra fora. Nós vamos seguir caminhos separados. Simples assim.

— Não vai ser tão simples assim, Lucky. Confie em mim.

Vai ser. Esse foi o acordo. Eu não entendo por que todo mundo está tentando tornar isso mais complicado do que é ou agindo como se eu fosse louco por ser legal com alguém que precisa de ajuda.

— Vou me certificar de que seja. Ninguém vai se machucar. Não se preocupe com isso, ok?



No andar de cima, encontramos tia Suzy e Skylar na cozinha, praticamente rastejando no chão.

— O que diabos vocês duas estão fazendo? — pergunto, me inclinando para agarrar os ombros de minha tia, puxando-a suavemente para ficar em pé. — Você é velha demais para ficar rastejando assim.

— Eu *não sou* velha demais. — Ela tenta se afastar de mim, e é aí que eu percebo as lágrimas nos cantos de seus olhos.

— Tia Suze... — Eu a olho de cima a baixo, ainda segurando seus braços, a preocupação correndo em minhas veias. — Você caiu? — Eu mudo minha atenção para Skylar, que ainda está ajoelhada no chão. — O que aconteceu?

— Meu anel... — Minha tia estende uma mão trêmula. — Eu

estava no armário procurando minha panela de sopa grande e então reparei no meu anel. A pedra sumiu.

— Eu estava procurando — diz Skylar. Seu lenço está se arrastando no chão enquanto ela procura, deslizando as palmas das mãos pelo azulejo. — Tenho certeza de que estava lá quando estávamos cortando os legumes. Lembro de pensar que era bonita.

— Vamos encontrar, amor — diz o tio Al, agarrando-se a uma das cadeiras da cozinha na tentativa de se abaixar no chão.

— Ei — eu digo, agarrando seu braço. — Vocês dois, fiquem longe do chão. Vamos procurar.

— Temos que encontrar — diz a tia Suzy em lágrimas. — É o meu anel de noivado.

— Ela nunca tira — acrescenta o tio Al. — Eu vendi meu carro para comprar esse anel. — O olhar de partir o coração que atravessa os dois quase me mata.

— Vocês dois sentem aí. Eu e Skylar vamos procurar. Tem certeza de que caiu aqui dentro? — Passo a mão pelo cabelo e escaneio o chão de azulejos, imaginando como diabos vamos encontrar um diamante aqui.

— Tenho certeza.

— Eles vão encontrar — diz o tio Al, acariciando sua mão.

Skylar sorri e assente para mim enquanto procuramos juntos. Depois de verificar cada centímetro do chão com ela, verifico as bancadas e a pia, enquanto Skylar retira todas as painéis e frigideiras, uma a uma. Se não encontrarmos a pedra, minha tia vai ter um colapso. Ela é insanamente sentimental, e o anel de noivado sempre foi sua posse mais valiosa e amada.

— Achei! — Skylar de repente exclama, e eu solto um suspiro de alívio enquanto ela segura a joia cintilante.

— Ah, obrigada! — Tia Suzy chora. — Eu estava com tanto medo de que tivesse sumido. — Skylar gentilmente o coloca em sua mão. — Coisas especiais como essa nunca, nunca podem ser substituídas.

— Por que não me dá a pedra e o anel, e eu levo para consertar?

— Não sei... — Tia Suzy diz, olhando para baixo, para seu anel sem a pedra. — Eu nunca fico sem ele.

— Eu sei, mas temos que consertar. Não é só sair colando de volta. Eu prometo que vou cuidar dele, e eu trago de volta pra você rapidinho.

— Deixe-o levar para consertar, Suzy. Você não quer perder novamente — diz o tio Al.

— Tem uma grande joalheria no fim da rua onde eu trabalho — acrescenta Skylar.

— Vamos nos certificar de que eles cuidarão muito bem dele. Eles podem verificar todos os aros que seguram a pedra para garantir que isso não aconteça novamente.

Relutantemente, minha tia tira o anel de ouro e o entrega para mim. Eu coloco cuidadosamente o anel e a pedra em um pequeno saco de sanduíche Ziploc.

— Vou trazer de volta bem rápido, novo em folha — eu prometo.

Meu tio se inclina e dá um beijo suave na testa de minha tia, sussurrando algo que eu não consigo ouvir. Do outro lado da sala, Skylar está observando a cena com um pequeno sorriso sonhador no rosto, e quando nota meu olhar, mira os meus olhos.

Há um breve vislumbre de desejo em seus olhos, afugentado por um lampejo de tristeza.

Eu rapidamente olho para o lado.

Não. De jeito nenhum eu vou me deixar pensar que o que minha tia e meu tio têm está também reservado para mim. Tiveram sorte. Apesar do meu apelido, eu *não* tenho essa sorte.



Mais tarde, quando estamos em casa, levamos Cassie para correr no quintal, e Skylar coloca Gus em um carrinho de gato e a empurra pelo perímetro da propriedade. Eu fico de costas fumando nos fundos, pensando como acabei com uma noiva adolescente empurrando um gato em um carrinho pelo meu quintal.

E, mesmo assim, de alguma forma, não consigo imaginar minha vida de outro jeito.

— E se eu fizer queijo-quente para o jantar? — digo quando voltamos para dentro.

— Como você fez da última vez? — ela pergunta. — Com o mesmo tipo de queijo branco e pão? E manteiga?

— Exatamente como da última vez.

Ela puxa fios soltos na borda do lenço.

— E é tudo novo?

— Sim. Comprei no supermercado ontem. — Abro a geladeira e pego o novo pacote de queijo deli em fatias finas. — Viu? — digo, segurando.

— Tudo bem. Eu quero um.

Quando começo a fazer os sanduíches, ela abre um dos armários e

tira seu frasco de enzimas digestivas.

— Como você tem se sentido? — pergunto. — Essas coisas todas ajudam? — Há uma série de medicamentos e suplementos que ela toma várias vezes ao dia.

— Acho que sim. Meu estômago não dói como antes, e minha garganta não está mais irritada. — Viro os sanduíches na panela.

— Isso é ótimo.

Ver seu mundo lentamente melhorar faz com que esse acordo estranho valha a pena. Claro, ela está me custando algumas centenas de dólares por mês, mas não é nada que eu não possa lidar.

Mesmo que Skylar coma mais devagar do que um caracol se move, eu sempre sento à mesa com ela para comermos juntos e espero até que ela termine para me levantar. Este ato é uma faca de dois gumes. Se por um lado Skylar gosta que eu me sente com ela, isso também a deixa ansiosa, porque sente que eu estou a assistindo comer. Ela não está errada. No início, eu sentava e a observava cortar sua comida em pedaços minúsculos, inspecionando cada mordida antes de colocar na boca. Algumas vezes, ela congelou sob a pressão, parou de mastigar e esqueceu completamente como se faz para engolir. Ela correu para o banheiro e cuspiu a comida, depois voltou para a cozinha, fungando, a cabeça baixa com vergonha.

Essas são coisas que eu nunca mais quero que ela passe de novo.

Então agora eu folheio uma revista enquanto ela come. Fazendo companhia a ela, mas não observando. Funciona.

— Eu não consigo acreditar que sua tia me deu essa blusa — diz ela entre mordidas enquanto raspa o bilhete de loteria de hoje. — Eu tive que me conter para não surtar e pular de alegria.

— Ela tem um monte de coisas antigas. Eu não ficaria surpreso se ela tivesse cinco dessas blusas por aí.

— Sério, eu amei. — Ela franze a testa para o bilhete. — Não ganhei. Você disse mesmo pra ela que eu gosto de bandas antigas?

— Sim. — Eu viro a página da minha revista de motocicletas e cobiço aros pretos foscos. Algum dia, vou conseguir um novo conjunto para a minha Harley.

— Ela disse que você fala muito de mim.

Minha tia tem uma boca grande.

— Eu não diria *muito*. Só casualmente sobre coisas do dia a dia.

— Entendi — diz ela, com aquele tom provocador na voz que me diz que ela não está acreditando em uma palavra do que estou dizendo. — Eu acho que ela shippa a gente de verdade.

Eu olho por cima da minha revista.

— Shippa? Como assim?

Ela revira os olhos teatralmente.

— Isso significa que ela torce pra que a gente fique junto.

— Não. Não vamos ficar *shippados* — respondo, sorrindo ironicamente para ela. — Quem diabos inventa a porra dessas palavras?

— Não faço ideia. Se você ficasse um pouco no Insta ou no TikTok, não ficaria tão perdido.

— Não, obrigado. Eu não vou ser sugado por toda essa porcaria da internet.

Rindo, ela pega seu prato e o leva para o lava-louças.

— Você está agindo que nem um *velho*, Jude.

— Não ligo. — Eu jogo minha revista de volta na pilha no canto da mesa. — Você quer assistir televisão comigo?

— Eu estava pensando que a gente podia começar uma série. Isso nos daria algo para assistir todas as noites. — A preocupação me impede de responder imediatamente. *Todas as noites* vão se transformar em um hábito. Uma espécie de encontro toda noite.

Não é?

— Poderíamos começar *The Office*. Megan disse que é engraçado — diz ela. — Gosto de assistir coisas mais leves antes de dormir. Se não, eu acabo tendo sonhos perturbadores.

Ela espera que eu responda com um sorriso expectante e esperançoso.

Eu deveria dizer não. A palavra está esperando na ponta da minha língua. Eu deveria mudar de ideia e assistir televisão sozinho no meu quarto até dormir. Continuar com os muros erguidos, tudo onde está.

Recusar o ship.

— Tudo bem. Mas só um ou dois episódios. Tenho que acordar cedo. — Vou dizer não da próxima vez.

— Legal! — diz ela. — Vou trocar de roupa muito rápido.

Soltando um suspiro, olho para Cassie, que está sentada ao lado da minha cadeira, olhando para mim com seus pequenos olhos negros e julgadores.

— Você tem razão — eu digo. — Eu tenho que aprender a dizer não.

Capítulo

24

Jude

— Eu estava pensando sobre o que sua tia Suzy disse — diz Skylar ao entrar na sala de estar. Seus braços estão cruzados na frente do corpo, como se estivesse com frio, mas ela não está usando calças que cobrem até os pés esta noite. Hoje está com uma calça rosa de algodão, com carinhas de gato raivosos, e uma blusa branca de mangas compridas com os punhos puxados até as palmas das mãos.

— Não vamos ter um bebê — eu brinco.

Colocando os pés em cima da mesa de centro, me inclino de volta para a almofada do sofá com um longo suspiro. Eu provavelmente não deveria ter entrado atrás da máquina de lavar e deitado no chão da cozinha da minha tia. Minhas costas estão doendo mais do que ontem.

Eu recebo um olhar de Skylar que diz que ela acha que eu sou louco.

— Eu nunca vou querer ter um bebê. Eu estava pensando na tia Suzy dizendo que, da próxima vez que nós a visitarmos, ela me mostraria a coleção de discos antigos e fotos de shows.

— E?

Ela senta sobre as pernas na outra extremidade do sofá.

— Bem, vai ter uma próxima vez? — ela pergunta.

Eu me volto para Skylar.

— O que você quer dizer?

— Será que algum dia vou vê-los de novo? Porque eu me senti meio mal passando o dia assim, com eles sendo tão legais comigo e me tratando como família. Eu me sinto culpada. Ela me deu uma camisa que vale alguns milhares de dólares. Eu não venderia nunca, mas sinto

que não mereço ficar com ela. Eu sou uma ninguém para eles. Eu não sou da família.

Eu pisco para ela e esfrego meus olhos cansados, sem saber como responder a essa conversa séria que ela está trazendo do nada.

— E então ela estava falando sobre a próxima vez, e eu não sabia o que dizer. Eu me senti uma babaca, Jude. E quanto mais eu penso sobre isso, mais chateada eu me sinto. Porque são pessoas legais. Tipo, pessoas *muito* legais.

Palavras como babaca e chateada são como pequenas bandeiras vermelhas brotando entre nós, e eu ainda não tenho ideia do que trouxe isso.

— Skylar...

Ela fala por cima.

— Eles realmente te amam. Eles querem que você seja feliz. Eles acham que vamos ficar juntos, *juntos*.

A dor irradia para a parte superior das costas enquanto me sento.

— Aonde você quer chegar com isso?

Ela coloca as palmas das mãos para cima em questionamento.

— Não sei. Eu só estou me perguntando por que você me levou para lá, quando você sabe que eu não sou um elemento permanente aqui.

— Porque você é minha amiga, e eu gosto de estar perto de você. Pensei que teríamos um dia legal ficando com eles.

A confusão é contagiosa. Agora ela está piscando para mim.

— Ah. — Seus ombros murcham um pouco.

— Por que você está chateada?

— Eu não estou... — ela diz de forma pouco convincente, colocando o cabelo atrás da orelha. — Eu só... Eu acho que eu realmente gostei deles, e eu estava ansiosa para vê-los de novo. Eu adoraria ver sua tia e as fotos, mas...

— Skylar — interrompo, ainda perplexo sobre porque ela está tão chateada. — Você pode vê-los de novo. Vou lá algumas vezes por mês. Venha comigo.

Sua coluna se endireita, e ela acerta os ombros.

— Você tem certeza? Mesmo que não sejamos casados de verdade?

Eu a levei para a casa da minha tia e do meu tio porque sabia que eles a tratariam como parte da família e a fariam se sentir em casa. Eu pensei que seria bom para ela, já que Skylar não tem um relacionamento com ninguém da sua própria família.

E o que eu disse é verdade — eu gosto de ter Skylar por perto. Ela

é divertida e me faz rir. Mas talvez não tenha sido a melhor ideia do mundo, dado como ela ficou chateada. Eu não estava pensando que ela pudesse sentir que não faz parte, realmente, da minha vida e família. Eu estava apenas indo com o fluxo e aproveitando o dia.

As palavras do tio Al ecoam na minha cabeça.

Você está brincando com fogo.

— Claro — garanto, deixando o aviso de lado. — Somos amigos. Isso não vai acabar, certo?

— Você quer dizer quando nos divorciamos e eu me mudar?

A palavra *divórcio* faz meu estômago queimar. Eu prefiro pensar em nós *nos separando* algum dia.

— Sim — eu digo. — Você não acha que ainda seremos amigos depois? Isso não deveria mudar. — Eu não sei o que está passando pela cabeça *dela*, mas eu assumi que permaneceríamos amigos.

Sua boca se abre e ela vacila por um momento.

— Você está certo. Eu acho que eu só não sabia que você gostaria que continuássemos amigos.

— E não poder ver suas roupas descoladas o tempo todo? — eu brinco, na esperança de fazê-la sorrir. — Como eu poderia desistir disso?

— Verdade. — Lá está o sorriso que eu precisava ver. — E eu tenho que te manter atualizado sobre todas as gírias, para que você não fique nesse mundo confuso sem supervisão.

— Também é verdade. — Eu sorrio, aliviado por ter apagado o fogo. — Podemos assistir a série agora?

Ela assente animadamente e pega o controle remoto da almofada entre nós para apertar o *play*. Passamos a próxima meia hora rindo mais do que eu pensei que faria.

— Boa escolha — eu digo, de pé. — Já volto para vermos mais um ou dois.

Quando volto da cozinha com quatro comprimidos de Tylenol na mão, ela me olha desconfiada enquanto eu cuidadosamente me abaixo para sentar no sofá.

— Suas costas ainda estão doendo? — ela pergunta.

Eu jogo as pílulas na boca e as inundo com um gole de refrigerante.

— Sim.

— Você pode fazer alguma coisa para melhorar isso?

— Só tomar Tylenol. Eu não posso tomar analgésicos mais fortes ou relaxantes musculares.

— Por que não?

— Porque eu vou comê-los como se fossem doces e rondar as ruas em busca de mais.

— Ah! — A lâmpada se apaga em sua cabeça. — Certo.

— Não vale a pena tentar os demônios, sabe? Eu prefiro ficar com dor.

Balançando a cabeça, ela se vira para a televisão, depois volta para mim, com os lábios franzidos.

— Eu posso te fazer uma massagem. Nas costas.

Minhas entranhas tremem com uma bela batalha entre o certo e o errado.

— Não, estou bem — resmungo. — Vai passar.

— Jude — ela diz com leve impaciência. — Seria tão ruim me deixar fazer algo por você? Você está sempre fazendo coisas por mim.

— Você me ajudou ontem — eu argumento.

— Eu aspirei água. Você colocou uma nova bomba, arrastou os móveis, a lavadora e a secadora, secou tudo com toalhas, limpou o chão com água sanitária. Você até me fez torradas. E hoje você consertou uma máquina de lavar e rastejou pelo chão da cozinha da sua tia procurando um diamante. Depois de ralar trabalhando pra caramba a semana toda.

— É a vida. Estou bem.

— Talvez eu queira fazer algo por você.

— Tia Suzy te pediu isso?

— Não. — A imprecisão em sua voz fica evidente.

— Veja a série — eu desvio, levantando o queixo em direção à tela.

Ela bufa, frustrada.

— É só uma massagem nas costas, do que você tem medo?

Tanta. Coisa.

Coisa. Pra. Caralho.

— Eu não tenho medo de nada — é o que consigo dizer.

— As pessoas *pagam* por massagens. É totalmente platônico. Não é como se eu estivesse pedindo para você Netflix e relaxar — diz ela com diversão.

Estou encurralado. Se eu continuar resistindo, vai parecer que há algo de errado com ela. Ou comigo. Se eu disser a Skylar que ela não deveria ficar me tocando, ela vai saber que há uma razão pela qual eu não quero que ela me toque. Como se fosse inapropriado. Ou que eu me sinto atraído por ela.

O que é verdade.

E eu não tenho certeza de como me sinto sobre isso.

— Ok — eu finalmente digo, ignorando o olhar que Cassie me dá de sua cama xadrez no canto da sala. Eu sei que se ela pudesse falar, estaria me dizendo que eu sou um otário.

Em poucos segundos, Skylar está correndo pelo sofá e se enroscando atrás de mim.

— Só relaxa e assiste a série — diz ela, colocando as mãos nos meus ombros. — Eu quase nunca te vejo descansando por mais de uma hora.

Tiro os pés da mesa e me inclino para a frente, apoiando os cotovelos nas coxas.

— Não gosto de ficar parado. Tem sempre algo que eu deveria estar fazendo.

— Sim, mas você também precisa descansar. É bom que você não seja preguiçoso, mas não há problema em relaxar. Você é como meu avô. Ele estava *sempre* fazendo alguma coisa. Quando ele não estava no trabalho, estava trabalhando na casa ou em um carro. Literalmente sem parar. Acho que é por isso que ele teve um ataque cardíaco. Muito estresse.

Eu me encolho.

— Você está me comparando com seu avô?

— Não, bobo. Só estou preocupada com você.

— Eu não vou ter um ataque cardíaco. Eu prometo.

— Eu só não quero que nada aconteça com você. — Seus dedos se movem lentamente na minha nuca, fazendo círculos lentos e cuidadosos, afrouxando a tensão.

— Nada vai acontecer comigo — digo baixinho. Meus olhos se fecham, incapazes de resistir à calma relaxante de seu toque.

Se eu tivesse meio cérebro, teria mais cuidado para que ela não se apegasse a mim. Eu não posso virar tudo o que ela tem de pontacabeça. Quando chegar a hora de ir, ela tem que estar mais forte. Ser capaz de cuidar de si mesma e nunca precisar de ninguém.

E eu também não posso me apegar a ela. Se eu fizer isso, vai doer quando ela for embora, e eu não tenho nada para amenizar a dor.

Centímetro a centímetro, suas mãos quentes se movem pela minha coluna, massageando meus músculos com a quantidade perfeita de pressão. Cada pressão de seus dedos aumenta o conflito dentro de mim.

Isso é tão bom, deve ser certo.

Isso é bom demais, é completamente errado.

Levanto meus ombros, esticando os músculos sob as palmas das mãos dela.

— Você quer tirar a blusa? — Sua voz é tão suave, suas palavras, inocentes. Mas com meus olhos fechados, sentado entre suas coxas separadas, sozinho em uma sala escura com ela em uma noite de domingo, suas palavras poderiam ser convidativas. Sensuais.

Enquanto meu cérebro insiste que não há absolutamente nada de sexual acontecendo, meu pau está devorando cada palavra, cada toque. Está duro como uma rocha, agindo como se nunca tivesse estado perto de uma garota atraente antes.

Mulheres apenas se aproximando nunca me atiçaram de verdade. Preciso de mais do que isso para ficar excitado. Mas essa química sutil e inesperada com Skylar está me deixando completamente confuso.

Sem palavras, puxo minha camisa e a jogo no sofá ao nosso lado. Ela prende a respiração quando suas mãos tocam minha pele pela primeira vez.

Ou talvez tenha sido a minha própria respiração.

— Está tudo bem? — Sua voz vacila com uma pitada de nervosismo enquanto pressiona as palmas das mãos nos meus músculos tensos. — Estou te machucando?

— Não. Está ótimo. — Espero que ela não perceba a repentina rouquidão na minha voz.

Eu me concentro na televisão para me distrair. *Me distrair* dela e de seu toque — como eu faria se essa fosse uma massagem profissional.

Claro, se fosse, eu estaria deitado em uma mesa, não sentado no sofá com um pau duro e Skylar espremida atrás de mim.

A comédia que estávamos assistindo continua. O que estamos fazendo não pode estar errado quando temos um cenário feliz, leve, cheio de riso e humor.

Certo?

— Esse lugar é real? — ela pergunta enquanto as pontas dos dedos deslizam sobre o desenho da tatuagem que se estende por todas as minhas costas.

— A maior parte, sim.

É uma tatuagem de um penhasco em tons de cinza, com um pôr do sol em laranja, amarelo e vermelho. Há uma casa solitária nas montanhas, mais distante. Árvores sobem pelas laterais, emoldurando a cena, e dois pássaros voam pelo céu. É uma visão de paz para mim.

— São duas pessoas sentadas aqui? — Ela toca um ponto no meio das minhas costas.

— Não, é uma pedra.

— Para mim, parecem duas pessoas sentadas juntas, olhando para o pôr do sol. É muito bonita — diz. — Eu gostei.

— Obrigado.

— Mas eu não entendo o ponto de fazer uma tatuagem braba e enorme nas costas. Deve ter custado uma fortuna, e você nem consegue ver.

— Não importa. Eu sei que está aí.

— É, mas você viu? Tem duas pessoas sentadas lá e você acha que é uma pedra.

— É uma pedra — eu digo.

— Se você diz...

Eu posso sentir sua respiração quente nas minhas costas enquanto ela continua a mover as mãos para cima e para baixo na minha coluna, apertando meus ombros, depois descendo sobre minhas costelas. Meus músculos podem estar relaxando, mas meu pulso está acelerado.

— Isso está fazendo você se sentir melhor? — ela pergunta.

Eu gostaria que ela parasse de falar. Sua voz suave só está me fazendo querer virar e beijar esses lábios rosados dela.

— Sim. — Exalo devagar e estico um pouco o pescoço para trás. — Talvez um pouco demais.

O episódio na tela termina e outro começa, mas não nos movemos para nos levantar ou dizer boa noite. Seu toque se torna menos uma massagem e mais um carinho lento e errante para cima e para baixo nas minhas costas. Não é sexual, é íntimo. Cuidadoso. Amoroso. A cada alguns minutos ela toca minha nuca, enrolando uma longa mecha em torno de seu dedo. Isso envia milhares de formigamentos para o meu couro cabeludo e pela minha coluna. Em algum momento, eu coloco minha mão em torno de sua perna e lentamente acompanho seu toque, deslizando minha mão pela parte externa da sua coxa, até a panturrilha, e depois tudo de novo. Sua calça de algodão, com as carinhas engraçadas de gato sob a palma da minha mão, é uma mistura confusa de reconfortante, inocente e sexy.

Minha respiração está superficial. Ela me embalou em um estado de tranquilidade como em um sonho. Eu nunca tive uma mulher me tocando de uma maneira tão delicada e sensual antes. Estou acostumado com arranhões de unhas longas e afiadas. Empurrões e puxões impacientes. Uma enxurrada de exigências e satisfações.

Mas não isso.

Eu nem sei que diabos é isso. Essa sensação de que estou sem fôlego, dolorido de uma forma passional, uma sensação perdida há muito tempo.

Como diabos uma garota de dezoito anos vestindo um pijama maluco pode me fazer sentir assim?

Mas agora que eu senti isso, é muito parecido com aquela euforia muito familiar em minhas veias, a qual o viciado dentro de mim se lembra vividamente. É o mesmo tipo de euforia, do tipo que eu não quero parar de sentir. Quero um pouco mais. Um pouco mais. Quero provocá-la e tentá-la. Descobrir quão bom pode ser se eu me perder nela.

Isso *não* é legal.

Quando os créditos finais começam a subir na tela, eu silenciosamente estendo a mão atrás de mim e agarro as dela, puxando seus braços em torno da minha cintura. Juntando as mãos sobre o meu abdômen, eu gentilmente me inclino para trás contra ela. Seus pequenos seios pressionam minhas costas enquanto ela respira. Sinto seu batimento cardíaco contra mim como um relógio correndo.

Eu luto com todas as lições que aprendi para fazer boas escolhas. Como o quão *mal* é um mestre em usar a máscara do *bem* e não cair nessa.

— Acho que isso deixou de ser uma massagem nas costas há um tempo — digo baixinho, esfregando o polegar sobre a mão dela.

— Eu acho que você está certo — ela sussurra.

— Já está tarde. Acho que estamos muito cansados.

— Eu acho que você está certo — ela repete. Sua respiração é quente e fina contra o meu ouvido. — Eu devia ir pra cama.

— Eu também.

Nenhum dos dois se esforça para se mover. Ficamos ali, respirando juntos em silêncio. Nossos dedos entrelaçados dançam lentamente um contra o outro. Os dela, longos, macios e finos. Os meus, grossos e calejados.

A resistência desmorona, e eu me viro em direção ao rosto dela, a poucos centímetros do meu.

Não sei quem beijou quem. Talvez tenha sido eu. Talvez tenha sido ela.

Não importa, porque minha boca está na dela quando não deveria estar. Mas, porra, seus lábios são macios e doces, e eu não resisto a prová-los mais uma vez.

E é sobre isso somente. De novo.

Pela *última* vez.

Há sempre uma última vez quando se desiste de algo. Um momento final para saborear.

Nossos lábios se tocam suavemente, se afastando a cada poucos segundos e depois se encontrando novamente para outro beijo rápido. E outro. E outro. Finalmente, levanto a mão para tocar sua bochecha, e o gemido que vem de sua garganta me diz que ela quer tanto quanto

eu. Inclinando minha boca para cobrir a dela, passo a língua pelos seus dentes, sutilmente pedindo permissão. Sua boca se abre, sem fôlego. Nossas línguas se tocam, rodopiando juntas, e eu juro que sinto a porra de um monte de fogos de artifício. Deslizo minha mão para sua nuca, puxando-a para mais perto, beijando-a mais profundamente. Sua mão lentamente sobe pelo meu peito nu para agarrar suavemente o meu pescoço, imitando meu toque.

Suas coxas se apertam em torno de mim, e eu agarro sua perna com minha mão livre, trazendo-a mais para cima, em torno da minha cintura.

Porra, eu a desejo.

E porra, ela me deseja.

Mas não posso.

Relutantemente, eu me afasto, silenciosamente me desvencilhando e me levantando.

Ela pisca, seus lábios levemente separados, brilhando de umidade pelo nosso beijo.

Muito tentador.

Se eu for mais longe, não vou parar.

Ela me entrega minha camisa e observa enquanto eu a coloco, então silenciosamente subimos as escadas. Paramos em frente à porta de seu quarto, e ela me olha com expectativa em seus grandes olhos e lábios doces.

— Aquela foi a última vez que isso aconteceu — eu digo. — Eu não vou mais te beijar. Não é legal. Somos amigos, e não quero destruir isso.

— Ok, Lucky — ela sussurra, depois fica na ponta dos pés e pressiona os lábios suave e brevemente contra os meus.

Eu não me afasto. Eu fico ali, a poucos centímetros de distância dela. Perto o suficiente para beijá-la novamente.

— O que você está fazendo, Sparkles?

— Você não disse que *eu* não podia te beijar uma última vez.

Não. Eu não vou cair nessas brincadeiras que geralmente amo. Estou muito perto do fogo. Para não mencionar, muito perto do seu quarto.

Eu balanço a cabeça.

— Estou dizendo agora. Ninguém beija ninguém. Ou toca. — Meu pau se estica contra minhas calças em protesto. Meu peito se aperta.

— Tudo bem. — Ela concorda com a cabeça, seus olhos ainda presos nos meus.

Ela diz isso como se não acreditasse muito em mim.

Quando me afasto para ir para o meu próprio quarto, também não acredito em mim mesmo.

Capítulo

25

Skylar

— Como foi seu fim de semana? — Megan pergunta enquanto vamos para a pista de atletismo da escola. — Eu não tive notícias suas depois que você furou nosso encontro duplo. — Toda segunda-feira passamos nosso tempo de Educação Física falando sobre o fim de semana. Não importa se nos vimos ou não, sempre fazemos uma recapitulação.

— Eu não furei. Nunca concordei em te deixar me juntar com Carson. — O ar frio arde meu rosto. A partir da próxima semana, a Educação Física não vai ser mais do lado de fora, e eu mal posso esperar.

— Se eu não tentar, você vai ficar solteira para sempre. Casada, mas solteira — brinca. — Só você pra conseguir ser casada e solteira ao mesmo tempo.

— Né? Minha vida poderia ser mais estranha?

— Duvido.

À medida que contornamos a pista, a força do hábito me faz olhar para a casa onde Jude recentemente construiu uma extensão. As borboletas costumavam bater as asas descontroladamente no meu peito toda vez que eu via aquela casa ou passava por ela. Mas agora sinto um vazio solitário porque ele não está mais lá. Ele e sua equipe se mudaram para uma nova obra a poucos quilômetros daqui. Foi reconfortante tê-lo trabalhando tão perto da escola, mesmo que nos abstivéssemos de conversar para evitar alimentar as cadelas da fofoca.

— O porão do Jude inundou no sábado, então passamos o dia inteiro limpando. Eu estava com o pé afundado em alguns centímetros

de água, sugando tudo com um aspirador. Meus pés ficaram tão frios, que eu não conseguia sentir os dedos.

— Olhe para você toda doméstica!

— Depois, naquela noite, estávamos assistindo a um filme, e eu experimentei uma pipoca pela primeira vez em anos, e ela ficou presa na minha garganta. Eu tive um grande ataque de pânico e me transformei em uma esquisitona sufocada, literalmente, no chão do banheiro dele.

— Oh, meu Deus, Skylar. Diz que você não fez isso.

— Eu fiz. Foi horrível. Eu estava sufocando e chorando e pensei que ia morrer. — Eu me sinto enjoada só de pensar nisso. Que vergonha.

— Não tenho certeza se você pode morrer com pipoca.

— Você pode morrer de qualquer coisa.

— Ok... — Ela não parece convencida.

— Enfim, isso foi humilhante, mas Jude foi muito doce. No dia seguinte, ele me levou para visitar a tia e o tio dele.

— Cara, você está vivendo *muito* a vida de casada.

Eu rio e enfio as mãos no bolso da frente do meu moletom.

— Eu sei, tipo, mas que vida é essa?

— Não faço ideia, mas espero que algumas coisas *boas* estejam acontecendo.

Meu pulso acelera só de pensar em todas as coisas boas.

— Estou chegando lá.

— Bem, me conta tudo, mulher.

— A tia e o tio dele têm uns setenta anos e são muito legais. A tia dele me deu uma blusa que ela comprou em Woodstock. Tipo o Woodstock. É sério, Megs, eu procurei quando cheguei em casa e vi uma pessoa vendendo exatamente a mesma blusa no eBay por seis mil dólares.

Ela se vira para mim com os olhos arregalados.

— Mentira!

— Estou falando sério.

— Isso é tão insano. Como ela sabia que você gostaria tanto de uma camiseta vintage?

— De acordo com ela, Jude fala de mim *o tempo todo*. Foi exatamente o que ela disse. Que ele fala de mim sem parar.

— Meninaaaa... O que está acontecendo?

— Espera, tem mais.

— Senhoras, já vai ser primavera quando vocês completarem uma volta. Acelerem o passo! — grita a sra. Stephens para nós.

Reviramos os olhos em uníssono.

Megan geme.

— Eu não consigo andar mais rápido, acho que torci minha preciosa sábadão à noite. — Para demonstrar, ela levanta os joelhos anormalmente alto enquanto caminha.

— Ah, meu Deus, o *quê*? — Não tenho certeza se devo ficar horrorizada, achar engraçado ou ficar com inveja.

Ela se vira para mim com um grande sorriso de Gato de Cheshire no rosto.

— Erik decidiu liberar sua fera. Fizemos sexo sete vezes.

— Em uma noite? — Horrorizada. Estou horrorizada.

— Sim. Ele está lentamente saindo da concha e *não* está decepcionando ninguém.

— Ok, essa cena não é boa. Agora estou imaginando um pau saindo de um casco de tartaruga, e não é nada sexy.

— Não fique pensando no pau do meu homem, Skylar — brinca. — Vou te fatiar como um cortador de queijo.

— Confie em mim, eu já bani essa imagem do meu cérebro.

Minha pélvis dói só de pensar em fazer sexo sete vezes em um dia. Eu me pergunto se eles distribuíram isso por um período de vinte e quatro horas ou se eles de alguma forma amontoaram isso tudo em duas ou três horas.

Eu decido que esses são detalhes que prefiro não saber.

— Ainda estou esperando para ouvir o que mais aconteceu no fim de semana — ela fala. — Sua obsessão por roupas velhas é ótima, mas espero que tenha mais coisas.

Meu beijo com Jude provavelmente não será nada para Megan, em comparação com as olimpíadas sexuais com Erik. Mas, para mim, o beijo foi devastador. Fiquei acordada a noite toda reproduzindo o beijo na minha cabeça, me deleitando com a sensação de seus lábios nos meus, como eles eram macios e cheios. Seu corpo, no entanto, era tudo menos macio. Seus músculos rígidos e a pele tatuada sob minhas mãos enquanto eu massageava suas costas. E abraçá-lo por trás foi incrível. Eu não me senti esmagada ou presa, eu me senti segura. Depois, teve aquela coisa que ele faz com as mãos, a maneira como ele move os dedos entre os meus, todos lentos e macios...

Mas o olhar em seus olhos antes de irmos dormir foi TUDO para mim. O desejo sombrio e intenso, a maneira como seu olhar estonteante lentamente se deslocou para meus lábios. A maneira como Jude lambeu os próprios lábios antes de se afastar, me deixando de pé, com uma tempestade no coração e pernas trêmulas.

Por mais que tudo isso pareça um sonho, também me deixa

ateterrorizada. Eu não deveria estar me sentindo assim, e o que ele disse ontem à noite é verdade. Não deveríamos estar nos beijando e tocando. Somos amigos. Colegas de casa. Com mais de uma década de diferença de idade. Nosso acordo não vem com um adicional de amizade colorida.

Cruzar essa linha pode ficar muito, *muito* complicado e confuso, com meu maior medo sendo ele querer se divorciar de mim antes que eu consiga melhorar e colocar minha vida nos trilhos.

Não posso arriscar isso.

— Skylar, oi? — Megan fala impacientemente.

Estou perdida em meus pensamentos; não tenho certeza se quero compartilhar meus momentos privados com Jude com Megan. Quero mantê-los aqui dentro, meus, seguros, perto do meu coração.

— Nada aconteceu — digo casualmente. — Começamos a assistir *The Office*. Você estava certa, é muito engraçado.

Ela para de andar e agarra no meu braço.

— Sério? Não era isso que você ia me dizer.

— Era, sim.

Nós duas pulamos quando um apito estridente perfura nossos tímpanos.

— Senhoritas! Se vocês não se moverem, estarão confirmadas em uma hora de detenção e serão obrigadas a correr durante esse tempo!

Ugh.

— Não mente para mim, Skylar — diz Megan enquanto começamos uma caminhada rápida sob o olhar de águia da sra. Stephens. — O que você não está me contando?

— Nada...

— Acabei de lhe dizer que minha preciosa está totalmente destruída por ter relações sexuais sete vezes. Temos que compartilhar tudo uma com a outra. O bom, o mau e o feio.

Suspirando, eu digo:

— Você está certa. Estou confusa. Não tenho certeza se quero falar sobre isso.

— Falar sobre isso vai te *desconfundir*. Eu sou uma boa solucionadora de problemas.

Tentando segurar um ronco de riso, acabo cedendo. Megan vai me perturbar sem parar se achar que eu estou deixando-a de fora.

Nossa caminhada acelera um pouco enquanto eu solto tudo para Megan. Tudo o que a tia de Jude me disse, a massagem nas costas, o abraço sexy, o beijo. Eu contenho minha excitação com tudo isso. Eu prefiro que Megan pense que estou curiosa com a situação do que

saiba da miríade de emoções que estou sentindo.

— Santo cannoli, Skylar. É toda uma situação que se desenrola.

— Nem me fale. E, tipo, ele não pode me dizer que não vamos mais nos beijar quando ele está cheio de tesão.

— Concorde. Você acha que ele é do tipo de joguinhos? Talvez goste de toda essa coisa de gato e rato. — Ela faz a pergunta que eu tenho feito a mim mesma.

— Eu tenho pensado nisso — digo devagar. — E, para ser honesta, eu acho que não. Não vi nenhum indício de que ele seja assim. Acho que está no mesmo barco que eu, surpreso que sinta... — Eu luto para encontrar a palavra certa. — Uma atração entre nós.

— Bem, vocês dois são pessoas bonitas.

— Para com isso — eu digo, olhando para os meus pés.

— É verdade. Ele é gostoso pra caramba. Você é adorável e bonita. Vocês fariam os bebês mais fofos do mundo.

Eu rio, pensando na tia Suzy shippando a gente e torcendo para que tenhamos um bebê; uma dor estranha passa por minha mandíbula. Eu senti isso algumas vezes nas últimas semanas, e não está melhorando.

— Não sei o que fazer ou como agir — respondo, esfregando a bochecha. — Eu não esperava ficar nessa posição.

— Você se sente segura? — ela pergunta, seu tom mudando para um mais sério. — Aqui está você, morando na casa desse cara mais velho, legalmente casada com ele. Você é praticamente dele. Talvez você devesse sair de lá.

E ir para onde? Quero perguntar, mas tenho vergonha de admitir que provavelmente acabaria morando no meu carro.

— Eu não me sinto desconfortável ou insegura perto dele. Não tem nada ameaçador ou estranho a respeito de Jude. E ele não é *meu dono*. Eu nunca senti uma vibe assustadora. Eu realmente sinto que nós dois entramos nisso como amigos, com intenções totalmente platônicas, e agora temos uma conexão inesperada. É mais do que só atração física. É difícil explicar.

— Jesus, Skylar. Não me diga que você está se apaixonando por ele. — O tom de pena em sua voz me irrita. Eu não sou uma garotinha apaixonada desmaiando por causa de alguém que está absolutamente fora de alcance.

Eu sou?

— Eu não estou — digo rapidamente.

— Você *quer* que role algo com ele? Tipo, amizade colorida? Quer dizer, por que não? — Ela encolhe os ombros. — Vocês dois são adultos e concordam. Não tem nada de errado com isso.

— Não sei... Acho que não me oporia a isso se estivéssemos os dois na mesma sintonia. — Um complemento como esse para a nossa situação não seria exatamente horrível, mas ainda estou preocupada com a possibilidade de as coisas darem errado; ele poderia me colocar pra fora imediatamente.

— Se eu fosse você, pararia de analisar. Só segue o fluxo. Se ele flertar com você, flerta de volta. Não o provoque, mas sinta o terreno. Pensa nisso como uma experiência de aprendizado. Ele não parece ser tímido no quarto, se você entende o que eu quero dizer. É o seu último ano, você deveria estar se divertindo. Quando nos formarmos, teremos que começar a ser oficialmente adultas.

— Você está certa.

— Viu? — ela diz, colocando o braço ao redor dos meus ombros.

— Eu sou ótima com soluções.

Capítulo

26

Skylar

— Depois que você postou as fotos das canecas fofas e inspiradoras novas, nós ganhamos cinquenta seguidores, só nesse fim de semana — diz Rebecca, feliz. — Ótimo trabalho.

— Eu vi — digo com um sorriso orgulhoso. — Sempre verifico as estatísticas. As pessoas amaram.

— Amaram mesmo. Dois clientes vieram hoje e compraram para eles e para dar de presente. — Ela se encosta no balcão. — Eu estive pensando em uma coisa e acho que estou pronta para dar esse passo.

— Ah? — Minha curiosidade é despertada.

— Desde que você começou a postar as fotos, tenho recebido muitos pedidos online de clientes não-locais. Vai ser uma grande mudança; vou ter que embalar e enviar os itens, mas acho que isso vai abrir um novo canal de vendas.

— Uau. Essa é uma ótima ideia. — Eu avalio os monitores. — Você nem precisaria disponibilizar *todos* os produtos na internet. Alguns podem ser difíceis de enviar.

Suas sobranças se franzem.

— É verdade. Acho que teríamos que excluir alguns itens. *Tipo esse*. — Ela aponta para uma bela lâmpada de vitral. — Isso seria um pesadelo para o correio.

— Eu acho que se você evitar qualquer coisa muito grande e frágil, vai ficar tudo bem. Vou te ajudar o máximo que eu puder.

— Você é uma joia. Vou pesquisar mais esta semana e me encontrar com um web designer na quarta-feira. Eu marquei à tarde para você poder participar.

Minha primeira reunião de negócios! Tento disfarçar minha empolgação endireitando os cartões de visita no pequeno suporte ao lado do caixa.

— Conta comigo — respondo.

Ela fixa o olhar em mim por um momento, e eu me pergunto se eu disse algo errado ou não agi interessada o suficiente.

— Sua bochecha está inchada? — ela pergunta.

Minha mão sobe para tocar o lado direito do meu rosto.

— Está? — A preocupação instantaneamente inunda minhas veias, obliterando a felicidade que senti pela reunião com o web designer.

Apertando os olhos, ela acena com a cabeça.

— Acho que está um pouco. Dói?

— Sim, começou há algumas semanas, mas hoje está muito pior.
— Eu toco levemente o alto da minha mandíbula. — Bem aqui.

— Pode ser o siso. Eu tinha a sua idade quando os meus começaram a sair. — Minha ansiedade aumenta para um nível oito.

— Ah, não, eu não pensei nisso. O que eu faço?

— Você pode tomar Tylenol, mas provavelmente vai ter que ir ao dentista. — Forçando um sorriso agradecido, eu digo:

— Ok. Vou tentar achar um.

— Você não tem um dentista?

Minhas bochechas esquentam de vergonha.

— Não, eu não vou a um desde que eu era pequena.

— Entendi. — Ela sorri com empatia. — Na verdade, uma amiga muito próxima minha é dentista. Eu vou nela há anos. — Rebecca pega uma caneta e escreve um nome e número de celular no verso de um de seus cartões de visita. — Dr. Katz. Liga para o consultório dela agora, diga à recepcionista que você trabalha para mim, ela me conhece. Talvez elas consigam te encaixar hoje à tarde.

— Hoje? — repito com surpresa. — Eu ia tirar novas fotos hoje.

— Isso pode esperar. É melhor você dar uma olhada nisso se está com dor.

Ligo para a dentista assim que ela volta para seu pequeno consultório, e fico surpresa quando a recepcionista me oferece uma consulta às cinco horas hoje.

Hoje... Eu quase não tenho tempo para me preparar mentalmente.

Após a ligação, faço uma pausa rápida no banheiro. Jogando água fria no rosto, eu inspiro e expiro lentamente, como a terapeuta me ensinou. Quando eu vou ao dentista, eles colocam os dedos na minha boca. Eles vão colocar coisas na minha boca, como algodão e

ferramentas afiadas.

Coisas que podem ter um gosto estranho.

Coisas que eu posso engolir e engasgar.

Eu olho para minhas bochechas no espelho, examinando minha mandíbula. Esticando a boca o máximo que posso, levantando o lábio superior. Nada parece anormal, mas está dolorido.

Calma, eu digo a mim mesma, mas isso não muda a agitação no estômago e meu coração acelerado.

Na minha bolsa, minhas pílulas para a ansiedade estão esperando em uma pequena caixa de metal com um beija-flor desenhado na tampa. A lógica era que tomar remédios pareceria menos assustador se eles não estivessem em um frasco de prescrição com avisos no rótulo ao lado do meu nome.

Eu tomo um antidepressivo e um ansiolítico diariamente, entre outros remédios. O médico disse que eu posso tomar uma dose extra da medicação para ansiedade quando estiver me sentindo mais em pânico e sobrecarregada com os pensamentos na minha cabeça.

Agora parece um desses momentos, mas se eu o tomar, vai me deixar sonolenta. Dentro de uma hora, a confusão mental vai me entorpecer tanto, que eu vou parecer um zumbi para nossos clientes e para Rebecca.

E para Jude.

Mas se eu não o tomar, vou passar o resto do dia hiperfocada na dor na minha mandíbula. O nervosismo que brota da minha ansiedade vai me distrair a ponto de me fazer cometer erros idiotas. Minhas mãos trêmulas vão render olhares desconfiados dos clientes. Se eu esperar até chegar em casa para tomar, vou me arrastar para a cama antes das nove da noite e acordar meio grogue.

Eu quero minha mãe. Talvez não *minha* mãe, mas uma mãe de verdade. Quero que alguém me diga o que eu deveria fazer. Quero que alguém me diga que vou ficar bem.



Mesmo que meus pés descendo as escadas do porão façam um pouco de barulho, não é alto o suficiente para sobrepor o rock explodindo dos alto-falantes bluetooth na parede.

— Jude — eu chamo e paro a cerca de seis metros de distância da área de musculação.

Eu debato comigo mesma sobre virar e voltar lá para cima antes que ele me veja. Eu não deveria estar aqui embaixo enquanto ele está malhando. Parece que estou invadindo sua privacidade — o observando sem camisa, de costas no banco. Ouvindo seus grunhidos primitivos enquanto ele coloca a barra pesada para cima, depois para baixo, depois para cima novamente. O suor brilha sobre seu peito e abdômen esculpidos, iluminando suas tatuagens.

De pé, ao lado de uma pilha de caixas com *Erin* escrito, fico hipnotizada pela protuberância de seu bíceps quando ele empurra a barra mais uma vez, depois a coloca no rack. Engolindo em seco, observo Jude se levantar, pega uma toalha e enxugar o rosto. Esta é a primeira vez que o vejo de short, e não estou surpresa ao ver tatuagens em suas coxas e panturrilhas. Também não estou surpresa ao ver os músculos de suas pernas ainda inchados de qualquer treino que ele estava fazendo antes de eu vir até aqui.

Pessoas suadas geralmente não me atraem, mas ele está incrivelmente sexy com seus cabelos úmidos e músculos brilhantes. Eu sinto vontade de deslizar a mão pelo meio do peito dele, passar meus dedos através da pequena área com os pelos úmidos.

Quando ele se vira e me pega o observando, dá um passo para trás, quase derrubando o rack de pesos livres.

— Que porra — ele diz, me tirando do meu transe. — Você me deu um puta susto.

— D-desculpa — gaguejo, assustada com a profundidade de sua voz ecoando no porão. — Eu queria falar com você e eu...

E eu o quê? Fiquei distraída babando nele?

— E aí? — ele pergunta casualmente, como se não estivesse esbanjando todo tipo de sensualidade enquanto passa a toalha do peito até o abdômen.

Recuperando a compostura, dou alguns passos para mais perto dele.

— Fui ao dentista hoje, mas eles me disseram que o nosso plano não cobre procedimentos odontológicos.

Suas sobrancelhas se juntam.

— Seus olhos estão estranhos. Teve um dia ruim? — Jude *sempre* sabe quando eu tomei a pílula extra.

— Sim. Um dia totalmente horrível — explico. — Eu tive uma dor na mandíbula que eu pensei que poderia ignorar, mas não sumiu. Rebecca me mandou para uma dentista amiga dela esta tarde.

Ele joga a toalha por cima do ombro e me lança um olhar preocupado.

— O que ela disse? Você está bem?

— Tenho dois sisos inclusos. Eu tenho que extrair, e eu estou com muito medo de estar acordada enquanto isso estiver acontecendo. Estou com medo de surtar. Mas a anestesia é muito cara. A coisa toda vai custar uns dois mil dólares.

— Porra. — Ele sopra um fôlego. — Que péssimo. Temos um adicional odontológico. Tem um cartão de identificação diferente, eu vou ter que te arranjar um. Mas preciso te avisar, não cobre muito. Cobre limpezas e radiografia, talvez um tratamento de cárie.

Merda.

— Tudo bem. Eu só queria saber — eu digo, mordendo o lábio.

Estou totalmente ferrada. Como diabos eu vou pagar por isso? A dra. Katz fez parecer que a cirurgia não deveria ser adiada.

— Eu vou te ajudar, sabe — diz ele, se aproximando de mim. Seu short preto escorregou perigosamente para baixo em seu quadril, revelando músculos que não foram feitos para meus olhos observarem. — Se você precisar de dinheiro para o dentista.

— Jude, eu não posso deixar você fazer isso. — Ele já me emprestou dinheiro para pagar minhas receitas e outras coisas. Eu não posso simplesmente deixar que ele continue me dando dinheiro. Especialmente agora que eu sei que ele também ajuda a tia e o tio com as contas.

— Por que não? — ele pergunta.

— Porque você já fez o suficiente por mim. Você não é um caixa eletrônico.

Sorrindo, ele levanta uma sobrancelha.

— Então... há um limite de quanto eu tenho permissão para fazer? Acho que perdi o memorando. Você é minha esposa.

— No *papel*. Mas eu não sou *problema* seu. Temos um acordo, e estou tentando cumpri-lo. Não estava incluso você me bancando totalmente.

Beijos e toques aleatórios também não estavam inclusos.

— Você é minha amiga. Não há problema em ajudar uma amiga. Por que é tão estranho que eu queira fazer algo legal? Todo mundo age como se eu estivesse infringindo algum caralho de lei.

— Não é estranho que você queira me ajudar. Não estou acostumado a ter, ou aceitar, ajuda. É humilhante e embaraçoso para mim. E não é normal que você faça tanto por mim.

Seu sorriso desaparece, e suas narinas se inflamam.

— Me deixa entender isso: você acha que eu estou te humilhando tentando te ajudar a fazer uma cirurgia? E você acha que eu não sou normal? Obrigado.

Carrancudo, ele passa por mim, claramente terminado com a

conversa. Seu braço nu, quente e molhado de suor, desliza contra o meu, e eu resisto ao desejo de tocar o lugar onde sua pele tocou na minha.

— Jude, espera. — Suspiro e o sigo até o andar de cima, ele vai diretamente para a pia da cozinha para lavar as mãos. — Eu não quis dizer isso — eu falo para suas costas. — Eu sou grata por tudo o que você faz por mim. Mais do que eu jamais poderia colocar em palavras. Só que isso faz com que eu me sinta mal, como se eu não merecesse. É muito unilateral.

Ele se vira, enxugando as mãos na toalha.

— Você deveria estar mais preocupada com o fato de achar que não merece isso e menos preocupada comigo sendo um cara legal.

A verdade dói. Não acredito que eu mereça a ajuda dele.

— Você está certo — admito.

— Você quer que eu seja um babaca, Sparkles? Porque eu posso ser um se o eu-legal te *humilha* demais. Eu posso voltar a ser o imbecil autodestrutivo, não-estou-nem-aí-para-ninguém e egoísta que eu era uns anos atrás.

— Não. — Eu balanço a cabeça para os lados, enojada com o pensamento de que Jude era um idiota. — Eu não gostaria que você fosse assim.

— Então não me faça sentir que eu era melhor assim.

— Ok — eu digo, suavizando minha voz. — Eu não quero que você se sintasse assim. Mas também não quero sentir que sou um caso de caridade. Eu me recuso a tirar mais dinheiro de você. Isso me faz sentir uma merda, como se eu estivesse te usando. E me assusta quando sinto que não posso cuidar de mim mesma. Isso faz eu me sentir como se estivesse me afogando. Eu *preciso* pagar minhas próprias contas.

Mais fácil falar do que fazer quando minhas contas médicas excedem meu pequeno salário. Os exames iniciais que fiz no hospital vieram com muitas contas inesperadas, que tive que pagar do meu próprio bolso, um total de uns três mil dólares. Vou passar a vida pagando. E agora essa conta de dentista repentina. Parece que não acaba nunca.

Alguém da minha idade deveria realmente ter todo esse estresse financeiro?

— Eu entendo totalmente o que você está dizendo, acredite em mim. Mas como você vai pagar por tudo isso? — Jude pergunta, sua voz mais suave.

— Não sei, obviamente. Acho que vou dar um jeito.

Suspirando, ele olha para os pés e depois volta para cima.

— Eu acho que você poderia vender sua aliança de casamento. Paguei três mil por ela.

Meu coração salta para a garganta com essa confissão. Eu tinha minhas suspeitas de que o anel tinha pedras preciosas reais, mas ouvir que ele realmente me comprou algo tão bonito e caro é um choque total.

— Jude... — Eu engulo e tento aliviar a emoção da minha voz. — Por que você comprou algo tão caro? Eu não...

— O quê? — ele interrompe, seu olhar desafiando o meu. — Você não merece?

— Não — eu digo, perto das lágrimas. — Eu não mereço.

A decepção escurece seus olhos.

— Você está errada. Você merece. — Sua voz sai baixa. — Talvez eu estivesse tentando mostrar isso a você.

Minha boca fica seca, então lambo os lábios.

— Eu não vou vender minha aliança.

Mesmo que eu não use o anel em público, eu uso sozinha no meu quarto à noite. Sento na minha cama e balanço, me maravilhando com a forma como os diamantes brilham na luz, como pequenas estrelas. Eu fantasio que é *real* — que o significado e os votos por trás disso são reais, e eu tenho uma pessoa que me ama mais do que qualquer coisa e quer passar a vida comigo e só comigo. O devaneio é muito melhor do que a verdade, que é que minha vida se transformou em algum tipo de novela meio estranha.

Jude olha para o meu dedo anelar nu, e eu me pergunto se ele queria que eu o usasse todos os dias, assim como uma parte louca de mim estava esperando que ele usasse o dele.

— Por que não? — Os cantos de seus olhos se estreitam uma fração. — É só um anel. Certo? — Claramente não é *só um anel* para nenhum de nós dois.

Eu inclino meu queixo para a frente.

— Porque significa algo para mim, e eu posso contar em uma mão as coisas que eu tenho que têm algum valor ou significado especial para mim.

Ele se inclina para trás, apoiando no balcão. Olhando para suas mãos, ele estala os dedos, lentamente ergue o olhar de volta para mim. Jude inclina a cabeça para o lado, como se estivesse me avaliando.

— Que tal isso? Te dou seis mil pelo seu carro — diz ele calmamente. — Em dinheiro.

Eu puxo uma respiração rápida. Sua oferta é como um soco direto no meu estômago. Ele sabe o quanto o Corvette é importante para

mim. O extremo valor sentimental que tem. Ele sabe que eu nunca abriria mão do carro. Mas ele também sabe que estou em uma situação financeira sem opções. Não posso negar a terrível verdade, esse dinheiro me permitiria fazer a cirurgia com o dentista, pagar minhas contas e ter uma reserva no banco, algo que eu nunca, nunca tive e preciso desesperadamente.

— Você conseguiria pagar todas as suas contas — acrescenta. — Sem ficar devendo nada a ninguém.

Eu engulo o nó grosso na garganta.

— E como eu iria para escola e para o trabalho? — Minha voz racha, e eu engulo de novo. — Eu não quero comprar um carro velho. Isso vai acabar me custando mais.

— Você pode dirigir meu Subaru. Está em ótimo estado, poucos quilômetros rodados, tem só cinco anos. Eu nunca dirigi desde que eu comprei a caminhonete. Você pode usar pelo tempo que quiser.

Só Jude para ter um carro extra parado na garagem.

Olhando em seus olhos, não posso acreditar que estou *considerando* vender o meu amado carro. Mas, por mais que eu odeie isso, tenho que considerar a ideia, porque ele está me oferecendo um acordo que é impossível de recusar. Minha boca está latejando mais a cada minuto, e eu não consigo imaginar essa dor continuando por dias, semanas ou meses. Vou perder a cabeça.

Eu limpo uma lágrima desonesta do canto do meu olho.

— O que você vai fazer com ele? Vender? — pergunto.

Ele me dá um sorriso suave.

— Não. Vou mantê-lo na garagem e restaurar algum dia. Eu não vou me livrar dele. Vai ficar surreal quando eu terminar.

Eu deveria ter ficado com a boca fechada. Devia ter deixado Jude me emprestar dinheiro para pagar minhas contas. Eu podia só ter falado obrigada e sido grata, em vez de deixar meu orgulho e necessidade de independência atrapalhar.

Skylar, você é uma idiota.

— O inverno está chegando. Você nunca vai conseguir dirigir o *Vette* na neve. O Subaru tem tração nas quatro rodas. É muito mais seguro.

Fungando, pisco lágrimas quentes.

— Você vai cuidar dele? — pergunto. — Se eu aceitar isso?

— Eu prometo — ele diz sinceramente.

— E você não vai vender? Eu não quero que ninguém o tenha. Nunca. Eu não me importo tanto se for você, mas ninguém mais pode tê-lo.

— Você tem a minha palavra. Algum dia, se você quiser comprá-lo de volta, ele é seu. Eu até o vendo de volta pelos mesmos seis mil, não importa o quanto eu coloque nele. Mas ninguém mais vai tê-lo, ok? — Ele dá um passo à frente e toca minha bochecha, enxugando minhas lágrimas. — Eu não quero que você chore — ele diz baixinho.

Levo um momento para me recuperar do toque suave inesperado. Respiro fundo, para me reorientar.

— E você nunca pode deixar uma namorada dirigir ele.

Ele solta uma gargalhada.

— Sério, Sparkles?

— Sim, sério. Não estou brincando. Eu não quero nenhuma qualquer dirigindo meu carro.

— Tudo bem. Isso não vai ser um problema. Temos um acordo então?

Aqueles olhos cinzentos intensos penetraram nos meus, me desafiando a aceitar. Tenho certeza de que há um teste aqui em algum lugar, mas não tenho certeza de qual é a escolha certa. Eu só sei que existe *uma*.

— Espero que você tenha muitas notas — respondo desafiadoramente.

— Claro que eu tenho. Espere aqui mesmo.

Meu coração bate forte e minha garganta dói enquanto espero na cozinha. Eu meio que o odeio agora por fazer isso, e eu me odeio ainda mais porque o levei a fazer isso.

Cavalo dado não se olha os dentes.

Momentos depois, ele retorna com literalmente uma pilha de notas de cem e cinquenta na mão. Eu nunca vi tanto dinheiro junto na vida, e levo alguns momentos para aceitar. Relutantemente, entrego as chaves. Meu coração parece estar em pedaços. A lembrança de meu avô alegremente tocando as mesmas chaves na minha frente quando me disse que o carro seria meu um dia me sobrecarrega. Meu coração dói.

Me desculpa, Papa.

Eu não vou chorar.

Eu não vou ter uma crise.

— Não se apegue muito, Lucky. Eu *vou* comprar de volta algum dia. — Eu tento soar confiante, talvez até um pouco sedutora, mas em vez disso minha voz treme de emoção.

Ele joga as chaves no ar e as pega enquanto pisca e me dá seu sorriso sexy e inesquecível.

— Espero que você goste de interiores vermelhos, Sparkles.

Ugh. Aquela voz provocadora. Ele está aprontando alguma.

Eu olho para suas costas musculosas quando ele sai. De fato, vermelho é perfeito. É a cor com a qual meu avô e eu concordamos, lá atrás, quando eu estava animada e sonhava alto: porque é a cor do amor.

Capítulo

27

Skylar

As pessoas sempre nos dizem que as coisas vão melhorar. E elas melhoram. Mas o que as pessoas não nos dizem é que as coisas vão piorar de novo.

Aqui estou eu, sentada na sala de espera do consultório da dra. Katz tentando não surtar com o fato de que, a qualquer momento, a enfermeira virá e me levará para fazer meu primeiro procedimento cirúrgico. Tenho pavor de agulhas e de estar dormindo enquanto as pessoas fazem coisas no meu corpo. Estou preocupada com quanta dor eu vou sentir depois.

Durante toda a manhã, Jude jurou várias vezes que, quando isso acabar, vou me sentir muito melhor e perceber que toda essa preocupação foi em vão.

Espero que ele esteja certo, para que eu finalmente possa descansar minha mente. Minha ansiedade esteve a mil durante toda a semana. Mas então Lisa Rottworth entra na sala de espera, a amiga de Paige e o braço direito da menina malvada. Não me pergunte como Lisa entrou para a galera descolada com um sobrenome como Rottworth, mas de alguma forma, ela conseguiu.

Lisa me olha com total desinteresse enquanto ela e sua mãe se sentam em frente a mim. Hoje escolhi ficar confortável e vesti leggings preta, tênis e um moletom branco. Eu não me preocupei em me maquiar. Lisa não deve estar aqui para uma cirurgia, porque ela está toda produzida, com uma maquiagem completa, incluindo cílios postiços, botas de salto alto, jeans skinny, brincos de argola grandes o suficiente para fazer acrobacias e um suéter de caxemira. Ser popular deve ser exaustivo. Quem quer parecer perfeito a todo momento todo

dia?

Ela provavelmente veio buscar um Invisalign.

Meus olhos vão para Jude, que está no balcão da recepção fazendo meu check-in, porque eu me senti muito instável para ficar lá em pé, preenchendo formulários e respondendo perguntas.

Agora me arrependo profundamente dessa decisão.

— Você é o segurado? — pergunta a recepcionista em voz alta.

— Sim.

— E qual é a sua relação com a paciente?

Jude limpa a garganta.

— Eu sou o marido dela.

Minha respiração é sugada para fora de mim como se tivessem criado um vácuo.

Merda.

Merda. Merda. Merda.

Os olhos da mulher desviam para mim, me avaliando por trás de seus óculos bifocais enquanto ofereço um sorriso fraco. Franzindo os lábios, ela dá a Jude um olhar lateral de julgamento antes de inserir seu cartão de seguro no leitor.

Minha frequência cardíaca acelera para um galope estrondoso enquanto tento ignorar o olhar de Lisa, que eu posso literalmente sentir do outro lado da sala, me perfurando como um pica-pau psicótico.

Isso não está acontecendo.

Na recepção, Jude está pagando com o dinheiro que eu lhe dei, e a recepcionista está repassando as instruções básicas de quitação com ele. Finalmente, ela entrega a ele receitas para meus antibióticos e analgésicos.

Arrisco dar uma olhada em Lisa, e eu estava certa. Ela está em alerta máximo, coluna reta, celular na mão, sua atenção focada como um laser, mudando seu olhar de mim para Jude, enquanto tenta coletar informações.

Informações que eu já sei que ela vai transmitir para Paige e para o restante do grupo.

— Tudo pronto — diz Jude, sentando-se ao meu lado.

— Obrigada — sussurro, engolindo com força. Sinto que vou ficar enjoada, mesmo que não tenha comido desde ontem.

Ele agarra minha mão para me confortar. amo como é um gesto natural e como ele não tem medo de ser afetuoso em público. Mas agora é o pior momento e lugar possível.

— Relaxa — diz ele, com a voz suave. — Depois da anestesia,

você não vai sentir nada. Você vai acordar pensando que piscou, e nós vamos para casa e Netflix and chill.

Ele está tentando me fazer rir, usando nossa piada boba sobre a Netflix and chill.

Mas Lisa não sabe que não fazemos Netflix and chill no sentido sexual, e seus dedos já estão voando furiosamente sobre o teclado do celular, sem dúvida detalhando essa fofoca suculenta.

Meu estômago vazio faz a náusea borbulhar, agitando-se com ondas de pânico.

Vou ser colocada para dormir e meus dentes serão arrancados da minha boca.

O médico vai colocar todo tipo de coisa na minha boca, enquanto eu estou *dormindo*.

Talvez eu nunca acorde.

Eu posso acordar no meio da cirurgia.

Posso engasgar. E morrer.

O sangue pode escorrer pela minha garganta até o meu estômago.

Lisa Rottworth vai arruinar a minha vida.

— Você está tremendo — diz Jude, inclinando-se para mais perto de mim e deslizando os lábios no meu cabelo, bem acima da minha orelha. — Tente relaxar. Você vai ficar bem.

Isso foi o clique da câmera do celular da Lisa?

Resistindo ao desejo de bater nele, puxo minha mão. Sério, de todos os momentos, Jude decide que *agora* beijos e toques não são um problema, que ele tem que fazer isso aqui mesmo no meio da sala de espera na frente da porra da Lisa Rottworth?

Em qualquer outro lugar do planeta, eu adoraria o carinho e a atenção. Eu estaria aproveitando, guardando cada detalhe em minha mente para sonhar acordada mais tarde.

Mas não aqui, na maldita sala de espera na frente da porra da Lisa Rottworth!

A porta que leva às salas de exame se abre.

— Skylar? — a jovem enfermeira chama com uma voz alegre. — Estamos prontos.

Eu fico de pé com as pernas trêmulas e atravesso a sala, olhando venenosamente para Lisa, que está sussurrando para sua mãe de olhos arregalados.

— Voltaremos para buscá-lo quando ela estiver se recuperando, sr. Lucketti. Serão cerca de duas horas.

Puta que pariu. Quando eu pensava que as coisas não poderiam piorar, agora Lisa sabe o nome do meu marido.



Jude estava certo. A dra. Katz me colocou no soro e pediu para contar de trás pra frente, começando pelo dez. Cheguei ao sete, e isso é tudo o que me lembro. Acordo com a boca cheia de algodão e a enfermeira sorrindo para mim.

— Como você está se sentindo? — ela pergunta.

— Ok — murmuro, piscando. — Acabou?

Ela acena com a cabeça.

— Acabou. Você se saiu muito bem. Vou chamar seu marido. Você pode descansar aqui por alguns minutos, e então pode ir para casa.

Meu marido.

Parece tão estranho ouvir alguém se referir a Jude dessa maneira.

Não posso dizer que não gosto, porque sinto minha barriga agitar e esquentar.

Ou talvez isso seja efeito da anestesia. Eu olho para uma pintura de flores na parede. Uma das flores parece estar sorrindo.

Sorrindo de volta, deixo minhas pálpebras pesadas fecharem.

Da próxima vez que abro os olhos, Jude está sentado em uma cadeira no canto da sala com sua jaqueta de couro no colo.

— Acordou a dorminhoca — brinca.

Eu pisco para ele e tento mover minha boca. Toda a minha cabeça e rosto se sentem entorpecidos e estranhamente desconectados do resto de mim.

— Pronta para ir para casa, Sparkles? — ele pergunta.

Balançando a cabeça, tento me sentar, segurando os braços da cadeira de exame. Jude se aproxima e me ajuda a ficar de pé, mantendo seu braço ao meu redor enquanto me leva para fora do consultório e para sua caminhonete. Eu estou muito tonta para protestar quando ele me coloca no banco do passageiro.

— Eu já peguei seus remédios — diz ele atrás do volante. — Assim a gente pode ir direto para casa.

Eu concordo com a cabeça e murmuro um obrigado.

— Você vai se sentir estranha por alguns dias. É só tomar seus remédios e dormir.

Quero contar que Lisa Rottworth nos viu juntos e que graças à boca grande da recepcionista, ela sabe que somos casados e provavelmente organizou uma reunião de grupo para orquestrar a

melhor maneira de circular esse escândalo pela cidade e arredores.

Mas minha boca dói, sinto minha cabeça voando como um balão, e falar parece impossível.

— Somos casados... — eu sussurro, me inclinando para trás contra o encosto de cabeça. — Lisa é uma grande puta... Você quebrou a regra...

Mais palavras ininteligíveis e sem sentido jorram da minha boca, juntamente com uma bola de algodão sangrenta que cai no meu colo.

Gritando de horror, eu a pego e o jogo pela janela.

— Oh, meu Deus... — eu gemo, lutando para clarear minha visão. — Por que estou morrendo?

— Você não está morrendo. Você só está meio chapada. Não tente falar. Podemos tirar a gaze quando chegarmos em casa. Só fique mordendo por enquanto.

Todo esse algodão na minha boca me deixa petrificada. O que está me impedindo de engolir isso e sufocar? Especialmente quando eu não consigo nem pensar direito?

Como isso pode ser seguro?

Eu nunca, nunca, nunca mais vou fazer uma cirurgia novamente.

Meu celular vibra no bolso, mas eu ignoro. Tenho certeza de que é apenas Megan querendo saber como eu estou, mas eu me sinto grogue demais para conversar.

Capítulo

28

Skylar

Eu sou uma mentirosa.

Eu disse a mim mesma, e a qualquer outra pessoa que queira ouvir, que eu não acredito no amor. Ou casamento. Ou almas gêmeas. Ou parceiros. Ou felizes para sempre.

Mas a verdade é que eu acredito em tudo isso. Eu só não acredito que *eu vou* ter isso.

Talvez eu estivesse errada sobre tudo.

Porque Jude, que também parece estar mentindo para si mesmo sobre todas essas mesmas coisas, está virando todas as minhas crenças de cabeça para baixo.

Mais cedo, ele me ajudou a subir até o meu quarto e gentilmente removeu a gaze sangrenta da minha boca sem a menor hesitação. Não demonstrou estar enojado ou irritado.

Por mais nojento e embaraçoso que tenha sido, eu fiquei grata, porque não acho que eu conseguiria ter feito isso sozinha sem vomitar.

Foi então que notei que ele deve ter voltado para a casa enquanto eu ainda estava na cirurgia, porque meu quarto estava todo preparado. O edredom e os lençóis estavam dobrados. As cortinas fechadas. Uma garrafa de água, um novo livro de bolso, uma compressa de gelo e o controle remoto da televisão estavam esperando na mesa de cabeceira. Um envelope branco, do tamanho de um cartão de felicitações, com o meu nome escrito na frente estava apoiado no meu despertador.

Sonolenta, rastejei para a cama e devo ter adormecido

imediatamente.

Quando acordo, minha boca lateja assim que me sento na cama, mas a dor não é tão ruim quanto eu pensei que seria. Sinto um incômodo e cansaço.

Quando começo a me dirigir para o corredor, meu olhar cai no envelope novamente. Decido abrir mais tarde. Meu coração aperta quando chego ao banheiro, e vejo que ele deixou um frasco com sal na pia para que eu possa enxaguar com água morna salgada, como o dentista pediu.

Ele pensou em tudo.

Minha respiração acelera com uma onda de emoção que não sei descrever.

O que é isso tudo?

Até esse momento, eu sempre estive sozinha quando ficava doente, sozinha no meu quarto, na casa da minha mãe, lutando para cuidar de mim mesma durante febres, intoxicações alimentares, resfriados e gripes.

Esse cuidado dele é estranho e avassalador, e não sei o que fazer em relação a isso. Jude é apenas um cara legal me fazendo um favor? Ele levou nossos votos falsos a sério e agora está abraçando todos eles?

Ou é possível que o amor não nos deixe escolher se acreditamos nele ou não? Será que isso simplesmente acontece?

As vozes em minha cabeça formam um círculo ao meu redor e cantam: *Ele nunca vai te amar. Você não merece amor. Ele nunca vai te amar.*

Não vou pensar nisso. É ridículo. Ser legal não é amor. É apenas decência humana básica. Se existe alguma coisa, provavelmente é pena de mim.

Na saída do banheiro, eu esbarro em Jude no corredor. Eu rio um pouco quando percebo que poderíamos quase ser gêmeos, nós dois vestindo calças de moletom cinza e camisetas brancas.

— Você está acordada — diz ele. — Eu estava vindo te ver.

Eu sorrio um tanto grogue para ele.

— Acabei de acordar. — Mesmo depois de uma soneca de cinco horas após a cirurgia, ainda me sinto fraca e enevoada pela anestesia.

— Ótima hora. Eu fiz um shake de proteína para você. — Ele segura um copo alto e uma colher.

— Ah. — Meu sorriso murcha. — Obrigada. — Eu pego, e ele me segue até o meu quarto, onde nos sentamos juntos na minha cama.

— Eu fiz certinho, é leite de amêndoa novo, whey de baunilha novíssimo que abri hoje e cubos de gelo.

Eu olho para ele com apreensão. Não é só um shake. É um copo de vinte centímetros cheio de lembranças ruins. Quando eu tinha oito anos de idade, eu estava com tanta fome, que bebi um milkshake que estava na geladeira há mais de uma semana. Estava vencido e azedo e tomou conta do meu corpo por três dias horríveis. Eu ainda consigo sentir o gosto espesso na minha boca.

Eu luto contra a ânsia de vômito enquanto mexo a colher dentro do copo, procurando caroços ou saliências.

Não tem.

Esse não é *aquele* shake.

Esse é seguro e fresco. O que eu rotularia como *limpo*.

Mas ainda assim...

Jude me observa com uma sobrancelha levantada, e eu sinto vontade de chorar. Ele está se esforçando tanto, e eu estou tão fodida por dentro... Eu gostaria de poder comer ou beber algo diferente, mas quase tudo líquido ou mole me assusta. É tudo tão *misturado* e não identificável.

Quero o meu pão com manteiga.

Nunca me ocorreu que meus alimentos seguros não seriam comestíveis em um momento como este. Eu me sinto traída.

Talvez eu tenha mentido para mim mesma sobre meus hábitos alimentares tanto quanto menti para mim mesma sobre o amor. Eu pensei que estava me mantendo segura, mas tudo o que eu estava fazendo era nutrir um problema maior.

— Você tem que colocar algo no estômago — ele diz suavemente.
— Eu prometo que é seguro beber. — Meus músculos da mandíbula doem enquanto sorrio para ele.

— Eu confio em você — eu digo.

Lentamente, eu bebo o shake enquanto ele me distrai falando sobre a casa e o resto das reformas que deseja fazer. Jude me pergunta sobre cores de tinta e móveis enquanto traz fotos em seu celular para eu ver e escolher.

É doce o quanto ele está animado com a decoração nova, e isso funciona, ter minha mente envolvida em algo positivo não me permite me concentrar em texturas de alimentos e lembranças ruins.

— Isso estava muito bom — digo quando tomo o último gole do shake. Eu o espio por trás da cortina do meu cabelo. — Obrigada por cuidar de mim.

Ele encolhe os ombros.

— É meio que o meu hobby favorito agora.

Meu coração dá pulinhos quando ele pisca para mim depois de dizer isso.

— Você quer ficar e assistir a um filme comigo? — eu pergunto depois que eu tomo o meu antibiótico e dois comprimidos de Tylenol. Eu decidi não tomar os analgésicos porque tenho medo de que eles me deixem enjoada. — Eu me sinto muito fraca para descer as escadas.

A maneira como seus olhos se deslocam desconfortavelmente da televisão para a cama faz com que eu me arrependa de perguntar isso por colocá-lo nessa posição. Tenho certeza de que ficar de novo comigo em um sábado à noite não é o que ele imagina como um programa divertido.

— Hum... com certeza. — Ele esfrega a mão no queixo. — Tudo bem.

Sua resposta não tão entusiasmada reduz a felicidade que senti momentos atrás.

— Você não precisa, se já tiver planos — digo rapidamente. — Estou totalmente bem. Só meio dolorida e com sono. Gus e Cassie vão me fazer companhia.

— Não... Não tenho planos. Vou ficar com você um pouco.

— Eu tenho que te avisar, estou planejando assistir *Diário de Uma Paixão*. É o melhor filme de menininha — brinco. — Se você quiser mudar de ideia, deixo você se livrar disso.

Ele geme.

— Não, vou aceitar o sofrimento dessa vez, porque você teve um dia ruim.

Eu ainda não contei a ele sobre Lisa Rottworth. Espero que seja coisa da minha cabeça ela ter mandando mensagens para Paige sobre eu ser casada depois de ter ouvido a conversa de Jude com a recepcionista.

Nós nos acomodamos na minha cama, empilhando um monte de travesseiros contra a cabeceira. Apago a lâmpada do teto, acendo a pequena ao lado da minha cama, que tem uma luz azul fria e, em seguida, puxo meu cobertor de lã sobre nós dois.

— Está confortável agora? Ou precisamos de mais dez travesseiros? — pergunta com o polegar pairando sobre o botão play no controle remoto.

Eu sorrio.

— Eu estou bem.

— As coisas que eu faço por você — ele brinca quando o filme começa, com suas cenas românticas e previsíveis.

— Shhh — eu digo, secretamente amando tudo o que ele faz. — E tudo bem se você chorar no final. Não vou duvidar da sua masculinidade.

Jude zomba, mas sorri.

— Eu não vou chorar por causa de um filme, Sparkles.

— Vamos ver.

Bem no meio do filme, eu entro em um estado sonolento, confortável e relaxado. Eu me sinto aconchegada e segura no meu belo quarto, sob o cobertor macio, com Jude e nossos dois bebês de pelo. Eu me aproximo dele e apoio a cabeça em seu ombro, inspirando silenciosamente o cheiro do seu perfume. Quando estamos perto assim, tudo no meu mundo parece ficar melhor, e eu não consigo imaginar querer estar em qualquer outro lugar.

— Eu gosto de estar perto de você — eu sussurro.

— Eu gosto de estar perto de você também — ele sussurra de volta, gentilmente colocando o braço em torno de mim e me puxando para mais perto.

— Você sempre faz eu me sentir melhor. Você é um bom marido — brinco. Mas, na verdade, é verdade.

Se eu quisesse me casar mesmo, gostaria de me casar com alguém como ele.

— Você é uma ótima esposa — Jude brinca de volta.

Eu me viro levemente em direção a ele, inclinando meu rosto para cima em direção ao dele, e Jude beija minha bochecha.

— Eu não posso te beijar — diz ele, com uma voz tão baixa que mal consigo ouvi-la sob o som do filme. Minha felicidade murcha.

— Por quê?

Ele olha para o filme, Noah e Allie estão brigando adoravelmente. Os músculos de sua mandíbula se contraem. Aguardo o que parece ser para sempre para que ele volte sua atenção para mim.

— Eu não quero te machucar — ele finalmente diz.

Evitando meus olhos, ele afasta alguns cabelos perdidos da minha testa.

— Me machucar como? — pergunto.

— Sua boca, baby — diz ele. — Eu não quero machucar sua boca. — O tom de sua voz sugere razões que vão muito além do que isso.

Eu movo minha língua sobre meu lábio inferior, seduzida pelo modo como seus olhos escurecidos se fixam em minha boca.

— Então me beije em outro lugar — eu digo suavemente, enrolando meus dedos no tecido fino da sua camisa.

Inspirando profundamente, ele finalmente poussa seus olhos nos meus e os mantém ali por um longo tempo, talvez esperando que eu vacile e desvie o olhar.

Eu não desvio.

— É isso que você quer? — Seus lábios tocam meu nariz, depois

esperam, pairando a apenas um fôlego de distância. Eu concordo com a cabeça enquanto respiramos um contra o outro.

— Sim.

Minha resposta é um convite sutil. Se ele optar por aceitá-lo, qualquer toque ou beijo a partir deste ponto em diante não será um *oops* ou um acidente.

Será uma escolha consciente. Uma decisão que tomamos juntos aqui mesmo na minha cama.

Segurando meu cabelo, ele gentilmente puxa minha cabeça para trás, inclinando meu pescoço em direção a ele. Meus olhos se fecham enquanto Jude pressiona os lábios na minha garganta e os mantém no local, quentes e macios, antes de chupar levemente. Minha respiração falha quando ele lentamente desce até tocar brevemente a minha boca — um sussurro suave e gentil — antes de levar seus lábios de volta para a base da minha garganta. De boca aberta, roçando os dentes. Agarrando sua camisa, eu o puxo para mais perto. Suas mãos apertam o meu cabelo enquanto nos fundimos sob o cobertor.

Meu corpo vibra enquanto ele devasta meu pescoço e depois desce para a clavícula, respirando pesadamente contra mim. Minha cabeça está girando, seja pela cirurgia ou pelo fervor que ele está acendendo em mim — talvez ambos. Tudo o que sei é que não quero que isso pare.

Segurando a sua nuca, tento puxá-lo até minha boca, desesperada para ter seus lábios nos meus. Dane-se a dor.

Eu não me importo.

Eu quero ele.

— Não — ele diz, recuando com malícia e desejo em seus olhos.

— Se comporte ou eu vou parar.

Suas palavras só me fazem querer ainda mais.

— Não pare — sussurro.

Ele lentamente tira minha camiseta, seu olhar ainda no meu. Minha respiração superficial está no mesmo ritmo da dele; centímetro por centímetro, ele sobe o tecido até que ele esteja amontoado sob o meu pescoço. Seus olhos descem, demorando nos meus seios nus. Seus dedos apertam em torno da minha cintura, me dizendo que ele gosta — *quer* — o que vê.

— Fiquei morrendo de vontade de te beijar de novo... de estar perto de você de novo. — Sua respiração entrecortada contra minha pele causa arrepios em meu peito e braços. — Porra, eu só penso nisso.

Lentamente, Jude desce os lábios sobre meus seios, sua língua fazendo círculos preguiçosos e provocantes em torno de um, depois do

outro, para cima e para baixo, até eu sentir que preciso gritar. Sua barba rala roça sobre minha pele sensível no caminho de sua língua. Eu não tinha ideia de que a alternância de suave e áspero poderia ser tão loucamente tentadora.

Um breve suspiro escapa de mim quando sua boca finalmente afunda sobre meu mamilo e seus dentes gentilmente o puxam para encontrar sua língua agitada.

Segurando seu pescoço por trás, passo as mãos pelos seus cabelos longos, entrelaçando-os através de meus dedos — algo que eu queria fazer há muito tempo. Eu arqueio o corpo para mais perto dele, querendo mais. Jude corresponde deslizando uma mão calejada pela parte inferior do meu corpo, acariciando minhas costelas antes de descer mais. Ele faz uma pausa por uma fração de segundo, logo abaixo do meu umbigo. Sua respiração é quente e superficial contra o meu peito. Sinto o dilema interno correndo em suas veias.

Não quero que a gente recue.

Cubro sua mão com a minha, empurrando suavemente por baixo do cós da minha calcinha, e, em seguida, afasto minha mão.

Um gemido rouco escapa profundamente em sua garganta, e é o som mais sexy que eu já ouvi.

As pontas de seus dedos roçam nos pelos macios. Meu corpo se contorce de desejo enquanto ele suga meu seio vorazmente. Meu coração pulsa mais rápido. Sua mão é tão boa, tão incrivelmente quente. Reconfortante e eletrizante ao mesmo tempo. Meus músculos do abdômen vibram com um milhão de borboletas em antecipação ao seu toque.

— Jude...

Quando ele olha para mim, seu cabelo cai em seu rosto da maneira mais sexy possível. Seus lábios estão brilhando pelos beijos que me deu. Eu sonhava acordada em ser beijada por ele de novo — um beijo que não fosse apenas um rapidinho ou um selinho. Eu preciso de um beijo que me faça sentir como se ele me quisesse. Sem hesitação. Um beijo que diz que *você é minha*.

Eu não sabia que queria ser de ninguém até nos beijarmos no dia do nosso casamento. Talvez o beijo no final dos votos tenha poderes mágicos. Porque aquele *oops* mudou tudo.

— Você quer que eu te toque? — ele pergunta com a mão ainda pressionada contra mim, imóvel.

— Oi? — eu digo, estremecendo. — Você está *brincando*? — Ele não ri.

— Eu preciso ouvir você dizer, Sparkles.

Ah. Este não é um dos nossos momentos de provocação. Isso é

sério. *Como deve ser.* Eu toco sua bochecha, e meu coração derrete quando ele se vira para pressionar um beijo na minha palma.

Como é que ele pode parecer tão áspero e sexy, e ainda ser tão incrivelmente doce?

— Sim — sussurro, toda a brincadeira se foi. — Eu quero que você me toque, Lucky.

— *Bom* — ele sussurra, e mergulha a cabeça no meu cabelo para beijar o ponto sensível logo abaixo da minha orelha.

Um arrepio quente desce pela minha espinha enquanto sua mão desliza por baixo da minha calcinha. Passando meus braços em torno dele, eu o puxo para mais perto e movo minhas mãos lentamente para cima e para baixo sobre o músculo duro nas suas costas. A força e a solidez são tão magnéticas e aterradoras. Eu anseio pela segurança que Jude me traz.

Na verdade, eu anseio por *tudo* o que ele me faz sentir.

Pegando fôlego, separo minhas pernas, e ele mergulha entre minhas coxas. No momento em que seus dedos tocam meus lábios, solto um gemido e me empurro contra a sua mão. Ele dá beijos do meu pescoço ao meu peito enquanto faz coisas mágicas em mim. Seus dedos dedilham a curva dos meus lábios inferiores. Seu polegar pressiona meu clitóris e esfrega em círculos lentos e tentadores. Minha respiração acelera. Minhas coxas se apertam em torno de sua mão. Nós gememos simultaneamente quando ele enfia dois dedos dentro de mim e me fode lentamente com a mão.

Quando eu procuro pela sua calça, ele afasta minha mão.

— Não — ele sussurra com a boca contra o meu ouvido e os dedos enterrados dentro de mim. — Hoje eu só quero provar você.

Em um piscar de olhos, Jude desaparece sob o cobertor e rapidamente abaixa minhas calças de moletom. Sua boca se une à sua mão entre minhas coxas. Sua língua bate no meu clitóris, seus lábios me cobrem, tão quentes e molhados.

Eu me transformo em uma bagunça trêmula, molhada, orgástica e apaixonada.

Fechando os olhos, solto tudo, me agarro a ele e me permito me perder em *nós*.

Capítulo

29

Jude

— Não acredito que estamos aqui. Os donos da casa são um pé no saco — diz Kyle quando paramos na calçada da casa ao lado da escola.

— Pelo menos eles pagam em dia. Isso é tudo o que importa para mim. É um trabalho de duas semanas. Entra e sai. — Eu estava em cima do muro sobre voltar para cá quando o dono da casa me ligou querendo construir uma garagem separada para um carro. Não apenas porque eles são difíceis de lidar, mas porque eu não tinha certeza se queria trabalhar tão perto de Skylar agora que estamos legalmente casados e morando juntos. Eu não confiava em mim mesmo para não estar constantemente olhando para o estacionamento ou para a escola, na esperança de vê-la e pegá-la sorrindo para mim.

Não espero muito, mas o sorriso dela é definitivamente um ponto de destaque no meu dia. Três semanas atrás, aceitei o trabalho porque tive uma pausa na minha agenda enquanto esperava materiais para um projeto diferente. Na época, eu não sabia o quanto tudo mudaria entre mim e Skylar.

Eu não tinha ideia de que eu começaria a ter sentimentos reais por ela ou que eu acabaria na cama dela, beijando-a e tocando-a enquanto ela estava seminua. Ou que eu não seria capaz de parar de pensar nela e de querer estar com ela.

Nada disso fazia parte do meu plano.

Agora, eu não sei o que caralhos eu estou fazendo.

— Acho que a gostosinha perdeu o carro — diz Kyle.

— Hm? — respondo.

— Aquela garota que você levou para o pronto-socorro. — Ele

inclina a cabeça em direção ao estacionamento da escola. — Agora ela está dirigindo um carro de mãe.

Felizmente, Kyle não sabe que o *carro de mãe* de Skylar é, na verdade, o meu Subaru. Nem sabe que é com ela é que me casei.

— Mas continua gostosa pra caralho — ele divaga, olhando para ela. — Aposto que ela é uma das fracas. É pagar uma cerveja pra ela ficar bêbada e sua bundinha acabar quicando no meu pau.

Meu sangue ferve como lava.

Dou um empurrão forte no ombro dele.

— Que porra, cara? — eu digo.

Ele tropeça para trás e quase cai sobre suas ferramentas.

— Qual é o seu problema?

— O que diabos tem de errado com você? Dizer uma merda doentia assim. Ela tem dezoito anos, porra.

E ela é minha esposa.

Rindo, ele volta seu olhar para Skylar andando pelo estacionamento.

— Isso é ainda melhor.

Eu olho para ele.

— Não, Kyle. Não é.

— Você perdeu o pau em algum lugar, Lucky? Ela é uma gostosa aleatória, não a porra da sua irmã.

Quando ele começa a se mover para sair, eu agarro sua camisa e o bato contra os fundos da casa. Eu sinto uma satisfação doentia quando a parte de trás de seu crânio salta pela força que bate no tapume.

— *Nunca* fale sobre minha irmã — eu estabeleço.

Seus olhos se arregalam, e ele se agarra ao meu braço, tentando afrouxar meu aperto.

— Cara, calma. Eu não quis dizer *sua* irmã. Estou falando qualquer merda.

— Só mantenha a porra da sua boca fechada. — Enfio meu punho em seu peito mais uma vez antes de deixá-lo ir. — Volte ao trabalho.

— Tanto faz — ele murmura enquanto se afasta, ajeitando seu moleto.

Acendo um cigarro e viro de volta para a escola. Skylar está andando com Megan enquanto coloca sua bolsa de livros em seu ombro.

Um sorriso lento se abre pelo meu rosto. Acho que a bolsa de livros pesa mais do que ela. Todos os dias ela leva *todos* os livros didáticos para casa. Mesmo que ela não tenha prova, ela estuda todas as noites.

Ela é a mulher mais única, bonita, inteligente e adorável que eu já conheci na minha vida. E me enfurece que idiotas doentes como Kyle olhem para Skylar como se ela fosse uma espécie de brinquedo para foder.



Ao meio-dia, faço uma pausa para o almoço e vou ao centro da cidade até os joalheiros para pegar o anel de diamantes da minha tia. Ela tem me ligado todos os dias perguntando quando vai tê-lo de volta. Enquanto espero que o gerente me atenda, verifico as redomas de vidro cheias de colares e pulseiras. Tudo é ofuscante e cintilante.

Falando em brilhos...

Eu consigo ver Skylar abrindo uma linda caixa de veludo vermelho na manhã de Natal, chiando de surpresa e dando o maior dos sorrisos. Provavelmente enquanto usa pijamas que cobrem até os pés, com renas de nariz vermelho desenhadas. Sorrindo para essa imagem mental, eu olho para a caixa de vidro que protege um colar em forma de coração que iria...

Ugh. Não posso.

Saio da loja com o anel da tia Suzy e nada mais.

Comprar joias para Skylar passaria a mensagem errada. Não estamos juntos. Ela mal disse uma palavra para mim desde aquela noite em sua cama, e eu notei que tem se escondido em seu quarto todas as noites com a porta fechada. De certa forma, é um alívio. Fomos levados por um momento de fraqueza e não estávamos pensando direito. Nós nos envolvermos não levaria a nada além de uma bagunça.



Quando volto ao local de trabalho, a proprietária está me esperando, andando pelo quintal usando equipamentos de proteção.

— De que cor será o revestimento? — ela pergunta, acenando com a cabeça para a garagem emoldurada.

— A mesma cor da casa, assim como conversamos — eu digo, me certificando de que eu estou com meu sorriso de *o cliente está sempre*

certo.

— Não sei... — A sra. Thompson diz, estudando a casa, depois a garagem. — Talvez devesse ser de uma cor diferente. Como uma cor complementar. Talvez cinza. Ou azul-claro. Até azul-escuro. Ou cinza-escuro.

Lá vamos nós.

— Pode ser de qualquer cor que você quiser, mas você tem que me avisar até o final da semana para que eu possa encomendar. Vou trazer algumas cartelas de cores amanhã.

Ela balança a cabeça e torce a boca para o lado.

— Eu simplesmente não tenho certeza. Que cor *você* acha que deveria ser?

— Eu sou daltônico — eu minto. — Então...

— Ah. Que vergonha. Bem, me deixe perguntar à minha vizinha o que ela pensa. Ela é designer de interiores, então sabe tudo sobre essas coisas.

— Maravilha.

Ela coloca seus longos cabelos pretos atrás da orelha.

— Nós amamos o trabalho que você fez na casa. Os novos quartos são lindos. Todo mundo diz isso quando visita.

Desta vez dou um sorriso genuíno.

— É isso que eu gosto de ouvir.

Ela me olha por alguns momentos.

— Você tem um cabelo muito bonito. Você usa alguma máscara de cabelo?

Solto uma risada. Eu nem sei o que é uma máscara de cabelo.

— Imagino que isso seja um não. É tão brilhante, que eu só quero tocá-lo — diz ela. Oro para que não tente me acariciar. — Está ficando frio aqui fora. Você está com frio? — Ela cruza os braços na frente do corpo e se arrepia dramaticamente. — Você quer entrar para tomar um café, talvez? — Suas sobrelanceiras se erguem sugestivamente.

Uma oferta de café é o mesmo que uma de Netflix e chill?

— Ah — gaguejo desajeitadamente. Vou deixar minhas bolas congelarem antes de aceitar uma oferta como essa. — Acabei de almoçar e tenho que voltar ao trabalho. Mas obrigado.

Sorrindo, ela concorda com a cabeça e olha atrás de mim, para os meus quatro funcionários. Eu me pergunto se ela vai convidar um deles depois.

— Ok, bem, eu estarei em casa a tarde toda se você mudar de ideia. Vou deixar a porta dos fundos destrancada.

Uau.

Não digo nada e volto para a área em construção. Ela estava mesmo tentando me pegar em seu próprio quintal em uma tarde de sexta-feira? Conheci o marido e os filhos dela. E o cachorro dela, pelo amor de Deus. Eles pareciam a família perfeita, gastaram mais de duzentos mil nesse lugar para ser sua casa dos sonhos.

Nada dessa porra é real.



Quando dá quatro horas, arrumamos tudo, e eu mando os caras para casa. Meu plano é chegar cedo em casa, tomar banho e ir até a casa da minha tia para surpreendê-la com o anel. Eu não sei se Skylar está trabalhando hoje, mas vou mandar uma mensagem para ela e perguntar se quer vir comigo. Talvez isso ajude a acabar com essa distância estranha que ela manteve a semana toda.

No caminho para casa, estou parado em um semáforo quando, à minha direita, vejo Skylar colocando gasolina no carro no posto da esquina. Um homem está de pé perto dela, inclinado para ela, com o braço no topo do carro. Ela está rindo de algo que ele diz. Levo alguns segundos para perceber que o homem é Kyle.

Filho. Da. Puta.

Assim que a luz muda, entro no estacionamento do posto de gasolina, estaciono minha caminhonete e saio, batendo a porta atrás de mim. Eu observo como Skylar termina de encher o tanque e tenta passar por Kyle, que agarra sua cintura e a puxa.

— O que diabos está acontecendo? — eu rosno quando me aproximo deles.

Skylar olha para cima com surpresa e alívio.

— Jude...

— Você está me seguindo? — Kyle pergunta, sorrindo com malícia. — Ou seguindo ela? Cheguei primeiro, cara. Só estou perguntando para a nossa amiguinha aqui se ela quer comer alguma coisa.

— Tira a mão dela.

Ele zomba.

— Cara, não seja empata-foda.

Skylar tenta se afastar, mas ele agarra o braço dela.

— Vamos, querida. Não se preocupe com ele. Vamos nos divertir. Ela arranca o braço.

— Se você me tocar de novo, eu vou cortar suas bolas fora.

Os olhos de Kyle vagam sobre ela como um cachorro olhando para um bife suculento. Eles viajam pela saia jeans, leggings preta e botas felpudas. Ele lambe os lábios quando seu olhar para em sua camisa de Woodstock amarrada na frente com um nó, dando um pequeno vislumbre da barriga sob a jaqueta jeans desbotada que Skylar colocou por cima.

Minha jaqueta jeans velha que ela deve ter pegado do meu armário.

— Vamos lá, querida, você parece do tipo que *ama* ser tocada — diz ele, e minha visão fica vermelha de sangue. Sem aviso, enfio meu punho na cara dele.

— Porra! — Sua cabeça chicoteia para o lado. Ele tropeça, depois se joga para a frente, me empurrando contra a bomba de gasolina atrás de mim.

— Oh, meu Deus! — Skylar grita. — Parem com isso!

Recuperando o equilíbrio, eu o agarro e o acerto com o joelho no estômago. Ele solta um gemido, segura a barriga e cai no chão.

— Filho da puta — ele murmura entredentes.

— Fique longe dela — eu aviso, de pé sobre ele. Nós brigamos desde que éramos crianças, mas esta será a última vez. Ele cruzou uma linha da qual eu nunca vou deixá-lo voltar.

— Vai se foder, Lucky. — Ele cospe sangue, e Skylar recua. — Por que você está tão puto por uma vadia qualquer?

— Ela é minha esposa — eu digo, com a voz baixa. — E você está demitido. Eu não quero um merda como você na minha equipe.

Skylar toca meu braço.

— Jude, você não precisa...

Eu puxo meu braço para fora de seu alcance.

— Conversamos em casa.

Kyle se apoia na lateral do Subaru e se levanta. O sangue escorre de seu nariz.

— *Ela é* a garota que você casou? Que porra! Você se casou com a porra de uma criança? Você está fora de si — diz ele, passando a mão no rosto. — E pode enfiar sua equipe no rabo.

— Ei, Skylar, talvez você ganhe umas palmadas quando chegar em casa — diz uma voz feminina. Eu me afasto de Kyle, que vai tropeçando em direção ao seu carro, para ver um pequeno grupo de adolescentes rindo na entrada do posto de gasolina.

Porra.

Skylar olha para mim, seu rosto, uma mistura de choque e raiva.

— O que há de errado com você? — ela pergunta com os dentes cerrados. — Ele estava te tocando.

Seus olhos azuis se estreitam.

— E daí?

Meu sangue ferve de ciúme, um sentimento com o qual nunca lutei antes.

— O que você quer dizer com *e daí?* — Passo a mão pelo cabelo e me aproximo dela, abaixando a voz. — Você queria que ele te tocasse? Você ia sair com ele?

— Você tá maluco?

Encolhi os ombros.

— Acho que estou chegando lá — digo sarcasticamente.

— Eu posso cuidar de mim mesma — diz ela, com a voz trêmula.
— Eu não preciso que você vire a porra do Hulk e ataque as pessoas como um animal.

— Meu pai é advogado de divórcio, caso você precise de um, Skylar — grita uma das outras garotas do outro lado do posto. — Só avisando.

Ah, merda.

Skylar lança ao grupo um olhar ameaçador, depois se volta para mim. O brilho de lágrimas e decepção em seus olhos pulveriza meu coração.

— Maravilha.

Balançando a cabeça, ela entra no carro sem olhar para mim e acelera.

Porra.

Capítulo

30

Jude

Meu humor foi pro inferno. Tudo o que eu queria fazer era levar Skylar comigo para visitar meus tios e ter uma noite divertida. Mas, em vez disso, estou puto, com fome e confuso.

Eu não explodia aleatoriamente com alguém há muito tempo. Mas ver as mãos nojentas de Kyle em Skylar me levou ao limite. Ele é um imbecil.

Seus comentários sexuais degradantes e seu flerte descarado com Skylar me deixaram maluco. Ela é doce e atraente, mas tem apenas dezoito anos. Caras da nossa idade não deveriam estar tentando pegar garotas que ainda estão no ensino médio. É doentio.

Mas eu não sou pior do que isso?

Eu a beijei. Toquei.

Meu pau está duro só de pensar na noite em que paramos de nos segurar e deixamos as coisas irem mais longe.

Deveria parecer errado, mas não parecia. Quando estamos juntos, ela não tem dezoito anos, e eu não tenho trinta e quatro. Somos só duas pessoas que se dão muito bem, fazem um ao outro rir, cuidam um do outro e têm uma química insana. Não se trata de sexo, isso eu posso conseguir em qualquer lugar. É um magnetismo que nos puxa para perto um do outro. Emocionalmente. Fisicamente. Toda vez que estou com ela, sinto essa sensação de contentamento indescritível que não consigo entender.

Eu não sei como tudo isso aconteceu sem que eu percebesse.

Eu nunca me senti assim com outras mulheres. Sempre houve uma desconexão com elas, uma parede que bloqueava qualquer tipo

de intimidade ou felicidade real. E eu estava totalmente bem com isso. Na verdade, eu preferia. Facilitava as coisas.

Eu gostaria que a parede brotasse entre mim e Skylar. Então eu não teria que lidar com todo esse tormento. Porque mesmo que a idade seja apenas um número e toda essa besteira que dizem, eu não posso simplesmente explodir o fato de que ela tem dezoito anos. Ela ainda está no ensino médio.

Muito jovem para se envolver no meu mundo de amor e ir embora.



Agora eu sei como a cachorra se sente quando eu não chego em casa no horário certo. Eu estou andando de um lado para o outro, olhando pela janela da frente, esperando para ouvir a porta da frente se abrir.

Skylar não voltou para casa. Ela nunca chega depois das oito, e agora o relógio está se aproximando da meia-noite.

Eu não quero ser esse cara, mas aqui estou eu sendo esse cara.

Mais cedo, ela saiu do posto de gasolina com raiva, e agora estou preocupado que algo tenha acontecido.

Ou, quem sabe, talvez ela tenha decidido aceitar a oferta de Kyle.

Improvável, mas ainda possível.

Gus ficou miando no quarto de Skylar até eu encher seu potinho, e isso me fez pensar se Skylar jantou.

Por fim, eu cedo e mando uma mensagem para ela:

Eu: Ei. Onde você está?

Skylar: Em Hampton Beach com amigos.

Aparece uma selfie dela e Megan que elas devem ter tirado mais cedo, sentadas na praia assistindo ao pôr do sol brilhando laranja e rosa ao fundo.

Eu: Já passou da meia-noite e amanhã tem escola. Volte para casa.

Eu realmente acabei de digitar isso? Alguém me mate agora, por favor.

Skylar: Q? Você não é meu pai, Jude. Vá dormir.

Eu: Da última vez que eu verifiquei, eu era seu marido. Eu quero você em casa em uma hora ou eu vou te buscar.

Eu não vou jogar o jogo de olhar na porta a noite toda junto com Cassie.

Skylar: Relaxa. Daqui a pouco eu chego em casa.

Daqui a pouco acabou sendo duas da manhã.

Do andar de cima, ouço a porta da frente abrindo e fechando. Depois, seus pés na escada. Estou saindo da minha cama e puxando meu moletom para ir verificá-la quando ela aparece na minha porta, as pernas à mostra em um short jeans minúsculo.

— O que há de errado com você? O que foi aquilo hoje? — ela exige.

— Por que não começamos por *você* me dizer o que há de errado com você? — Seu rosto se contrai.

— Não tem nada de errado comigo.

— Besteira — eu digo, dando alguns passos para mais perto dela. — Algo tem te incomodado. Você mal falou comigo desde a noite da sua cirurgia.

Na mesma noite meus lábios estavam por toda parte, e eu estava me deleitando em seu corpo perfeito, me apaixonando cada vez mais por ela.

Foco, Jude.

— Ah, eu não sei — ela diz de forma irreverente. — Eu acho que foi porque eu acordei na manhã seguinte com umas cem notificações, porque aquela puta da Lisa Rottworth estava na sala de espera da dra. Katz e ouviu você falando que é meu marido. E aí ela começou a contar para a droga da escola toda. — Ela estende a mão e puxa o elástico para fora de seu rabo de cavalo, e seu longo cabelo cai em torno de seus ombros. Lembro de como era macio e sedoso naquela noite, e eu gostaria de poder passar meus dedos por ele agora.

— Eu acho que eu poderia ter te contado isso naquela manhã, mas você foi embora antes de eu acordar.

Velhos hábitos nunca morrem. Adormecemos depois que eu a dedilhei e lambi até dar a ela orgasmos múltiplos, mas saí da cama às cinco da manhã.

— Foi uma semana muito ruim — diz ela com raiva. — Todo mundo tem falado sobre mim, e rido de mim, e postado memes em todas as redes sociais. Então, quando eu finalmente achei que tinha

começado a conseguir lidar com isso, você faz uma birra no posto de gasolina na frente de metade da escola.

— Eu não fiz birra.

Seu tom irritado se transforma em sarcasmo.

— Hum, sim, você fez.

Minhas defesas sobem.

— Aquele idiota estava te tocando. Você tinha que ouvir as merdas que ele estava falando sobre você.

— Quem se importa? Ele é só um idiota. E é *seu* amigo.

Eu balanço a cabeça.

— Não. Esse cara não é meu amigo. Não mais.

— Você não precisava o demitir, Jude. Acho que quebrar a cara dele foi o suficiente.

— Foda-se isso. Eu deveria ter estourado a cabeça dele. Eu não quero um canalha como esse trabalhando para mim.

— E o que é *isso*? — Ela sacode o celular entre nós. — *Eu quero você em casa?* Que diabos, Jude? Eu posso ficar fora o quanto eu quiser, com quem eu quiser, quando eu quiser. Você não pode me dizer o que fazer. Eu sou uma adulta.

— Então aja como uma.

— Ah, como você agiu? Por favor. — Ela revira os olhos.

— Por que você está agindo assim?

— Por que *você* está? — ela dispara de volta.

— Porque eu me importo com você. E eu não gosto de ver homens colocando as mãos em você.

Seus olhos se estreitam, depois se arregalam, como se de repente uma lâmpada tivesse acendido acima de sua cabeça.

— Você está com *ciúmes*, Lucky?

Eu estalo os dedos e coloco as mãos para cima.

— Olha, eu não vou fazer isso — eu digo. — Essa merda de briguinha estúpida? Não.

— Já *estamos* fazendo isso. Você não pode simplesmente dizer que não vai fazer isso quando já está bem no meio disso.

— Sim, eu posso. Já está tarde. Vai para a cama. — Aponto para o corredor.

— Não me diga para ir para a cama. Por que você está me tratando como uma criancinha?

Esfrego os olhos com as palmas das mãos e solto um suspiro exausto.

— Eu não sei, Skylar. Estou cansado. Eu tenho que me levantar

em três horas.

— Eu sei o motivo — ela diz com naturalidade. — Você está tentando se convencer de que eu sou jovem.

— Você é jovem.

— Você quer acreditar que eu sou *muito* jovem.

— Muito jovem para quê? — eu pergunto, mesmo sabendo exatamente do que ela está falando.

— Muito jovem para sermos mais do que amigos.

Droga. Eu não posso acreditar que ela está indo nessa direção, em frente e com força total. Embora eu admire sua abordagem de arrancar o Band-Aid, não estou pronto para entrar nisso *agora*.

Ou talvez nunca esteja.

— Nós realmente não deveríamos estar tendo essa conversa — eu digo.

— Por que não? Não tenho medo de dizer o que eu penso. — Ela levanta o queixo desafiadoramente, e isso a deixa sexy pra caralho. — Eu gosto de você. Você me faz rir e eu amo o seu lado doce. Eu gosto de como me sinto quando estou com você. E eu acho que você é sexy pra caralho. Eu acho que você sente o mesmo sobre mim. Isso é o que te colocou naquela fúria ciumenta mais cedo.

— Eu não sinto ciúmes, Sparkles.

E não era uma fúria.

Ela lentamente balança a cabeça com frustração.

— Estou sendo honesta com você, Jude. Porque é isso que os *adultos* fazem. Você é quem está agindo como um adolescente, não eu.

Frustrado, dou alguns passos para trás em direção à cama, depois mudo de ideia e volto para ela.

— Muito bem. Você quer honestidade? Vamos fazer isso. — Abro os braços. — Eu gosto de você também. Mais do que amigos. Mais do que eu deveria e mais do que eu quero. Eu acho que você é linda e sexy, e você me faz rir. Você me faz feliz. Eu amo suas roupas doidas e seu gato com o nome esquisito pra caralho. Eu só queria que você não tivesse dezoito anos.

— Foi tão difícil? — ela pergunta, se aproximando de mim. Ela coloca a mão no meio do meu peito nu e dedilha meu colar. Esse simples toque parece queimar como uma dose de uísque. — Por que isso te incomoda tanto?

Sinto o cheiro de areia da praia misturado ao perfume dela. Inspirando, luto contra o desejo de puxá-la para mais perto, enterrar meu rosto em seus cabelos e percorrer seu corpo com grãos perdidos de areia agarrados às suas coxas e bunda.

— Porque eu sou velho demais para você.

— Eu gosto de coisas velhas, Lucky — ela diz suavemente. — Você já deveria saber disso. — Suas palavras acendem um fogo em meu coração e enviam uma onda de calor através de mim.

— Estou falando sério, Skylar.

— Eu também. Se nós dois queremos mais, por que não podemos seguir com isso? Não tem regras aqui. Sem expectativas. Tenho idade suficiente para tomar decisões sobre minha vida e meu corpo. Pelo menos sabemos que não vamos machucar um ao outro. Certo? — Ela se inclina para a frente e pressiona seus lábios macios sobre o meu coração. Preciso de cada molécula de autocontrole para não a jogar na minha cama e rasgar suas roupas. — Eu não espero que você namore ou case comigo. — Ela solta uma risada. — O trocadilho foi intencional. Mas se eu quero que você me beije, por que não?

Eu toco uma mecha de seu cabelo que está parada logo abaixo de seu seio. Eu a enrolo em torno do meu dedo e, em seguida, solto. Ela cai de volta contra o corpo dela, ainda enrolada na forma do meu dedo.

— Se eu te beijar, não vou parar.

Ela olha para mim. Seus olhos estão cheios de tudo o que me atrai para ela.

Malícia. Fogo.

Desejo. Honestidade.

— Então não pare — diz ela.

Eu seguro sua bochecha em minha mão e lentamente passo meu polegar pelo seu lábio inferior. Ela inspira lentamente, e seus olhos tremulam em antecipação. As tatuagens escuras na minha mão contra sua pele pálida são um contraste perverso.

Sinto que acabei de parar em um semáforo e *todas* as luzes estão acesas.

Parar.

Esperar.

Avançar.

Elas estão todas misturadas. Não sei qual é a escolha certa.

— Me beija — ela sussurra, puxando a corrente do meu colar.

Não consigo mais resistir.

Agarrando sua cintura com minha mão livre, eu a puxo com força contra meu corpo e esmago meus lábios nos dela. Seu suspiro de surpresa aumenta o fogo que Skylar já tinha alimentado com seus toques convidativos e palavras perfeitas. Passo a mão sobre a curva de sua bunda e desço até a sua coxa nua, levantando-a até que ela pule e

envolva suas pernas em torno da minha cintura.

Beijando intensamente, eu fecho a porta com um chute, depois empurro as costas de Skylar contra ela. Sem fôlego, ela envolve os braços ao redor do meu pescoço. Suas unhas roçam na minha nuca e logo em seguida ela enfia os dedos pelos meus cabelos. Nossas línguas lutam e se acariciam com fome.

Eu agarro suas mãos nas minhas e as prendo contra a porta, acima de sua cabeça. Suas coxas se apertam em torno de mim e seus olhos se arregalam quando ela encontra meu olhar. Skylar já está sem fôlego e eu mal a toquei.

— Você já fez isso antes? — pergunto.

— Fui beijada contra uma porta pelo cara mais gostoso do planeta? Não. — Sorrindo, colo meus lábios rapidamente nos dela.

— Quis dizer se você é virgem. — Se ela disser que sim, eu estou fora. Esse é um lugar que eu não irei.

Ela engole e levanta um pouco o queixo.

— Não — diz ela. — Isso é uma decepção? — eu balanço a cabeça.

— Eu quero uma mulher, não uma menina.

Um sorriso provocante dança em seus lábios.

— Isso significa que vou ganhar mais do que um beijo?

Beijo-a novamente, com força e dessa vez por mais tempo, passando a língua por seus dentes para encontrar a dela. Inclinando a cabeça, ela abre a boca, aprofundando o beijo. Seus calcanhares afundam em mim, me puxando para perto.

À medida que sua respiração acelera, eu me afasto. Esfrego meus polegares ao longo de suas mãos, ainda presas às minhas contra a porta, e esfrego meu pau contra ela por cima das roupas. Quando ela geme, beijo sua garganta, amando a vibração contra meus lábios; por fim, levanto a cabeça para olhar em seus olhos.

— Você me diz, Sparkles. Você quer mais do que um beijo?

— Sim. — Sua língua espreita para fora da boca, para lamber seu lábio inferior, e ela acena com a cabeça. — Muito mais.

Meu coração acelera e meu pau lateja em resposta, enquanto eu lentamente a coloco no chão e depois toco seu queixo, inclinando seu rosto até o meu. Planto um beijo na ponta do nariz dela.

— Deita na porra dessa cama — sussurro.

Capítulo

31

Skylar

Deita na porra dessa cama.

Meu Deus, a voz dele é tão incrivelmente sexy com esse tom profundo e rouco.

Orgasmos auditivos existem?

Porque tenho certeza que eu acabei de ter um.

Ele vem atrás de mim quando estou ao pé de sua cama e coloca as mãos suavemente em meus ombros.

— Repensando sua decisão? — ele pergunta.

Eu balanço a cabeça sem me virar para ele.

— Não, só tentando decidir qual lado será o meu.

Ele solta uma gargalhada.

— Nem pense nisso, querida. Sua cama fica bem no final do corredor. Eu tenho uma regra de não passar a noite.

— Você passou a noite na semana passada — aponto.

— Só porque você tinha feito uma cirurgia, e eu não queria que você ficasse sozinha.

Fico feliz que ele não possa ver o sorriso no meu rosto. Jude pode ter saído da minha cama antes de eu acordar, mas eu me lembro claramente dele me abraçando a noite toda e beijando suavemente minha têmpora quando pensou que eu estava dormindo.

Mais precisamente, Jude tem uma regra de não se apegar. Reconheço todos os sinais porque também tenho essa regra. No entanto, não parece estar funcionando para a gente. Nossas regras estão se quebrando. Porém, uma pequena voz dentro de mim diz que

talvez elas estejam ruindo um pouco mais para mim do que para ele.

Eu só tenho de continuar me lembrando de que estou aqui para o felizes por *enquanto* e não para o felizes para sempre.

E agora, tudo o que eu quero é subir nessa cama e deixar seu toque banir o estresse do bullying, meu distúrbio alimentar e todas as minhas várias outras preocupações sobre como minha vida está indo. Jude é como uma borracha mágica. Quando estou com ele, tudo desaparece.

Virando, eu desamarro minha camiseta e lentamente a puxo sobre minha cabeça. Ele recua um pouco e me observa com uma fome insaciável. Eu definitivamente não estou pronta para um strip-tease sensual e digno de um pole, mas me recuso a parecer nervosa, tímida e desajeitada. Todas essas coisas vão levantar bandeiras vermelhas de *ela é muito jovem*.

Jude parece insanamente gostoso quando vem em minha direção, e eu absorvo tudo. O cabelo bagunçado. Os olhos brilhantes. Braços musculosos e abdômen trincado; a calça de moletom escorregando pelos quadris, mostrando uma protuberância grande o suficiente para ter seu próprio CEP.

Segurando meu rosto em suas mãos, ele me beija de um jeito longo e devagar. Acho que Jude entendeu o poder que seu toque tem sobre mim. Eu me sinto uma boneca de pano, minhas entranhas se transformando em mingau, meus membros fracos. Eu inclino meu corpo para o dele e seguro seu enorme bíceps para não perder o equilíbrio. Enquanto nos beijamos, ele move as mãos lentamente pelas laterais do meu pescoço, seus polegares roçando sobre minha garganta, depois sobre meus ombros, até minhas costas. Ele abre meu sutiã, depois o desliza pelo meu corpo e o joga no chão. Sem esforço, Jude me levanta e me deita em cima de seu edredom macio cor de carvão. Eu me deito e o observo enquanto ele tira meus sapatos, depois fica entre minhas pernas, abre o zíper do meu short e o puxa para baixo, junto com minha calcinha.

— Eu acho que eu só quero ficar aqui e olhar para você a noite toda — diz ele, deslizando a mão suavemente na minha coxa, como se tivesse todo o tempo do mundo. Seus olhos passam sobre mim, e ele dá uma pequena sacudida de cabeça. — Você é linda pra caralho.

Eu o espio com os olhos semicerrados.

— Eu poderia dizer a mesma coisa sobre você.

Ele sorri, e eu me sento na beira de sua cama e pego o cós de sua calça. Desta vez, ele não me impede. Ele me deixa puxá-la para baixo, e seu pau duro se solta.

— Sem cueca? — eu pergunto. Ele já está duro como aço, pulsando calor bem ao lado do meu rosto.

— Só para dormir. — Ele toca na lateral da minha cabeça, gentilmente passando os dedos através dos meus cabelos. — Eu pensei que ia para a cama, mas alguém estava sendo uma esposa ruim por ficar fora até tarde.

— É melhor você não dizer que quer me dar umas palmadas — eu aviso, apenas meio brincando. Eu não gosto dessas coisas de Daddy. Se ele gostar, eu posso arrumar minhas malas, pegar meu gato e ir embora hoje à noite.

— Claro que não — ele diz, movendo a mão para baixo para acariciar minha nuca. — Eu quero ver seus lábios enrolados em torno do meu pau como uma esposa boazinha.

Minha boceta aperta, me mostrando que meu corpo está totalmente a fim de todas essas coisas, mesmo que minha mente tenha acabado de dar de cara com uma parede de tijolos.

Não consigo colocar o pau dele na minha boca.

MeuDeusMeuDeusMeuDeus. Eu não consigo fazer isso. É muito grande. Eu não consigo nem engolir pudim de baunilha ainda. Não tem como eu conseguir engolir porra.

Eu estava *tão* perto de ser normal.

Estou um total fracasso. Estranha. Anormal. Não sou boa o suficiente.

Minha mão treme enquanto acaricio seu pau liso. Ele é grande, duro e grosso, latejando de calor e desejo na minha mão. Eu posso me sentir ficando molhada apenas tocando nele, pensando nele dentro de mim. Eu quero tanto esse homem, eu só não consigo fazer *isso*.

Acima de mim, ele puxa uma respiração.

— Jude... — Minha voz vacila. Eu olho para ele e espero que Jude abra os olhos e olhe para mim. — Eu não consigo...

— O que houve? — ele pergunta suavemente.

— Eu não consigo fazer a coisa do boquete — sussurro. — Por causa do meu...

— Merda... Desculpa. Minha cabeça não tá funcionando direito agora. Não estou pensando direito.

— A culpa não é sua. Desculpa, eu... — Minha voz falha enquanto sinto um aperto de constrangimento e vergonha na garganta.

— Shhh... — Ele move a mão da minha nuca para a minha bochecha e, com o polegar, afasta uma lágrima que escorreu ali. — Está tudo bem.

Sua voz é suave, mas há um tom de decepção que vem junto a ela, e eu não o culpo. Eu só posso imaginar o que está passando na cabeça dele. Ele não só acha que eu sou muito jovem, mas agora eu sou do tipo que provoca, mas tem um colapso quando seu pau aparece

na minha cara.

— Desculpa — digo novamente, corando de humilhação e soltando seu pau ainda duro. — Eu vou embora. — Eu começo a me sentar, mas ele me empurra de volta para baixo.

— Você está maluca se acha que isso vai acabar com tudo, baby — Agarrando minha mão na dele, Jude a envolve em torno de seu pau e a guia ao longo de seu comprimento. — Me toca — diz ele, com a voz rouca de desejo.

Acaricio-o lentamente, agarrando com a palma da mão e acariciando a ponta quente e úmida. Sua cabeça se inclina para baixo, seu cabelo cai sobre seu rosto, seus olhos se fecham. Meu coração incha de adoração e luxúria por Jude. Eu me inclino para a frente, coloco meus lábios contra sua barriga lisa. Seus músculos abdominais tremem deliciosamente enquanto eu traço um lento rastro de beijos de um lado até o outro de seu quadril. Eu me sinto como uma criança na manhã de Natal, recebendo um presente incrível na forma de tatuagens sexy e um corpo incrível, tudo embrulhado com um grande laço vermelho no topo. Ele geme e agarra meus ombros, me puxando para cima para encontrar seus lábios. Jude me beija com tanta fome, que não consigo respirar. Suas mãos percorrem meu corpo, seus dedos afundam em minha pele. Ele chega à minha bunda, apertando com força, e desliza a outra mão entre minhas coxas. Eu gemo contra sua boca quando seu dedo desliza pela minha fenda, traçando círculos lentos.

Meus joelhos enfraquecem.

É uma sensação tão boa.

— Deita — ele sussurra naquela voz profunda e áspera que me faz esmagar seus dedos dentro de mim.

Eu faço o que ele pede, e meu coração bate forte quando Jude fica sobre mim. A maneira como seus músculos se flexionam à medida que ele se move é sexy de cair o queixo. Eu não posso acreditar que estou com alguém tão bonito.

Eu não posso acreditar que sou *casada* com alguém tão bonito.

Passando meus braços em torno dele, eu o puxo para mim, então estamos pele contra pele. Nós nos beijamos mais devagar desta vez, saboreando e provando um ao outro. Nossos corpos se fundem de um jeito gostoso, forte e suave. Eu não sabia que estar com alguém poderia ser assim, tão perfeito e completamente conectado.

Quando nos separamos em busca de ar, Jude me dá um sorriso adorável, malicioso mas sexy.

— Eu tenho que achar uma camisinha — diz ele com uma pequena risada.

— Tudo bem.

Ele beija minha testa e mantém seus lábios ali por alguns instantes, inspirando devagar, como se não quisesse me deixar.

— Já volto — ele finalmente diz.

Fico sem fôlego enquanto o observo sair da cama e vasculhar sua mesa de cabeceira, depois a gaveta de cômoda. Depois, o armário. Minha sobrelha se levanta quando ele começa a buscar em sua carteira.

Eu não tenho certeza se eu deveria estar feliz por ele não ter um suprimento infinito de camisinha na ponta dos dedos ou preocupada que ele esteja sexualmente despreparado.

— Porra — ele murmura, jogando a carteira no chão. — Eu não acredito nisso.

— Acho que eu tenho uma — digo mansamente.

— Você tem? — Seu tom é em parte aliviado e em parte desconfiado.

— Eu deixo uma na bolsa por precaução. Prefiro ter uma do que não ter uma — respondo, balançando as pernas na borda da cama. — Tipo agora. — Eu coloco a blusa e a puxo até as coxas.

— Você não precisa se vestir...

— Eu já volto — eu digo, e ele bate na minha bunda.

Quando chego ao meu quarto e vejo dois bichos de pelúcia na minha cama, um que meus avós me deram quando eu era pequena e o outro que Jude me deu na primeira vez que ele foi até minha casa, sofro com um momento de ansiedade esmagadora.

A amizade de Jude se tornou um divisor de águas na minha vida.

O que estou fazendo?

Isso vai nos destruir para sempre?

E se ele ficar desapontado comigo como amante? Eu já neguei ao cara qualquer tipo de sexo oral. Os homens não amam isso? E se ele nunca mais quiser se aproximar de mim depois disso? E se ficar tão estranho, que ele nem vai querer passar algum tempo comigo?

Se isso acontecer, sentirei falta de nossos abraços no sofá, das nossas noites de cinema, das nossas conversas bobas e das nossas mãos unidas. Esses pequenos momentos íntimos são tudo para mim e ficarei devastada se isso acabar.

Eu respiro algumas vezes, depois procuro na minha bolsa até encontrar a camisinha que joguei lá um ano atrás. Minha terapeuta disse que eu tenho que enfrentar minha ansiedade, então é isso que eu vou fazer. Não vou deixar que ela me atrapalhe.

— Pensei que você tinha fugido — diz Jude quando volto para

seu quarto e fecho a porta atrás de mim.

Ele está sentado no meio da cama, ainda com uma bela ereção.

Impressionante.

— Levei um minuto pra achar. — Eu seguro o pacote prateado e subo na cama.

Jude imediatamente me puxa para baixo e me beija como se não me visse há um ano, colocando os dois braços ao meu redor.

— Você ainda está bem com isso? — ele pergunta quando nos separamos em busca de ar, seus olhos procurando os meus. — Tudo bem se você não estiver.

— Eu não quero que isso arruine a gente — eu digo, me apoiando nos cotovelos para olhar para ele. Eu me surpreendo com o quanto me sinto confortável deitada em seus braços, especialmente com ele nu e seu pau pressionando minha coxa.

Ele acena com a cabeça lentamente e passa as costas dos seus dedos em minha bochecha. Claro, eu derreto.

— Enquanto formos honestos um com o outro, isso não vai acontecer. Eu prometo, Skylar. Você é muito importante para mim.

— Eu também prometo.

Puxando-me para si, Jude me beija tão suave e gentilmente, que meu coração dói com sentimentos avassaladores que ele desperta em mim. São como chicotadas doces em um momento, e selvagens e sensuais no outro.

Ele tira a minha camisa, me coloca com as costas na cama e beija dos lábios até o umbigo, e depois volta, me deixando louca a cada mordida e chupada. Seus dentes roçam no meu mamilo e o puxam até que eu grite seu nome. Quando ele abre bem as minhas pernas e abaixa a cabeça no ápice das minhas coxas, eu me empurro contra o seu rosto e enfio meus dedos em seus cabelos longos.

Abrindo meus lábios com os polegares, ele passa a língua de forma tentadoramente lenta, da minha abertura molhada até o meu clitóris, parando para chupá-lo com seus lábios cheios; em seguida começa um frenesi com a ponta da língua. Eu afundo minhas unhas em seu couro cabeludo quando seus dedos entram em mim, me abrindo mais. Minha boceta pulsa e aperta seus dedos quando ele mergulha sua língua profundamente dentro, girando-a em torno de minhas paredes em círculos lentos e deliberados. Meu corpo inteiro treme de desejo enquanto Jude me fode com a língua e os dedos. A umidade escorre pela parte interna das minhas coxas.

— Oh, meu Deus — eu grito enquanto sua língua me leva ao limite. Eu me contenho, lutando contra o desejo de mergulhar no êxtase para que este céu com ele dure mais tempo. Jude procura e

segura meus dois seios em suas mãos enormes, apertando-os possessivamente. Em seguida, brinca com meus mamilos entre os dedos, puxando-os e provocando-os enquanto enfia a língua para dentro e para fora de mim, lambendo da minha bunda ao meu clitóris repetidas vezes. Eu estou delirando, puxando seus cabelos e me arqueando contra o seu rosto no desejo de ter mais. Quando ele rosna contra minha boceta como um animal, eu me perco. Não consigo mais me conter.

Eu me contorço debaixo dele, tremendo incontrolavelmente com o orgasmo. Jude continua lambendo e beijando minhas coxas enquanto as mãos passeiam pelos meus quadris, me segurando, até que meus arrepios diminuam. Sem fôlego, me inclino e o puxo desesperadamente para cima, envolvendo meus braços e pernas em torno do seu corpo. Beijo seu pescoço e peito, inebriada pelo cheiro sexy e pelo calor da sua pele contra a minha.

Ele se afasta para me olhar, e aquele sorriso perverso está em seus lábios.

— Você. É. Deliciosa — ele geme antes de cobrir minha boca com a sua. Minha respiração se acalma enquanto Jude lentamente me beija, mas não dura muito. Em poucos minutos, nossas mãos estão no corpo um do outro, vagando e acariciando. Desço minha mão entre nós e agarro seu pau duro como pedra, segurando seu comprimento grosso.

— Eu quero você — sussurro, meus lábios contra sua orelha.

— Você vai ter — ele sussurra de volta.

O som do pacote metalizado sendo rasgado ecoa no silêncio do quarto escuro, e alguns segundos depois, suas mãos estão na parte externa das minhas coxas, seus dedos afundando grosseiramente em minha carne. Ele me puxa para mais perto e entra em mim, me abrindo para que eu receba todo o seu comprimento. Solto um suspiro que é um misto de dor e prazer. Eu nem me importo que doa um pouco, porque vê-lo se perder dentro de mim é como ver arte ganhar vida. A maneira como suas tatuagens, brilhantes pelo suor, flexionam junto com seus músculos. A maneira como seu cabelo longo balança a cada impulso. Os rios de suor escorrendo pelo centro de seu peito. A mordida de seus dentes em seu lábio inferior enquanto ele se dirige para dentro de mim.

Puro. Tesão.

Jude desliza as mãos por baixo de mim para segurar minha bunda, puxando meu corpo com força contra o dele. Envolvendo minhas coxas ao redor de seus quadris molhados de suor, eu me levanto e agarro seus ombros, puxando-o para mim. Nossos lábios se chocam, e quando ele suga minha língua, meu corpo inteiro formiga.

Minhas unhas se prendem às suas costas à medida que a paixão se constrói entre nós, nossos corpos se movendo juntos, precisando estar mais próximos e mais fundo. Minhas paredes se apertam em torno do seu pau grosso. Ele é incrível. Cada parte de Jude me toca, e isso produz onda após onda de êxtase. Eu o agarro com força enquanto outro orgasmo ondula através de mim.

Gemendo meu nome, ele desaba em cima de mim, respirando pesadamente. Com as testas encostadas, nos beijamos, de forma profunda, lenta e sonhadora, até que estejamos cansados demais para beijar mais.

— Eu já volto — diz ele, e desaparece no banheiro por alguns minutos. Ele me beija quando volta, com gosto de pasta de dente sabor de hortelã, e cai no travesseiro.

— A propósito. — Jude rola de frente para mim e deixa o braço em volta da minha cintura, aninhado contra a lateral do meu corpo. — Você estava certa. Fiquei com ciúmes.

Eu sorrio no escuro.

— Eu sei — respondo baixinho.

Quando ele se afasta, eu o observo dormir por alguns minutos, depois deslizo para fora de seu abraço; nua e na ponta dos pés volto para o meu próprio quarto. Mesmo que eu queira ficar em sua cama, eu não quero parecer pegajosa ou quebrar sua regra de não passar a noite.

Antes de ir dormir, faço a mesma coisa de todas as noites: pego minha aliança de casamento da mesa de cabeceira e a coloco no dedo, imaginando como seria se tudo isso fosse real.

Capítulo

32

Skylar

— Estou indo trabalhar — diz Jude da minha porta, assim como faz todas as manhãs antes de sair.

Nenhum beijo de bom dia.

Nenhum “*sobre ontem à noite...*”.

— Ok — respondo enquanto miro seus olhos, imaginando se vou encontrar algo diferente depois do que aconteceu ontem à noite. — Tenha um bom dia.

Não há nada de diferente em seus olhos. Não é um olhar duradouro. Nenhuma pitada de arrependimento.

— Você também. Te vejo de noite.

Quando ouço a porta da frente se abrir e fechar, eu vou até a janela e o observo atravessar a parte da frente, entrar em sua caminhonete e sair da garagem.

Um pouco de dor queima no meu coração e se espalha até o meu estômago, depois até a minha garganta.

Lágrimas familiares brotam atrás dos meus olhos.

A confusão se instala em mim como uma nuvem escura. Estou presa em um sentimento de querer chorar, mas também querendo sentar aqui e repetir a noite passada na cabeça, me deleitando com o quão perfeito foi estar com ele.

Como Jude me beijou como se quisesse me tomar por inteira.

Como suas mãos me agarraram, como se ele não estivesse tendo o suficiente.

Como era a sensação de o ter me abrindo e pulsando dentro de

mim.

Como me perdi naquela fome, com o desejo nadando em seus olhos.

Como meu coração derreteu quando ele me beijou tão suavemente, tão cheio de emoção.

Minha boceta se aperta com as lembranças, como se quisesse puxá-lo de volta para dentro e nunca mais soltar. Talvez eu devesse ter ficado na cama dele. Jude *colocou* o braço ao meu redor quando começou a adormecer. Talvez ele tenha entendido a minha saída como um sinal de que *eu* queria que fosse um lance de uma noite.

Eu só saí porque pensei que era isso que *ele* queria, e eu queria parecer madura, como se eu estivesse tranquila com a gente só transando casualmente.

E eu pensei que estava bem com isso. Mas agora, com essa terrível saudade tomando minha alma, não tenho mais tanta certeza. Ele parecia tão casual e normal esta manhã, não agindo nem um pouco diferente. Mas e se Jude tivesse esperança – ou esperasse – que *eu* agisse de forma diferente?

Ou vamos só fingir que não transamos?

Eu suspiro e me afasto da janela, porque as notificações do meu celular estão apitando como loucas. Assim que pego meu telefone, meu estômago se agita. De novo Paige e seus amigos me marcaram em um monte de posts estúpidos com o meu rosto photoshopado em várias fotos de casamento, com uma noiva se casando com um noivo muito velho, enrugado e de cabelos grisalhos. Eu ranjo os dentes com as hashtags #matrimônioinfantil #maridopedófilo #daddyjude #skylaraputasafada #caseicomumameninaa #maridovelho #nãopodelevaromaridoparaobaile #skylardevemorrer.

Mais posts e comentários rudes são feitos à medida que a manhã passa, e agora na cantina eu consigo ouvir as meninas sussurrando e rindo de mim na mesa atrás de mim.

— Só ignore — diz Megan, colocando molho em sua salada.

Encontro seus olhos empáticos do outro lado da mesa e balanço a cabeça. É mais fácil falar do que fazer. Não consigo escapar das constantes provocações. Desde que Lisa me viu no dentista, isso tem acontecido o dia todo na escola. O problema é que depois continua online à noite com os posts, hashtags e conversas em grupos. Paige e Lisa são as líderes desse circo de bullying, certificando-se de que o tormento permaneça relevante para poderem fofocar com seus minions.

— Será que os pais dela a venderam pra ele? — pergunta uma voz feminina.

— Provavelmente — responde Lisa. — Ouvi dizer que eles eram pobres, viviam em um trailer na garagem de alguém.

— Eca, isso é nojento — alguém diz.

— Como funciona esse casamento? Ela vai para casa depois da escola e faz o jantar para ele todas as noites? Ele a ajuda com a lição de casa? Ela provavelmente vai ficar grávida antes de nos formarmos. É melhor ela não trazer ele e um bebê para o baile.

— Você viu o cara? Ele é muito gostoso.

— Sim, se você gosta de pedófilos.

Uma rodada de risadas se segue enquanto mastigo lentamente meu sanduíche de manteiga de amendoim e geleia. Meu sangue está fervendo de raiva, meu coração batendo forte com fúria.

— Elas são só umas vadias invejosas. — Megan olha para a mesa atrás de mim.

Continuo a mastigar, mas não consigo engolir. Sanduíches de manteiga de amendoim e geleia são uma das minhas escolhas para voltar a comer, é parte da minha terapia, para superar um evento traumatizante ligado a ele. Eu amava esses sanduíches quando era pequena. Especialmente com geleia de uva em pão branco bem macio. Quando eu tinha uns seis ou sete anos, estava comendo no almoço e papai estava se despedindo. Por alguma razão, senti medo e comecei a chorar. Mamãe ficou gritando para eu calar a boca e comer, e eu engoli um pedaço muito grande. Ele se alojou na minha garganta, e eu engasguei e chorei histericamente até que papai me deu um tapa nas costas, e eu o tossi. Mamãe me fez comer de novo, eu vomitei e fui mandada para o meu quarto.

Estou surpresa que eu ainda esteja viva com todas as coisas que ficavam presas na minha garganta.

— Skylar, não dê ouvidos a essas merdas — diz Megan. — São só umas idiotas mimadas sem vida.

Balançando a cabeça, pego meu guardanapo e discretamente cuspo a comida nele. Eu o dobro e coloco no canto da minha bandeja.

— Você está bem? — ela pergunta. — Estou ficando preocupada com você.

— Sim. Eu só não estou me sentindo muito bem.

Megan inclina a cabeça para mim.

— Você tem ido muito bem, Sky. Por favor, não deixa elas te afetarem. Tudo isso vai acabar em breve, quando encontrarem um novo alvo.

Paige continua na mesa ao lado, certificando-se de que fala alto o suficiente para eu ouvir.

— Gente, vocês sabiam que a irmãzinha dele é aquela menina que

desapareceu uns anos atrás? Ela estudou aqui também.

— Ouvi dizer que ele foi o último a vê-la viva. Ele era um *suspeito*. Como ele gosta de crianças, aposto que fez algo com ela. Tipo, estuprou e matou.

— O corpo dela provavelmente está escondido em algum lugar bem aqui nessa cidade.

— Eca. Espero que ele mate Skylar e a livre de sua existência patética — diz Paige. Eu pego minha bandeja de almoço, derrubando minha bebida e sanduíche na mesa. Em pé, eu me viro e encaro a mesa com as cinco garotas que estão rindo descontroladamente.

Minha mandíbula aperta quando fixo meu olhar em Paige.

— O que você acabou de dizer?

Ela olha para mim com seu sorriso sarcástico.

— Eu disse que espero que seu marido pedófilo te livre dessa sua miséria.

— Você não sabe nada sobre ele. Ou sobre mim. Por que você não me deixa em paz?

Ela revira os olhos para mim.

— Que tipo de diversão isso geraria? Xô, sra. Lucketti. Vai pedir pro seu marido comprar umas roupas novas para você.

Todas elas começam um ataque de risos de novo.

Segurando a bandeja de plástico azul com as duas mãos, eu dou impulso para trás e bato no rosto de Paige.

Tudo o que acontece depois disso é um borrão. Tem gritos e correria.

As cadeiras estão viradas no chão. E sangue. Eu definitivamente vi sangue escorrendo pelo rosto de Paige, manchando a frente de seu suéter branco. Fico parada ali, vendo tudo acontecer, mas não sentindo absolutamente nada, até que sou agarrada por trás e arrastada para fora do refeitório.



— Suspensa? — Jude repete, andando pela marquise com um cigarro pendurado na boca.

Minha recapitulação do drama na escola o deixou estressado, porque ele *nunca* fuma em casa.

— É só por três dias — respondo. Não considero um castigo perder três dias de aula. Será um alívio fugir de todos os sussurros,

rumores e ódio. — Eu já falei com Rebecca — eu acrescento. — Eu vou trabalhar esses três dias. Não vou ficar sentada em casa.

Ele enfia a mão nos cabelos e sopra fumaça no teto.

— Mesmo assim, Skylar. Você não pode sair por aí quebrando o nariz das pessoas.

— Ela merecia — protesto. — Não é nem o nariz dela de verdade.

Coloco o bilhete de loteria que ele me deu mais cedo em cima de um livro e começo a raspar com uma moeda.

Jude tenta abafar uma risada e falha miseravelmente.

— Olha, chega de explosões violentas, ok? Os pais dela podem tentar vir atrás de você por agressão.

— Jennifer Dilly gravou tudo e mostrou para a direção. O vídeo mostra claramente como todo mundo estava me provocando e dizendo coisas horríveis. Ela também tem um vídeo de quando Paige me empurrou na escada outro dia. Eu poderia ter quebrado meu pescoço. Então foi basicamente legítima defesa.

Eu nem sou amiga de Jennifer. Ela é só uma daquelas garotas que está sempre tirando fotos e fazendo vídeos de tudo o que acontece ao seu redor como se estivesse em seu próprio reality show.

Jude abruptamente para de andar pela sala e lança um olhar tenso para mim.

— Aquela putinha empurrou você?

— Sim. Elas também colocaram um monte daquelas bandeiras de *recém-casados* em todo o meu armário. Não me deixam em paz, e eu estou cansada disso.

Seus olhos brilham escuros de raiva, e eu vejo o apertar de seu punho.

— Por que você não contou nada disso?

Encolho os ombros e respondo.

— Eu estava tentando lidar com isso. — Isso é mentira. Eu não disse a ele porque tudo isso é incrivelmente juvenil, e seria como colocar o fato de que eu tenho dezoito anos e ainda estou no ensino médio em um outdoor bem na frente de Jude.

E porque eu não quero que ele se arrependa de ter casado comigo.

Ele dá uma longa tragada em seu cigarro e o joga em um dos vasos de planta.

— É melhor essa merda parar ou eu mesmo vou lá fazer esse caralho parar.

Eu tenho que admitir, sua proteção é atraente. Mas isso só vai piorar as coisas se ele aparecer na minha escola como um pai indignado.

— Jude, você não pode fazer isso. Você não é meu pai. Até a diretora disse que essas são *circunstâncias muito incomuns*.

Volto a raspar meu bilhete de loteria enquanto ele continua a andar pela sala.

— Foda-se. Eu não deixo ninguém machucar as pessoas que eu a... me *importo*.

— Eu agradeço, mas eu tenho que lidar com isso sozinha. A diretora disse que as outras meninas também iam ser suspensas.

— Diretora Dalton? — ele bufa o nome dela. — Ela é uma piada. Ela teria um derrame se eu entrasse no escritório dela.

— Bem, não está ajudando o fato de que, aparentemente, você era um pouco infernal quando estudava lá, e agora eu sou legalmente casada com você. A associação com você não está me fazendo nenhum favor.

Eu não consigo contar a ele sobre a reunião de duas horas que tive com minha orientadora e com a diretora, na qual elas expressaram suas preocupações sobre eu ser casada com um homem mais velho de *passado preocupante*, e como elas estão preocupadas com *comportamento predatório e relacionamentos tóxicos*; também falaram sobre como os homens se aproveitam de mulheres jovens e vulneráveis. Foi tudo para lá de desconfortável e embaraçoso, mas fui honesta com elas sobre a situação com os meus pais, minha antiga vida e as minhas razões para me casar. Eu garanti a elas que estava em terapia com uma boa equipe médica. Deixei de fora a parte sobre Jude e eu fazendo sexo, por razões óbvias.

Estou apenas fazendo o meu melhor para viver uma vida feliz e alcançar meu objetivo: sair desta cidade e viver uma vida livre de estresse, mágoa e drama. Quero um novo começo. Tomei algumas decisões ruins? Provavelmente. Mas não tomamos todos? Eu sou um trabalho em andamento, e eu não vou culpar a mim, ou Jude, por nada disso.

Eu raspo o último quadrado do meu bilhete e olho para as pequenas imagens.

Meu Deus! Pulo da minha cadeira.

— Ganhei cem dólares! — Eu balanço o cartão na frente dele animadamente. — É o máximo que eu já ganhei. Vou te dar metade. Esse foi o acordo.

— Fica pra você. Você pode precisar para a fiança se você continuar nesse caminho, assassina — brinca.

— Prometo que não vou bater em ninguém de novo. Ela só tocou nos pontos sensíveis e passou dos limites hoje. — As coisas que aquelas garotas disseram sobre Jude foram nojentas e imperdoáveis, e,

honestamente, eu não me arrependo de ter feito Paige comer minha bandeja. Talvez a partir de agora ela pense duas vezes antes de ser uma vadia.

Jude enfia o dedo na alça de cinto da minha calça jeans e me puxa contra ele, passando o braço em volta da minha cintura. Beijo sua bochecha, e ele me abraça mais de perto.

— Se essa merda na escola continuar, você me diz, ok? — Aceno com a cabeça.

— Eu digo.

— Eu meio que sinto sua falta — ele diz em uma voz baixa que envia um formigamento direto através das minhas coxas.

— Você ficou comigo ontem à noite.

Ele ri.

— Sim, eu fiquei. E foi incrível. Mas eu senti falta de ficar assistindo TV com você à noite. É a melhor parte do meu dia.

— Ah — eu digo, surpresa. Eu não percebi que ele ansiava pelo nosso tempo juntos tanto quanto eu.

— Olha, eu não quero que você pense que é só sexo entre nós, ok? É muito mais. Eu não sou bom em falar sobre meus sentimentos ou ser meloso. Tudo isso é novo para mim.

Eu engulo em seco e pisco para ele.

— Tudo bem. Pra mim também.

— Eu tenho que correr para fazer um orçamento, mas eu gostaria de passar um tempo com você quando chegar pra casa.

Meu estômago instantaneamente vibra com a expectativa de que ele pode querer que nosso relacionamento seja *mais*.

— Eu também gostaria.



Eu acabo de sair do chuveiro quando a porta da frente abre e fecha no andar de baixo. Eu olho para a tela do meu telefone, surpresa ao ver que são apenas seis e meia. Jude só ficou fora por uma hora, seus orçamentos geralmente levam pelo menos duas horas.

Eu coloco meu roupão de seda vermelha e desço as escadas para ter certeza de que está tudo bem, mas não é Jude fazendo barulho na cozinha, é uma jovem que parece estar assaltando a geladeira.

Minha ansiedade entra em alerta máximo. Não só porque tem uma estranha na casa, como também porque ela está na geladeira

tocando na comida. Eu não sei o que ela está tocando ou no que ela tocou antes de eu chegar aqui. Suas mãos podem estar cobertas de germes.

Agora vou ter de jogar toda a comida fora e comprar de novo.

Perturbada, puxo meu roupão com mais força ao meu redor enquanto me movo silenciosamente pela cozinha.

Meu coração bate mais rápido. Ela não tem noção de que eu estou no cômodo. Olho para a porta da frente, depois para a faca colocada no balcão. Deixei meu celular no andar de cima, e o telefone fixo fica na sala de estar. E se ela for perigosa? Eu não tenho certeza do que fazer ou dizer, mas eu tenho que fazer *alguma coisa*.

— Com licença? — Eu limpo minha garganta. — Você está perdida?

Ela me olha da porta aberta da geladeira.

— Talvez.

Que diabos?

Ela definitivamente parece perdida e desleixada. Seu cabelo castanho-claro na altura dos ombros é liso nas costas e retorcido nas laterais, como se ela tivesse acabado de sair da cama. Sua maquiagem está borrada ao redor dos olhos vermelhos. A calça jeans que ela está usando tem manchas vermelhas, que podem ser sangue ou, como espero, ketchup. Seu corta-vento está rasgado na barra, o zíper quebrado.

Eu me pergunto se ela está desabrigada e com fome.

Eu estudo um tanto confusa a cozinha, imaginando como ela entrou na casa. Jude sempre tranca as portas quando sai.

— Desculpa — eu digo, lutando para manter minha voz calma. — O que você está fazendo aqui? Você precisa de alguma coisa?

— O que *você* está fazendo aqui? — ela retruca em um tom desagradável que eleva minhas defesas mais ainda.

Minha cabeça gira e meu estômago queima. Ela é uma ex-namorada de Jude? Ou, pior ainda, uma namorada atual? Poderia ser alguém que Paige enviou para ferrar comigo? Eu não duvidaria que ela fosse capaz de pagar alguém para me aterrorizar.

— Eu moro aqui — digo estoicamente.

— Cadê o Jude? — ela pergunta, abrindo um refrigerante e agitando-o.

Meu estômago praticamente se arrasta para a minha garganta. Ela conhece Jude e está agindo como se tivesse todo o direito de estar no meio da cozinha dele assim toda à vontade. Ela deve ser alguém do passado, mesmo que eu não possa imaginar Jude com uma mulher que parece tão descuidada. As palavras da diretora sobre o *passado*

preocupante de Jude ecoam na minha cabeça. Eu sei que Jude tem uma história com o uso de drogas, tráfico, reabilitação e mulheres, mas eu não sei os detalhes de todas essas coisas ou o quanto isso foi. Tudo o que importa para mim é a pessoa que ele é agora.

Mas talvez seu passado tenha aparecido para uma visita.

Eu engulo o medo que se alastra em mim.

— Ele está no trabalho. Você pode, por favor, me dizer quem você é? Como você entrou aqui? — eu exijo.

— Eu tenho uma chave.

Os pelos do meu braço arrepiam, e eu rapidamente decido que não quero estar perto dessa garota. Eu já tive psicodrama suficiente para um dia.

— Olha, isso é muito estranho — eu digo. — Você não pode simplesmente entrar na casa de alguém. Eu não tenho ideia de quem você é ou o que você quer, mas eu acho que você vai ter que ir embora. Por favor. Você pode me dizer seu nome, eu digo a Jude que você veio.

Ela me olha com um olhar confuso e puxa um prato de frango assado com mel fatiado para fora da geladeira. Meus membros vibram e formigam de ansiedade enquanto ela come com os dedos.

Eu ando ao redor da ilha e coloco o prato longe dela. Esse não é um frango comprado em loja. Eu mesma fiz para Jude comer no almoço no trabalho. Essa vadia não tem o direito de entrar na casa dele e enfiar as mãos na comida. Especialmente comida que *eu* fiz para ele. Mesmo que eu vá jogar fora agora que ela tocou, ainda não quero que ela coma.

— Você não pode comer isso — eu digo. — E eu gostaria que você, por favor, fosse embora.

Ela não se move. Em vez disso, apenas me olha com os lábios enrolados em um sorriso sarcástico.

— Ele gostaria que eu esperasse por ele aqui.

— Acho que não. — Eu jogo o prato de frango na pia. — Ele está comigo agora. — A raiva e o ciúme estão realmente tirando o melhor de mim hoje, prevejo uma longa conversa com minha terapeuta no meu futuro. Eu realmente não sou do tipo ciumenta e violenta. — *Eu* moro aqui com ele.

Rindo, ela alcança a pia e pega outra fatia de frango, depois faz um show de mastigação na minha cara.

O que tem de errado com essa garota?

— Eu não acho que Jude goste de mulheres inseguras — diz ela com naturalidade. — Nenhum homem gosta.

— Vai embora ou eu vou chamar a polícia.

Ela levanta a mão.

— Relaxa, loira. Eu sou a irmã dele. Eu não estou atrás do seu homem.

Meu Deus.

Eu pisco para ela e estudo seu rosto em busca de características familiares.

— Espera... você é a Erin? — Minha voz não esconde a descrença.

Ela estreita os olhos para mim.

— Como você sabe o meu nome?

Meu coração salta com a confissão dela, e eu fico sem palavras por alguns momentos.

— Jude falou comigo sobre você. Ele me disse que você está desaparecida há anos... — Eu não quero dizer que ela basicamente foi dada como morta. Eu não tenho ideia do que aconteceu com ela ou onde esteve todo esse tempo.

Ela solta uma risada que soa um pouco maníaca.

— Acho que esse é um jeito de se referir a isso. Mas *taram*, aqui estou eu.

De onde ela veio? E onde ela esteve?

— V-você está bem? — pergunto desajeitadamente. O que você diz a alguém que está desaparecido há anos e de repente ressurge na sua cozinha?

— Estou ótima. Eu só preciso ver meu irmão. — Ela continua a comer o frango, e eu deixo, agora que sei que ela não é uma ex-namorada louca tocando na carne do meu homem.

Algo nessa imagem de Erin me parece muito estranho, no entanto. A maneira como ela está fungando e esfregando os braços é estranha, e sua atitude me dá a impressão de que ela está escondendo algo. Ela não parece assustada ou excessivamente feliz, mas pode estar doente ou com graves traumas mentais ou físicos. Mesmo que seus olhos pareçam um pouco com os de Jude, não tenho provas de que ela seja realmente a irmã dele. Essa mulher pode ter visto os cartazes de desaparecimento que ainda estão espalhados pela cidade e está fingindo ser Erin Lucketti. Ela pode ter tingido o cabelo para se parecer com ela.

Eu me aproximo da porta.

— Vou pegar meu celular e ligar para ele. Eu já volto. — O mal-estar se instala como uma pedra no meu intestino enquanto subo as escadas para o banheiro onde deixei meu telefone.

Eu nunca ligo para Jude quando ele está trabalhando, mas não acho que eu tenha escolha dessa vez.

— E aí? — ele responde.

Eu espio pelo corredor para ter certeza de que ela não me seguiu.

— Eu acho que você precisa voltar para casa. Tem uma garota na cozinha dizendo que é sua irmã.

A linha fica totalmente silenciosa.

— Jude?

— Eu chego em quinze minutos. — A excitação em sua voz faz meu coração apertar. — Não a deixe ir embora.

Capítulo

33

Jude

Eu digo aos meus clientes em potencial que tenho uma emergência familiar e saio da casa deles como se minha bunda estivesse pegando fogo.

Agora estou no meu terceiro cigarro enquanto luto contra o trânsito para chegar em casa. Minha mente está tão acelerada, que minhas mãos estão tremendo.

Erin está em casa.

Ela não está morta.

Minha irmãzinha está de volta.

Ela está em casa.

De repente, é como se uma cortina se levantasse, e meu cérebro se torna um tsunami de planos. Como Skylar está no quarto da Erin e o outro quarto está sendo usado para armazenamento, posso transformar a sala de estar em um quarto, e o armário do corredor em um banheiro, para que Erin tenha seu próprio espaço. Não deve demorar muito para eu fazer isso, e quando Skylar se mudar, deixo Erin decidir se ela quer seu antigo quarto de volta ou se quer ficar no novo quarto. Até lá, vou deixá-la no meu quarto e dormir no sofá. Este fim de semana tio Al e a tia Suzy podem vir para um jantar em família, assim como costumávamos fazer quando éramos crianças. Talvez Skylar e Erin possam ser amigas. Seria bom para Skylar ter uma nova amiga em sua vida com toda a merda que ela está passando. Eu acho que Skylar seria ótima para Erin também.

Finalmente, *finalmente*, vou conseguir dormir à noite sem me preocupar com todas as incógnitas a respeito do que aconteceu com

Erin. Eu posso parar de ter pesadelos com a minha irmã mais nova apodrecendo em uma vala em algum lugar ou sendo torturada. Não me lembro de como é dormir a noite inteira e não acordar me sentindo perdido e enjoado com tantas perguntas.

Eu quero ligar de volta para Skylar e dizer a ela para colocar minha irmã no telefone. Eu preciso ouvir a voz dela para saber que ela está realmente viva, mas eu não quero fazer isso por meio de um maldito celular.

Apenas mais alguns minutos e estarei lá.

Quando chego à minha casa, tem uma van surrada na garagem com placa da Flórida. Ela esteve na Flórida todo esse tempo?

Estaciono minha caminhonete de um jeito todo torto na calçada e corro para a casa, gritando cegamente o nome da minha irmã. Eu a encontro na cozinha com Skylar.

— Erin! — Eu a puxo para um abraço de urso, apertando-a com força contra mim. Eu encontro os olhos de Skylar sobre o ombro de Erin e não consigo entender por que ela não está sorrindo, por que ela parece tão mal-humorada. Este é o dia mais feliz da porra da minha vida, e a pessoa mais próxima de mim no momento está de um jeito que parece que alguém acabou de morrer.

Ao abraçar minha irmã, percebo que ela está rígida; seus braços pendem ao seu lado, sua cabeça virada para longe. *É muito cedo*. Agi num impulso louco. Já faz muito tempo, e tenho certeza de que ela não está pronta para abraços ainda.

Eu a libero do abraço, e ela recua um passo.

— Eu não acredito que você está mesmo aqui. Sinto que estou sonhando. — Respiro fundo. Há tanta coisa que eu quero saber, que não consigo nem organizar meus pensamentos. — Você está bem? — Eu a avalio da cabeça aos pés, procurando sinais de trauma ou uma pista sobre o que aconteceu com ela. — Você está machucada?

— Estou bem — ela diz simplesmente, como se não fosse grande coisa que ela tenha ido embora por anos sem dar uma palavra ou sinal.

Sua voz soa a mesma, exatamente como em minhas memórias. Mas enquanto olho para ela, um calafrio corre pela minha espinha.

Na minha cabeça, Erin sempre esteve viva e se tornou uma mulher linda. Uma réplica mais velha de seu eu adolescente, com cabelos longos e sedosos, olhos grandes e brilhantes, um bronzado de todo um ano de sol e um belo sorriso.

Mas a mulher à minha frente não se assemelha em nada à imagem na minha cabeça. Seu cabelo é oleoso e eriçado. Cicatrizes de acne marcam seu rosto pálido. Veias vermelhas e irritadas se espalham

através de seus olhos opacos.

O que quer que ela tenha passado, fez estragos nela.

— Cadê a mamãe? — ela pergunta.

Passo os dedos pela barba curta.

— Ela não mora mais aqui. Ela mora em Paris com o novo marido.

Sua cabeça recua em choque.

— Paris, *França*?

— Sim.

Ela faz uma cara de surpresa.

— Mas você ficou aqui?

— Sim. Eu queria que você soubesse onde me encontrar se algum dia precisasse de mim. — Franzindo as sobrancelhas, ela mexe os pés para frente e para trás e olha para mim. — Você quer sentar na sala de estar? — pergunto. — Você está com fome?

— Ela comeu um prato inteiro de frango — Skylar intervém.

— Não, obrigada. — Erin evita fazer contato visual comigo. — Estou bem aqui.

Não consigo tirar os olhos dela. Estou esperando que ela saia desse modo subjugado em que está e sorria para mim. Ou que desabe em lágrimas. *Qualquer coisa*.

— Erin, você tem que me contar o que aconteceu. Alguém te levou? Eu procurei por você por meses. Todo mundo pensou que você estava morta.

Ela se inclina contra o balcão e coça a cabeça.

— Ninguém me levou, Jude. Eu fui embora. Eu te disse isso quando te mandei uma mensagem. Você se colocou nessa negação. Não eu.

Skylar cobre a boca com a mão e se deixa cair em uma das cadeiras da cozinha.

— *O quê?* — repito.

Erin mastiga uma unha irregular.

— Eu fui embora, ok? Você é burro? Eu simplesmente não queria mais lidar com toda aquela merda. Então eu só fui embora.

— Que merda?

— Mamãe sendo uma puta o tempo todo. Essa porra de cidade sem saída. Jimmy tinha alguns negócios estabelecidos em Ocala, e ele me pediu para ir com ele, então eu fui.

— Que Jimmy?

— Jimmy Vantz.

Ouvir seu nome é como engolir ácido.

— Espere um minuto... Você foi embora com Jimmy Vantz? Ele era a porra de um traficante de drogas. — Eu bem sabia. Fui um dos seus maiores clientes durante muito tempo. Eu nunca fiz a conexão entre o desaparecimento de Erin e ele deixando a cidade.

Como eu pude ser tão cego?

— Sim. Estávamos juntos.

— Puta que pariu, Erin. Você tinha *dezesseis anos* quando desapareceu. Ele é mais velho do que *eu*. — Os olhos dela passam por Skylar e depois voltam para mim, com uma sobranceira arqueada.

— E daí?

Eu quero agarrá-la e arrancar algum tipo de emoção dela. Esse comportamento desprendido, desinteressado e frio não é nada parecido com a Erin que me lembro. Se eu não reconhecesse a tonalidade de seus olhos e a pequena cicatriz em seu queixo, de quando ela caiu de bicicleta aos cinco anos, eu não acreditaria que é a minha irmã.

— Então você está me dizendo que simplesmente foi embora da cidade com Jimmy Vantz e nunca mais quis falar com sua família de novo? — pergunto, incrédulo.

— É meio que isso, sim.

Sinto que levei um soco no intestino. Meu coração e minha cabeça estão latejando, tentando entender isso, porque eu não consigo acreditar que minha irmã apenas foi embora e não pensou em nenhum de nós.

— Por quê? Éramos próximos. Você tem alguma ideia de como eu fiquei preocupado com você? Quão devastada a mamãe ficou? Pensamos que você tinha sido sequestrada. Porra, a gente pensou que você estava morta.

— Eu te mandei uma mensagem. Eu disse para você parar de me procurar. Eu vi você no jornal, e eu só queria que você esquecesse e seguisse em frente.

— *Seguisse em frente?* — repito, me inclinando para fazê-la olhar para mim. — Você é minha irmã. Como eu sigo em frente quando você simplesmente desapareceu feito fumaça?

— Todo mundo segue em frente, Jude. É o que as pessoas fazem.

Eu ranjo os dentes até que minhas têmporas comecem a doer.

— Eu não, Erin. Eu me importo de verdade com as pessoas.

Skylar fica em silêncio, mas sua boca se curva em um sorriso pequeno e empático.

Erin solta um suspiro barulhento, que ela direciona para sua franja, tirando os fios de seu rosto.

— Eu pensei que você ficaria feliz em me ver — diz ela. — Não que viria com um papo tão pesado e chato.

— Claro que fico feliz em te ver. Eu não entendo por que você foi embora e não entendo por que você demorou tanto tempo para voltar. Você não podia me enviar uma mensagem de vez em quando para me avisar que estava bem?

— Eu só queria esquecer tudo, não queria lidar com toda essa merda de culpa como você está fazendo agora.

— Não é sobre, Erin. Você não pode simplesmente se levantar e desaparecer aos dezesseis anos. Você não deixa sua família, porra, a cidade toda, enlouquecer se preocupando com você e procurando por você.

— Desculpa. — Completamente imperturbável, ela puxa o cigarro que estava atrás da orelha. — Posso fumar aqui?

— Não — eu digo. — Onde diabos você esteve todo esse tempo?

— Apenas por aí com Jimmy pela Flórida. Trabalhei como garçonzete por um tempo. Jimmy foi para a prisão por alguns anos, mas nós superamos isso e continuamos juntos.

Eu espero que ela diga mais, mas Erin não diz.

— É isso? — eu finalmente pergunto.

Não consigo acreditar que eu tenho agonizado por anos, e ela tem servido hambúrgueres na Flórida enquanto vive com um traficante de drogas.

Não consigo aceitar isso. Deve ter mais. Na minha cabeça, houve um sequestro. Fita adesiva sobre a boca. Mãos atadas. Gritos e lágrimas. Deitada acordada, chorando à noite, sentindo falta da família. Implorando para ir para casa.

— Erin, conversa comigo. Aconteceu outra coisa? Alguém te machucou? Ele te ameaçou? Você pode me contar qualquer coisa, você sabe disso, certo? Isso não mudou.

Seus olhos pálidos se levantam para encontrar os meus, e é quando eu finalmente vejo a verdade. A raiz de tantos males em minha própria vida, e tenho certeza de que na dela também.

Ela está chapada.

— O que você está usando, Erin?

— Usando? — ela pergunta com a atitude e o aborrecimento de um adolescente pego fazendo algo que não deveria estar fazendo.

— Não brinque comigo. — Eu agarro seu braço e puxo sua manga para cima. Meu coração afunda como pedra quando vejo as marcas de agulha.

Decepção, medo e aquele tortuoso desejo percorrem minhas veias como veneno.

— Porra, Erin. O que você está fazendo? — Eu solto o braço dela como se ele tivesse acabado de ganhar dentes, e ela puxa a manga de volta para baixo.

— Não aja todo sábio e poderoso, Jude. Eu lembro de como você era naquela época. Você saía constantemente. Como diabos você acha que eu conheci Jimmy?

É um golpe que eu não estava esperando, mas é merecido. Ela tem razão. Jimmy e eu costumávamos ficar no porão, chapados e fazendo negócios. Algumas vezes, Erin passava por lá, mesmo eu mandando ela ficar no andar de cima. Jimmy provocava e brincava com ela para fazê-la rir, e eu pensei que ele estava apenas sendo legal com minha irmãzinha, não tentando ficar com ela.

Meu sangue ferve nas veias, e meu coração parece que vai explodir de raiva e arrependimento.

Isso é culpa minha, e está no topo da lista de merdas que eu odeio em mim mesmo.

— Ele é um canalha do caralho — eu digo.

— Me mostre um homem que não é.

— Bem na sua frente — Skylar responde. — Seu irmão não é um canalha. Você tem alguma ideia do quanto ele se importa com você?

Erin se vira rapidamente para enfrentá-la.

— Cuide da sua própria vida, puta. Quem diabos é você, afinal?

— Ei — eu rosno. — Não fale assim com ela.

— Eu não preciso de uma vagabunda qualquer vindo dar lição de moral.

— Vou lá pra cima — diz Skylar, de pé. — Seja bem-vinda, Erin. Eu diria que é bom conhecê-la, mas eu não sou mentirosa.

Eu observo Skylar sair da cozinha desejando poder ir até ela, mas tenho problemas maiores para lidar.

— Ela é o melhor que você conseguiu, Jude? — Erin provoca quando Skylar sai.

— Na verdade, ela é a melhor que eu já tive, mas não estamos falando dela. Eu quero saber o que fez você aparecer de repente esta noite. Eu vou adivinhar que você não está aqui para passar as férias.

— Preciso de dinheiro e de um lugar para ficar por alguns dias.

— Dinheiro para quê? — pergunto, mesmo que já sabendo a resposta.

— Só para me reerguer. Jimmy se envolveu com umas merdas na Flórida, então fomos embora de lá. — Eu estreito meus olhos para ela.

— Que tipo de merda?

— Um acordo deu errado, e ele deve dinheiro a alguém. Você

sabe como é. — Infelizmente eu sei, e eu não quero fazer parte disso. Minha vida está boa agora, e eu não vou deixar ninguém foder com tudo. Nem mesmo minha irmãzinha.

Minhas próximas palavras saem de mim como um vidro quebrado me rasgando e destruindo minha alma.

— Você não pode ficar aqui.

Surpresa e ressentimento passam por seu rosto.

— Essa é a minha casa também.

— Não. — Eu balanço a cabeça, fechando os olhos para não ter de ver o rosto dela. — Não mais. É a *minha* casa e não posso deixar uma usuária de drogas ficar aqui. Estou limpo e vou continuar assim.

— Que merda, Jude. Não seja um idiota. — Ela olha para mim com olhos frios e duros. — Você queria que eu voltasse para casa.

— Eu queria. Sempre quis. Mas não assim. — Levanto a mão. — Vou precisar da sua chave da casa de volta.

— Você está brincando comigo?

— Não, me dê.

Ela faz um barulho e cuspe voa de sua boca enquanto ela tira a chave do bolso e a joga em mim.

— Você é um idiota do caralho. Você disse que ficou nesse buraco de merda para que eu soubesse onde te encontrar caso eu precisasse de você. Bem, eu preciso de você.

— Então me deixe te ajudar. Vou te levar para a reabilitação. Eu pago. A gente te deixa limpa, e então você pode viver aqui o tempo que quiser. Olha como este lugar está bom agora. Vamos te encontrar um emprego ou você pode ir para a faculdade. O que você quiser.

— Eu não vou para a reabilitação, Jude. Se eu usar só um pouco, eu fico bem. Eu só preciso de dinheiro.

Eu disse exatamente essas mesmas palavras. Por muito tempo acreditei nelas, até que acordei quase morto em um beco.

— Você não está bem, e eu não vou te dar dinheiro para alimentar seu vício.

Ela anda ao redor da ilha, puxando seus cabelos.

— Eu não posso acreditar que você está fazendo isso. Você acha que é melhor do que eu? Você não é. Você é como todo mundo.

— Eu te amo, menina, mas eu não posso jogar este jogo com você. Já estive nele, já passei por isso. Se você quer ajuda real, você vai ter. Mil por cento.

Ela põe os olhos em mim como um animal selvagem.

— Apenas me dê dinheiro, então, e nós vamos embora daqui.

— Nós? — repito. — Quem diabos é *nós*?

— Jimmy está na van.

Uma risada repugnante irrompe de mim.

— Eu devia ter adivinhado. Eu quero esse cuzão fora da minha propriedade. Agora.

Lágrimas se acumulam em seus olhos, e eu me sinto preso em uma situação impossível. Isso é um pesadelo que nunca imaginei que aconteceria. Eu faria qualquer coisa por ela. Eu estive de joelhos orando para que ela ficasse bem e voltasse para casa, mas nunca esperei que ela voltasse me pedindo dinheiro para drogas; nunca esperei que ela olhasse para mim como se não desse a mínima para quem eu sou.

Eu pego minha carteira do bolso traseiro e tiro notas de duzentos dólares. Eu jogo na ilha entre nós.

— Toma, leva. Vá para um motel.

Ela pega rápido e coloca na parte da frente de sua camisa, no sutiã.

— Erin — eu digo baixinho, esperando que chegue até ela. — Me deixa te ajudar. Sei o quanto é difícil. Eu já estive nessa situação. Larga esse canalha e me deixa te ajudar a ficar limpa. Você pode começar de novo. Não é tarde demais.

Enquanto ela balança a cabeça para os lados, sorri fracamente para mim, e eu capto um vislumbre da garota que me lembro, aquela que ainda vive em minhas memórias. Aquela que tinha esperanças e sonhos e passava horas no shopping comprando roupas. Aquela que costumava esperar que eu voltasse para casa, para que pudesse me contar tudo sobre seu dia.

— Eu não posso fazer isso, Jude — ela admite sem o menor tom de arrependimento. — Eu não posso deixar o Jimmy. Ficamos juntos. Não importa o que aconteça.

Derrotado, pergunto:

— Então, o que você vai fazer?

— Eu vou a um motel barato, me encontrar com o contato de Jimmy para um acerto, e então vamos para o Maine. Jimmy tem alguns amigos lá.

— É — eu digo com raiva. — Aposto que sim.

Olhamos um para o outro por alguns segundos, sem dizer uma palavra. O que há a dizer? Eu não posso acreditar que é aqui que estamos. Eu me sinto esmagadoramente impotente e culpado para caralho. Toda essa situação é produto das minhas más escolhas, e eu nunca vou me perdoar por ser aquele que inadvertidamente colocou essas rodas em movimento.

Eu pensei que tinha limpado minha bagunça quando organizei a

merda da minha vida. Eu não tinha ideia de que tinha chegado à minha irmã.

Tudo o que eu quero fazer é ir para a minha garagem, tirar Jimmy Vantz daquela van e matá-lo com minhas próprias mãos. Quero estrangulá-lo até que seus olhos saiam da sua cabeça estúpida. Mas, por mais tentador que seja, tenho de pensar em Skylar. *Minha Sparkle*. Eu não posso – eu não vou – correr o risco de acabar na cadeia por agredir ou assassinar um viciado e deixá-la sozinha.

— Obrigada pelo dinheiro — diz Erin. — Sinto muito se esse não era o reencontro que você estava esperando. — A faca se torce mais profundamente no meu coração.

— Eu não quero que as coisas sejam assim — eu digo.

— Volte a pensar que estou morta, Jude. É o melhor pra nós dois.

Ela não me abraça na despedida. Ela simplesmente vai embora sem sequer me olhar de novo.

Eu afundo em uma das cadeiras, completamente fodido da cabeça.

Capítulo

34

Skylar

Putá merda.

Meu coração está partido só de pensar em Jude.

Da janela do meu quarto, vi sua irmã sair. Ela parou enquanto seguia para a garagem e espiou as janelas como se estivesse avaliando o lugar. Então ela subiu na van, e eu pude ver um cara junto com ela atrás do para-brisa, os dois iluminados porque ela acendeu um cigarro. Suas mãos se mexiam freneticamente enquanto ela estava, sem dúvida, dando ao cara uma recapitulação sobre o que acabou de acontecer.

Estou orgulhosa de Jude por se manter firme. Afastar Erin deve ser a coisa mais difícil que ele já fez. Depois de todo esse tempo, ela apareceu viva e bem (chapada, mas bem). Só que ela não voltou para retomar sua vida e se reintegrar à família. Ela voltou para usá-lo.

Ele deve estar devastado.

Algum tempo atrás, a porta de seu quarto bateu com tanta força, que as paredes tremeram; Gus correu com tudo para se esconder debaixo da minha cama.

Preocupada, sento no chão e puxo Gus para o meu colo. Quando ela se enrola em mim, eu acaricio seu longo pelo cinza, até que ela se esqueça do barulho alto e ruim e ronrone satisfeita. A casa parece estranhamente vazia e silenciosa, como se eu fosse a única aqui, e agora o homem no final do corredor não é nada mais do que um fantasma vazio e sem uma alma.

Espero por uma hora, mas depois não aguento mais o silêncio. Eu peguei meu celular e mando uma mensagem para ele.

Eu: Você está bem?

Quinze minutos se passam antes que os três pontinhos apareçam na minha tela.

Jude: Não.

Meu coração racha.

Eu: Posso ir te ver?

Mais cedo, antes de sair para o trabalho, ele disse que sentia minha falta e queria me ver mais.

Talvez ele ainda queira, podemos conversar sobre tudo isso e tentar encontrar algum tipo de fechamento para essa situação.

Jude: Só se você quiser acabar sendo alvo da minha raiva.

Acho que posso lidar com isso.

Sigo pelo corredor até o quarto dele, hesitando por um segundo em frente à sua porta fechada, e depois abro sem bater. Eu o encontro sentado na beira da sua cama no escuro, com nada além de sua calça jeans e uma garrafa de uísque na mão.

Ah, merda.

Pelo que eu percebi, Jude não é um alcoólatra. Ele costumava beber muito, mas seu verdadeiro problema era com as drogas. Agora ele ocasionalmente toma uma cerveja quando está relaxando, mas eu nunca o vi beber destilados.

Silenciosamente, atravesso o quarto e me ajoelho entre suas pernas. Ele parece destruído, seus olhos estão inchados e seu rosto está manchado; seu cabelo parece que mãos angustiadas passaram através dele cem vezes.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta, arrastando suas palavras. — Estou com um mau humor do caralho.

Coloco minhas mãos suavemente em seus joelhos.

— Eu prometi na alegria e na tristeza, lembra? — Ele faz cara feia e inclina a garrafa contra os lábios.

— Isso é besteira.

— Não é — digo baixinho. — Acho que nós dois sabemos disso. — Eu não sei merda nenhuma. — Sinto muito pela Erin. Eu sei o quanto você a ama.

Ele toma outro gole de uísque e passa as costas da mão na boca.

— Eu não amo ninguém.

Meu coração se contrai.

— Você não fala sério.

Ele me lança um olhar feroz que arrepia meus ossos.

— Sim, falo. Você não tem ideia. Eu cansei dessa besteira. Estou farto de ser tratado como merda e jogado fora como lixo. Foda-se isso.

— *Eu* tenho ideia. Eu sei exatamente como é a sensação. Pelo menos uma vez eu queria ser a pessoa por quem vale a pena ficar e não a que é fácil de deixar e esquecer.

— Amém, caralho. — Ele levanta sua garrafa para mim. — Um brinde a isso.

Balançando a cabeça, pego a garrafa dele e a coloco na mesa de cabeceira.

— Eu acho que você já bebeu o suficiente.

— Eu acho que você está sendo uma esposa de merda.

Nossa piadinha não é engraçada quando ele diz com tanta raiva e ódio pingando na voz.

Solto um suspiro lento.

— Jude... Esta noite deve ter sido muito difícil para você. Você quer falar sobre isso?

Ele passa as duas mãos pelo cabelo antes de segurar a nuca.

— Não. Não quero falar dela. Nunca. — Seus olhos se fecham por um longo momento enquanto ele respira fundo. — Ou eu vou ficar bêbado até cair ou transar até enlouquecer. Me devolve a garrafa ou tira a roupa.

Então, é assim que vai ser, o modo autodestruição ativado. Muros erguidos e firmados.

Não desisto fácil.

Inclinando-me para trás em meus calcanhares, desamarro a faixa do meu roupão e, lentamente, deixo escorregar pelos meus braços e pelo meu corpo nu. Ele observa a piscina de seda vermelha no chão abaixo de mim, em seguida, arrasta seu olhar até o meu rosto.

— Que porra você está fazendo?

— Me preparando para transar até enlouquecer.

Ele puxa uma respiração áspera.

— Nós já fizemos isso — ele diz grosseiramente.

— Ah? — eu pergunto, determinada a fazer o que for preciso para mostrar a Jude que estou aqui para ele, não importa o que aconteça. — Foi um lance de uma vez só, então?

Sem desviar os olhos dos meus, ele pega o uísque e toma outro gole.

— Sim. Essa merda entre nós não vai rolar, Sparkles. Eu já me fodi o suficiente.

Eu pego a garrafa de sua mão novamente e a coloco de volta na mesa de cabeceira.

— Vamos fazer aquilo, não *essa merda*. — Lanço os olhos para a bebida.

— Não mexe comigo, Skylar. Você não vai gostar se eu colocar minhas mãos em você assim. — Eu me levanto e toco sua bochecha, passando meu dedo sobre a barba rala escura. Jude me olha com olhos escuros e semi-fechados.

— Tenta — sussurro.

Sem vacilar, mantenho seu olhar no meu. Seja lá do que ele precise agora, eu vou fazer. Eu vou *ser*. Ele tem sido meu porto seguro desde o dia em que nos conhecemos, nunca pedindo ou esperando algo em troca. Ele não vai afogar seus sentimentos no fundo de uma garrafa no meu turno.

De repente, sua mão voa e agarra meu pescoço, me puxando com força para encontrar seus lábios. Ele me beija ferozmente, sua língua carregando o gosto de uísque. Ele aperta meu seio, torcendo, beliscando e puxando meu mamilo entre os dedos até eu gritar.

Jude interrompe nosso beijo e diz.

— Se toca. — Sua voz é baixa e rouca, e meu clitóris treme em resposta, como um cachorro reagindo a um apito. — Eu quero ver você tocando sua bocetinha.

Preciso de um instante para me recuperar da onda de calor que passa dos meus seios para as minhas coxas. Sua voz é pecaminosamente sexy, e eu prendo a respiração, querendo ouvir mais.

Ainda ajoelhada diante dele, arqueio as costas e desloco os quadris de forma lenta, sedutora e oscilante.

— Pede por favor — eu digo, falando sério e usando a minha metade do controle.

Um sorriso malicioso inclina seus lábios quando ele alcança a garrafa mais uma vez, mas eu agarro sua mão e a trago para meus lábios, sugando seu dedo médio e ignorando meus medos de germes e ânsias com cada parte de controle que posso invocar.

— Por favor — ele murmura.

Seus olhos cinzentos brilham de luxúria quando deslizo minha mão entre minhas coxas separadas e meu dedo pela minha fenda molhada.

Meu corpo pulsa de desejo, incrivelmente excitado pela escuridão em seus olhos e pela mistura de emoção crua que emana de Jude como o calor de um fogo ardente.

Seu peito sobe e desce com respirações profundas e uniformes

enquanto ele me observa, deslocando seu olhar da minha boca para a minha mão me dando prazer.

Eu giro minha língua em torno de seu dedo, e seu lábio superior se enrola eroticamente. Meu estômago estremece de expectativa. Estou surpresa que a vontade de deixá-lo excitado supere em muito a minha ansiedade por ter coisas na boca. Cada respiração sua e cada centelha de desejo em seus olhos alimentam meu recém-descoberto sentimento de poder e confiança. É viciante e inebriante, assim como ele.

Ele tira o dedo da minha boca com um som de estalo molhado e lentamente o arrasta entre meus seios, passando pelo meu umbigo e descendo entre minhas pernas. Movendo minha mão para o lado, ele empurra seu dedo molhado profundamente dentro de mim, bombeando para dentro e para fora inteiramente. Roçando em sua mão, eu me inclino para a frente para beijá-lo, mas Jude se afasta e se levanta da cama, elevando-se, até que ele agarra meus ombros e me puxa para cima. Ele beija o topo da minha cabeça, depois se move para baixo, para cobrir minha orelha com a boca.

— Eu quero você na cama — ele sussurra. — Eu vou te foder até que não me lembre de nada.

Formigamentos elétricos correm pela minha coluna enquanto subo na cama e me viro, o vendo tirar sua calça jeans. Minhas coxas se apertam ao ver seu pau se projetando como um tubo de aço de seu corpo tatuado.

Caminhando até a beira da cama, ele envolve os dedos em torno do meu tornozelo e levanta minha perna para apoiar meu pé em seu ombro. Olhando para mim, Jude dá beijos para cima e para baixo na minha panturrilha, depois se abaixa para agarrar meu outro tornozelo, me virando, pernas abertas, em um movimento repentino e rápido.

— Eu não quero que você olhe para mim. — A angústia e o ódio de si mesmo em sua voz e em seus olhos rasgam meu coração em dois.

Virando de lado, estendo a mão para ele, querendo beijar toda a mágoa.

— Lucky...

— Faça assim ou vá embora.

Com um aceno de cabeça silencioso, eu viro de volta, e ele agarra meus quadris, me colocando de quatro e me puxando para encontrá-lo na beira da cama. Suas mãos seguram minha cintura, e ele entra em mim com força e rapidez implacáveis. Gemendo seu nome, agarro o edredom em minhas mãos, de cabeça baixa, enquanto ele entra, suas bolas batendo contra minha boceta molhada a cada investida. Eu nunca fiz sexo por trás, e é dolorosamente primitivo, mas tão intensamente erótico. Não sei se devo ter vergonha ou orgulho de mim mesma por desfrutar da sensualidade crua e animalasca disso.

E dele.

Jude respira pesadamente, dedos cravados em minha carne, incansavelmente entrando em mim, liberando toda a sua raiva, tristeza e culpa reprimidas em cada impulso poderoso.

É tóxico? Talvez seja. Mas tudo bem. É disso que ele precisa.

O que *eu* preciso também.

Conectar-se com alguém nem sempre precisa ser bonito e suave. Pode ser duro e feio e infectado de necessidade. Eu quero tudo dele, o bom e o mau.

Entrando em mim, ele desliza as mãos pela minha caixa torácica até meus seios. Suas palmas ásperas roçavam meus mamilos rígidos, aumentando meu prazer. Quando arqueio as costas, empurrando para atender seus impulsos, minhas paredes se apertam em torno dele de novo, e de novo, enquanto onda após onda de orgasmo rola através de mim. Enquanto me recupero do último dos tremores persistentes, grito quando ele de repente puxa seu pau para fora e me empurra para baixo, cobrindo todo o meu corpo com o dele. O comprimento de seu pau duro se enrosca entre as bandas da minha bunda e jorra porra quente na parte inferior das minhas costas. Ele abaixa a cabeça no meu pescoço e beija minha omoplata, mordendo minha pele e ofegando pesadamente, enquanto sussurra palavras como *molhada* e *apertada e perfeito pra caralho*. Um arrepio de êxtase cai em cascata pela minha coluna. Jude fica assim por um longo tempo, com seu peito suado pressionado contra minhas costas, e eu aprecio ser inteiramente envolvida por ele, presa em seu poderoso abraço.

Quando nossa respiração se acalma, ele se levanta e se ajoelha atrás de mim, entre minhas coxas. Respiro fudo quando suas mãos descem na base da minha coluna e lentamente esfrega sua porra na minha pele como uma massagem lasciva. Vibrações se fazem presentes profundamente no meu estômago e irradiam para a minha boceta e coxas. Sinto-me completamente possuída pela sensualidade possessiva dele.

Eu fico deitada ali, totalmente imóvel, até que ele cai ao meu lado com as costas na cama e o braço jogado sobre os olhos. Minha mente e meu corpo parecem uma explosão, e eu quero me enrolar em seu calor enquanto nossos pedaços voltam para o lugar.

— Você merece mais. — Suas palavras ásperas em contraste com a fala suave no silêncio que estava entre nós me assustam.

— Jude, eu...

Ele levanta a mão.

— É melhor você ir agora.

Suas palavras são sérias. Meu coração está pesado no peito, como

se pudesse se desprender, cair e morrer.

— Jude...

— Por favor — ele diz em um sussurro desesperado e grave. — Só vai.

Essa é a última coisa que eu quero fazer. Quero ficar aqui com ele. Mostrar que estou aqui, que ele não precisa ficar sozinho e que nem todo mundo vai embora.

Mas isso não seria verdade, porque, algum dia, essa farsa vai acabar, e eu também vou embora.

Piscando algumas lágrimas quentes, eu puxo meu roupão e silenciosamente me afasto, esperando que ele me chame de volta a cada passo que eu dou.

Jude não chama.

Eu levo a garrafa quase vazia de uísque comigo e a despejo no ralo antes de ir para a cama, me sentindo muito pegajosa, muito dolorida, muito confusa e parecendo muito que deixei um grande pedaço do meu coração mutilado naquele quarto com ele.

Capítulo

35

Skylar

Estou feliz por não precisar ir à escola hoje, porque estou mental e fisicamente exausta por causa de ontem à noite. Jude também deve estar, mas ouvi sua caminhonete sair da garagem às cinco da manhã, meia hora mais cedo do que ele costuma sair.

Ele não apareceu para se despedir, o que ele sempre faz.

Ele esqueceu de encher a tigela de Cassie.

E eu não consegui fazer um delicioso sanduíche de frango de almoço para lembrá-lo de que alguém se importa com ele.

A rotina é algo que eu tenho em alta conta, e essas pequenas ondulações me perturbam.

Jude é um pilar de estabilidade para mim, e eu quero que a vida se acalme para nós dois, para que as coisas possam ser boas novamente.

Só preciso estar na boutique às onze da manhã, então tenho tempo para tomar banho, alimentar os animais e jogar fora qualquer comida que os dedos sujos de Erin possam ter tocado. Mais tarde, vou parar no supermercado e comprar novos mantimentos.

Enquanto me visto, mando uma mensagem para Megan:

Eu: Você já fez sexo com raiva?

Megan: Você tem a minha atenção. Continue.

Eu: Já?

Megan: Talvez uma ou duas vezes, mas foi ruim. Por quê?

Eu: Só curiosidade.

Megan: Mentira. Eu te conheço, Sky. Você e o maridão brigaram?

Eu: É uma história longa, mas não brigamos. Ele estava bastante chateado com outra coisa.

Eu não vou contar a Megan os detalhes da vida pessoal de Jude.
Pelo menos não por mensagem.

Megan: E?

Eu: E nós fizemos um pouco de sexo selvagem.

Megan: Estou aqui para esses detalhes.

Eu: É ruim ter gostado? Tipo, eu sei que provavelmente não deveria, porque ele estava tão chateado, e eu me ofereci como uma espécie de saída, mas foi muito bom.

Megan: Eu estou com muita inveja e não tenho vergonha de admitir isso.

Eu: KKKKKK.

Megan: Erik é bonzinho demais para fazer sexo com raiva. Ele é todo gentil e educado.

Eu: Isso é bom também. Eu não gostaria de marteladas no colo do útero todos os dias.

Megan: Sua puta sortuda. E, não, não é ruim se você gostou. Paixão é paixão. Alguns casais vivem de sexo de reconciliação.

Eu rio e balanço a cabeça para a tela.

Eu: Eu tenho que sair para o trabalho, mas te conto mais quando eu te ver. Como estão as coisas na escola? Vou entrar em um campo de batalha quando voltar?

Megan: Sinto falta de ter você aqui. Todo mundo está fofocando, é claro. Alguns estão dizendo que você deu um soco na Paige, alguém disse que você estava comendo o pai dela, alguns estão dizendo que você é uma rainha por dar a essa vadia o que ela merece.

Meu estômago se agita de ansiedade. Eu não quero mais drama na minha vida, só quero que tudo pare.

Eu: Ótimo :-(

Megan: Não se preocupe, estou esclarecendo as coisas. Estou aqui pra te apoiar.

Eu: Obrigada. Vou tentar ligar para você mais tarde.

Megan: Tudo bem. Te amo.

Eu: Bj



— Bom dia, menina safadinha — diz Rebecca quando chego à boutique. Meu coração pula na garganta, e meu cérebro se esforça para descobrir como ela sabe que eu fui penetrada de quatro ontem à noite e depois submetida a uma massagem com porra pelo meu marido falso irritado e bêbado. — Mesmo que seja bom ter você aqui algumas horas extras esta semana, vamos tentar evitar outra suspensão, ok?

Eu engulo o ar de alívio.

— Combinado.

Sorrindo, ela joga um pacote em mim.

— Isso chegou para você essa manhã.

Eu seguro o pacote cinza-claro acolchoado e olho para ele com curiosidade.

— Para mim?

— Sim.

Eu levo para a sala de descanso e corto a embalagem. Há um belo cartão em cima de algo embrulhado em papel de seda roxo.

Prezada Skylar,

Estamos muito impressionados com suas fotografias e legendas para a Belonging's Boutique. Seguimos sua conta pessoal, @thatvettegirl, e adoramos sua perspectiva e estilo. Ficaríamos honrados se você aceitasse essa blusa, e se você gostar dela, você pode compartilhar fotos da peça com seus seguidores e informar o código de desconto especial abaixo. Você receberá 10% de cada venda. Se isso é algo em que você está interessada, adorariamos trabalhar mais com você no futuro e aumentar sua porcentagem.

Não há obrigação se você não estiver interessada em ser uma influenciadora ou se nossos produtos não forem de seu interesse, mas, por favor, fique com a blusa como um presente nosso. Somos uma pequena empresa criada e gerenciada por mulheres, e apreciamos mulheres jovens, livres e inovadoras como você.

Continue o trabalho incrível - vemos grandes realizações no seu futuro!

Tudo de bom,

MaryAnn Rockport

CEO da BlueHueToo Fashions

Ah. Meu. Deus.

Uma oportunidade como influenciadora! Eu nem tenho os cobiçados dez mil seguidores ainda! Corro até Rebecca para mostrar a linda blusa camponesa branca e o bilhete.

— Uau! — diz ela. — Isso é incrível. Estou tão orgulhosa de você!

— Está tudo bem se eu fizer isso? No meu perfil pessoal?

— Claro! Por que não estaria? Adoro te ver tendo sucesso.

— Eu só não quero criar um conflito de interesses.

Ela sorri calorosamente para mim.

— Estou totalmente bem com isso. Quem sabe onde isso pode te levar? Acho maravilhoso.

Minha boca dói de tanto sorrir.

— Obrigada.

— A blusa é de morrer — diz ela, tocando o material macio. — Eu vou ser a primeira a comprar uma usando o seu código.

Começo a planejar mentalmente meu dia, decidindo quais produtos quero tirar fotos. Os itens de fim de ano estão começando a chegar, e Rebecca quer realizar algumas vendas, já que as pessoas estarão comprando presentes. Encomendei flocos de neve falsos, e espero que eles façam as fotos parecerem legais e invernais, e não uma bagunça brega.

Por hábito, eu coloco a mão no bolso traseiro procurando meu telefone, mas ele não está lá.

Estranhando, pego minha bolsa para ver se o joguei lá. Eu quero enviar uma mensagem para Jude antes de começar a tirar fotos, só para que ele saiba que estou pensando nele.

Eu não posso deixar de me perguntar se ele tem pensado em mim como eu tenho pensado nele hoje.

Depois de despejar todo o conteúdo da minha bolsa no chão, percebo que devo ter deixado o celular em casa quando estava mandando mensagens para Megan.

— Porcaria — murmuro. Eu vou ter que voltar para casa para pegar e depois voltar para cá.

Frustrada comigo mesma, digo a Rebecca que vou até minha casa e já volto. Enquanto dirijo pela cidade, meu humor afunda. Além de não ter minha playlist favorita, porque está no meu celular, eu realmente sinto falta do meu carro. Pode parecer estranho, mas dirigir meu Corvette sempre me deixava de bom humor, fazia com que eu me sentisse livre. O carro era um lembrete de todas as conversas que meu avô e eu tivemos – como quando ele me disse que a vida vai melhorar enquanto eu não perder a esperança. O carro era um símbolo da minha vida, um pouco bagunçado agora, mas com o potencial de ser bonito com um pouco de paciência, amor e cuidado.

Algum dia, eu *vou* comprar meu Vette de volta de Jude.

Quando chego em casa, percebo que devia estar mais distraída do que achei que estava essa manhã. Não só eu esqueci meu telefone, mas a porta da frente não está fechada.

Preocupada, corro pelo primeiro andar como uma lunática, aterrorizada que Cassie ou Gus pudessem ter saído e se perdido, mas as encontro as duas sentadas juntas na marquise. Eu não me lembro de ter fechado a porta do quarto quando saí mais cedo, mas parece que

tive alguns grandes momentos de dispersão hoje – provavelmente porque continuo pensando em Jude e em como o sexo foi incrivelmente gostoso na noite passada. Se ao menos não estivesse cega por sua devastação por sua irmã e sua tentativa de se afogar em uísque.

Aliviada que os animais estão sãos e salvos, dou um beijo em cada uma delas, depois subo as escadas. Assim que entro no meu quarto, paro e pisco várias vezes. Meu cérebro foi jogado naquele estado confuso e surreal de não processar exatamente o que meus olhos estão vendo.

Meu quarto está completamente destruído.

O armário está aberto, uma das portas penduradas nas dobradiças, e minhas roupas e cabides estão espalhados por todo o chão.

As gavetas da cômoda estão abertas, o conteúdo despejado em um grande monte.

Minha mesa de cabeceira está virada de lado com a pequena gaveta puxada para fora.

Meu coração salta para a garganta enquanto eu giro pelo quarto, tentando fazer um inventário mental dos meus pertences e lembrando o que estava onde.

Os ursinhos de pelúcia sumiram.

Meu laptop sumiu.

Meu pequeno copo de dinheiro sumiu.

Até a minha pilha de bilhetes de loteria que eu guardo só porque Jude quem me deu sumiu.

Minha pequena coleção de joias – incluindo minha aliança de casamento – *sumiu*.

Com meu coração martelando e lágrimas brotando em meus olhos, eu sigo pelo corredor até o quarto de Jude, para encontrar a mesma bagunça.

Ai, merda. Ai, merda. Ai, merda.

Alguém invadiu a casa e nos roubou!

Enquanto estou no meio de seu quarto, dominada por uma onda de pânico, o som de vidro quebrando vindo da garagem me arranca da névoa induzida pelo pânico.

Eu desço as escadas, pego meu celular que aparentemente deixei na ilha da cozinha e saio pela porta dos fundos. Corro em direção à garagem e passo pela porta lateral, que está entreaberta – sem sequer pensar em quem eu poderia encontrar lá dentro.

Eu suspiro quando uma figura encapuzada está do lado do Corvette empunhando um martelo e o esmaga no para-brisa do meu

amado carro.

— Não! — eu grito de horror.

A pessoa se vira para mim, ainda segurando o martelo acima da cabeça, pronta para atacar novamente.

Meu sangue fica totalmente frio quando nossos olhos se conectam.

— *Erin?* — digo, incrédula. — O que diabos você está fazendo?

— Que porra parece que eu estou fazendo, puta? Você acha que pode simplesmente se mudar para a minha casa? Para o meu quarto? E virar meu irmão contra mim? Foda-se vocês dois!

Ela traz o martelo para baixo no para-brisa novamente, e o vidro racha produzindo o desenho de uma teia de aranha.

Eu corro para ela e agarro seu braço.

— Para com isso! — eu grito. — Você está louca?

Ela me olha com olhos selvagens, e essa é toda a resposta que eu preciso. Ela *é* louca. Lutamos pelo martelo, ambas com as mãos segurando o cabo, gritando obscenidades horríveis uma para a outra. Finalmente, eu arranco o martelo da sua mão, e ela cai para trás em um dos baús de ferramentas de metal de Jude. Enquanto ela se apoia para se levantar, meu olhar pousa em duas fronhas perto da porta. Um da minha cama, o outro da de Jude – ambas recheadas com o que tenho certeza que são nossos pertences. Corro para as fronhas com Erin vindo atrás de mim, gritando comigo como um animal raivoso. Eu agarro o material fino da fronha de Jude, e é mais pesado do que eu pensei que seria. Erin me pega pelos cabelos e me chicoteia para trás. Gritando de dor, eu agarro as coisas de Jude como se minha vida dependesse disso e solto meu cabelo de suas mãos. Rolando de costas, eu chuto suas pernas e barriga no momento em que ela está prestes a pular em cima de mim.

— Sua puta do caralho — ela grita, segurando o estômago. — Eu vou te matar! — Eu me levanto rapidamente e afasto o cabelo do rosto, tentando recuperar o fôlego.

— Sai daqui! — eu grito, sem perceber que ela pegou o martelo que eu deixei cair e, antes que eu possa desviar, ela bate na minha cabeça com ele. Atordoada, caio no para-lama do meu carro e tudo escurece.

Capítulo

36

Skylar

Agradeço a Deus pelos vizinhos intrometidos.

Um deles ouviu o barulho da briga e chamou a polícia. Eles me encontraram deitada no chão da garagem sangrando com um ferimento contundente na cabeça, ainda segurando a fronha cheia de coisas de Jude.

Não me arrependo. De jeito nenhum eu deixaria Erin tirar qualquer coisa de Jude.

Tive meu primeiro passeio de ambulância, meus primeiros pontos, minha primeira concussão, e agora estou deitada em uma maca de hospital – com uma dor de cabeça maior que o Texas – esperando para receber alta.

O que diabos está acontecendo com a minha vida?

Não tenho certeza de quanto tempo passou, mas a próxima coisa que lembro é Jude entrando na sala de exames.

Ele parece enorme e primitivo na sala minúscula e estéril, com sua grossa camisa de flanela azul e preta, jeans empoeirados e botas de trabalho pesadas. Seu cabelo está amarrado para trás, e ele está com uma barba de pelo menos quatro dias. Apesar do meu trauma, as borboletas se agitam no meu estômago enquanto me lembro de como foi sentir aquela barba contra minhas coxas.

Meu coração literalmente dói quando ele para do lado da cama olhando para mim com lágrimas nos olhos e as mãos entrelaçadas sob o queixo.

— Desculpa — diz ele, balançando lentamente a cabeça.

— A culpa não é sua.

Engasgando, ele esfrega os olhos com a palma da mão, depois puxa uma cadeira de para perto da cama e se senta. Ele pega minha mão, segura com tanta força que dói e a pressiona contra seus lábios.

— Porra, está me matando ver você assim.

— Eu estou bem — garanto com um sorriso fraco. — É só uma concussão leve e alguns pontos. Eles vão me dar alta em breve.

— *Vinte* pontos. — Ele estende a mão e passa o dedo levemente ao longo da minha têmpora, bem acima do corte. — Toda vez que eu te olhar, vou ser lembrado de que *eu* fiz isso com você. — Ele afasta a mão, e os músculos da mandíbula se contorcem de angústia. Há uma raiva que eu realmente consigo sentir emanando dele.

Um raio de medo percorre todo o meu corpo, fazendo minha cabeça latejar ainda mais. E se ele não aguentar me ver novamente, agora que a cicatriz de cinco centímetros no meu rosto será um lembrete constante da sua irmã problemática que ferrou completamente com a cabeça dele?

Fechando os olhos contra a dor, eu digo:

— Lucky, a culpa não é sua. Sua irmã fez isso porque está puta. Não acho que a intenção dela era me atacar. Ela não estava esperando que eu voltasse para casa. Eu acho que ela só queria coisas para vender e fodeu o carro para deixar algum tipo de recado.

— Eu nunca pensei que ela faria uma merda tão louca assim. Já liguei para uma empresa de segurança. Teremos novas fechaduras e câmeras de vigilância amanhã.

Eu assinto, isso realmente vai me fazer sentir muito melhor.

— Eu salvei suas coisas. — Eu me forço a parecer otimista. — Acho que ela foi embora com as minhas. Meu laptop, minha aliança de casamento... ela quebrou meu carro.

Pensar nas coisas especiais que ela roubou de mim e na imagem das janelas do meu carro me deixa enjoada de desespero. Eu furiosamente tento lutar contra as lágrimas que queimam em meus olhos, mas elas escorregam e fazem um rastro na minha bochecha. Eu rapidamente as limpo.

— A polícia a encontrou? — pergunto.

— Não — ele diz rudemente. — Eu vou cuidar disso. — O medo brota em mim.

— O que isso significa?

— Isso significa que eu vou cuidar disso. Eu não vou deixar eles se safarem dessa. Isso tem dedo do Jimmy. Eu nem me importo se foi minha irmã fazendo o trabalho sujo, ela cruzou a porra do limite. Você vai ter suas coisas de volta, e eu vou consertar seu carro.

— Jude...

— Megan pode te dar uma carona para casa e ficar com você hoje de noite?

Eu estreito meus olhos para ele enquanto arrepios se espalham sobre meus braços.

— Tenho certeza que sim. Por quê?

— Me dá seu telefone.

— O quê? — O latejar na minha cabeça aumenta.

Ele coloca seu celular na cama ao meu lado.

— Você fica com o meu para ter um, e me dá o seu por essa noite.

Nervosamente, entrego meu telefone, que milagrosamente tinha ficado no meu bolso durante todo o ataque.

— Mas por quê?

— Vou usar para rastrear seu laptop. E então vou achar esses filhos da puta e recuperar suas coisas.

Ah, não.

Não. Não. Não.

— Jude, por favor, deixe pra lá. Eles estão sob efeito de drogas e são perigosos. Eu não me importo com o que eles levaram. Nada disso vale o risco de você se machucar. — Se algo acontecesse com ele, eu ficaria devastada. Não consigo nem pensar nisso.

— É? — Ele fica de pé. — Você acha que *eles* são perigosos? Bem, eu também sou, e eu não vou deixar essa merda pra lá. Aquele canalha foi embora com minha irmã quando ela tinha só dezesseis anos. Ele a tirou da família e a transformou em uma maldita viciada, e eu sei que ele arquitetou essa merda hoje. Isso acaba esta noite. Esse cuzão vai conseguir tudo o que merece.

O veneno que escorre da sua voz e a raiva intensa que brilha em seus olhos são aterrorizantes. É difícil acreditar que este é o mesmo homem que segura minha mão, abraça nossos animais e me leva bilhetes de loteria todas as noites apenas para me ver sorrir.

Embora seu rosto esteja duro, ele se inclina e pressiona seus lábios quentes suavemente na minha bochecha.

— Vou resolver tudo — ele sussurra. Endireitando-se, dá um aperto na minha mão antes de soltar. — Você descansa, e eu te vejo quando chegar em casa.

Eu seguro seu olhar, atormentada pelo medo de que ele se machuque. *Ou pior.*

— Me promete que você vai voltar para casa?

Ele coloca a mão sobre o coração.

— Eu juro.



— Olha, Skylar, precisamos queimar um pouco de sálvia ou algo assim quando chegarmos na sua casa. Você tem tido muita energia ruim ultimamente — diz Megan quando chega ao hospital para me levar para casa.

— Você deve estar certa. — Sento na beira da maca, me sentindo tonta enquanto esperamos que uma enfermeira venha com uma cadeira de rodas para me levar ao andar inferior para receber alta. Mal posso esperar para chegar em casa e vestir roupas limpas. O sangue pegajoso na minha camisa está me deixando enjoada.

Ela faz uma careta enquanto estuda minha cabeça.

— Ela bateu em você com um *martelo*? Que diabos?

— Ela estava obviamente fodida e chapada de alguma coisa. Quem vai saber?

— Eu posso te falar agora, Jude me mandou uma mensagem mais cedo. Eu o encontrei do lado de fora da escola, e ele me deu a chave da casa para que eu pudesse ir até lá e limpar seu quarto para você.

— Ah, meu Deus, ele fez isso?

Ela assente.

— Ele não queria que você ficasse traumatizada quando chegasse em casa, e ele não queria que você tivesse que limpar a bagunça. Fiz o meu melhor para guardar tudo para você. Eu ajeitei um pouco do quarto dele também, mas não quis mexer nas coisas.

Estendo meus braços para ela e nos abraçamos.

— Obrigada por fazer isso — digo suavemente com meu rosto enterrado em seus cabelos sedosos. — Você é a melhor.

— Todo esse drama tem que parar — diz ela, se afastando. — Mas eu *tenho* que dizer. Eu achava o Jude meio suspeito no início, mas ele é um cara bom. Esse cara te ama...

Meu rosto se vira rapidamente, e uma dor aguda atravessa minha testa, como se tivesse sido atingida por um picador de gelo.

— O quê? Por que você acha isso?

Ela arqueia as sobrancelhas.

— Olá? Você é cega? O cara é obcecado por você... os olhos e voz mudam totalmente quando ele fala de você. É intensidade pura.

— Você está errada. Jude não é do tipo de amor. Somos basicamente amigos coloridos. É tudo o que nós dois queremos. Funciona. — Mesmo dizendo as palavras, não tenho mais tanta certeza

de que elas sejam verdadeiras.

— Vocês são estúpidos e estão em negação.



Nós não conversamos muito no caminho para casa, e eu aprecio o raro momento de Megan dirigindo de forma tranquila e calma. Minha cabeça dói. Estou chocada com tudo o que aconteceu. Estou com o coração partido pelo meu carro e por ter perdido meus bens pessoais. Estou preocupada com o que Jude está fazendo agora.

E eu não consigo parar de pensar no que Megan disse, sobre Jude me amar. Eu sei que ele se preocupa comigo, e obviamente sente atração por mim, mas *amor*?

Duvido.

Para ser honesta, quanto mais eu penso sobre o amor, mais ele me assusta e me confunde. Às vezes, eu tenho esses momentos em que eu penso, *ah, meu Deus, acho que estou me apaixonando por ele e acho que eu realmente gosto disso*, e eu me sinto toda feliz por dentro. Mas então uma enorme onda de medo engole esse sentimento quase imediatamente.

Me apaixonar significa que eu posso ter meu coração despedaçado. Porque, falando sério, quais são as chances de Jude se apaixonar por mim e nós realmente ficarmos juntos? Zero. Ele tem trinta e quatro anos e nunca teve um relacionamento sério. Tenho dezoito anos e também nunca tive um. Eu prefiro ficar no amigos para sempre do que arriscar deixar a palavra com A nos transformar em uma bagunça. A estrada de se apaixonar só pode te levar a um dos dois caminhos – para sempre ou para nunca mais.

Ambos são aterrorizantes.

— É estranho entrar — digo a Megan enquanto ela destranca a porta da frente.

— O que você quer dizer?

— É assustador encontrar uma pessoa desconhecida em sua casa.
Dois vezes.

— Eu nem consigo imaginar. Tenho certeza de que isso não vai acontecer de novo.

— Espero que não. Jude disse que vai mudar todas as fechaduras e colocar um sistema de segurança.

Uma vez que estamos no saguão, eu me certifico de que a porta

da frente está trancada atrás de nós enquanto Cassie e Gus vêm correndo pelo corredor para nos cumprimentar. Nós duas nos ajoelhamos para acariciá-las.

— Estou tão feliz que a vadia não tentou machucar Cassie ou Gus — eu digo. — Ela trancou as duas longe.

— Ainda bem — ela concorda. — Estou morrendo de fome. Podemos comer?

Meu cérebro dolorido tem dificuldade em seguir as habituais mudanças abruptas de Megan na conversa.

— Hum, claro. Claro que sim.

Ela me segue até a cozinha que, felizmente, Erin não destruiu.

— Você pode pegar o que quiser — eu digo.

Ela abre a geladeira.

— Você não está com fome? Vou fazer alguma coisa para nós duas.

— Eu não posso comer nada da geladeira.

Ela franze a testa para mim.

— Por quê? Tem muita comida aqui.

— Porque Erin ontem estava aqui tocando em tudo.

— Ceeeerto.. mas tudo está em potes. Eu não acho que ela entrou aqui, abriu tudo e lambeu toda a sua comida.

Isso é verdade. Eu joguei fora o frango em que Erin tocou, mas não sei em que mais ela poderia ter colocado as mãos, e isso está ativando meus gatilhos.

— Eu sei, mas eu não consigo.

Ela pisca para mim.

— Bem, temos que comer.

— Você pode comer, eu não estou com fome. Eu só quero trocar de roupa.

— Sky, você tem que comer. Tem que ter algo lacrado e não aberto aqui. — Ela remexe na geladeira e pega uma caixa de ovos e um pacote de queijo. — Eu posso fazer ovos mexidos — ela anuncia triunfante. Eu quase tenho ânsia.

— Muito mole. Eu não posso comer ovos assim.

— Beleeza — brinca, passando a abrir os armários. — Você é superexigente, garota. Que tal isso? — Ela puxa uma caixa. — Purê de batatas instantâneo, nunca aberto?

— Eu como isso às vezes. Consigo comer isso, eu acho.

— Bom. Vou fazer uma omelete para mim e purê de batatas para você. — Ela estuda meu rosto, seu sorriso lentamente desaparecendo. — Você está bem? Quer que eu vá junto pra você trocar de roupa? E a

gente come depois?

Minha voz falha na garganta, então eu concordo com a cabeça, aliviada por não ter que realmente *dizer* que tenho medo de ir para o meu quarto sozinha.

Sorrindo com empatia, ela entrelaça o braço no meu.

— Vamos lá. Vamos colocar roupas confortáveis, eu vou fazer o jantar, e vamos relaxar e assistir a um filme de menininha. Não fazemos uma festa do pijama há anos!

Acho que tínhamos treze anos na última vez que dormi na casa dela. Parece que passou uma vida inteira desde então.

No andar de cima, Megan limpa suavemente o sangue do meu rosto e do meu cabelo.

— É um corte bem feio — diz ela, olhando para ele. — Você acha que vai precisar de cirurgia plástica para a cicatriz?

— Não tenho certeza. O médico disse que era possível. Vou ter que ver quão ruim vai ficar depois que cicatrizar.

— Quando os pontos caírem, passa óleo de vitamina E. Eu li que ajuda a cicatrizar.

Posso optar pela cirurgia plástica se tiver uma cicatriz perceptível. Eu não quero passar o resto da minha vida dizendo a pessoas curiosas que uma garota bateu na minha cabeça com um martelo.

Jantamos e depois nos aconchegamos juntas na minha cama para ver filmes. Megan manda mensagens para Erik quase sem parar. Eu não me importo, porque é bom vê-la tão feliz e apaixonada. Eu não consigo deixar de olhar para o celular de Jude, para ver se ele mandou uma mensagem com o meu, mas não tem nada. Minha cabeça está a mil de preocupação, evocando imagens de todos os piores cenários possíveis. Tudo o que me importa é que ele volte para casa em segurança.

— Então, ele te deu o celular dele, desbloqueado? — Megan pergunta quando ela me pega olhando. Aceno com a cabeça.

— Sim. Ele ficou com o meu.

— E por que você não está bisbilhotando?

— Por que eu faria isso?

Ela se inclina sobre mim para olhar para a tela.

— Para ver se ele está falando com outras mulheres.

— Isso não é da minha conta.

— Você é a *esposa* dele. E vocês estão meio envolvidos. Você tem todo o direito.

Eu seguro o celular, um pouco tentada a olhar. Claro, estou curiosa, quem não estaria?

— Não. — Eu rapidamente coloco o celular de lado antes que eu mude de ideia. — Eu não quero ser esse tipo de pessoa. É invadir a privacidade dele.

— Ah, meu Deus, Skylar. De que planeta você é? Você quer que eu olhe para você?

Eu dou um tapa na mão dela quando Megan pega o telefone.

— Megan! Não. É errado.

— Eu olho o celular do Erik toda vez que ele vai ao banheiro. Eu sei a senha dele.

— Por quê? Se você não confia nele, por que está com ele? — Eu nunca quero ser assim com um homem.

— Confio nele. Eu só quero ver se outras vadias estão mandando mensagens para ele.

— Estão?

Ela encolhe os ombros.

— Só a mãe dele.

Reviro os olhos.

— Você é ridícula. Tenho certeza de que Jude não está saindo com ninguém ou transando com ninguém. Ele está em casa todas as noites. — Desde que me mudei, Jude *nunca* mais deixou de voltar para casa à noite. Ele nunca cheira a perfume. Ele nunca saiu de casa parecendo que está saindo para um encontro. Eu nunca o vejo enviando mensagens ou saindo do cômodo para ter uma conversa particular no telefone. Tudo nele grita *sozinho*.

Teve aquela mancha de batom no rosto dele aquela vez, no entanto.

— Hmm — diz Megan, torcendo a boca para o lado. — O celular dele pode estar cheio de pornografia, então. Talvez ele bata uma todas as noites.

— Ainda não é da minha conta o que ele faz com as próprias mãos e o pau. Eu tenho um vibrador, e eu não gostaria que ele invadissem a minha privacidade.

Ela parece surpresa.

— Você tem? Qual você tem?



Uma batida na porta do meu quarto me faz acordar em uma onda de pânico, e levo alguns segundos para lembrar onde estou. Meu

cérebro está confuso e desorientado, minha cabeça ainda latejando. Eu agarro Megan, que está dormindo ao meu lado na minha cama.

— O que foi? — ela pergunta, sonolenta.

A batida soa novamente.

— Skylar? Sou eu — diz Jude através da porta.

— Ele chegou — sussurro. O alívio toma conta de mim, mas meu coração ainda está batendo forte contra a minha caixa torácica.

— Bem, deixa ele entrar, boba — diz Megan.

Eu saio da cama, e uma rápida onda de tontura quase me faz cair para trás. Meio que me segurando em tudo que vejo pelo caminho, atravesso cuidadosamente o quarto e destranco a porta.

— Graças a Deus — eu digo, engasgando com um soluço e resistindo à necessidade de jogar meus braços ao redor dele e nunca mais soltar. — Eu fiquei tão preocupada com você. Por que você não me ligou ou mandou mensagem? Eu fiquei surtando pensando que algo horrível pudesse ter acontecido. Que você tinha morrido. Ou estava na cadeia. — Eu engulo a saliva com força. — Eu fiquei com medo de nunca mais te ver.

— Eu não prometi que voltaria para casa? — Sua voz é mais profunda do que o habitual e faz meu interior vibrar.

Eu fungo, e meu lábio inferior treme.

— Sim, mas eu ainda estava enlouquecendo de preocupação.

Ele deixa cair a fronha que está segurando e me puxa para seus braços. Eu pressiono minha bochecha contra seu peito, e ele coloca a palma da mão na parte de trás da minha cabeça.

— Shhh... — ele sussurra, esfregando minhas costas com a outra mão. — Estou aqui. Não tem mais com o que se preocupar. — Eu o abraço com mais força, apertando minhas mãos nas suas costas. Ele cheira a suor e cigarros, e seu coração está batendo contra a minha bochecha. Fecho os olhos e deixo que Jude me cubra com todo o seu calor masculino. Eu me sinto segura e protegida. *Finalmente*.

Quando nos separamos, ele me entrega a fronha esfarrapada com as minhas coisas e meu telefone. É quando percebo que os nós de sua mão direita estão com pequenos cortes e sangrando.

Agarrando sua mão, pergunto em voz baixa:

— O que aconteceu?

— Eu arrebentei o merda do Jimmy Vantz, isso que aconteceu.

Eu olho em seus olhos no corredor escuro.

— E a Erin? Você não a machucou, não é? — Por mais louca que Erin possa ser, ela ainda é a irmã dele, e eu não gostaria que Jude a machucasse pelo que ela fez comigo. Ela é da *família*, e eu... Eu nem

sei o que eu sou para ele.

— Claro que eu não a machuquei. Mas ela está ocupada demais cuidando desse idiota com morte cerebral para voltar aqui.

Eu engulo, sem saber se ele está exagerando ou dizendo a verdade.

— Você não deveria ter feito isso... só para recuperar minhas coisas. Não valia a pena.

— É — diz ele. — Tá bom. Ninguém sai impune depois de te machucar, Skylar. *Ninguém*. Nem mesmo eu.

— O que isso significa? — Ele me machucou? Ele pensa que sim?

— Exatamente o que eu disse. — Ele bota a mão na lateral da minha cabeça, e eu penso que, nossa, ele *vai me beijar aqui mesmo na frente de Megan*, mas Jude não me beija. Em vez disso, ele passa o polegar suavemente pela minha têmpora.

— Dói? — Seus olhos, iluminados pelo brilho da televisão no meu quarto, estão ardendo com um caleidoscópio de emoções.

De repente, eu gostaria que Megan não estivesse aqui.

Eu gostaria que as coisas fossem diferentes, para que eu pudesse adormecer em seus braços, em sua cama, e me sentir segura aqui de novo. A sensação de segurança e proteção que eu sempre senti nesta casa foi abalada, e isso é tão horrível quanto o que Erin fez com o meu carro e com o meu rosto.

— Dói um pouco.

Jude me puxa para si e beija de leve meus pontos. Eu estremeço de dor, mas não me importo porque eu quero cada beijo dele. Os doces, os zangados e até os que doem.

— Talvez isso melhore — diz ele, todo fofo e sexy.

— Melhora — eu digo.

— Ei, Jude, você pode dormir com a gente se também estiver com medo de ficar sozinho — Megan brinca ao fundo, arruinando o momento.

Jude sorri.

— Não flerte com homens casados, Megan — diz ele, sem tirar os olhos dos meus.

— Boa resposta! — ela responde. — Inesperada e decepcionante, mas perfeita.

— Você é um bom marido — sussurro.

Ele pisca para mim, depois caminha pelo corredor e desaparece em seu quarto, de porta fechada. Eu sofro com a vontade de segui-lo. Jude também foi ferido hoje – no fundo de sua alma – e eu gostaria de poder beijá-lo para ajudar.

Capítulo

37

Jude

Eu nunca namorei.

Essa percepção me vem quando estou sentado na marquise com Gus ronronando no meu colo, ouvindo Skylar no celular com Megan na sala de estar.

— *Estou bem, de verdade. Fiquei descansando. Sim. Que fofo vocês fazendo isso juntos. Não, eu nunca comi lá. Você sabe que eu não gosto de restaurantes. Você tem que me contar tudo amanhã.*

Eu nunca levei uma mulher para jantar ou para o cinema. Eu nunca passei as férias com alguém. Minha versão de relacionamentos consistiu em jantares em drive-thru, sair para bares, hotéis ou ficar na casa da minha parceira, fazer sexo e depois ir embora.

Também não tenho certeza se Skylar já teve namoros ou encontros reais.

De repente, tudo isso está me incomodando.

Muito.

Ela levou uma martelada na cabeça tentando salvar minhas coisas. Eu a comi de forma selvagem; não lento e doce. Fiquei acordado à noite pensando nela, me preocupando com ela, a querendo e sentindo sua falta.

Eu lentamente me apaixonei pelo sorriso dela. *Minha curva favorita.*

De alguma forma, Skylar entrou no meu coração e, surpreendentemente, eu não quero tirá-la daqui.

Estou sentindo que devemos ter um encontro. Algo para mostrar que eu não estou com ela apenas para sentar no sofá, assistir a filmes e

fazer sexo quando um de nós está fodido da cabeça.

Eu quero, não, eu *preciso* fazê-la feliz, mostrar a ela que é especial para mim e que eu quero ser mais do que um amigo. Ela merece isso.

Sair para jantar seria muita pressão para ela, e um filme parece um pouco clichê demais para nós. Eu acaricio a gata, passando por ideias de encontro que eu acho que ela vá gostar e que eu consiga botar em prática rápido.

Quando ela desliga, eu vou para a sala de estar, carregando Gus comigo. Ela está deitada no sofá, segurando o celular acima do rosto enquanto rola a tela.

— O que você vai fazer hoje a noite? — pergunto.

Suas sobrancelhas se franzem quando olha para mim, e meus olhos são imediatamente atraídos para o corte em sua testa. Meu estômago se torce em um nó instantâneo de raiva e culpa.

— Por que você está segurando a gata?

Afasto o olhar do corte em zigue-zague e olho para a gata, que estou segurando como um bebê.

— Ela estava sentada em cima de mim, e eu quis levantar. — Encolhi os ombros. — Então, eu trouxe ela comigo.

Ela sorri.

— Ceeeerto...

— Você tem planos? — repito.

— Pra hoje a noite?

— É.

— Bem, é sexta-feira à noite e minha melhor amiga está pendurada no namorado, então... a resposta é não.

— Bom.

— Por que isso é bom?

— Eu quero te levar pra sair.

Ela se senta e puxa o cobertor sobre os ombros.

— Sair? — Ela me olha desconfiada.

— Sim, tipo uma espécie de encontro — eu digo desajeitadamente.

— Uma espécie de encontro? — repete. — Eu não consigo...

— Não é jantar — interrompo, sabendo exatamente o que ela ia dizer.

— Ah. — Ela sorri torto. — Ok, então.

— Algum dia, *vamos* sair para jantar, no entanto. Só não será essa noite.

Ela tira alguns fios de cabelo ondulado do rosto e olha para mim

com uma expressão confusa.

— Aconteceu alguma coisa? — ela pergunta. — Você está agindo de um jeito estranho. Por que você ainda está segurando a gata?

Deixo Gus no sofá ao lado dela.

— Está tudo ótimo. Eu só pensei que seria bom sair de casa juntos.

Seu sorriso cresce.

— O que devo vestir?

— Algo quente e confortável — eu digo.

— E doido?

Eu sorrio para ela.

— Claro.

— Que horas vai ser esse lance de encontro fora de casa?

Eu não sabia que ter um encontro viria com tantas perguntas. Sinto que preciso de um descanso.

— Que tal oito horas?

— Beleza. — Ela olha ao redor da sala. — A gente vai se encontrar no saguão, então? Ou vem me buscar e bater na minha porta?

— Boba — eu digo, indo embora. — Te vejo às oito.



— Para onde vamos? — ela pergunta quando desço as escadas. Ela está esperando no saguão com os olhos brilhantes e animados.

De alguma forma, Skylar conseguiu escolher a roupa perfeita. Jeans skinny escuro, botas de pele falsa, um casaco cinza fofinho com capuz de pele falsa combinando e um suéter preto apertado que realça todas as suas curvas. Ela não usa maquiagem com frequência, mas esta noite seus olhos estão polvilhados com sombra prateada e brilhante e delineados de preto, o que faz seu olhar ficar loucamente sexy.

— Você está ótima. — Eu me inclino e a beijo, demorando um pouco mais em seus lábios, tentando a carregá-la para o andar de cima. Eu luto contra isso e mantenho meu plano de ter um encontro. — Você está pronta para ir?

— Você não me disse para onde estamos indo.

— Você vai descobrir quando entrarmos na caminhonete.

Eu seguro sua mão quando saímos de casa e, continuando meu

clima de encontro, abro a porta do lado do passageiro para ela. Quando chego ao volante, entrego a Skylar um pedaço de papel dobrado.

— O que é isso? — ela pergunta. — Instruções?

Eu dou risada.

— Endereços de todas as casas que têm decorações e luzes de Natal maneiras.

Sua boca se abre enquanto ela desdobra o papel.

— Ah, meu Deus, é isso que vamos fazer? Olhar luzes de Natal?

— É... a menos que você não goste. Se você não curtir, podemos fazer outra coisa. Podemos ir ao cinema.

— Você está brincando? Estou totalmente de acordo com isso.

Finalmente, estou fazendo algo certo.

Sintonizo o rádio em uma estação de música clássica de feriados e me dirijo à primeira casa das dez que mapeei de uma lista que encontrei online.

A cada uma que visitamos, Skylar fica mais animada, apontando cada uma como melhor do que a anterior. Estou ocupado demais olhando para o sorriso dela para sequer notar as luzes. Eu não a via tão feliz desde antes do ataque.

Senti falta do seu sorriso e do brilho que ela emana.

O que Erin fez com Skylar a mudou. Ela tem andado mais quieta, retraída, cautelosa, seu comportamento compulsivo mais intenso.

Ela sofreu muito mais do que apenas um corte profundo na cabeça.

Toda vez que olho para ela, me lembro do que aconteceu e me odeio, porque a culpa é minha. Talvez, de alguma forma doentia, a cicatriz esteja aí para que eu nunca esqueça de todas as decisões de merda que tomei. Eu só queria que fosse no meio da *minha* testa e não na dela.

— Devíamos colocar um monte de luzes na sua casa no próximo ano — diz ela enquanto passamos por uma casa que tem pingentes de gelo brilhante e luzes dançando pelo quintal. — Você tem aquele pinheiro legal no gramado da frente, poderíamos colocar uma grande estrela nele e muitas luzes. E você poderia delinear a casa e as janelas como as outras casas que a gente viu. Talvez pudéssemos conseguir um Papai Noel com o trenó e renas e colocar no telhado, e pegar um daqueles bonecos de neve acenando para colocar na varanda da frente.

Enquanto ela divaga, eu estendo a mão através do console para segurar a sua. Sua felicidade é contagiante. Sua esperança é contagiante.

Através dela, eu vejo *a gente*.

Vejo amanhã e próximos anos.

E eu gosto.

Nunca deveria ter um próximo *nada*.

É como se nosso acordo temporário tivesse se transformado em um trem desgovernado e nossas opções eram continuar nele ou pular dele em movimento.

Ela agarra minha mão e a balança para cima e para baixo em sua coxa, totalmente inconsciente de que eu estou sentado ao lado dela completamente apaixonado por seu sorriso, seus olhos, sua voz, a maneira como entrelaça seus dedos nos meus, sua risada – porra, *tudo* dela.

— Este foi o melhor encontro possível, Lucky. — Ela se inclina sobre o banco e dá um beijo na minha bochecha. — Você não tem ideia do quanto eu sempre amei olhar para as luzes de Natal. Quando eu era pequena, meus avós costumavam dirigir pelas ruas na véspera de Natal. Meu avô me dizia que se eu olhasse pela janela do carro, talvez eu conseguisse ver o Papai Noel voando por aí. Se eu visse as luzes de um avião voando, eu sempre pensava que era o Papai Noel e as renas. — Ela olha para mim, seus lábios se torcendo um sorriso tímido. — Isso é bobo?

Eu sorrio de volta para ela, atraído por tudo o que é honesto e inocente nela.

— De jeito nenhum, baby.

— Sinto falta deles — diz ela, erguendo a cabeça para olhar para o céu pela janela do carro.

— Tenho certeza de que eles estão cuidando de você.

Ela sorri para o céu escuro.

— Espero que sim.

— Posso te levar a um dos meus lugares favoritos? — pergunto.

Ela assente, feliz.

— Eu não quero ir para casa ainda.

É quase meia-noite quando chegamos às falésias, e a temperatura já caiu. Eu sigo com a caminhonete para fora da estrada deserta da montanha e entro na trilha que ninguém nem saberia que existe, a menos que alguém apontasse. Eu estive aqui tantas vezes, que poderia encontrá-la com os olhos fechados.

Nós fechamos os zíperes de nossos casacos, e eu pego um par extra das minhas luvas de trabalho do console para ela usar. Suas pequenas mãos se perdem dentro delas, mas eu insisto que Skylar as coloque para que seus dedos não congelem.

— Uau, olha essas estrelas. É lindo — diz ela depois de sairmos da caminhonete na pequena clareira que se abre na mata. O céu é o tom perfeito de azul-escuro real, pontilhado com milhões de estrelas brilhantes. Não há postes de iluminação ou casas nas proximidades, mas a lua é brilhante o suficiente para nos dar a quantidade de luz necessária para nos vermos.

Ela solta uma gargalhada quando eu a levanto e a coloco no capô da minha caminhonete e depois pulo ao lado dela, esperando que o calor do motor nos mantenha aquecidos o suficiente para apreciar a vista por alguns minutos.

— Isso é tão lindo — ela diz sonhadoramente, olhando para as luzes do centro da cidade abaixo de nós. — Eu não tinha ideia desse lugar.

— Venho aqui desde que eu tinha quatorze anos. A vista é legal durante o dia também, mas em uma noite como a de hoje, as estrelas são surreais. E agora, com todas as luzes do Natal, é ainda melhor.

Eu a observo olhar para o penhasco – sua respiração soltando sopros gelados, as luzes refletindo em seus olhos. Ela está tão bonita, que me dói respirar. Eu não mereço algo tão especial e bom quanto Skylar. Eu sei disso, e ela provavelmente também sabe. Mas, como com qualquer outra coisa que seja bonita e rara, não resisto a me aproximar. Tomando o que eu posso enquanto eu posso.

— Olhe — sussurro, passando meus lábios em seus cabelos sedosos e apontando para a direita, onde um veado e uma corça saíram silenciosamente da floresta a poucos metros de distância. Como nós, eles olham pelo penhasco por alguns momentos.

— Que bonito... — ela solta enquanto os cervos atravessam a clareira e desaparecem nas árvores grossas do outro lado.

Nós nos juntamos, apreciando a vista e a tranquilidade desse lugar, esperando que o frio nos obrigue a voltar para a caminhonete.

— O que fez você querer vir aqui hoje? — ela pergunta suavemente.

Eu seguro a mão dela, porque é sempre mais fácil para mim falar quando estamos nos tocando. Respiro fundo e decido dizer toda a verdade.

— Eu queria que você soubesse que eu *quero* estar com você e eu não estou só passando tempo com você porque estamos convenientemente na mesma casa. E eu queria compartilhar meu lugar favorito com você.

— Este é o lugar nas suas costas, não é? Sua tatuagem?

Concordo com a cabeça, impressionado por ela ter reconhecido.

— Sim, é. Este lugar é tipo meu espaço zen. Sempre me acalma.

— Entendo por quê. Tantos desejos esperando para acontecer.

— O que você quer dizer?

— Qualquer uma dessas estrelas pode virar cadente a qualquer segundo, e então você pode fazer um pedido.

— Foi aqui que eu tive a ideia de me casar com você. Eu andei de bicicleta aqui em cima e sentei bem ali com as pernas penduradas na borda.

Seus lábios se pressionam enquanto seu olhar se instala no local que eu aponte.

— Sêrio? Eu não consigo acreditar que você realmente pensou em mim.

— Penso muito em você. Sem parar, desde o nosso beijo de casamento, se você quer saber a verdade. — Minha confissão a deixa em alguns momentos de silêncio.

— Você se arrepende? — ela finalmente pergunta. — De casar comigo?

Respirando fundo, peso minha resposta.

— Eu só me arrependo das coisas que aconteceram com você por minha causa. Mas não me arrependo de ter te ajudado.

— E as outras partes? Isso de sermos mais do que amigos? — Eu tiro meu cabelo dos meus olhos.

— De certa forma, sim.

Sua mão enluvada fica tensa na minha, e ela tenta se afastar. Eu não deixo.

— Espera, não faz isso — eu digo. — Me deixa terminar. A única coisa que lamento é que não sei como te tratar melhor. Não sei fazer... isso. Eu te puxei direto para a minha disfunção. Você tem só dezoito anos, você...

Ela me interrompe, jogando o cabelo por cima do ombro.

— Jude, não cite a minha idade, por favor. Já passamos por isso.

Suspiro e suavizo a voz.

— Eu só não quero ser a razão pela qual você possa se machucar mais do que já se machucou. E eu não quero ser o responsável por você tomar decisões ruins.

Ela estuda meu rosto e balança a cabeça lentamente.

— O que aconteceu com Erin não é sua culpa. O que ela virou, o que ela fez quando voltou.

— Na verdade, é. Eu nunca deveria ter trazido traficantes de drogas para minha casa... onde minha mãe e minha irmã mais nova moravam. Erin nunca teria conhecido Jimmy...

— Você não tem como saber disso, Jude. Talvez ela tivesse

conhecido alguém pior. Talvez ela tivesse fugido sozinha. Ela tomou as próprias decisões. Eu também queria fugir com dezesseis anos. A única coisa que me impediu foi Gus. Por mais louco que pareça, eu não podia suportar a ideia de arrastá-la por aí em uma gaiola de gato, a obrigando a viver em lugares estranhos. Caso contrário, eu teria desaparecido também.

— Você teve uma vida muito pior do que ela, Skylar — eu digo. — Erin era só uma pirralha que não queria lidar com as regras da casa. Mas ela conheceu Jimmy por minha causa. Ele a colocou nas drogas e nessa porra toda.

— Você tem que parar de se culpar. Quem *te* colocou nas drogas? Às vezes, está nos genes das pessoas se voltar para drogas e álcool. Acho que ela teria ido por esse caminho se conhecesse Jimmy ou não.

Isso pode ser verdade. Não houve uma pessoa ou incidente que me fez começar a usar drogas, simplesmente aconteceu.

— Eu não sei — digo com tristeza. — A coisa toda fodeu minha cabeça. Durante anos, tudo o que fiz foi pensar nela e sentir saudades. Eu agonizava pelo que aconteceu com ela. Tudo o que eu queria era que Erin voltasse. Descobrir que ela só foi embora e nunca pensou duas vezes em talvez me enviar uma porra de uma mensagem para me tranquilizar, isso está me enlouquecendo. Ela disse que me viu no jornal, ela sabia quão destruído eu estava, e ela simplesmente me *deixou* ficar assim. Isso dói pra caralho.

— Ela era jovem e complicada — diz Skylar suavemente. — Os adolescentes são egoístas, Jude. Posso admitir isso. Temos nossos momentos em que simplesmente não nos importamos com nada além de nós mesmos. Eu era um pouco assim quando era mais nova.

— Talvez seja disso que eu tenha medo. Não só que eu posso te machucar, mas que *você* pode *me* machucar. Estou cansado de ser esquecido e deixado de lado. Descartável.

Ela se vira bruscamente para olhar para mim.

— Eu também. Eu *nunca* faria isso com você. Você é tão importante para mim, de tantas maneiras diferentes. Eu... — Ela toma um fôlego. — Eu não consigo imaginar minha vida sem você. Eu não quero. Eu sei que nosso casamento não é real, mas às vezes eu queria que talvez...

Ela não termina. Deixa o fantasma das palavras pairar entre nós para nos assombrar. E elas me assombram, sim.

Eu também tive esses desejos e os calei rapidamente por causa da idade dela.

Mas desde que Erin a machucou e eu a vi deitada naquela cama de hospital, meus sentimentos por Skylar mudaram. A amizade já não parece suficiente. Uma parcela de sexo casual não parece mais

suficiente. Eu quero o lance todo com ela.

Isso só me assusta pra caramba.

— Nenhum de nós sabe como é se envolver em um relacionamento, Skylar. Somos dois fodidos cheios de problemas de abandono. E a coisa da idade *importa*. Vai ser um desastre.

Boa jogada, Lucky. Faça com que ela pare de querer você.

— Ou talvez não seja. — Sua voz está polvilhada de esperança. — Talvez sejamos perfeitos um para o outro.

Seu corpo treme ao lado do meu, e não tenho certeza se é porque ela está nervosa por dizer o que disse ou se está congelando.

— Está ficando frio — digo abruptamente, pulando do capô. — Vamos voltar para a caminhonete. — Agarrando sua cintura, eu a trago para o chão e puxo seu capuz forrado de pele falsa para cima de sua cabeça. Eu me aproximo dela e olho em seus olhos. Suas bochechas estão rosadas do ar gelado, e a lua está refletindo na sombra brilhante que ela está usando.

Skylar parece mágica e bonita, e ela está olhando para mim como se estivesse fazendo mil desejos e cada um deles me incluísse.

Sua esperança me destrói completamente.

Estou tão cansado de levantar minhas defesas.

— Você realmente acredita nisso? — digo, movendo minhas mãos para cobrir suas bochechas. — Que podemos ser perfeitos um para o outro?

Um sorriso lento se espalha por seu rosto.

— Sim — ela sussurra. — Eu acredito. — Sua voz, suas palavras afugentam o frio de minhas veias. — Você acha... que deveríamos tentar descobrir?

— Lucky — ela diz suavemente, botando os braços ao redor do meu pescoço. — Não era esse o objetivo dessa coisa de encontro hoje?



Quando chegamos em casa, apagamos todas as luzes e subimos as escadas juntos, parando de tanto em tanto para nos beijarmos. Paramos em frente à porta do quarto dela, e eu abro seu casaco, deslizando-o facilmente de seus ombros. Ela faz o mesmo com minha jaqueta de couro, depois fixa seus grandes olhos nos meus. Um sorriso doce, mas um pouco curioso, dança em seus lábios.

— Eu amei a noite — diz ela, encostada na parede do lado de fora

da sua porta.

Enfio o dedo pelo passador de cinto da sua calça jeans.

— Eu também. Da próxima vez, você pode escolher o que vamos fazer.

Ela desabotoa minha camisa até o meio do meu peito e passa lentamente dois dedos – brincando, mas sensualmente – até o meu ombro.

— Quando vai ser a próxima vez?

Puxando-a para mim, inclino minha testa contra a dela.

— Que tal amanhã à noite? — sussurro, fechando os olhos e inspirando seu perfume. Ela tem o perfume de inverno e jasmim, e eu quero arrastá-la para a cama mais próxima e arrancar suas roupas.

Mas não vou fazer isso.

Eu quero que Skylar saiba que eu posso ser feliz indo devagar.

Que haverá mais dias e noites juntos.

— Amanhã é uma boa — ela diz em uma respiração suave e inclina o rosto para cima. — Amanhã é perfeito.

— A gente pode cozinhar o jantar juntos, acender umas velas e comer de frente para todas as janelas.

Acaricio seus cabelos e a beijo.

— Isso parece ótimo. Talvez você tenha uma saia legal nesse seu armário?

Ela sorri.

— Na verdade, eu tenho. Talvez você possa usar aquele suéter preto que eu gosto?

— Eu posso usar, sim.

— Eu gosto de como ele deixa seus ombros enormes

— Tem tara em ombro? — provoco.

— Acho que tenho tara em *você*.

Skylar faz meu coração bater forte pelo quanto ela realmente *me quer*.

Cubro sua boca com a minha, beijando-a com uma fome lenta e ardente. E, porra, seus lábios são deliciosos e têm o sabor da esperança e das possibilidades do próximo ano neles.

Capítulo

38

Jude

— Você vem para a ceia de Natal, certo?

Eu seguro o celular na orelha com o ombro enquanto estendo os projetos do novo trabalho residencial em que estou bem no meio.

— Não sei, tia Suze... Eu estava pensando em ficar em casa este ano.

Eu passo o Natal com minha tia e meu tio todos os anos, mas tenho refletido sobre a ideia de ficar em casa e passar com Skylar.

As últimas semanas foram cheias de altos e baixos. Embora as coisas tenham estado ótimas entre mim e Skylar, ainda estou tentando organizar minha cabeça com tudo o que aconteceu com minha irmã; e Skylar tem tido alguns problemas. Ela não admitiu, mas eu vi. Ela anda pela casa trancando as portas e verifica a cada poucas horas para se certificar de que *ainda* estão trancadas. Ela não vai na garagem porque está aterrorizada, mas isso está a meu favor agora, porque eu tenho trabalhado em um projeto secreto lá.

Ela vai à médica duas vezes por semana agora, e descobri que ela aumentou os remédios para ansiedade e depressão. Ultimamente, Skylar voltou a comer pão, o que é um passo para trás, porque ela estava indo muito bem comendo novos alimentos e indo a restaurantes para comer coisas fora de sua zona de conforto.

— É Natal, Lucky. Um momento de alegria! Estou triste pela Erin também. Eu chorei até dormir por várias noites depois que você me contou o que aconteceu. Mas temos que seguir em frente. A vida é feita para se viver.

— Não estou me sentindo cheio de alegria.

— Você vai se sentir quando chegar aqui. Eu te perdoei por não vir no Dia de Ação de Graças, mas você tem que vir para o Natal. Eu vou fazer todas as suas comidas favoritas. E nós temos presentes para você.

— Estou velho demais para ganhar presentes — resmungo.

— Ninguém nunca está velho demais para presentes. Você vai trazer a Skylar, certo? Temos presentes para ela também.

Eu atravesso o segundo andar demolido e olho pela janela.

— Eu realmente não sei, mas vou perguntar a ela. Ela pode ter os próprios planos.

Na verdade, tenho certeza de que Skylar não tem planos. Além de mim e Megan, quem ela tem? Ela passa as festas de fim de ano com Megan e sua família? Eu diria que não. Se fosse para dar um palpite, eu diria que ela fica em casa com Gus, mergulhada em um pijama felpudo assistindo a filmes de Natal.

E agora, com essa cena em mente, tudo o que eu quero fazer é exatamente isso com ela. Panelas batem do outro lado do telefone.

— Ela é sua esposa. Tio Al e eu gostaríamos que ela viesse...

— Vou perguntar a ela hoje à noite.

— Prometa que vocês dois vão vir.

— Vou pensar — eu digo, sabendo muito bem que eu estarei lá.

— Este pode ser o meu último Natal. Eu sou velha, você sabe.

— Para com isso. Você *não vai morrer*. Você usa essa chantagem desde que eu tinha dezessete anos.

— Bem, eu definitivamente estou cada vez mais perto.

— Não estamos todos?

— Venha durante a semana e ajude seu tio a arrastar a árvore para o andar de cima. Você pode me dizer o que Skylar gosta de comer então. Ah, e eu gostaria de uma air fryer e um periquito de presente.

Passo as costas da mão pela testa.

— Por favor, me diz que você não está planejando colocar o periquito na air fryer.

— Claro que não. Eu sempre quis um. Eles cantam e piam. Eu quero um azul-claro. Verde, não.

— Mais alguma coisa?

— Não, só meu sobrinho favorito e sua linda esposa. E um periquito. E a air fryer. Isso é tudo — diz ela alegremente.

— Ok — eu digo, exausto demais para discutir com uma certa pessoa de setenta e poucos anos. Ela sempre ganha.

Depois que desligamos, decido ir à boutique para surpreender

Skylar com o almoço. Às sextas-feiras, ela fica na escola até às onze, depois trabalha o resto do dia, então é o momento perfeito.

Eu digo aos caras que vou fazer um intervalo e paro na delicatessen no caminho da butique para pegar uma sopa de legumes e feijão branco para Skylar – perfeito. Nada muito mole, pegajoso ou sufocante.

Seus olhos se iluminam de surpresa quando ela me vê entrar na loja, e eu finalmente recebo um vislumbre daquele lindo sorriso que eu senti falta o dia todo.

— Lucky — diz ela, radiante. — O que você está fazendo aqui?

Coloco o pequeno saco branco no balcão entre nós.

— Eu trouxe sopa pra você.

Ela pega a bolsa e me dá um olhar lateral desconfiado.

— Você quer biscoitos, não é? É uma troca?

Rindo, balanço a cabeça.

— Não. Eu só queria te ver. Eu ouvi você tossir hoje de manhã, então pensei que você poderia ter resfriado. Sopa é bom para te dar força.

— Que legal de sua parte. Obrigada. — Seu sorriso quase faz meu coração parar. — Você pode levar alguns biscoitos — acrescenta. — Quero dizer, já que você já está aqui.

Apoio os cotovelos no balcão.

— O que você vai fazer no dia de Natal?

Suas sobrancelhas quase se unem. Eu tento não olhar para a cicatriz rosa em sua testa porque isso sempre me joga instantaneamente em um abismo de raiva interior.

— Hum... Eu não sei. Eu realmente não pensei a respeito. — Ela joga o cabelo para trás. — Normalmente, eu só fico em casa.

Eu tinha razão. Ela fica em casa com a gata.

Não que eu faça algo muito melhor. Todos os anos, depois de jantar com a tia Suzy e o tio Al, vou para casa e fico com minha cadela.

— Tia Suzy e tio Al querem que você vá na ceia de Natal. Comigo.

Sua boca se abre, depois fecha, depois abre novamente. Ela abre o saco e puxa o pequeno recipiente de sopa e a colher de plástico.

— Nossa. Isso é muito legal. *Você quer que eu vá?*

— Sim. Eu quero que você vá comigo.

Seus dentes superiores se aproximam de seu lábio inferior, como se ela estivesse tentando conter um sorriso, mas ele lentamente vence, inclinando sua boca para cima. Grandes olhos azuis e brilhantes me

observam enquanto ela mexe a sopa.

— Então eu adoraria ir — diz ela.

— Eu não posso perder a chance de ver que tipo de suéter maluco de Natal você vai usar.

— Ah, você quer dizer, tipo, aquele com Rudolph, que o nariz brilha? — Solto uma gargalhada.

— Nada seria melhor. — Vou ver o que posso fazer.

Será a primeira comemoração festiva que eu vou passar com uma mulher.

Outra primeira coisa.

Eu costumava gostar de ficar sozinho até Skylar aparecer. Agora, cada minuto que gasto sem ela parece solitário, como se algo estivesse faltando. Mas minha velha amiga desconfiança ainda vem visitar de vez em quando.

Eu já tive dezoito anos. E quando eu tinha, ficava com garotas de dezoito anos. Elas querem se divertir. Elas querem sair por aí. Elas mudam de ideia a cada dois dias. E quando fazem vinte e um anos, querem festejar, ir a bares e clubes, flertar com homens. E, porra, sim, estou com medo de dar meu coração a alguém que ainda não teve a chance de realmente descobrir quem ou o que ela quer. O que devo fazer se Skylar acordar um dia e decidir que não quer estar com um trabalhador da construção civil mais velho de aparência mediana que não quer filhos?

A vida tinha de foder comigo ao jogar a garota perfeita na minha vida e depois torcer a faca no meu peito, a fazendo ter apenas dezoito anos.

Valeu pelo chute no saco, destino.

— É melhor eu voltar ao trabalho — eu digo. — Te vejo em casa.

— Obrigada pela sopa. Fiquei feliz com a surpresa.

Verificando a loja para ter certeza de que ninguém está por perto, eu me inclino para mais perto dela e pincelo meus lábios nos dela. Quando recuo, ela pega a gola da minha camisa e me puxa de volta para outro. Gemendo, agarro seu pescoço e a beijo mais profundamente.

— Skylar, eu... — Rebecca para na porta do outro lado do cômodo e nos olha com desconfiança.

Skylar rapidamente se afasta de mim e tosse.

— Obrigada por me trazer o almoço — ela diz em voz alta.

— Vejo você mais tarde. — Eu aceno com a cabeça para Rebecca, pego um saco de biscoitos e faço uma saída rápida.

— Jude! Espera!

Eu me viro para enfrentar Rebecca, que me seguiu até a calçada.

— E aí? — pergunto, mordendo um biscoito.

— Não vem com esse *e aí* pra cima de mim. O que eu acabei de ver lá dentro?

Encolho os ombros.

— Eu não sei, Rebecca. Seus olhos não estão na minha cabeça.

Seus lábios se apertam em uma linha fina.

— Não seja idiota. Que diabos você está fazendo?

— Voltando ao trabalho. Talvez você deva fazer o mesmo.

Ela cruza os braços.

— Eu a avisei para não chegar muito perto de você. Eu não confio em você, Jude.

— Você nem me conhece, Rebecca. Não estamos mais no ensino médio.

— Mas *ela* está. Ela tem dezoito anos.

— Estou ciente.

Muito ciente.

— E você acha que está tudo bem? É ridículo o bastante um homem da sua idade vir com essa ideia ridícula de casamento com uma adolescente, mas agora você está ficando com ela? O que diabos tem de errado com você?

— Não tem nada de errado comigo. O que tem de errado com *você*? Cuida da sua vida.

— Não, eu não vou. Eu me importo com ela. Ela é muito jovem para se envolver com você. Ela é muito vulnerável.

— Eu me importo com ela também. Somos amigos. Eu só trouxe sopa para Skylar porque ela precisa comer algo além de pão.

Eu odeio pra caralho mentir para as pessoas. Tudo o que as mentiras fazem é criar um rastro de bagunça que, eventualmente, eu vou ter que limpar.

— Eu vi você a beijando. Isso não é algo que você faz com os amigos. Você precisa dar um grande passo atrás, Jude. Ela é apenas uma criança que teve uma vida horrível. Desde que ela te conheceu, tem sido uma crise após a outra. Sua irmã a atacou com um martelo, pelo amor de Deus! Ela poderia ter morrido! Ela constantemente sofre bullying na escola. Ela foi suspensa, e Skylar é uma estudante nota 10! Você até pegou o carro dela.

Minhas entranhas estão se torcendo em um nó com todas as verdades que ela está jogando em mim. Todas essas coisas têm me corroído, e eu tenho tentado empurrá-las para longe, porque a tentativa de acalmar todos os demônios com drogas e álcool está

sempre ali.

Eu não quero ir por esse caminho.

E eu não quero encarar o fato de que eu posso ser ruim para Skylar.

Travo a mandíbula.

— Você não sabe do que está falando.

— Faça o que é certo. — Ela enfia o dedo no meu peito. — Se você não fosse mais o mesmo de quando éramos crianças, não estaria cruzando essas linhas. Ela vai se machucar, e nós dois sabemos disso. Ela é uma garota doce com um talento enorme. Mantenha distância, deixe esse “acordo” seguir seu curso, mas volte para o lugar que você pertence.

— Então volte você também, caralho. Você não é a mãe dela. Ela é adulta e não é idiota. Ela é capaz de tomar decisões.

— *Alguém* tem que cuidar dela. Ela não tem ninguém para dar bons conselhos. *Ninguém*. — Eu posso sentir os olhos de Skylar em nós enquanto discutimos na calçada.

— Eu protegeria Skylar com a porra da minha vida.

— Bem, você não está fazendo um bom trabalho, está? — ela acusa.

— Vai se foder. O que aconteceu com ela foi um acidente. Eu nem tinha ideia de que minha irmã estava viva.

— Você tem conexões desprezíveis, Jude. Sempre teve. Elas te seguem como ratos.

— Não mais.

Ela levanta as sobancelhas questionando.

— Eu sei tudo sobre se apaixonar pelo cara errado. Ficar presa com alguém sexy e intrigante e se perder totalmente de si mesmo. Perder qualquer senso do que é certo ou errado.

Eu a olho de cima.

— Não faça isso ser sobre você porque você se casou com um cuzão.

— Não é sobre mim. Mas eu conheço um relacionamento tóxico quando vejo um. Ela é uma adolescente. Deixe que ela seja uma. Ela deveria estar ficando com meninos, indo ao cinema, fazendo coisas de adolescente, não se acorrentando a uma casa com um homem adulto vivendo alguma farsa de casamento. É nojento e depreciativo para o casamento real que ela *vai ter* algum dia. Eu vejo o jeito como ela olha para você, Jude. Você tem essa coisa magnética, e ela está presa nisso. O coração dela vai ser partido, e Skylar nunca vai superar você. Você quer ser o cara que a ajudou ou o que a destruiu para todos os relacionamentos futuros? É isso mesmo que você quer para ela?

Se alguma coisa já fez eu me sentir um merda, a escória do mundo, não chegou perto dessa porrada.

— Não — respondo. — Eu não quero isso.

— Eu tenho uma sobrinha alguns meses mais nova que Skylar. Eu nem consigo imaginar um cara da sua idade tentando trepar com ela. Eu estaria na cadeia por seu assassinato. Se você não se mancar, eu posso entrar em contato com a escola e conversar com o orientador.

— Ei — eu digo, me aproximando dela. — Eu não estou *trepando* com ela. Eu me importo com ela.

— E se você tivesse uma filha da idade dela? Ou uma irmã? Como você se sentiria se ela estivesse nesse acordo?

Penso na minha irmã com dezesseis anos, fugindo para a Flórida com Jimmy Vantz, um homem com idade suficiente para ser seu pai, e tendo sua vida fodida de todos os jeitos.

— Isso me deixaria enojado — admito.

— Então mantenha suas mãos e sua boca distantes dela. Ela nunca se apaixonou. Você não está jogando em pé de igualdade e está se aproveitando da inocência e da necessidade dela de se sentir amada. É *nojento*. Faça o que é certo. — Ela se vira e anda de volta para a boutique. — E pare de comer meus biscoitos — ela fala por cima do ombro antes de abrir a porta.

Eu não olho pela janela para ver se Skylar está me observando. Eu não posso suportar a ideia de olhar em seus olhos agora.

Tenho medo de que ela veja o homem que Rebecca vê.

Capítulo

39

Skylar

Eu borrifo perfume de um belo frasco de vidro chamado *Design*, que tem um aroma leve e doce que Jude ama, depois coloco um suéter rosa-claro ombro a ombro que chega até o alto das minhas coxas. Eu me curvo, calço um par de meias cinza na altura da coxa e as solto um pouco. Por baixo do suéter, estou com uma calcinha de renda cor de champanhe e sem sutiã. Uma vantagem de ter seios pequenos é não ter que usar sutiã o tempo todo.

Especialmente quando eu quero parecer sexy.

Minha esperança é que essa pequena roupa anime Jude. Nos últimos dias, ele tem estado distante e quieto. Do nada, ele quase fez uma volta de 180 graus. Um dia as coisas estavam incríveis, muitos beijos, abraços e noites de encontro, então de repente ele fica trabalhando até tarde, ou na garagem, ou indo para a cama cedo alegando que suas costas estão doendo.

Ele recusou minhas inúmeras ofertas para uma massagem nas costas.

Mais cedo, em vez de cumprimentá-lo na porta da frente, como costumo fazer quando ele chega em casa, esperei no meu quarto com a porta fechada para ver se ele viria me procurar.

Quando ele não o fez, minha preocupação começou a se transformar em um ataque de pânico, com pensamentos acelerados, palpitações cardíacas, palmas das mãos suadas e aquela sensação horrível de que eu tenho uma bolha na garganta.

Não querendo perder a noite inteira enrolada em uma bola sucumbindo à preocupação com coisas que eu nem sei se são válidas,

tomei um banho quente. Depois disso, coloquei meu roupão felpudo favorito e acariciei Gus. Seus ronrons sempre têm um efeito calmante.

Ouvi seu chuveiro enquanto eu estava secando meu cabelo, e pensei que ele bateria na minha porta a qualquer momento para me pedir para fazer o jantar com ele, o que ultimamente se tornou uma coisa nossa.

Mas isso foi há quarenta minutos.

Frustrada, vou até o quarto dele. Sua porta está apenas alguns centímetros aberta, e eu posso vê-lo sentado no chão, encostado em sua cama.

— Jude? — digo. — Posso entrar?

Parece estranho pedir permissão para entrar em seu quarto, mas seu distanciamento não é exatamente acolhedor.

Ele faz movimentos com a mão para que eu entre, e seus olhos viajam rapidamente dos meus pés cobertos pelas meias até a pele nua das minhas coxas.

— E aí? — ele pergunta, desviando sua atenção para o telefone.

Meu coração mergulha no estômago com a falta de reação dele.

— Eu só queria dizer oi.

Ele me dá uma rápida olhada e um sorriso.

— Oi.

Eu fecho minhas mãos nervosamente, me sentindo desajeitada e nada sexy como eu imaginei na minha cabeça. Gus serpenteia em torno dos meus pés, deixando pelo em minhas meias, e depois pula na cama para ficar aconchegada.

Estou sendo ignorada? Chutada? Colocada na friendzone?

— Como foi o seu dia? — pergunto.

— Longo.

Eu queria que Jude me falasse sobre proprietários irritantes ou loucos. Ou como um dos seus caras deu um tiro no próprio pé com uma pistola de pregos. Ou como ele ouviu uma música na rádio que o fez lembrar de mim.

— Aconteceu alguma coisa? — eu me obrigo a perguntar.

Seu músculo da mandíbula se projeta, e ele joga seu celular na cama.

— Não, por quê?

Não consigo dizer quando aconteceu, mas ele colocou um muro invisível entre nós. E fez isso muito rápido, muito suave. Ele me contou tudo sobre seu passado sem compromissos, mas testemunhar isso sendo tão habilmente executado é chocante.

Se isso não estivesse acontecendo comigo, eu ficaria impressionada.

Mas não estou impressionada. Estou morrendo por dentro a cada segundo que passa, imaginando o que diabos aconteceu com o nosso plano de tentar descobrir se somos perfeitos um para o outro.

Ou ele chegou à conclusão de que não somos e não quer me dizer?

— Eu achava que as coisas estavam perfeitas.

Ele estreita os olhos para mim.

— Hm?

Eu fecho os olhos, tentando segurar as lágrimas prontas para cair. Eu não queria realmente *dizer* essas palavras, elas simplesmente saíram.

— Nada, eu... — Eu passo a língua nos meus dentes. — Você está bem?

— Só cansado.

Jude certamente *parece* cansado, está com sombras sob os olhos e ombros caídos.

Ajoelhando ao lado dele, estendo a mão e penteio seus cabelos para fora de seu rosto.

— Eu acho que você está fazendo muita coisa desde que se livrou de Kyle. Você achou alguém para substituí-lo?

— Um cara novo começou na segunda-feira. Bob. Ele está indo bem.

Eu concordo com a cabeça, me perguntando por que ele parou de falar comigo sobre coisas que acontecem em seu trabalho.

— Você está pensando na Erin? — pergunto baixinho. — Podemos conversar sobre isso...

— Só estou cansado, Skylar — diz ele, sem olhar para mim.

— Pare de mentir.

Magoada, eu me inclino para trás, me apoiando nos calcanhares. Meu coração está acelerado de ansiedade e angústia. Ele nunca falou comigo de forma tão curta e fria.

— Ok.

Eu me movo para ficar de pé, mas Jude agarra minha mão.

— Espera... — ele diz, balançando a cabeça. — Me desculpa.

— Jude, o que está acontecendo? — pergunto. — E não me diga que você está cansado ou que são suas costas.

Ele solta minha mão, e eu acho que essa é a resposta, ali mesmo, naquela ação simples, mas gritante.

— Não estou mentindo sobre essas coisas, mas acho que

precisamos dar um tempo. — Meu estômago dá um nó.

— Um tempo? — Minha voz racha no meio da palavra e soa como um gemido de dor.

— Não chore. Por favor — diz ele, fechando os olhos e respirando fundo.

Eu não percebi que as lágrimas estavam escorrendo pelas minhas bochechas até que Jude as limpou do meu rosto com a mão. E me despedaça que o mesmo toque — a palma da mão sobre a minha bochecha — que tenha inflamado o amor em mim tantas vezes, agora pareça uma traição ao meu coração.

— Acho que precisamos dar um passo atrás — diz ele rouco. — Pensar nas coisas.

— Que coisas? — resmungo. — Por quê?

Quando ele não responde, eu pergunto:

— Tem outra pessoa?

— Não — ele diz imediatamente. — Porra, não.

Eu nunca fui dispensada antes. Mesmo quando meu pai foi embora, ele simplesmente desapareceu. Eu nunca experimentei essa agonia de olhar nos olhos da pessoa que eu amo e ver o adeus lá.

De repente, todas as tristes canções de amor fazem muito sentido.

— Eu não entendo — sussurro, puxando uma respiração ofegante. — O que eu fiz de errado?

— Baby, você não fez nada de errado. Nada.

— Então que *porra*? — A raiva vem à tona como uma melhor amiga vindo me defender.

— Acho que a coisa da idade pode ser um pouco demais. Acho que precisamos meio que desacelerar as coisas, talvez esperar...

— Minha idade não importava quando você estava enfiando seu pau em mim.

Seu peito sobe e desce em respirações profundas e controladas.

— Skylar, não faz isso.

— Fazer o quê?

— Dizer um monte de merda porque você está chateada. Isso nunca foi sobre sexo e você sabe disso.

— Então é sobre *o quê*? Porque eu não entendo.

— É exatamente o que eu disse. Eu nunca deveria ter deixado as coisas irem tão longe assim. Me desculpa por isso, eu realmente sinto muito.

— Você sente muito — repito. — Que ótimo.

Seus olhos cinzentos se fixam nos meus, e eu posso ver a tristeza e o remorso presentes, misturando-se com a dor de seja lá o que está

acontecendo dentro dele.

Isso o está machucando tanto quanto está me machucando. Eu simplesmente não entendo por que ele está fazendo isso.

— Skylar, eu não quero te machucar — diz ele com uma voz baixa e tortuosa.

Eu cubro sua mão com a minha e entrelaço nossos dedos, e ele imediatamente aperta os meus.

— Então por que você está me machucando agora? Não temos que fazer isso — digo às lágrimas. — Podemos simplesmente voltar a como as coisas eram. Porque era perfeito. — Puxo o ar. — Não era?

Ele sorri, mas não chega aos seus olhos.

— Era. Mais do que você imagina. Mas continua não sendo certo. Não agora.

— Eu não me importo com as nossas idades. Não importa.

— Eu me importo. E as outras pessoas também.

Outras pessoas?

— Quem...?

Ele coloca minha cabeça em suas mãos e pressiona os lábios na minha testa.

— Por favor, Skylar. Vá viver coisas divertidas. Termine o ensino médio. Eu ainda estarei aqui.

— Eu não quero fazer isso. Eu quero estar com você *agora*.

Lentamente se afastando, Jude se inclina para trás contra a cama novamente com um olhar de total derrota e exaustão.

— Não podemos fazer isso. Agora não. E eu não quero que você se preocupe, mais nada vai mudar. Eu não quero que você se mude. Eu prometi te ajudar e isso não vai mudar. Eu ainda quero que sejamos amigos, mais do que tudo.

Eu tento colocar meus braços ao redor dele, mas Jude agarra meus pulsos e gentilmente me afasta.

— Skylar, não dificulta. Por favor. Apenas confie que estou fazendo o que é certo para você.

Eu me levanto e puxo minha camisola para baixo.

— É isso que você fala para as mulheres? — cuspo. — Se for, é melhor você pensar em algo novo. Porque isso aí é um lixo.

Não sendo capaz de olhar para ele ou ouvir mais das suas desculpas de merda, eu pego minha gata e saio de seu quarto.

Assim que chego atrás da minha porta fechada, eu me contorço para tirar o suéter, tiro as meias, me arrasto na cama e puxo as cobertas sobre a minha cabeça.

Surpreendentemente, as lágrimas não vêm.

Estou completamente entorpecida e desconectada, como se tivesse me afastado muito, até o teto, e estivesse olhando para mim mesma. E eu posso me ver, deitada na cama, como eu já vi tantas vezes.

Confusa.

Quebrada.

Sozinha.

Jogada de lado.

Capítulo →

40

Skylar

— Por que eu deixei você me convencer disso? — digo a Megan. O shopping está quente como um forno, e eu sinto que já estivemos em cada loja três vezes enquanto ela tenta encontrar *algo perfeito*.

— Porque precisamos comprar presentes. E roupas. Eu achei que você ainda precisava de um suéter de Natal divertido, não?

— Eu preciso, mas você nunca ouviu falar de compras online? É muito mais fácil do que isso. — Eu subo as três sacolas de compras no braço. Até agora, comprei dois presentes para ela enquanto Megan não estava olhando, um presente para Rebecca, um par de botas para mim e brinquedos para Gus e Cassie. Algumas semanas atrás, eu pensei em um presente feito sob medida para Jude, que agora estou repensando.

— Talvez sua bunda magrela tenha facilidade para encontrar roupas online, mas eu preciso provar para ver se consigo apertar meus peitos nelas.

Eu sorrio para ela enquanto duas crianças gritando saem correndo de baixo de uma prateleira de blusas, cada uma segurando pirulitos enormes, e quase nos derrubam.

— Onde estão os pais neste lugar? — Suspiro. — Eles deixam os filhos correrem como animais selvagens. Você viu o tamanho desses pirulitos? Eles poderiam sufocar até a morte...

— Vamos para a praça de alimentação pegar algo gelado para beber — ela sugere.

No ano passado, essa sugestão teria me causado grande ansiedade, mas, este ano, estou totalmente bem com isso.

Atravessamos o mar de pessoas para chegar ao centro do shopping, e eu pego uma mesa pequena enquanto ela vai comprar dois smoothies de morango e banana.

— Eu te trouxe um pretzel — ela diz quando me encontra na mesa vinte minutos depois. — É simples, só um pouco de sal.

— Maravilha.

— Então, vai falando, mulher — diz ela depois de bebermos por alguns minutos e recuperarmos o fôlego.

Eu pego um pequeno pedaço de pretzel quente e macio e mastigo antes de respondê-la.

— Falar o quê?

— Você e o maridão. Como estão as coisas?

Meu peito dói com a menção a Jude. Eu esperava que passássemos o dia sem falar dele. As feridas ainda estão abertas e doendo, e eu tenho trabalhado duro para curá-las com a ajuda da terapeuta.

E Gus. Ronronos e cabeçadas tornam todas as coisas melhores.

— As coisas estão iguais. Voltamos a ser amigos.

— Isso é um saco. Eu era totalmente time Jude — diz ela, mergulhando seu pretzel em um molho de queijo laranja grosso e brilhante. Eu não estou no ponto em que poderia colocar algo assim na minha boca.

— Eu era também — digo com tristeza. — Eu passei toda a gama de estar totalmente devastada, confusa, irritada. Estou mentalmente exausta. Mas não posso ficar brava com ele por fazer o que ele acha que é melhor para si mesmo ou para mim.

— É verdade. Eu só acho que vocês dois foram perfeitos um pro outro. A maneira como ele olhava para você e falava de você... Aquela merda era *real*.

Ouvir isso não faz eu me sentir melhor.

Levanto o ombro com desdém, tentando não parecer tão chateada quanto ainda me sinto por dentro. Estou me tornando uma especialista em mascarar minha tristeza.

— Quem sabe? — eu digo. — Talvez um dia as coisas mudem de novo. Quando ele colocou um ponto final, continuou meio que insinuando que talvez, no futuro, quando eu for mais velha, possamos tentar novamente.

Ela revira os olhos.

— Isso é estúpido. Você tem dezoito anos, quase dezenove. Eu não vejo qual é o grande problema. Você não está infringindo nenhuma lei.

Jude e eu tivemos essa discussão algumas vezes desde que ele terminou as coisas, e eu perdi todas as vezes.

— Eu sei, mas acho que isso estava incomodando.

— Talvez você devesse começar a levar uns caras em casa. Fazer Jude ficar com ciúmes. Aposto que ele mudaria de ideia rapidinho.

Ela está certa, Jude provavelmente ficaria louco se eu comesse a ficar com caras bem na frente dele. Especialmente na casa dele. Se ele trouxesse mulheres, eu ficaria arrasada. Não importa quão chateada eu esteja, não posso fazer isso com ele.

— Não vou ficar de joguinho — digo. — Ele tem sido bom para mim. Ele não é um cara mau, eu acho que ele só... está em conflito.

— A maioria dos caras mais velhos adoraria estar pegando uma jovem de dezoito anos. E você vai e encontra um com moral. — Ela pega seu telefone, envia uma mensagem rápida e, em seguida, coloca-o de volta na mesa em um movimento robótico. — Você tem certeza de que ainda quer morar lá? Eu não conseguiria. Seria estranho pra caralho.

— Não é como se eu pudesse sair, Meg. Ainda não. Não posso me deixar desmoronar. Pelo menos as coisas são civilizadas e amigáveis entre nós. Tudo o que posso fazer é tentar superar isso e voltar para o nosso acordo original. Que são dois amigos em um casamento de conveniência que foi feito para me ajudar a aquecer a minha vida.

Ela balança a cabeça.

— Eu odeio isso por você. Se tivesse um espaço extra na minha casa, eu estaria implorando para os meus pais deixarem você se mudar.

Viver com ela e sua família seria igualmente estranho, apenas de maneiras totalmente diferentes.

— Eu sei que você faria, e eu te amo por isso. Mas estou bem.

Sua sobranalha arqueia para mim com ceticismo.

— Mas e aí? É como se você estivesse esperando para se divorciar, mas, enquanto isso, você tem que viver com seu marido distante. Isso é como um filme muito ruim. Eu não acho que você seja muito jovem para namorar com ele, mas eu acho que você é muito jovem para estar passando por essa porra louca.

— Estou bem — insisto, tentando me convencer tanto quanto estou tentando convencê-la. — As coisas simplesmente ficaram complicadas.

— Isso é um eufemismo, Sky. Eu não conseguiria lidar com toda a merda que aconteceu com você este ano. Minha maior dificuldade na vida é tentar encontrar a roupa perfeita e um presente para Erik.

Eu gostaria que essas fossem as minhas maiores lutas.

— Você quer que eu fale com ele por você? — ela pergunta, sugando ruidosamente o restinho de sua bebida com o canudo. — Talvez eu possa mostrar para ele outro ponto de vista, não?

Os pelos nos meus braços se eriçam só de pensar em como seria essa conversa.

— Não, isso só vai piorar as coisas. Confie em mim, ele não é do tipo que fala.

— Os gostosos nunca são. Eu juro que quanto mais bonito Erik fica, menos ele fala.

Megan transformou Erik em um projeto. Ela o convenceu a deixar crescer a frente do cabelo, que agora está caído sobre as sobrancelhas; de alguma forma fez com que seus olhos de cachorro parecessem sonolentos e sexy. Ela reformou totalmente o guarda-roupa dele, dividiu suas sobrancelhas e o botou para malhar mais do que antes. Ele literalmente não se parece em nada com quando eles começaram a namorar.

— Suas habilidades de construir um namorado valeram totalmente a pena.

Ela sorri, presunçosa.

— É verdade. Eu só sinto falta de como ele falava toda hora o quanto era louco por mim.

— Quantas vezes ele tem que dizer isso? — Eu rio em um ronco. — Se ele disser isso todos os dias, vai deixar de ser especial.

Seu sorriso vacila.

— Fico com medo de ele não se sentir mais assim. — Eu dou um tapinha na mão dela.

— Tenho certeza que sim. Vá com calma com ele.

Eu saí com ela e Erik juntos, e ela não tem nada com que se preocupar. Ele está totalmente a fim dela. Ela é apenas um pouco-muito exigente quando se trata de relacionamentos.

Megan solta um suspiro.

— Tudo bem. Estou recarregada. Vamos terminar essa excursão de compras. Eu ainda tenho que encontrar o presente perfeito para o Erik.



— Então você cedeu e foi às compras com Megan — diz Jude da cozinha quando eu finalmente chego em casa. Deixo minhas sacolas

de compras no saguão enquanto tiro os sapatos.

— Nunca mais — respondo, olhando para uma enorme caixa encostada na parede perto da porta da frente. — O que é isso?

Ele passa a mão pelos cabelos. Ficou mais longo desde que nos conhecemos, e não posso negar que amo a maneira como está.

— Uma árvore de Natal. Eu pensei que talvez fosse bom termos uma.

— Ah — eu digo, surpresa com ter sido incluída nisso.

Ele me dá um sorriso enquanto eu entro na cozinha e depois volta a mexer em algo no fogão.

— Na verdade, eu pedi há algumas semanas e ela chegou hoje... então, se você não gostar, eu posso jogar lá no porão.

Ah. Então ele comprou *antes*. Quando estávamos tentando sermos perfeitos juntos. A dor se agita em meu coração novamente. Poderíamos ter tido um Natal romântico juntos. Ele estava indo tão bem sendo um namorado. Doce. Divertido. Atencioso. Sensual.

E então Jude desistiu.

Simples. Assim.

A confiança é um dom tão frágil. Eu não tenho certeza se eu vou conseguir ter de novo.

— Você pode fazer o que quiser com ela — eu digo, e posso dizer pela maneira como sua mandíbula fica tensa que minhas palavras saem muito mais duras do que eu queria que saíssem.

Ora, ora, ora.

— Tia Suzy me mandou trazer sopa de frango, legumes e arroz, você quer um pouco?

— Eu bebi um smoothie e comi um pretzel no shopping.

— Pretzel é pão torcido.

— E?

— E você precisa comer mais do que pão.

— Eu não coloco carne na boca, lembra? — digo, me perguntando se minha aversão a boquetes contribuiu para que ele não quisesse ficar comigo.

Jude se vira para olhar para mim, seus lábios formando uma linha dura.

— É só tirar os pedaços de frango.

— Eu não consigo comer uma coisa em que a carne estava boiando.

— Tudo bem... Eu só estou tentando te ajudar a comer coisas novas.

— Eu sei, mas você não precisa se preocupar comigo.

Eu observo enquanto ele serve sopa em uma tigela.

— Eu não estou preocupado com você. Eu me importo com você.
— Instintivamente, cruzo os braços sobre o peito, como se isso pudesse de alguma forma proteger meu coração de se machucar mais. Ele continuar sendo gentil comigo dói. Não que eu queira que ele seja um babaca, mas dizer abertamente que se importa comigo me dá vontade de bater nele.

— Podemos conversar? — ele pergunta, colocando sua tigela na ilha e se acomodando em um banquinho. Essas três palavras fazem meu coração tremer como se tivesse acabado de ser atingido por um choque. Meu cérebro já pensou em possibilidades de conversa.

Ele vai me pedir para me mudar?

Ele está arrependido e quer tentar de novo?

Ele está envolvido com outra pessoa?

— Claro — eu digo.

— É sobre o Natal. Eu disse à tia Suzy que iríamos pra lá. Juntos. E aí... — Ele olha para a sua sopa. — Bem, você sabe — diz ele. — Eu ainda quero que você vá, mas eu realmente não quero que eles saibam o que está acontecendo entre nós. Eles só vão se preocupar.

— Não tem nada acontecendo entre nós — respondo.

— Você sabe do que eu estou falando.

— Sim — eu digo. — Acho que sim. Você realmente acha que eu deveria ir, depois que, *sabe?* — O que tem de errado com a gente que não conseguimos nem dizer que fomos um casal por um tempo e agora não somos mais?

— Acho que somos maduros o suficiente para passarmos as festas juntos como amigos. Quer dizer, já que *somos* amigos. — Seus olhos procuram os meus, e eu me pergunto o que ele está procurando. Perdão? Uma sombra de saudade dele?

Eu olho para o lado, porque o que eu vejo em Jude é o mesmo brilho de desejo que eu sempre vi. Essa mesma necessidade, essa mesma possessividade. Aquela mesma adoração intensa que faz meu coração vibrar.

Será que ele percebe que seus próprios olhos o traem?

— Ainda somos amigos — concordo, resistindo ao desejo de jogar na cara dele que eu também sou madura o suficiente para estar em um relacionamento. Eu não quero ser uma vaca amarga, no entanto.

Ele parece gentil e fofo comendo sopa em uma tigela grande, vestindo um suéter preto macio, com o cabelo caindo sobre os ombros. Ele parece aconchegante, e eu sinto falta de ter seus braços fortes ao meu redor, minha mão na dele. Eu tenho vontade de acariciar seu pescoço, respirar seu perfume e ouvir sua risada.

— Você quer assistir a um filme comigo? — pergunto, baixinho. Só sentar ao lado dele no sofá vai acalmar o tormento em meu coração e fazer as coisas parecerem normais novamente.

— Eu não posso, Skylar. — Ele limpa a garganta e empurra sua tigela para longe. — Eu tenho planos. — Balançando a cabeça, sorrio fracamente.

— Tudo bem.

Uma hora depois, ouço seus passos no corredor, depois a porta da frente abrindo e fechando. Eu me levanto num pulo e o observo, da minha janela, entrando na caminhonete. Fico tentando decifrar se ele está vestido para um encontro. Ele está com sua calça jeans habitual, botas e camisa preta, o que não me diz nada. Jude não é do tipo que se arruma para encontros.

Para onde ele vai?

As únicas vezes que eu vi Jude sair à noite foram para fazer um orçamento de trabalho ou para fazer algo comigo.

Ele não bateu na minha porta para se despedir.

Não me lembro da última vez que ele me chamou de Sparkles.

Meu estômago se agita e queima, me fazendo ir para a minha mesa de cabeceira atrás de alguns comprimidos.

Tudo dói.

Eu acendo um incenso com aroma de lavanda e coloco na minha playlist do Pink Floyd. Desligo minha luz e acendo a luz noturna do projetor de galáxias que Jude me deu no dia seguinte ao que nós fomos aos penhascos. Ele queria que eu pudesse ver todas as estrelas à noite sempre que eu quisesse. Eu quase o quebrei na noite em que Jude me disse que não queria mais ficar comigo, mas agora estou feliz por não ter feito isso.

Eu gosto de ter todas essas estrelas para fazer desejos. Eventualmente, um se tornará realidade.

Atordoada pela emoção, olho para o teto de estrelas e tento me perder nelas. Eu não sei quanto tempo passou, ou se eu cochilei, mas o toque do meu aplicativo de mensagens me assusta e me traz de volta à consciência, e eu rapidamente pego meu telefone. Megan está com Erik, então tem que ser Jude.

Desconhecido: Oi, querida.

Eu franzo a testa para a tela brilhante, sabendo que não sou querida, mas desejando ser.

Eu: Eu acho que você mandou para o número errado.

Desconhecido: É o número da Skylar?

Eu: Quem é?

Desconhecido: Seu pai. Queria te desejar um Feliz Natal. Levei uma eternidade para conseguir seu número com a sua mãe. Ela não me dizia onde você estava ou como entrar em contato com você. Será que poderíamos conversar?

Ah, merda.

Capítulo

41

Jude

Eu decido ir visitar o tio Al em seu bar em Boston, como uma maneira de colocar distância entre mim e Skylar.

Meu humor piora quando fico no trânsito por mais de uma hora sem nada para pensar além do fato de que eu gostaria de ter ficado em casa assistindo a um filme com ela. Quando finalmente chego ao bar, estaciono minha caminhonete e ando até uma loja de conveniência para comprar cigarros e chiclete.

Acendendo um, eu me inclino contra a parede de tijolos na lateral da loja e olho para o meu telefone. Quero mandar uma mensagem para ela. Algo fofo, como costumávamos fazer, mas isso só vai piorar as coisas.

Pelo canto do olho, percebo um cara fumando no beco. Ele joga algo em uma lixeira próxima, e é quando eu percebo outro cara atrás dele, nas sombras, se aproximando lentamente por trás com um bastão na mão, levantado e pronto para atacar. Levo alguns segundos para perceber o que está acontecendo, mas quando o faço, ajo por puro instinto, corro atrás dele e o derrubo, fazendo com que seu golpe se perca. Quando o bastão atinge levemente a lateral da cabeça do cara fumante, eu luto para imobilizar o atacante no chão. Seus socos são pateticamente desleixados, e ele erra toda vez que eu me esquivo. Eu decido acabar logo com isso e acerto sua mandíbula. Ele levanta as mãos para se proteger do meu próximo soco.

— Me deixa, cara. Eu não quero nenhuma merda com você — diz ele, cuspidando sangue na calçada.

— Sai daqui, seu merda — eu digo — ou eu vou te matar com seu próprio bastão.

Ele lentamente se levanta e corre em direção ao outro lado do beco, eu pego o bastão e o arremesso na direção dele. Solto um assobio baixo enquanto o objeto voa e gira pelo ar, indo direto nele como um torpedo até acertá-lo na nuca.

— Uhull! — grito. — Te peguei, filho da puta!

— Porra! — o cara grita, e cai com força, então fica de pé alguns segundos depois e cambaleia em direção à cerca do beco, escalando e desaparecendo.

Bombando de adrenalina, eu me viro e ajudo o cara que quase foi assaltado. Ele esfrega a nuca.

— Você está bem, cara? — pergunto.

— Acho que sim — diz ele. — O que diabos acabou de acontecer?

— Aquele filho da puta ia te nocautear pra te assaltar.

— Merda. — Ele torce o pescoço de um lado para o outro e estremece. — Obrigado... pelo que você fez.

— Sem problemas.

— Eu só tava aqui...

Eu sorrio.

— No lugar errado e na hora errada. Não é daqui, é?

— Na verdade, não.

Ele passa a mão através de cabelos longos, escuros e ondulados, verificando os danos em sua cabeça. Algo nele é familiar, mas eu não sei o quê.

— Ele não bateu tão forte, eu peguei o bastão quando estava descendo. Acho que só te deixou atordoado por alguns segundos.

— Bom saber — diz ele, respirando fundo. — Que merda de noite.

Coloco um cigarro na boca e procurei meu Zippo na minha jaqueta.

— Você tem um isqueiro? — pergunto. — Acho que perdi o meu.

Balançando a cabeça, ele me joga uma caixa de fósforos de madeira.

— Obrigado. — Meus dedos tremem enquanto eu os coloco ao redor da boca para acender meu cigarro. Eu tenho que parar de socar as pessoas. — Você precisa de informações para ir a algum lugar? Uma carona? Você parece perdido — eu digo quando o vejo desorientado, olhando de um lado para o outro.

Ele balança a cabeça e ri.

— Só estou tendo uma noite muito ruim. Não estou pronto para ir para casa ainda.

Exalando uma nuvem de fumaça, concordo com a cabeça.

— Estou no mesmo barco. Eu estava indo para um bar que meu amigo tem aqui na rua. Vou tomar uma bebida, talvez jogar sinuca ou jogar dardos para esvaziar a porra da cabeça. Quer ir comigo? Se você ficar aqui por muito mais tempo, provavelmente vai congelar até a morte ou ser assaltado de novo.

Ele tira um celular do bolso e olha para o aparelho como se estivesse esperando que ele tocasse. Minutos atrás, eu estava fazendo a mesma coisa. Tem uma energia ruim no ar esta noite.

— Quer saber? — diz ele. — Por que não? Te devo uma bebida.

Sorrindo, eu limpo a mão na minha calça jeans e a estendo para ele.

— Me chamo Jude Lucketti. Meus amigos me chamam de Lucky.

— Asher Valentim.

Putaquepariu. Acabei de salvar Asher Valentine, vocalista de uma das minhas bandas de rock favoritas, Ashes & Embers, de ser assaltado. Eu *sabia* que ele parecia familiar. Skylar vai ficar maluca quando eu contar – ela é louca por esse cara.

— O cantor? — digo.

Ele encolhe os ombros.

— De vez em quando.

Esse cara parece cansado. Como se quisesse ser qualquer um além de si mesmo agora, e esse é um estado com o qual eu me identifico.

— Hoje, não — eu digo, levando-o pela rua escura. — Hoje você é apenas um cara que vai tomar uma bebida.

O bar do tio Al é velho, escuro e imundo. Um verdadeiro pé-sujo, o tipo de lugar que você nem notaria, a menos que estivesse procurando por ele. E não são muitas as pessoas que fazem isso. Apenas os antigos frequentadores ainda vêm aqui para passar algum tempo e beber para se afastar de suas vidas todos os dias. Qualquer outra pessoa teria medo de entrar. Mas é um lugar muito bom para esquecer o mundo por um tempo.

Eu aceno com a cabeça para o tio Al e dois caras velhos quando entramos na sala mofada. Nenhum deles desvia o olhar da minúscula TV coberta de poeira que está ligada atrás do bar.

— Ei, Lucky. O que você vai beber hoje à noite? — tio Al diz.

— Duas Long Islands! — grito enquanto nos sentamos na minha mesa habitual nos fundos. — Bom para você? — pergunto a Asher.

Ele acena com a cabeça.

— Tranquilo.

Tio Al nos traz nossas bebidas e me dá tapinhas nas costas antes de voltar para sua estação atrás do bar.

— Isso cura onde dói — eu digo depois de tomar um gole. Desce queimando, e eu gostaria de ter jantado. O cara à minha frente parece estar tendo uma noite igualmente ruim, e eu me pergunto o que é tão ruim para fazer uma rica e famosa estrela do rock querer tomar uma bebida com um estranho em um bar sujo.

— Então, de onde você é? — pergunto.

— Cidade pequena em New Hampshire.

— Sério? — Estou surpreso de não saber disso. — Eu também. Vivi em Brookline minha vida toda.

— Mundo pequeno — diz ele. — Eu tenho alguns amigos em Brookline.

Eu inclino minha bebida para ele.

— Agora você tem outro.

— Não consigo ter muitos amigos. — Ele tira a jaqueta e se inclina para trás no banco de couro rachado. — Você trabalha aqui na cidade?

— Raramente. Trabalho com construção. A maioria dos meus trabalhos são em outros locais.

Ele olha para o meu tio com ceticismo.

— E *ele* é seu sócio?

Solto uma gargalhada.

— Não, ele é meu tio Al. Eu passo por aqui algumas vezes por mês. Para ver como ele está. Jogar um pouco de bilhar ou dardos e ganhar bebidas de graça. Isso me lembra que eu não quero acabar como eles. — Eu inclino a cabeça em direção aos dois velhos no bar. Eles estão *sempre* aqui. — Solitário. Bebendo o dia todo. Nada em casa. Foda-se isso.

Apesar da minha aversão a compromissos e relacionamentos, não quero envelhecer sozinho.

— Eu te entendo. — Eu o pego olhando para a aliança na minha mão. — Você é casado?

Olho para o meu dedo, surpreso que esqueci de tirá-la mais cedo. Às vezes, quando estou me vestindo e colocando meus outros anéis, coloco a aliança e penso em Skylar, no dia do nosso casamento. Testando como seria usá-la. Esquecer todas as merdas e julgamentos e apenas deixar o casamento ser real. Não sei por que fiz isso hoje. *A esperança é a última que morre.*

— Acho dá pra dizer que sim. Minha vida está uma bagunça, cara. E eu não sei como ficou tão merda assim.

— Geralmente é assim que acontece.

Eu balanço a cabeça e giro os cubos de gelo na bebida.

— Já teve uma garota te assombrando totalmente? Tipo, não importa o que faça, você simplesmente não consegue tirar ela da sua cabeça? De você?

Fechando os olhos, ele concorda com a cabeça, como se soubesse exatamente do que estou falando.

— Sim. Vivo isso desde que eu tinha quinze anos. Eu não mudaria nada, no entanto.

Quinze anos. Uau.

— Tem uma menina que está me enlouquecendo. Nunca me senti assim. — Eu me inclino para a frente e sussurro: — Ela só tem dezoito anos. Dezoito, caralho. Que porra é essa? Eu devo ser doente, certo? Por me sentir assim?

Preciso de validação. Alguém para me dizer o que é certo ou errado porque meu cérebro está confuso. E quem melhor para me dizer isso do que a porra de uma estrela do rock?

Ele se inclina para trás e me dá um olhar duro. Não crítico, mas pensativo.

— E quantos anos *você* tem?

— Muito mais que dezoito, obviamente.

Ele solta uma risada baixa.

— Se você está só correndo atrás de uma boceta, então, sim, eu diria que é errado. Realmente errado em todos os sentidos.

Merda, se eu só quisesse transar, isso seria fácil. Mas não é mais isso que eu quero.

— Eu não quero só uma boceta. Quero dizer, sim, ela é linda pra caramba, mas, cara, eu acho que estou apaixonado por essa garota. — Droga. Eu finalmente disse isso em voz alta. E isso não me matou. — Nós nos encaixamos de todas as maneiras certas. Quero cuidar dela, passar a vida com ela. Como nas suas músicas, cara — eu digo, lembrando que estou falando com o rei das baladas de rock. — *Você* entende o que eu estou falando. Ela faz com que eu sinta que tenho algum valor.

Ele puxa a barba.

— Parece que pode ser amor.

— Uma garota tão nova sabe o que é o amor? Ela provavelmente vai partir meu coração e entregá-lo para mim em uma bandeja enquanto vai embora com um cara mais jovem. — Como aquele cara do ring pop que ela me contou. Pelo menos ele salvou a vida dela sem fazer a bagunça que eu fiz.

— Deixa eu te contar uma pequena história, Jude — diz Asher. — Sobre meu melhor amigo e minha filha e como idade nem sempre importa.

Passamos por outra rodada de bebidas e uma tigela de pretzels enquanto ele me conta tudo sobre seu melhor amigo, que começou a namorar sua filha quando ela tinha apenas dezoito anos e o cara tinha trinta e dois. Asher admitiu que ficou tão furioso quando descobriu, que bateu pra caralho no amigo e não falou com ele por meses.

— Quando eu esfriei a cabeça? — diz ele. — Sentei e dei uma boa e dura olhada em todos os anos que vi os dois se aproximarem cada vez mais. Esse cara é como meu irmão. Eu o *conheço*, por dentro e por fora. Ele é um cara do bem. Ele não sai fodendo todas por aí, ele não é do tipo que faz joguinhos. Eu não podia negar o que estava bem na minha frente, eles realmente se amavam. Então, eu superei isso. Agora eles estão casados e têm um bebê. — Ele sorri sobre a borda de seu copo. — Estou mais chateado por ele ter me feito avô do que por ele ser quinze anos mais velho que minha filha.

— Eu mataria por isso — admito, depois que ele começa a me contar toda a sua história de vida; como ele se apaixonou quando tinha quinze anos e como esperou oito anos pela esposa enquanto ela estava em coma. — Um amor como você tem, como seu amigo e sua filha têm. Uma melhor amiga para passar a vida. É disso que se trata. Você não desiste disso, certo?

Só um idiota desistiria de algo bom assim.

— Não — diz ele com convicção. — Você não desiste. Você se agarra a isso, luta por isso. Não importa o que aconteça. Mas você tem que acreditar nisso primeiro.

Eu passo o polegar sobre a aliança, perdido em pensamentos, me perguntando se eu e Skylar podemos ter algo real. Se eu deixasse de lado os medos de me machucar, ignorasse o julgamento e, finalmente, desse cem por cento em todos os sentidos, isso poderia funcionar?

Acho que sim. Eu acho que é o que nós dois merecemos, nós merecemos a felicidade e o amor.

— Vou dizer a ela como me sinto — finalmente digo. — Vou parar de a afastar.

— E a sua esposa? — ele pergunta. — É melhor você acabar com o casamento antes de fazer ou dizer qualquer coisa para outra mulher. Você parece um cara legal. Não traia. Você vai se meter em uma bagunça maior.

No começo, fico totalmente confuso, então percebo que ele acha que estou tendo um caso com uma garota mais jovem enquanto sou casado com outra pessoa.

Termino minha bebida e coloco meu copo na mesa.

— Confie em mim, não pode ficar mais confuso do que é. A menina? O jovem de dezoito anos? Ela é minha esposa.

Seus olhos se arregalam de surpresa, e ele levanta a mão para chamar a atenção do tio Al.

— Pode trazer dois cafés? — ele pergunta. — Vamos ficar aqui por um tempo.

Voltando-se para mim, ele diz:

— Cara, eu *não* esperava por essa.

— É, eu também não — respondo.

Capítulo

42

Jude

Passei a noite com Asher Valentine.

Calma – não *desse jeito*.

Mesmo que o cara seja uma estrela do rock famosa e multimilionária, é a pessoa mais realista que eu já conheci. Ficamos no bar até duas da manhã conversando, e então sentamos na minha caminhonete e conversamos por mais algumas horas sobre música, vida e relacionamentos. Até que eu fiquei exausto demais para dirigir. Adormecemos no veículo, e eu o deixei em casa esta manhã.

Antes de sair da caminhonete, ele me deu um último conselho.

— O casamento não tem nada a ver com anéis, votos ou um pedaço de papel. Nada disso une as pessoas — disse. — O casamento, estar apaixonado, é uma escolha para todos os dias e para se manter junto com a pessoa, não importa o que aconteça. Você não mente, você não engana, você não vai embora e você não desiste. Você *fica*.

Eu balancei a cabeça, absorvendo aquelas palavras. Se o cara conseguiu manter seu casamento vivo enquanto sua esposa estava em coma por oito anos, ele deve estar fazendo algo certo.

— E outra coisa — disse ele, agarrando meu ombro. — O tempo passa rápido pra caralho, cara. Todos os dias em que você só fica sentado, evitando *viver*, você está perdendo. Aproveite as chances, ame a garota antes que seja tarde demais.

Deixei Asher me sentindo bombeado e mais lúcido do que há muito tempo. Ele atingiu um ponto nevrálgico, estou cansado de só *existir*. Trabalhar em algo que não faz merda nenhuma por mim, exceto pagar minhas contas e matar minhas costas. Cansado de evitar

relacionamentos como se fossem venenosos só porque tenho medo de que eles explodam algum dia.

Esses muros que eu coloquei não têm me feito nenhum favor. Estou apenas vivendo em uma gaiola. Quando chego em casa, Skylar está descendo as escadas assim que eu entro pela porta da frente e tropeço na caixa da árvore de Natal. Ela está com um moletom escrito PORRA, CALA A BOCA, VADIA. Fica tão grande nela, que se estende até os joelhos.

— Ah, você chegou — diz em um tom que deixa claro que acha que passei a noite com outra pessoa.

Eu deveria ter mandado uma mensagem para ela ontem à noite, em vez de simplesmente não voltar para casa.

Parece ruim.

— Vem conversar comigo — eu digo, caminhando para a cozinha. — Se eu não tomar um pouco de café, vou cair de cara no chão.

Ela me segue e se empoleira em um dos banquinhos da ilha enquanto sirvo leite no reservatório da cafeteira chique que a tia Suzy me deu no ano passado, coloco uma cápsula e pressiono o botão.

— Desculpe por não ter te mandado mensagem. Eu não pensei que eu ia ficar fora a noite toda.

Ela está de lábios fechados.

— Você não precisa me dar satisfação.

A cafeteira apita e libera sua mistura mágica de água, café expresso e leite espumoso.

— Eu sei, mas eu gosto de dar. — Eu coloco um monte de açúcar no meu café com leite espumoso e sento no banquinho em frente a ela. — Tem algumas coisas que eu quero te dizer.

Ela encosta o cotovelo na bancada de granito, com o queixo na palma da mão.

— Bom. Tem algumas coisas que preciso te dizer também.

Considero isso um bom sinal.

— Tudo bem... damas primeiro.

— Eu pensei muito ontem à noite, e finalmente percebi que você está certo. Sobre não estarmos juntos.

Eu rapidamente engulo meu café.

— Skylar, espera...

Ela me interrompe.

— Jude, você não precisa dizer nada. Eu pensei muito e conversei com alguém que me ajudou a entender que sermos apenas amigos é provavelmente o melhor.

Estou arrasado. Tudo o que eu queria fazer era dizer a ela que

passsei a noite com a porra do Asher Valentine e como seu conselho me abriu os olhos. Quero dizer a ela que sou louco por ela, que a gente devia agora mesmo montar nossa primeira árvore de Natal.

Quero dizer a ela que quero que *fiquemos juntos*.

Seu queixo se levanta, e ela funga.

— Eu não estou brava com você, e eu não te culpo pelas coisas que aconteceram. As coisas entre nós simplesmente se complicaram. Eu não estava esperando e... — Ela solta um suspiro arrepiante e de partir o coração; em seguida olha através de mim, para janela que mostra o quintal. — Eu não estava pronta para isso. E você está certo, eu provavelmente sou muito nova para isso. Para você.

— Skylar, eu não estava esperando ou pronto para isso também, mas...

Ela não me deixa terminar.

— Muita merda aconteceu comigo, e com você, nessas últimas semanas. Não pensamos direito. Eu tenho que me concentrar em começar a minha vida. Eu tenho que ficar saudável física e mentalmente. *Esse* era o plano e toda a razão para esse acordo.

A ansiedade valsa na minha coluna, e eu concordo com a cabeça enquanto meu cérebro de ressaca tenta descobrir o que devo falar para consertar isso. Concordo e deixo as coisas acabarem? Isso é o certo, afinal?

Eu não quero tratá-la como uma bola de pingue-pongue.

Sem saber que a esperança está morrendo lentamente dentro de mim, ela continua falando.

— Eu acho que me deixei levar por toda a coisa do casamento. — Ela levanta as mãos e faz aspas quando diz a palavra *casamento*. — Mesmo que eu não acredite nessas coisas, uma pequena parte de mim começou a pensar que isso se transformaria em algum tipo de conto de fadas da Disney. — Suas bochechas ficam rosadas, e ela solta uma risada curta e triste. — Mas essas coisas nunca acontecem na vida real, e a primeira pessoa a quem eu dou meu coração não pode ser um cara de trinta e quatro anos que não está interessado em relacionamentos e não consegue se comprometer de jeito nenhum, né? Eu vou acabar destruída, e isso é uma bagunça que eu não preciso, muito obrigada.

Porra.

Minhas defesas saem voando. Eu *consigo* me comprometer. Eu simplesmente nunca *quis* antes de conhecê-la.

A felicidade que senti anteriormente se esvazia como um balão furado. Eu mesmo quase fui pego pelo conto de fadas. Talvez caras como Asher Valentine e seu melhor amigo tenham a sorte de ter histórias de amor como essa, mas não eu: um ex-marginal viciado. Eu

tenho pavimentado o caminho para a solidão por um longo tempo, e parece que é um beco sem saída para mim. A luz no fim do túnel acabou de se apagar.

Eu concordo com a cabeça lentamente e coloco minha caneca de café de volta na bancada um pouco forte demais.

— Certo. E a primeira pessoa com quem me comprometo não pode ser uma garota de dezoito anos que nunca *esteve* em um relacionamento. Seria uma perda total do meu tempo — acrescento, apenas para ser um imbecil e dar o golpe de volta nela.

E me arrependo imediatamente.

Piscando, ela suga seu lábio inferior trêmulo, e seus dentes superiores se fincam na carne rosa. O ato me faz querer chegar do outro lado do balcão e puxá-la para mim para que eu possa puxar esse mesmo lábio na minha boca e a fazer minha bem aqui no meio da cozinha.

Passo a mão pela barba. Como eu consigo sempre foder a merda toda? Cheguei em casa planejando seguir o conselho do Rei do Rock de *amar a garota*. Então, o que *eu* faço? *Insulto* a garota.

Boa jogada, Lucky.

De repente, seus olhos se concentram na minha mão como feixes de laser.

— Você está usando sua aliança.

— Sim... — Olho para o anel na minha mão que, até este momento, esqueci que ainda estava usando. — Eu coloquei ontem antes de sair. — O olhar de Skylar se agarra ao meu, seus olhos com aquele brilho cintilante que sempre me hipnotiza. — Eu só coloquei para que as mulheres não ficassem em cima de mim enquanto eu estava na rua.

Mentira. Nem é uma boa.

— Ah. — Ela endireita a coluna e afasta a emoção que estava nadando em seus olhos segundos atrás. — Sua vez. Sobre o que você queria falar?

Eu poderia contar sobre a minha epifania. Admitir que eu tenho me apaixonado por ela desde o dia em que a vi dirigindo seu Vette ao som de Meatloaf. Eu podia dizer que eu me perdi no segundo em que ela estourou aquela bolha de chiclete na minha direção. Eu simplesmente não sabia que se apaixonar era assim. Eu poderia dizer que ela é a única garota que já me fez feliz, que já me deu o que eu precisava. Eu poderia dizer que ela é a única que já esteve ao meu lado e me fez pensar, mesmo que por um minuto, que talvez o amor não seja apenas uma palavra de quatro letras.

Eu poderia dizer a ela que não dou a mínima para a diferença de

idade ou o que as pessoas pensam.

Eu poderia jogar tudo para o alto e dizer a ela – pela primeira vez na minha vida – que eu quero *ficar*.

Com ela.

Indefinidamente.

Tentar um “para sempre” juntos.

Mas sejamos realistas. Ela claramente tomou uma decisão. E acertou em cheio, eu não sei nada sobre cuidar de corações. Skylar merece muito mais do que eu posso dar a ela.

Eu bebo o resto do meu café com um grande gole.

— Nada. Eu só queria dizer que estava arrependido por como tudo aconteceu.

Ela engole com força, obviamente engasgando com a decepção.

— Vou fazer o que puder para recompor a minha vida. Para que possamos seguir em frente. — Ela levanta o olhar para encontrar o meu, e eu odeio a tristeza que sugou todo o brilho de seus olhos. — Eu realmente agradeço tudo o que você fez por mim, Lucky. Mais do que eu posso dizer. Tudo o que você fez por mim... Mudou a minha vida.

Esse era o plano, que ela eventualmente fosse embora. Mas ouvi-la dizer isso dói.

— Sinto muito por toda a merda que aconteceu, Skylar. Tudo o que eu queria fazer era te ajudar, não te foder ainda mais. Boas ações saindo pela culatra, hein?

Um sorriso fraco e triste toca seus lábios.

— É, acho que não.

Tossindo, eu me levanto, pronto para acabar com essa demolição de esperanças e sonhos.

— Eu falei sério outro dia, esta é a sua casa. Eu não quero que você se mude. Eu posso ficar longe. Mas nada vai mudar a nossa amizade. Isso é algo com que *posso* me comprometer.

Ela inclina a cabeça com um olhar triste, mas melancólico, que quase me esmaga.

— Você é um grande amigo. Eu nunca quero perder isso.

Subo para o meu quarto e tiro a aliança de casamento, colocando na gaveta da minha cômoda sob a pilha de bilhetes de loteria que eu escondia para dar a ela todos os dias.

Nunca mais vou colocá-la.

Eu nunca deveria ter me deixado pensar o contrário – eu só consigo ser bom em um casamento falso.

Capítulo

43

Jude

— Talvez eu devesse ficar em casa — diz Skylar quando me encontra no saguão. — É estranho passar o Natal com sua família quando você e eu não estamos exatamente no melhor momento.

— Eu prometi à tia Suzy que nós dois estaríamos lá. Acho que podemos colocar alguns sorrisos falsos por um dia.

— Acho que você está certo — diz ela, pegando a gaiola de pássaros do chão. — Sorrisos falsos não são nada em comparação a um casamento falso.

Ignorando seu comentário, eu a levo para fora e tranco a porta.

— Por que exatamente vamos dar um periquito à sua tia? Dizem que animais de estimação nunca devem ser dados como um presente. Você sabe quantos acabam em abrigos menos de três meses depois do Natal? — ela pergunta quando estamos a caminho da tia Suzy e do tio Al. Ela segura a gaiola envolta com um grande laço vermelho em seu colo.

Olho para o pequeno pássaro azul e branco e ligo um pouco o aquecedor. Eu não quero aparecer com um presente morto.

— Era o que ela queria. Um periquito e uma air fryer. Confie em mim, ela não vai se livrar de nenhum dos dois.

— Ele é fofo. Eu nunca vi um de perto antes.

— Pássaros fazem muita bagunça.

— Pessoas também. — Ela enfia o dedo na gaiola, e o pássaro a olha cautelosamente. — Será que vai falar?

— Talvez. — Eu não li Introdução às Aves; só comprei o que tinha mais penas. — Eu acho que eles só fazem barulho e cocô.

— Lucky... não seja rabugento.

— Eu não estou sendo rabugento, apenas dizendo fatos.

Estamos nos tratando com indiferença desde a nossa conversa, e é estranho pra caramba. Sinto falta dela.

Eu costumava pensar que a coisa de sentimento e conexão que as pessoas falavam era pura besteira.

Até que conheci Skylar.

Até que fiz sexo com Skylar.

Até que me apaixonei por ela.

Eu tentei pra caramba não pensar nisso, mas é impossível esquecer a sensação da sua pele sob meu toque, como era o sabor dela na minha língua, como suas unhas cravavam na minha pele. Como ela sussurrou meu nome quando gozou no meu pau.

Como ela sabia que eu precisava dela.

Tudo poderia ter sido perfeito.

— O que vamos dar ao tio Al? — ela pergunta, me puxando da memória.

— Não vamos dar um presente para ele. Todos os anos ele diz que tem tudo o que quer, então eu só dou presentes para a tia Suzy.

— Você sempre passa o Natal com eles?

— Sim. Desde criança. Eles se vestiam de Papai e Mamãe Noel quando eu era pequeno. Eles desciam as escadas com um grande saco vermelho cheio de presentes para mim e para Erin.

— Que fofo. Se eu tiver filhos, adoraria fazer algo legal assim para eles. Manter a inocência e a magia vivas pelo maior tempo possível.

— Eu achei que não queria ter filhos, não?

O pássaro balança para frente e para trás em seu poleiro, em sintonia com *Lady*, da Little River Band tocando no rádio. Skylar o observa, perdida em pensamentos.

— Eu não quero — diz ela. — Mas de vez em quando eu acho que talvez, algum dia, com o cara certo, eu possa querer.

Eu sempre fui totalmente contra ter filhos até que Skylar simplesmente veio e plantou uma imagem na minha cabeça, uma imagem da gente andando pela sala de estar vestidos como Papai e Mamãe Noel para crianças que nem sequer temos.

Mas não quero pensar nisso.

— Adivinha — eu digo, lançando um olhar lateral, na esperança de manter o clima leve à medida que o tráfego aumenta até uma quase parada.

— O quê? — ela pergunta, mais interessada no pássaro do que em

ouvir o que eu vou dizer.

— Eu nunca cheguei a te contar com quem passei a noite naquela vez que não voltei para casa.

Seu rosto se contorce em uma carranca enojada.

— Sério, Jude, por que eu iria querer saber disso? — *Merda.*

— Não, não é o que você está pensando. Era um cara.

— Uau. — Sua cabeça se move para frente e para trás e o pássaro a imita. — É como se você *quisesse* que eu jogasse essa gaiola de pássaro em você.

— Skylar! Que porra. Eu não fiquei com o cara.

— Está tudo bem se você tiver ficado. Eu não vou te julgar. Se um homem for te fazer feliz e te botar no rumo certo, eu sou totalmente a favor.

— Você pode parar? Estou tentando te dizer que eu estava com Asher Valentine no bar do tio Al. — Ela se vira para olhar para mim tão rápido, que fico surpreso que ela não tenha se machucado.

— Como é? — ela diz.

Eu bufo uma risada.

— Sim, imaginei que isso chamaria sua atenção.

— Você espera que eu acredite que você saiu com Asher Valentine, vocalista de uma das minhas bandas favoritas, *de todo o sempre?*

— Sim.

— Para — diz ela.

Sua descrença me faz sorrir.

— É verdade.

— Como? Ele simplesmente entrou no bar do seu tio para uma bebida? — ela pergunta com ceticismo.

— Não exatamente. Ele estava parado em um beco perto da loja de conveniência, e quando eu saí, vi um cara vindo atrás dele com um bastão. Ele ia ser assaltado.

De boca aberta, ela se vira para mim, e a gaiola se inclina. O pássaro salta para um poleiro diferente e balança a cabeça para nós.

— Puta merda — diz Skylar. — O que aconteceu?

— Eu voei no cara, e ele fugiu. Começamos a conversar, e ele me disse o nome dele.

— Espera um minuto. Você não o reconheceu? O cara é tipo um deus.

— Se ele estivesse cantando, eu teria reconhecido, mas estávamos na porra de um beco escuro.

— Bem, como ele era? — ela pergunta impacientemente. — Ele

foi legal? Por favor, diz que ele foi legal. Eu *morreria* se ele não fosse legal.

— Ele foi. Conversamos por horas como se ele fosse só um cara normal. — Ela sorri.

— Sobre o que você falou?

Encolhi os ombros.

— Trabalho. A banda dele. Relacionamentos. Motocicletas. Amor.

— Você falou sobre *amor* com Asher Valentine? Oh, meu Deus, eu surtaria. Você sabia que ele conheceu a esposa quando eles tinham só quinze anos? E quando ela sofreu um acidente anos atrás, ficou em coma por oito anos! Eu vi uma entrevista dele em que dizia que ficou totalmente comprometido com ela em todos os sentidos o tempo *todo*.

Senti falta de ver sua excitação e de ouvir felicidade em sua voz.

— Sim. Ele me contou tudo sobre isso.

— Nossa. *Isso* é amor. Ele é tipo o homem perfeito. Talentoso, romântico, uma voz como o pecado, sexy para cacete. — Ela suspira e sorri sonhadoramente como se tivesse acabado de ter um orgasmo por devaneio.

— Ok, fã número um, você sabia que a filha dele se apaixonou pelo melhor amigo dele quando ela tinha dezoito anos e ele, trinta e dois?

Isso a tira de seu devaneio fanático.

— Hum, não. É melhor você me contar esse babado agora, Lucky. Eu dou risada.

— Oh, então eu tenho uma fofoca que você quer?

— Sim! Conte mais.

— Eu acho que eles mantiveram escondido por um tempo, e quando Asher descobriu, deu uma merda do caralho.

— Ah, não! Que droga!

— Sim, mas eles resolveram isso. Está tudo bem agora.

— Eles ainda estão juntos? A filha e o amigo?

— Ele disse que eles estão casados e têm um bebê.

Seus grandes olhos azuis quase se projetam para fora de sua cabeça.

— Caraca. Quem diria que Asher Valentim é *avô*. Isso é insano, ele tem, tipo, a *sua* idade. Eu o sigo nas redes sociais. Acho que ele tem até mais tatuagens do que você. Ele é incrivelmente gostoso.

O ciúme começa a apodrecer em minhas veias.

— Sim, eu entendi na primeira vez que você falou — eu digo.

— A diferença de idade entre a filha dele e o amigo é parecida com a nossa — diz ela, sem olhar para mim.

— Eu sei, foi por isso que estávamos falando sobre isso.

— Você realmente contou a ele sobre nós? Sobre *mim*? Posso imaginar como foi essa conversa — diz ela com uma pitada de sarcasmo.

Estou começando a desejar não ter trazido o tema de Asher Valentine agora. Eu me sinto como um animal selvagem prestes a ser encurralado por um caçador experiente.

— Como está o pássaro? — pergunto, endireitando o arco na gaiola.

— Jude, sério? O pássaro está bem. Me fala o que você disse pra ele. O que ele disse?

— Eu contei tudo a ele.

— Tudo? — repete. — O que é tudo?

— Só que nos casamos. E por quê.

— Isso é tudo?

— Basicamente.

— Você disse a ele que nos beijamos? E transamos? — desafia. — Esse tudo?

Lembranças de nós dois fazendo sexo têm sido uma importante fonte de material de punheta para mim. Eu gostaria de poder acender um cigarro, mas eu não posso com o pássaro estúpido na caminhonete.

— Não exatamente dessa forma, não. Isso é meio privado, não acha?

Ela contorce os lábios para o lado.

— Eu achava que os caras gostavam de falar sobre suas aventuras sexuais.

— Eu não considero você uma aventura. De jeito nenhum.

— Que bom.



— Você veio! — Tia Suzy exclama quando abre a porta da frente. Eu me inclino e beijo sua bochecha enquanto nos movemos para dentro da sala de estar.

— Eu venho passar o Natal todos os anos desde que nasci.

— Feliz Natal — diz Skylar por trás da gaiola de pássaros.

— Oh, meu Deus! Um periquito! — Tia Suzy grita.

— Por que você está agindo como se estivesse surpresa? Todos os anos eu te dou exatamente o que você pede. — Ignorando, ela pega a gaiola e a leva até o tio Al, que está cochilando em sua cadeira ao lado da árvore de Natal.

— Olha! Temos um pássaro! Ele não é adorável?

Acordando sob sacudidas, ele aperta os olhos para o bicho e me lança um olhar.

— Eu pensei que concordamos anos atrás que você não pode dar a ela nada que coma, lata ou cague.

— Deixe-o em paz — diz a tia Suzy. — Ele sempre me dá os melhores presentes.

— Porque você diz a ele o que te dar.

— Bem, de que outra forma vou conseguir o que quero?

Skylar tira o casaco e se recusa a fazer contato visual comigo quando eu o tiro dela.

— Tia Suzy, suas decorações são incríveis — diz Skylar.

Minha tia e meu tio decoram a casa inteira com enfeites vintage todo feriado. A lareira está coberta com neve falsa e pingentes de gelo pendurados, e há um pequeno enfeite de lago congelado falso com pessoas minúsculas patinando. A árvore é a mesma desde que se casaram, com um enfeite para cada ano que estiveram juntos.

Isso dá um total de enfeites pra caralho.

Eu observo Skylar caminhar lentamente pela sala, fazendo aaaahs e oooohs quando vê os elfos animados e bonecos de neve segurando caixas embrulhadas. Skylar me pega olhando para ela e então rapidamente desvia o olhar.

Eu odeio isso.

— Nós amamos o Natal — diz a tia Suzy. — Eu tenho essas decorações desde sempre. Alguns enfeites foram da minha mãe e da minha avó. Quando eu morrer, Lucky vai ficar com tudo.

Eu provavelmente não sou a melhor pessoa para herdar enfeites sentimentais. A árvore que comprei para mim e Skylar ainda está em uma caixa no corredor como um elefante feio na sala.

Eu pego a sacola de compras com a air fryer embrulhada, comida e brinquedos suficientes para manter o pássaro tendo uma vida de luxo por pelo menos um ano e entrego à minha tia.

— Isso é para você também. E podemos não falar sobre morte no Natal?

Sorrindo, ela coloca um chapéu de Papai Noel na minha cabeça, assim como faz todos os anos.

— Por quê? Não tenho medo de morrer. Tenho medo de não

viver.

Enquanto ela se ocupa arrumando a gaiola em uma mesa coberta de neve falsa na frente da janela, eu e Skylar nos sentamos no sofá juntos, e eu finalmente dou uma boa olhada no que ela está vestindo.

— Vejo que você aceitou o desafio. — Eu aceno com o queixo em direção ao seu moletom ridículo, uma raposa estampada está toda emaranhada em uma série de luzes natalinas que estão realmente acesas e piscando. — Essa coisa veio com baterias?

— Veio. Eu revirei a internet para encontrar algo que correspondesse às suas expectativas.

— Você conseguiu.

Ela bate como um gatinho no pompom branco pendurado no meu chapéu e desvia o olhar.

— Vamos abrir presentes — diz a tia Suzy, empurrando uma pilha de presentes de três metros de altura na nossa frente. — Basta ler as etiquetas com os nomes. Tem um monte para vocês dois.

— Puta merda. Por que você comprou tantos? — pergunto. — Podia só ter comprado um par de meias e pronto.

— Você realmente não precisava fazer tudo isso — acrescenta Skylar.

— O que mais eu tenho para fazer? Isso me deixa feliz.

O pássaro pia, mais uma vez acordando o tio Al da sua soneca.

— O que aconteceu? — murmura.

— Estamos abrindo os presentes. — Minha tia joga uma caixa no colo dele.

Dez minutos depois, tenho uma pilha de camisas de flanela novas, meias, um lenço que nunca vou usar, um suéter de cachorro para Cassie, um novo isqueiro Zippo, moedas de chocolate e uma garrafa térmica de fibra de carbono.

— Isso tudo é tão lindo — diz Skylar depois de abrir sua pilha. Tia Suzy deu a ela tudo o que ama: uma velha camisa do Led Zeppelin, brincos de cristal, meias felpudas, um rato de erva de gato para Gus, uma faixa de cabeça florida e um livro de capa dura assinado por um de seus autores favoritos. — Eu amei tudo. Muito obrigada.

Eu tenho aquela sensação pesada no meu coração quando ela se levanta para abraçar minha tia e meu tio.

Tudo parece tão real.

Eu *sinto* como se fosse real.



Após os presentes, ajudamos a tia Suzy a colocar a ceia na mesa da sala de jantar, e a ansiedade habitual de Skylar sobre qualquer coisa relacionada à comida é visivelmente diminuída quando ela vê que minha tia fez os alimentos — seguros — dela, além de nossos pratos habituais.

Pão fresco com manteiga de mel caseira.

Cenouras cozidas no vapor e couve-flor, uma novidade que Skylar começou a comer depois de algumas sessões de terapia recentes.

Purê de batatas.

E em vez de colocar o peru inteiro na mesa, o tio Al o cortou, colocando apenas um prato no centro da mesa para que Skylar não tivesse que olhar para a carcaça do peru enquanto estivesse comendo.

Tentando manter meu melhor comportamento, até me abstenho de fazer piadas sobre comer o pássaro na frente do periquito.

— Há algo sobre o qual eu quero falar com você. — Tio Al acena com o garfo para mim enquanto comemos.

— Tudo bem. Estou ouvindo.

— O bar não está fazendo muito dinheiro. Os mesmos clientes entram todos os dias. Nunca ninguém novo.

— O lugar é antigo — respondo. — Eu venho te dizendo isso há anos. Há dois centímetros de poeira em tudo. Está escuro e mofado.

— Lucky. — Skylar me chuta por baixo da mesa.

— Está tudo bem, querida — diz o tio Al. — É verdade, o lugar é um lixo.

Tia Suzy toca sua mão.

— Eu não chamaria de lixo. É apenas envelhecido.

— Acho que está na hora de vender. Eu não posso me dar ao luxo de dar a ele tudo o que ele precisa. — Eu me inclino para trás na cadeira.

— Esse bar é a sua vida.

— Tivemos bons momentos, mas está na hora. Vou sentir falta, mas é demais para eu lidar agora. Eu estou velho.

— Então, o que você vai fazer?

— Vender. Pensei que talvez você quisesse comprá-lo.

Eu quase engasgo com o peru.

— O quê? Eu?

— Sim. Eu te faço um bom negócio.

— O que eu faria com um bar?

— Consertaria e faria um sucesso. É uma ótima localização — diz a tia Suzy. — E tem estacionamento. A maioria dos bares da região não.

— Vocês dois esqueceram que eu tenho um negócio?

Tio Al balança a cabeça para mim.

— Você acha que ainda vai querer subir em telhados com seus problemas nas costas quando estiver na casa dos cinquenta? Dos sessenta?

Eu não quero subir em um telhado com a idade que eu tenho *agora*.

— Eu não consigo comprar esse lugar e consertá-lo.

— E a indenização?

Eu respiro fundo e ignoro o olhar curioso de Skylar.

— Não sobrou muito. Não o suficiente para fazer tudo o que aquele lugar precisaria.

Alguns anos atrás, um empresário local e bem conhecido bateu na traseira do meu carro em um sinal fechado tarde da noite. Minha caminhonete ficou praticamente destruída e piorou ainda mais meu pescoço e minhas costas. O motorista cambaleou para fora do carro, claramente tinha bebido demais. Também tinha uma mulher malvestida no banco do passageiro que ele parecia não querer que as pessoas soubessem. Em troca de eu não chamar a polícia ou reportar ao meu seguro, ele me comprou uma caminhonete nova e me deu vinte e cinco mil em dinheiro na hora. O cara literalmente puxou bolos de dinheiro de uma bolsa em seu porta-malas. Pensando bem, eu deveria tê-lo processado. Vinte e cinco mil não foi o suficiente para suportar as dores crônicas nas costas e no pescoço.

Parte desse dinheiro foi para novos eletrodomésticos para Al e Suzy, e parte dele eu usei para comprar o Vette de Skylar.

— Seria muito legal se você o transformasse em um bar com temática de época. Tipo, toda decoração temática dos anos sessenta ou setenta — sugere Skylar, furando uma cenourinha com seu garfo e mordiscando metade dela. — Você pode colocar músicas da época tocando ao fundo. As pessoas adoram essas coisas. Elas gostam de coisas que são únicas, aí podem dizer, *ei, vamos para aquele bar dos anos sessenta*.

— Sim — diz a tia Suzy animada. — Eu *amei* essa ideia! Ela está certa, as pessoas adorariam ir a um bar como esse para uma bebida.

— Parece ótimo, mas eu não sei merda nenhuma sobre administrar um bar.

Meu tio não se abalou.

— Eu ainda poderia trabalhar meio período e te ajudar. E do que você está falando? Você trabalhou lá por anos quando era mais jovem. Contrate alguém para segurar as pontas quando você estiver de folga para que não fique preso lá o dia todo e a noite toda. Não é tão difícil.

Estou tentado. Eu estaria mentindo se dissesse que queria administrar uma pequena empresa de construção para o resto da minha vida. Eu não amo fazer nada disso, e está assassinando minhas costas. Eu não consigo me ver fazendo isso para sempre, e o pensamento de trabalhar em alguma loja de ferragens quando eu tiver cinquenta anos não me deixa exatamente animado.

— Seria legal, mas não tem como eu pagar. Levaria muito tempo e dinheiro. Eu nunca seria capaz de tirar um bar do zero e continuar meu próprio trabalho ao mesmo tempo. Sinto muito.

— Você está certo, Lucky — diz a tia Suzy. — Seria muito para você assumir sozinho.

— Talvez eu possa ajudar — Skylar sugere calmamente.

Volto-me para a minha esposa.

— Você nem tem idade suficiente para beber. O que você vai fazer em um bar? — Ela abaixa o garfo e olha para mim.

— Oh, o que poderia ser, Jude. Só porque eu tenho dezoito anos, eu não consigo fazer *nada*? Vamos esquecer que eu tive uma ótima ideia para tornar o lugar interessante, e eu também sou muito boa com marketing. Mas tanto faz. Se você quer bater um martelo para como vai ser o resto da sua vida, faça isso.

— Por que você disse isso para ela? — minha tia pergunta.

— O quê? — Eu digo. — Você espera que eu administre um bar com uma adolescente?

— Por que a idade dela importa? — Suzy diz. — Você nos diz o tempo todo quão inteligente e motivada ela é. E ela é sua esposa. Seria bom administrar um novo negócio juntos.

— Ela não é minha esposa — eu retruco. — Ela vai embora em seis meses.

— Ei — avisa o tio Al. — Isso não é maneira de falar sobre uma mulher. Especialmente sua esposa.

Eu ranjo os dentes.

— É a verdade. Esse foi o acordo. Por que eu sou o cara mau? É o que ela quer.

— Vocês dois vão realmente se divorciar? — Tia Suzy pergunta.

— Sim — respondemos simultaneamente.

— É isso que vocês dois querem?

Skylar e eu olhamos um para o outro, esperando que o outro

responda primeiro. Quero dizer que não. Quero mais tempo juntos. Mas se é o que ela quer, então Skylar deve ir em frente e seguir com sua vida.

— É o que acordamos — responde Skylar. — Isso não significa que não nos importamos um com o outro.

— Mas vocês fazem um casal tão fofo.

— Podemos ser amigos fofos. — Skylar coloca seu melhor sorriso convincente, mas eu posso ver a verdade. — Estamos bem com isso, de verdade. Nós dois sabíamos que era apenas um acordo. Sou muito grata por tudo o que Lucky fez por mim, e estou muito feliz por ter conhecido vocês dois.

O rosto da tia Suzy murcha, como se sua melhor amiga tivesse acabado de morrer.

— Eu gostaria que as coisas fossem diferentes. Nós realmente amamos ter você como parte da família. Talvez as coisas mudem...

Skylar força um sorriso e empurra sua comida em torno de seu prato.

Eu entro antes que as coisas piorem.

— Ainda vamos ser amigos, tia Suzy. Ela ainda pode visitar. — Eu me viro para o meu tio. — Se eu estivesse em uma posição financeira melhor, compraria o bar. Eu só não consigo assumir algo que precisa de tanto trabalho.

— Que surpresa — Skylar murmura sob a respiração.

— Skylar, você vai ficar bem? — tia Suzy pergunta. — E quanto a todas as consultas médicas e remédios? Onde você vai morar?

Eu me sinto como o maior idiota do mundo enquanto Skylar se esforça para engolir a comida em sua boca. Seus dedos finos envolvem seu copo de água, e ela toma alguns goles lentos.

— Depois de eu me formar, vou poder trabalhar em tempo integral. Vou conseguir um apartamento pequeno. E quando eu tiver menos estresse na minha vida... — Seus olhos azuis jogam sombras na minha direção. — Então, espero poder diminuir os remédios e ver menos a minha terapeuta. A ajuda de Jude me fez passar pelo pior de tudo. Isso não é responsabilidade dele. Eu não sou responsabilidade dele. Ele fez muito mais por mim do que qualquer um jamais fez. Vou ficar bem.

— Ele não pode simplesmente te jogar no meio-fio.

— Tio Al, eu não estou forçando ela a ir embora. Skylar pode morar lá o tempo que quiser. Quando ela se mudar, não precisamos nos divorciar legalmente dez minutos depois. Se ela precisar de plano de saúde por alguns meses depois de sair, estou bem com isso. Não é grande coisa. Não é como se eu fosse me apressar para me casar com

outra pessoa.

Um casamento é suficiente para mim.

Tia Suzy suspira, triste.

— Bem, a vida é de vocês. Tenho certeza de que vocês dois sabem o que é melhor. É uma pena que vocês não tenham conseguido transformá-lo em um casamento real. Esse teria sido o final feliz perfeito para vocês dois.

— Tenho certeza de que nós dois ainda teremos nossos finais felizes, tia Suzy. — A voz de Skylar é cheia de doçura e otimismo, mas eu a conheço.

Minha esposa amada está mentindo. Ela acredita em finais felizes tanto quanto eu.

Capítulo

44

Jude

Tenho uma relação de amor e ódio com o Natal.

Papai Noel em um minuto. Grinch no próximo.

Passar o dia com o tio Al e a tia Suzy sempre foi um bom momento para mim. Mas sempre foi uma droga estar cercado de amor e risadas o dia todo e depois ir embora sozinho para uma casa vazia e silenciosa.

Depois que nos despedimos da tia Suzy e do tio Al, aquele sentimento familiar de vazio se infiltra no caminho de volta para casa. Skylar e eu mal trocamos uma palavra.

Ela está lentamente se afastando de mim.

Não sei como tudo ficou tão desconcertado entre nós.

Quando chegamos em casa, a neve está caindo, e alguns centímetros já estão se acumulando no chão. Abro a porta dela e a ajudo a sair da caminhonete para garantir que ela não escorregue. Skylar enrosca seu braço no meu enquanto caminhamos para a casa.

— Eu sempre amei observar a neve — diz ela, inclinando o rosto para o céu. Eu rio quando ela coloca a língua para fora e pega alguns flocos de neve na língua. É uma espécie de momento mágico, testemunhá-la brincando com aquela pequena estrela gelada pousando em sua boca – livre de medos e ansiedades.

Eu não acho que Skylar tenha percebido que fez isso.

— Vou sair com ela bem rápido — digo quando Cassie nos recebe na porta. Eu acendo um cigarro enquanto a cadela sai de casa e salta brincando na neve. Quando Cassie finalmente entra, Skylar ainda está de pé no corredor ao lado da caixa da árvore de Natal.

— Você esqueceu de devolver o chapéu de Papai Noel — diz ela, olhando para o topo da minha cabeça.

— Oh, merda. — Eu estendo a mão e toco o chapéu vermelho e felpudo. — Tia Suzy vai gritar comigo. — Ela sorri torto.

— Fica com ele. O Natal ainda não acabou.

— É mesmo?

— Sim. Eu tenho um presente para você.

Essa simples frase não deveria fazer com que meu coração e meu pau saltassem, prestando atenção, mas faz.

— Eu também tenho um presente para você.

Sua sobranalha arqueia.

— Bom. Mas antes. — Ela bate na caixa da árvore com o pé. — Eu quero montar essa árvore.

— Agora? São nove horas.

— Você precisa de um cochilo, vovô?

— Cala a boca. Eu quis dizer, qual é o ponto? O Natal acaba em três horas.

— Isso é besteira. As pessoas deixam as árvores até janeiro.

— Você realmente quer montar agora?

— Sim. Eu quero uma árvore de Natal. Eu tenho olhado para esta caixa com essa foto de pessoas estúpidas e felizes todos os dias desde que você a trouxe para casa. E eu acho que você ficou com vontade de montar também.

— O que faz você pensar isso?

— Você nunca larga as coisas por aí, e ainda assim você deixou essa caixa de um e oitenta exatamente onde nós dois temos que tropeçar nela.

Levanto o ombro.

— Talvez você esteja certa.

Ela tira os sapatos e sorri para mim.

— Vamos lá, Papai Noel.

— Vamos fazer um acordo. — Eu tiro as botas e alinho nossos sapatos juntos no tapete de borracha ao lado da porta. — Vou montar essa monstruosidade se você tomar um chocolate quente comigo.

Seus lábios formam o beicinho que rapidamente se tornou minha expressão favorita dela.

— Lucky, isso não é justo. Não sei se...

— É só leite, chocolate e marshmallows. E o meu complemento secreto. — Vou para a cozinha, e ela me segue junto com a gata e a cadela.

— Eu não vou concordar com nenhum complemento secreto até que eu veja o que é.

Eu puxo uma panela e os ingredientes que preciso e começo a aquecer o leite no fogão.

Ela me observa com fascínio.

— Minha mãe costumava fazer isso no micro-ondas e com água.

— Esse é melhor. — Eu pisco para ela. — Confie em mim.

— Tudo bem...

Eu a olho brincando enquanto mexo o leite e o chocolate, na esperança de fazê-la sorrir.

— O que você comprou pra mim de Natal?

Já faz anos desde que recebi um presente de qualquer outra pessoa que não fosse minha tia ou meu tio, e agora que estou pensando nisso, não consigo me lembrar da última vez que uma mulher me deu um presente.

É melhor que não seja um par de meias.

— Eu não vou te dizer, Lucky. Você tem que esperar.

Sirvo o chocolate quente em duas canecas e adiciono alguns marshmallows. Skylar me observa com ceticismo enquanto puxo do bolso uma pequena bengala doce embrulhada que eu peguei da casa da tia Suzy e a coloco em um saco junto com alguns biscoitos de mel e canela. Depois de esmagar rapidamente, eu polvilho sobre o marshmallow.

— É bom, você vai gostar. — Eu entrego a ela em sua caneca favorita que tem uma imagem de um gato usando óculos escuros. — Tudo é seguro, prometo. Eu fiz migalhas realmente pequenas para você. Sem riscos de asfixia.

— Isto é o que eu tenho que fazer para que você monte uma árvore de Natal?

— Sim. É a minha bebida de Natal favorita. Quando éramos pequenos, a tia Suzy costumava nos dizer que os elfos fizeram para nós. Algum dia, quando você tiver filhos, você precisa fazer isso pra eles. — Levanto minha caneca até os lábios. — Essas coisas são boas pra caralho.

Seus olhos permanecem nos meus, então ela olha para sua caneca.

— Este é o melhor Natal que eu tive em muito tempo — confessa baixinho. — Você sabe quão doce você pode ser às vezes? — Ela olha para mim com um lampejo de acusação. — Ou você nem faz ideia?

— Nem faço ideia. — Eu bebo minha mistura de chocolate quente. — Beba isso antes que derreta demais. — Finalmente ela tenta, e um bigode de marshmallow branco se agarra ao lábio superior. Estou morrendo de vontade de beijá-la e provar minha

bebida favorita em sua boca, mas Skylar rapidamente lambe.

Provavelmente o melhor que poderia ter acontecido.

— E aí? — eu pergunto impacientemente.

Ela coloca o cabelo atrás do ombro e sorri.

— É realmente muito bom. Muito aconchegante e festivo.

— Eu disse.

Ela me observa beber meu chocolate e ri baixinho quando eu desço o último gole e lambo o marshmallow da borda da minha caneca.

— O quê? — pergunto.

— Nada... — Suas bochechas coram. — Eu gosto de ver esse seu lado feliz. Você não sorri tanto quanto deveria.

— Acho que vou tentar sorrir mais, então. Como é aquele ditado? Nunca se sabe quem está se apaixonando pelo seu sorriso?

— Nunca se sabe... isso pode ser verdade. — Ela passa por mim para colocar sua caneca na pia, depois se vira para olhar para mim. — Obrigada por compartilhar seu chocolate favorito comigo.

— Obrigado por beber e não cuspir.

Rindo, ela pega Gus e me alfineta com um olhar de impaciência e excitação.

— Podemos montar a árvore agora?

Arrastamos a caixa para a sala de estar e tiramos todas as partes da árvore falsa e seu suporte. Rimos de Gus, que está se divertindo mergulhando na caixa, parando para olhar para nós, e depois voltando a fazer tudo de novo.

— Você sabe que ela vai derrubar essa árvore, certo? — Skylar diz.

— É por isso que não vamos colocar enfeites nela. Apenas luzes. Então, se ela derrubar, não vai ter grandes danos.

Ela segura um galho da árvore e franze a testa enquanto o dobra para cima e para baixo.

— É como um quebra-cabeça gigante de árvore.

— Talvez eu devesse ter comprado uma de verdade. Achei que seria mais fácil.

— Ela já estaria morta se você a deixasse no corredor, como fez com essa.

Uma hora depois, nossa árvore está ligeiramente desequilibrada, mas finalmente montada e enfeitada com luzes e guirlandas.

— É linda — diz ela, estendendo a mão para arrumar alguns dos galhos. — Eu amo luzes brancas simples, você não?

Assentindo, puxo o chapéu de Papai Noel da minha cabeça e

gentilmente o coloco na dela, ajeitando seus longos cabelos ao redor dos ombros.

— Você é um Papai Noel mais fofo do que eu — eu digo.

Ela sorri para mim.

— Isso é discutível. Você tem esbanjado vibes pecaminosas de Papai Noel o dia todo.

Por mais difícil que seja, eu não mordo a isca do flerte. A energia é boa agora, e eu não quero que ela seja arruinada.

Mudo de assunto.

— Você quer o seu presente agora? — Ela pula.

— Sim! Vou buscar o seu.

— Já que você vai lá em cima, pegue o seu em cima da minha cômoda — eu grito para ela, que corre para o andar de cima.

Segundos depois, ela volta carregando duas pequenas caixas de presente embrulhadas. Uma vermelha, uma prata. Ela me entrega a vermelha.

— Abra o seu primeiro — eu digo enquanto vamos para o sofá.

Ela segura a caixa fina e prateada perto da orelha e a agita suavemente.

— Só para constar — diz ela. — Você é o primeiro cara a me dar um presente de Natal. Além do meu pai e do meu avô, quero dizer.

— Ótimo. Fico feliz que não haja pressão.

Ela sorri, totalmente inconsciente de que estou me afogando em arrependimento. Esse marco de dar presentes deveria ter sido entre ela e um cara da idade dela, com quem ela está realmente envolvida romanticamente. Teria sido fofo e especial como as primeiras vezes dos jovens deveriam ser.

Eu me pergunto – pela milionésima vez – se eu a arruinei mais do que a ajudei.

Seus dedos tremem um pouco enquanto ela cuidadosamente desembulha o presente como se fosse a joia de uma coroa. Eu não sei dizer se ela está animada ou nervosa.

Gostaria de saber se o presente é suficiente. Talvez não seja suficiente.

Talvez seja demais.

Comprar presentes foi um novo nível de confusão para o qual eu não estava preparado. O que você compra para a mulher com quem está casado, não envolvido, mas se apaixonando cada vez mais? Que tipo de presente diz “ei, eu sou louco por você, mas eu sou muito covarde para dizer”?

Você dá a ela exatamente o que ela está segurando em suas mãos

agora – um pingente de um pequeno pote de vidro com uma tampa prateada vintage pendurado em uma corrente fina. Dentro dele, há um monte de letras minúsculas embaralhadas.

— Jude... — ela solta. — É lindo. — Ela o vira cuidadosamente na palma da mão, examinando o colar como se fosse a coisa mais fascinante que já viu. — As letras dentro dizem alguma coisa?

— Sim. Uma mensagem curta.

Seus olhos voam do colar para encontrar os meus.

— Uma mensagem sua?

— Sim.

Quando ela move as pontas dos dedos para girar a tampa do tubo, eu agarro sua mão.

— Eu quero que você espere. Guarde para um dia em que você realmente queira saber o que ele diz.

Suas sobrancelhas se franzem.

— Mas eu quero saber o que ele diz agora.

— Eu acho que se você esperar por um momento em que você *realmente, realmente* queira saber o que ele diz, isso vai significar mais.

Ela estuda meu rosto, e eu não posso dizer se ela está desapontada, com raiva ou intrigada.

— Só você me daria um presente que não diz o que realmente quer dizer — diz ela.

— Apropriado, né?

— Muito. — Ela sorri torto. — Eu amei. — Inclinando-se mais para perto, ela beija minha bochecha. Seus lábios ficam pressionados contra mim, pegajosos do marshmallow, e eu quero me virar, capturar sua boca, arrastá-la para o chão e lentamente despi-la sob a árvore de Natal. Quero ver o brilho das luzes em sua pele perfeita, beijá-la em todos os lugares, provar o chocolate e a menta em seus lábios.

— Você coloca em mim? — ela pergunta, virando-se e levantando seus longos cabelos; sua nuca exposta é um golpe lento e sensual. Meus dedos grandes se atrapalham com o delicado fecho do colar.

— Pronto — eu digo, lutando para não puxá-la de volta contra o meu peito e a beijar.

— É perfeito. — De frente para mim, Skylar dedilha o tubo de vidro. — Prometo que vou esperar para juntar as letrinhas. O mistério disso é muito intrigante. Eu gosto.

— Eu pensei que você gostaria. — Eu tiro dois bilhetes de raspadinha da loteria do meu bolso. — É para você também.

Ela os arranca das minhas mãos com um grande sorriso no rosto.

— Talvez um desses seja a minha cobiçada vitória de mil dólares.

Até agora, ela não ganhou mais de cem dólares em um bilhete, mas sua missão é ganhar mil.

Eu pisco para ela.

— Nunca se sabe.

— Vou raspar mais tarde. Eu quero que você abra o seu presente.

Sem perder tempo, rasgo o papel de embrulho e vejo uma pequena caixa cinza. Dentro há um isqueiro personalizado preto fosco com uma imagem gravada de uma gárgula segurando um coração vermelho.

É bem legal. Provavelmente uma das coisas mais legais que eu já tive.

— Uau. — Eu lentamente passo meu polegar sobre ele. — Eu gostei muito disso.

— Eu mandei fazer para você. Olha o outro lado — diz.

Eu viro, e gravadas com a data do nosso casamento estão as palavras: *Obrigada por ser o melhor pior marido de todos os tempos. Com amor, Skylar* ✱. Há uma estrela no final do nome dela, como eu coloco em nossas mensagens de texto.

— Eu pensei em te dar uma lembrança do nosso casamento falso. Parecia um pouco mais apropriado quando eu comprei, antes... — Ela não termina seu pensamento.

Antes que as coisas comesçassem a desmoronar.

Como se eu precisasse de algo para me lembrar dela. Skylar já está dentro do meu coração, marcada como a única mulher pela qual eu já tive sentimentos. E provavelmente a única pra sempre.

Eu abro o isqueiro, acendo-o e fecho, apagando a chama.

— É perfeito. — Eu sorrio para ela, desejando poder mostrar como é perfeito com beijos em vez de palavras. — Isso é muito melhor do que a camisa “eu casei de mentira com alguém e tudo o que eu tenho hoje é essa camiseta” que eu estava esperando no final disso.

— Ha, ha. Muito engraçado. — Ela tira o chapéu de Papai Noel, e os fios dourados de seu cabelo ficam eriçados, eletrificados pela estática. — A gárgula me fez lembrar de você. Áspera e rígida por fora, mas ferozmente protetora quanto ao coração que ela está segurando. — Ela toca no isqueiro na minha mão, depois passa o dedo lentamente sobre o meu polegar até o pulsar do meu punho. O toque é tão simples e, no entanto, o calor e o formigamento percorrem todo o caminho do meu braço até o peito. — Eu só não tenho certeza se ele está protegendo seu próprio coração ou o de outra pessoa.

— Talvez ele esteja protegendo os dois — eu digo.

Seu dedo instantaneamente interrompe sua carícia sutil no meu pulso.

Ela lentamente se afasta e olha para o outro lado da sala, fixando-se na árvore de Natal. As luzes refletem em seus olhos como milhões de minúsculos vaga-lumes.

Estou encantado com ela. Sempre.

— Hoje foi bom. E um pouco desajeitado — diz ela de forma melancólica. — Mas estou feliz por ter ido e passado o Natal com sua família.

— Eu também.

Ela se inclina para trás no sofá e abraça os joelhos.

— Posso te dizer uma coisa?

— Claro.

— Falei com meu pai.

Minha cabeça se vira com surpresa.

— Sério? Quando?

— Na noite em que você ficou fora. Ele me mandou uma mensagem. Apareceu como um número desconhecido. Eu pensei que era engano no início.

— Nossa. Como foi?

Seu peito se levanta com um suspiro.

— Bem e mal, eu acho. Conversamos por um tempo. Foi estranho no começo, depois melhorou. Conversamos sobre minha mãe, ele e eu. Conversamos sobre você também. Ele quer conversar mais, talvez me ver. — Ela olha para mim e balança a cabeça. — Eu só não tenho certeza de como me sinto.

Quero perguntar o que seu pai tinha a dizer sobre mim, mas tenho um sentimento distinto de que foi ele quem deu o conselho que ela mencionou na manhã em que conversamos, quando de repente concordou que não deveríamos estar juntos.

Eu me recuso a fazer essa conversa ser sobre mim, no entanto. Não importa o que tenha acontecido, ele é o pai dela e tenho certeza de que qualquer conselho que deu a Skylar estava certo. É importante para mim que ela faça suas próprias escolhas. Eu não quero fazer ou dizer nada para influenciá-la em qualquer direção. Eu não quero que ela – ou qualquer outra pessoa – pense que eu me aproveitei da sua juventude e fiz lavagem cerebral nela para que se casasse ou fizesse sexo comigo. A última coisa que eu quero é alguém tipo a Rebecca me acusando de manipular uma adolescente.

— O que ele fez foi errado, mas as pessoas mudam — eu digo. — Ele pode ser um homem diferente do que era naquela época. Ele pode estar convivendo com uma tonelada de arrependimento. Não faz mal ouvi-lo. Você pode criticá-lo se você quiser, você tem esse direito.

— Eu desabafei um pouco com ele. Ele aceitou bem e pediu

desculpas... por me abandonar. Você acha que eu deveria deixá-lo voltar para a minha vida?

— Eu não sei, Skylar. Isso só você pode decidir. Você está mais velha agora. Você pode ter uma conversa real com ele sobre tudo. Responsabilizá-lo. Eu o ouviria e depois decidiria se o mandaria ir se foder ou talvez tentar começar de novo. Desta vez, a escolha é *sua*. Pelo menos você terá um encerramento.

— Não sei o que fazer. Mas, tenho que admitir, foi bom conversar com ele. Ele parece muito mais feliz. Você deixaria *seu* pai voltar à sua vida? Ou sua irmã?

Esfrego o rosto, tentando me colocar nessa posição.

— Há alguns anos, eu nem pensaria em falar com meu pai. Mas agora? Sim, eu falaria com ele de novo. Todo mundo comete erros e passa pelas próprias merdas. Sobre a Erin? Essa ferida é recente pra caralho. Se ela se organizasse e ficasse sóbria, talvez. E isso é um *grande* talvez. Ela teria que mostrar um remorso enorme e muito arrependimento pelo que fez com você. — Exalo uma respiração. — Eu com dezoito anos teria dito “foda-se todo mundo”, mas *agora* eu entendo a vida e as pessoas muito melhor.

Ela olha para o teto, mordendo o lábio.

— Vou pensar nisso. Estou me sentindo um pouco ansiosa com a ideia de as pessoas irem e virem da minha vida novamente.

Porra. Eu gostaria de poder ser a única coisa em sua vida que é certa, não importa o que acontecesse.

Mas eu fodi com isso.

— Você é jovem — eu digo, esperando que ela não entenda isso errado. — Tem muito tempo para resolver as coisas. Mas acho que, algum dia, você vai desejar ter algum contato com sua família.

Ela passa o dedo sob os olhos, banindo as lágrimas das suas bochechas. *Algo que eu deveria estar fazendo*.

— Você vai assistir um filme de Natal comigo? — ela pergunta, com os olhos ansiosos para que eu diga sim. — Eu não quero ir dormir ainda. Quem sabe onde estarei no Natal do próximo ano? Eu só quero desfrutar o fato de que estou em uma bela casa aconchegante e que posso olhar para a nossa bela árvore e esquecer a realidade por um tempo.

Meu estômago arde. Acho que no ano que vem voltarei a passar o Natal com o tio Al e a tia Suzy, e voltarei para casa sozinho para ficar apenas com a cachorra.

Aceno com a cabeça.

— Sim — respondo. — Vamos fazer isso.

Eu gostaria de esquecer a realidade por um tempo também.

Capítulo

45

Skylar

Na frente da classe, a aula do professor de inglês vai de vento em popa. É a primeira semana depois das festas de fim de ano, e eu tento prestar atenção, mas meus pensamentos continuam vagando de volta para Jude.

Eu me concentro no buraco da minha calça jeans e rabisco com minha caneta um coração na pele, depois escrevo o nome de Lucky ao lado dele em pequenas letras em blocos.

Agora eu entendo por que as pessoas fazem tatuagens com o nome da pessoa que amam. Quero que o nome dele fique gravado no meu corpo para sempre. Comigo para sempre. Até que a morte nos separe. Assim como nos votos.

Mas não fomos feitos um para o outro.

Talvez os votos realmente fossem apenas mentiras que tínhamos de contar.

Jude tem passado a maior parte do tempo na garagem depois do trabalho, e nos fins de semana fica trabalhando em sua motocicleta. Aparentemente, ele está reconstruindo o motor, mas eu me pergunto se é mais para evitar estar no mesmo espaço que eu. Ele sabe que eu não vou entrar na garagem depois que sua irmã me abordou lá. Ainda há uma mancha de sangue no chão da garagem, e isso me assusta.

Estou morrendo de vontade de abrir o colar e juntar as letras. Está me matando não saber o que dizem. Ainda assim, eu me abstenho de fazê-lo, porque não parece ser o momento certo. Eu nem tenho certeza de como vou saber quando é a hora certa.

Mas vou esperar que esse momento venha.

— Você é tão patética — diz uma voz à minha direita. — Escrever o nome de um pedófilo na perna.

— Não é tão patético quanto esse tanto de maquiagem tentando cobrir a protuberância no seu nariz — eu retruco.

Acho que o pai de Paige ficou sem dinheiro, porque seu nariz perfeito ainda não foi ressuscitado pelo cirurgião plástico depois que eu bati nele com minha bandeja de almoço.

Não me arrependo.

Ela olha para mim.

Eu sorrio.

Tecnicamente, não podemos estar perto uma da outra após o incidente do refeitório, mas as pessoas que dirigem esta escola são uma piada e sequer impõem suas próprias regras. Portanto, estou sujeita ao seu tormento interminável todos os dias.

— Minha prima mais velha estudou com seu marido — Paige sussurra de seu assento. — Ela disse que ele era um maconheiro traficante de drogas. Ela disse que tinha um monte de garotas fazendo fila para chupar o pau dele em festas em troca de cigarros e pílulas. Ela disse que o viu em um ménage em uma banheira de hidromassagem uma vez também.

Eu sinto os dentes rangendo. Eu não sei se alguma dessas porcarias é verdade, e eu não tenho certeza se eu realmente quero saber.

— Parece que sua prima era uma puta intrometida no ensino médio também. Deve estar no sangue da sua família.

— Você é uma perdedora, Skylar. Seus próprios pais não queriam você, então você basicamente tinha que arrumar algum cara para te adotar e te criar como uma esposa-escrava. Por que você simplesmente não se mata?

Eu me pergunto se enfiar minha caneta nela seria considerado agressão.

Não.

Eu não vou fazer isso.

Esta é a minha caneta de gel favorita.

Meu silêncio só a encoraja.

— Nós vemos você entrar naquele hospital no centro da cidade duas vezes por semana. Todos nós sabemos que você está indo no psicólogo. O que tem de errado com você? Você está deprimida, bebezinha?

— Deixa ela em paz. — Mark, o garoto que se senta atrás de mim, vem em minha defesa. Não faço ideia do motivo, uma vez que mal trocamos duas palavras um para o outro desde que as aulas

começaram meses atrás.

— Ah, por favor — Paige zomba. — Você não vai conseguir molhar seu pau defendendo ela, Mark. Ela é uma mulher casada. A propósito, Skylar, onde está a sua aliança de casamento? Ou seu marido traficante de drogas não conseguiu pagar uma?

— Deixe ela em paz. Pare de ser tão imbecil.

— Você já está traindo seu marido, Skylar? Nunca está satisfeita, sua puta suja

— Com licença — diz o sr. Gold em voz alta. — A menos que algum de vocês queira vir aqui dar aula no meu lugar, sugiro que todos vocês fechem a boca.

Eu me encolho na minha cadeira e mantenho meus olhos treinados à frente enquanto Paige e duas de suas amigas continuam a sussurrar e rir.

Quando a aula termina, minhas entranhas estão tremendo de raiva e humilhação, e há uma sensação de queimação irradiando do meu estômago até a minha garganta.

Eu pego o frasco de comprimidos mastigáveis da minha bolsa e coloco dois na boca. Eles deveriam ajudar a acalmar o ácido borbulhando na minha garganta, mas eu honestamente nem sei se eles o fazem.

Como é que eu vou ficar saudável se toda vez que eu começo a me sentir melhor, essas vagabundas começam a me atormentar e minha ansiedade volta a crescer? Minha terapeuta me diz para ignorá-las, mas como eu devo fazer isso quando estão aqui no meu espaço e os professores não fazem nada sobre isso? Paige e suas amigas são implacáveis com seus comentários desagradáveis o dia todo, todos os dias. Como eu tenho muita sorte, elas estão em todas as minhas aulas neste semestre, então não há escapatória.

Saio da escola duas horas mais cedo, segurando as lágrimas enquanto caminho para o estacionamento; sento no meu carro por vinte minutos, esperando que o ataque de pânico diminua antes de dirigir para casa. Minha mente está girando e tonta de tantos pensamentos horríveis, meu coração está acelerado, meu estômago está queimando e roncando.

Respirando fundo, esfrego as pontas dos dedos para cima e para baixo sobre minha calça jeans.

Tinha um monte de garotas fazendo fila para chupar o pau dele.

Seus próprios pais não queriam você.

Você está deprimida, bebezinha?

Alguém cara te adotou.

Sua puta suja.

A náusea sobe até a minha garganta em ondas, e eu a engulo de volta. Eu odeio tanto isso – esse sentimento instável e avassalador de estar presa em minha própria cabeça, sentindo que não posso escapar das coisas terríveis que as pessoas estão dizendo sobre mim e Jude. Quanto mais eu penso sobre isso, o ardor no meu estômago e o latejar na minha cabeça pioram.

Depois de alguns minutos de debate interno, eu tiro meu celular da bolsa e ligo para Jude.

— Ei — ele diz quando responde. — Você está bem?

O tom de sua voz está imediatamente preocupado, porque ele sabe que eu deveria estar na escola agora; e ele também sabe que eu nunca ligo, a menos que seja importante.

— Eu... estou tendo um ataque de pânico.

— Ah, merda. Onde você está?

— Sentada no meu carro. No estacionamento.

— Eu chego em...

— Não — eu digo, rapidamente me arrependendo de ligar pra ele.
— Só fale comigo por alguns minutos. Você não precisa vir.

— Skylar, eu não quero que você fique sozinha. Estou a dois minutos de distância.

A última coisa que eu preciso é que alguém o veja vindo para o meu carro durante o horário escolar. Isso só vai alimentar Paige e sua gangue.

— Por favor, Lucky, eu só quero ouvir a sua voz. Se falarmos por alguns minutos, vai passar.

— Ok — ele diz, então eu o ouço falar com um de seus caras. — Eu tenho que levar isso. Eu volto em uns minutos. — Alguns segundos preenchidos com o som de passos, então uma porta de carro se abre e fecha. — Estou aqui, baby — ele finalmente diz. — Você está bem?

Baby. Um deslize que faz meu coração saltar de uma maneira totalmente diferente.

— Eu estou muito tonta e tremendo. E meu estômago está ardendo muito.

— Respire fundo. O que você está vestindo?

Meus dedos se apertam ao redor do telefone.

— Hum, vamos fazer isso por ligação?

— Eu perguntei para você falar sobre e sentir a textura.

— Ah — eu digo, me sentindo estúpida.

— Mas se você quiser descrever sua roupa para mim em detalhes, eu não sou contra — brinca e eu solto uma risada.

— Você está na caminhonete?

— Sim, eu queria um pouco de privacidade. Aconteceu alguma coisa hoje?

— Mais ou menos...

— Foi uma daquelas putas idiotas de novo?

— Claro. Elas são tão desagradáveis. Normalmente eu consigo ignorá-las, mas alguns dias... — Eu não posso nem terminar a frase porque eu consigo sentir as lágrimas vindo de novo.

— Você quer que eu fale com a diretora? E com os pais dessas putinhas mimadas? Vou resolver essa merda agora.

— Não... Eu não quero que você faça isso. Não quero você acabando na cadeia.

— Eu faço isso por você, Sparkles. Contanto que você prometa me visitar e me dar algumas visitas *conjuntivais*.

Comecei a rir.

— É *conjugais*.

Eu sei que ele está tentando me fazer rir, e está funcionando. Sinto muita falta das nossas provocações lúdicas.

— Seja o que for, eu ia querer isso tudo. — Eu ouço o som de seu isqueiro se abrindo, e então fechando. — Você tomou os remédios?

— Só os do estômago. Eu não quero tomar os de ansiedade. Eles me deixam aérea.

— Eu entendo. — Ele exala, e eu posso imaginar fumaça saindo pela janela. Eu queria que ele parasse de fumar. — Você está se sentindo melhor?

— Agora sim. Falar com você ajuda. Você sempre faz eu me sentir melhor. E me faz rir.

— Você sempre faz eu me sentir melhor também.

— Sério? — Meu humor se ilumina um pouco. — Eu não sabia.

— Agora sabe — diz ele com sua voz sexy e provocante. — Você ainda está no seu carro?

— Sim — eu respondo e ouço um toque suave na minha janela.

— Abre a porta.

Virando para a porta, abro a boca, e rapidamente destranco a porta e a empurro para abrir.

— Jude! O que você está fazendo?

Ele se ajoelha ao lado da porta aberta e se inclina para dentro.

— Queria ter certeza de que você está bem.

Com lágrimas nos olhos, eu jogo meus braços ao redor dele, não me importando com quem está vendo ou o que os outros pensam ou dizem. Dane-se tudo isso. Nada disso importa.

Isso é tudo o que importa, esse homem que simplesmente largou

tudo o que estava fazendo por *mim* sem a menor hesitação.

Nós nos abraçamos por vários longos minutos. Eu não quero deixá-lo ir. Ele faz com que eu me sinta em casa, e isso me lembra o quanto eu senti falta dessa proximidade.

Quando nos afastamos, ele segura minha cabeça nas palmas das mãos e esfrega os polegares em minhas bochechas, enxugando minhas lágrimas.

— Você não precisava vir — digo baixinho.

— Sim, eu precisava. Você acha que eu te deixaria ficar em um estacionamento sozinha quando precisava de mim? Eu não deixei você fazer isso no dia em que nos conhecemos, não vou deixar agora. Nem nunca.

Eu sorrio para ele e fungo.

— Você é incrível.

— Eu sei. Você também — diz ele, piscando para mim. — Você está bem? Eu posso te levar para o trabalho ou para casa.

Eu balanço a cabeça.

— Não, eu me sinto muito melhor agora. Eu não tenho que trabalhar hoje, então posso ir para casa.

É quando percebo que ele está olhando para a minha perna.

Ah, não.

— E o que é isso? — ele pergunta, tocando seu nome escrito na minha perna através do buraco logo acima do meu joelho.

— Hum... uma tatuagem falsa? — digo mecanicamente, me sentindo como uma adolescente apaixonadinha escrevendo o nome de um menino com corações ao redor.

Ele volta o olhar para mim com aquele sorriso maldito.

— Eu posso te levar para fazer uma de verdade, se você quiser.

Afasto a mão dele.

— Eu estava só rabiscando.

— É fofo — diz ele. — Estou meio lisonjeado. Acho que ninguém nunca escreveu meu nome na pele antes.

Eu puxo os fios desgastados no buraco e afasto meus olhos dos dele.

— É verdade que você trocou boquetes por drogas?

Ele engasga.

— *O quê?*

— Aparentemente, a prima da Paige estudou com você. Ela disse que era isso que você fazia nas festas.

— Que porra? — ele diz, enfiando a mão pelos cabelos. — Skylar, eu tinha dezesseis anos, caralho.

— Então é verdade? — pergunto, horrorizada e esperando que ele negue imediatamente.

Seus ombros se levantam.

— Acho que fiz isso uma vez.

Minha boca franze em desgosto e decepção.

— Que nojento, Lucky.

— Qual é, foi uma merda estúpida de adolescente.

— Tudo bem. — Realmente não é da minha conta, e eu não tenho o direito de sentir esse ciúme que agora está fervendo.

— Eu não vou mentir, Skylar. Eu tenho um passado sujo. Eu não posso mudar esse passado.

— Eu sei... você está certo. — Eu sorrio fracamente para ele. — Seu passado não importa. Eu gosto de quem você é agora.

Ele toca em minha mão.

— Eu gosto de você também.

Lembro que ele disse essas mesmas palavras quando fomos ao parque pela primeira vez e rimos enquanto ficávamos nos balanços juntos. Eu me pergunto se ele se lembra daquele dia como eu. Gostaria de saber se Jude sentiu as mesmas faíscas quando me ajudou a me levantar, com a minha mão na dele.

Nosso primeiro abraço de mão.

— Você está melhor agora? — ele pergunta rouco.

— Sim. — Aceno com a cabeça. — Obrigada por vir sentar comigo.

Ele afasta a mão lentamente. Tão lento quanto fez naquele dia.

— Tenho que voltar ao trabalho. Me manda uma mensagem quando chegar a casa. Beba um pouco de chá, aconchegue-se com um livro. Vou fazer queijo-quente quando chegar em casa.

Eu o observo caminhar casualmente de volta para sua caminhonete. Como ele se atreve a parecer sexy tanto por trás quanto pela frente?

Eu gostaria de não o desejar, mas ainda desejo. Tanto que até dói.



Estou tão atordoada no caminho de volta para casa que nem coloco música. Eu só quero silêncio para que eu possa ouvir a voz de Jude na minha cabeça, dizendo essas quatro palavras.

Eu gosto de você também.

Eu me pergunto se ele sente a minha falta tanto quanto eu sinto a dele.



Quando chego em casa, levo Cassie para o quintal por alguns minutos, abraçando-me contra a brisa gelada, depois subo as escadas. Eu mando uma mensagem para Megan a caminho do meu quarto.

Eu: Caso você esteja me procurando, fui embora mais cedo. Paige estava me irritando pra caralho.

Megan: Ela é uma bruxa!

Eu: Eu sei :-(Estou tão cansada dela. Posso ligar para você hoje à noite? Que horas você chega em casa?

Megan: Liga às nove. Você está bem?

Eu: Sim, só queria desabafar e tal.

Megan: Tudo bem. Sessão de desabafo marcada para 9h. Bj.

Visto calças de ioga e um suéter oversized e caio na minha cama. Gus pula ao meu lado, e eu beijo sua cabeça enquanto ela afofa minha barriga com as patas.

Estendendo a mão para pegar meu livro, acidentalmente esbarro no meu celular, e ele cai debaixo da minha cama.

— Porcaria — murmuro enquanto me penduro na cama para pegá-lo. Algo me chama a atenção quando estou lá embaixo, e percebo que é o cartão que Jude deixou no meu quarto no dia em que fiz a cirurgia.

Eu estava esperando para abri-lo naquela noite, mas Gus deve ter derrubado e ele caiu atrás da cama. Eu rasgo o envelope e puxo o

cartão. Um sorriso se abre pelo meu rosto quando um bilhete de vinte e cinco dólares de loteria cai de dentro.

É um cartão fofo de melhoras, e Jude escreveu:

Não se preocupe, a vida fica melhor! Não importa o que aconteça, eu estou aqui para você. Sempre. Todo o meu amor, Jude

O sorriso some lentamente dos meus lábios. Eu gostaria de ter lido essas palavras mais cedo. Ele estava tentando me dizer como se sentia em relação a mim naquela época? Ele achou que eu li isso e simplesmente ignorei?

Todo o meu amor não é exatamente uma maneira platônica de assinar um cartão.

É?

— Por que tudo é tão confuso, Gus? — eu digo, segurando o bilhete de loteria. Não sei quantas vezes disse a Jude para não desperdiçar dinheiro com esses bilhetes caros. Estou totalmente feliz com os de um dólar.

Eu arranho todos os pequenos quadrados brilhantes e raspo o resíduo na minha lata de lixo antes de olhar para as fileiras de números e símbolos.

Putá.

Merda.

Soltando um suspiro, olho para os números. Meus dedos tremem, embaralhando o bilhete na minha mão.

Eu tenho todos os números.

Eu pisco e escaneio o cartão novamente, convencida de que meus olhos estão ficando ferrados de chorar e eu não estou vendo claramente.

Mas eles estão todos lá.

Cada. Um. Deles.

Com minha pulsação acelerada, leio as instruções no verso do bilhete repetidas vezes – convencida de que devo estar pulando alguma informação – de que deve haver um erro.

Só que eu não consigo encontrar nenhum tipo de erro.

Ganhei.

Acabei de ganhar duzentos e cinquenta mil dólares.

— Ah, meu Deus! — grito.

Eu pego Gus e danço pelo quarto com ela.

— Vencemos! Estamos ricas! Podemos pegar nosso trailer, explodir esta cidade e todos nela e nunca olhar para trás, Gus.

Mal posso esperar para contar para Jude. E Megan.

Radiante, eu giro pelo quarto até que fico tonta e minha visão embaça, e eu juro que vejo uma sombra na porta.

Capítulo

46

Skylar

— Lucky...

Assustada, coloco Gus para baixo e olho para Jude, encostado no batente da porta como ele fez cem vezes antes, mas eu nunca vi o olhar em seu rosto que eu vejo agora.

Parece que eu acabei de chutá-lo na barriga.

— O-o que você está fazendo em casa? — pergunto, tentando recuperar o fôlego.

— Eu estava preocupado com você. — Seus músculos da mandíbula se contorcem e apertam.

Girando, pego o bilhete de loteria no meio da minha cama e o seguro com um sorriso animado.

— Puta merda, Jude... você não vai acreditar nisso. Acabei de ganhar duzentos e cinquenta mil dólares. Olha! — Eu aceno com o bilhete como uma lunática. — Eu encontrei o cartão que você me deixou quando eu fiz a cirurgia, a gata deve ter derrubado atrás da minha cama naquele dia. O bilhete estava dentro... Eu nem sabia que estava lá.

— Então, você vai embora? Sem olhar para trás. — Sua voz é como pedra fria.

Meu estômago se contrai.

— O quê? Não, eu...

O olhar caído em seu rosto rasga meu coração. Cada grama de excitação que eu tinha pega fogo e se desintegra com a percepção de como minhas palavras devem ter soado para ele.

— Não — eu digo, balançando a cabeça rapidamente. — Eu não

quís dizer isso. De forma alguma.

Seus olhos me prendem do outro lado do quarto, duros com uma resignação trágica que apunhala minha própria alma.

— Sêrio? — diz ele. — Tenho certeza que você disse *explodir esta cidade e todos nela e nunca olhar para trás*.

— Eu não estava pensando direito. Fiquei tão chocada e animada — digo rapidamente. — E eu pensei que você também ficaria. Metade desse dinheiro é *seu*. Isso é uma mudança de vida para nós dois!

Ele balança a cabeça e seu cabelo cai em seu rosto. Ele o tira dos olhos com um rápido empurrão.

— Eu não quero. Você pode ficar com toda essa merda.

Virando, ele marcha até seu quarto e fecha a porta com um final tão silencioso, que causa um arrepio na minha coluna.

Sem me intimidar, marcho pelo corredor e abro sua porta. Privacidade e limites que se explodam.

Estamos além disso neste momento.

Eu o encontro parado perto da janela, olhando para fora e brincando com o isqueiro que eu lhe dei no Natal. Acendendo e batendo a tampa sobre a chama. Eu posso sentir a profundidade de todas as emoções que saem dele como o calor de um fogo.

Raiva.

Decepção.

Mágoa.

Está tudo bem ali, ardendo.

Lentamente me aproximando dele, toco seu braço.

— Jude... — Quando ele se afasta do meu toque, uma enorme pedra de emoção rola pela minha garganta, quase me sufocando. — Eu não quero deixar *você*. — Eu engulo com força enquanto minha voz crepita e treme.

— Não foi isso que você disse.

— Pelo amor de Deus. Eu estava conversando com a gata. Eu estava surtando completamente pela surpresa. Acabei de ganhar na loteria! Durante anos, meu objetivo final foi de alguma forma sair desta cidade e me afastar de todas as pessoas de merda que me machucaram. Você sabe disso.

Ele lança um rápido olhar para mim.

— Eu acho que agora você pode fazer isso. — Estou tão confusa.

Eu não entendo por que ele está chateado. Era isso que ele queria. Não estamos juntos. Nós *dois* decidimos que era melhor.

Então, por que ele está agindo como se eu estivesse o deixando? E por que eu *sinto* que o estou deixando?

— Isso não é justo — eu digo. — Por que você está chateado? O seu plano não era que eu deveria ir embora quando me reerguesse? As coisas têm andado sinuosas entre nós. Você nunca disse que queria que eu ficasse. — As lágrimas começam a percorrer minhas bochechas. — *Me diz* o que você quer.

— Talvez nenhum de nós saiba o que queremos — diz ele baixinho.

Não sei como responder a isso. Apesar do que é supostamente “certo” para nós, eu ainda quero estar com ele.

— Este é um ponto de virada para nós dois — eu finalmente digo. — Pegue sua metade do dinheiro. Compre o bar do seu tio. Isso pode mudar toda a sua vida. E a minha. É como a porra de um presente.

— E o que você vai fazer?

Eu não sei. Ele não está dizendo as palavras que eu preciso ouvir. Quero ficar aqui. Ficar casada com ele. Fazer parte da família de Jude e do bar e construir uma vida com ele. Quero ter aulas de fotografia e fotojornalismo online. Quero ver se consigo me tornar uma influenciadora digital.

Mas eu posso fazer essas coisas de qualquer lugar. Daqui, do trailer com o qual sempre sonhei, ou de qualquer lugar. *Ele* é a única coisa que me manteria nesta cidade, e eu ficaria aqui feliz. Eu posso ignorar os demônios daqui se isso significa estar com ele.

Se Jude dissesse que deseja que eu fique!

— Não sei. — Minha voz vacila de emoção. — Eu acho que se eu ganhei esse dinheiro, não tem mais razão para continuarmos casados, e não tem mais razão para eu morar aqui. Eu posso te pagar de volta tudo o que você gastou para me ajudar e posso ir embora.

Cada palavra é como veneno em meus lábios. Queimando, me deixando doente. Mas não sei mais o que fazer para arrancar uma reação dele.

Jude continua olhando pela janela e se balança em seus calcanhares.

— Eu acho que você está certa.

Eu olho para suas costas, esperando que ele se vire e olhe para mim e me diga que quer que eu fique. Que a nossa diferença de idade não importa; que ele quer que a gente pegue esse dinheiro e realize nossos sonhos juntos.

Onde está o homem que largou tudo quando eu precisei dele, flertou comigo e pegou na minha mão mais cedo?

O silêncio entre nós fica insuportavelmente doloroso.

— Então peça ao seu advogado nossos documentos de divórcio — eu digo e saio do quarto me sentindo totalmente abandonada.

De novo.

Minha letra favorita da música Ashes & Embers vem à mente:

*“Baby, eu só posso levá-lo até certo ponto.
e o resto... o resto é com você
Mas não posso esperar para sempre,
porque cada dia me leva mais longe
E algum dia, pode ser tarde demais
para eu ouvir o que você tem a dizer.”*

Capítulo

47

Jude

— Você largou a escola? — eu a sigo até o quarto dela. Ela joga sua bolsa de livros na cama como se nunca mais quisesse tocá-la novamente.

Skylar está usando minha jaqueta de camurça de franja favorita hoje, e eu amo a maneira como a franja balança quando ela se vira para mim com fogo nos olhos. Tanta ousadia e beleza, assim como no dia em que nos conhecemos.

— Eu não larguei. Depois de reprovar quando eu era mais jovem, pude fazer alguns cursos de nível avançado quando comecei o ensino médio. Você pode fazer um teste para avançar e se formar cedo. Fiz o teste, passei, me formei.

Estou surpreso que ela tenha feito isso sem me dizer. Ela costuma falar comigo sobre tudo. Ou pelo menos falava, até que tudo desmoronou.

— Isso não é uma decisão grande? Por que você não falou comigo sobre isso?

Ela inclina a cabeça para mim.

— Sério? Mal dissemos duas palavras um para o outro na semana passada. Você se afastou, não eu.

É verdade.

Minha cabeça está uma bagunça do caralho.

Seu bilhete premiado da loteria foi uma bênção e uma maldição. Ela estava certa – o dinheiro é uma mudança de vida. Minha metade está me dando a oportunidade de comprar o bar do tio Al. Estou terminando todos os meus trabalhos de construção programados e

largando essa vida. Em menos de três meses, vou dissolver meu negócio e iniciar um empreendimento totalmente novo.

Sua metade do dinheiro deu exatamente o que ela sempre quis. O que eu estava tentando dar a ela desde o início.

Liberdade.

Um lugar seguro para viver.

Cuidados médicos.

Ela não precisa mais da minha ajuda. Ela pode ter tudo isso sem mim. Mas ainda estou sofrendo com isso. Com a diferença de idade. Com não querer que ela vá. Sem saber o que fazer ou dizer. Com medo de amá-la e depois perdê-la algum dia.

— Então, você acabou a escola? — pergunto.

Ela se senta em sua cadeira de leitura no canto para tirar os sapatos e olha para mim.

— Sim. Hoje foi o meu último dia.

Sinto que isso também é culpa minha. Eu posso ver seu avô olhando para nós com decepção, apontando o dedo para mim.

— Eu gostaria que você tivesse falado comigo antes de fazer isso.

Ela suspira.

— Jude, já está feito. Eu me formei. Tenho um diploma. Não é grande coisa, muitas pessoas fazem isso. Eu simplesmente não conseguia lidar com a merda constante da Paige e suas cadelinhas me intimidando o dia todo. Você era legal e popular no ensino médio, então não tem ideia de como é. A ansiedade de tudo isso estava me deixando fisicamente mais doente.

Eu notei que ela vinha tomando mais antiácidos, suplementos e remédios para ansiedade. E houve visitas extras a terapeuta e nutricionista. Ela passa mais tempo sozinha em seu quarto.

Isso está arrancando meu coração do meu peito.

Toda a coisa de “deixe livre a pessoa que você ama” pesa muito na minha mente.

Eu não quero que ela fique aqui – nesta cidade, neste relacionamento – por mim. Quero que ela fique porque *tudo* aqui é o que ela quer. Não pode ser só por mim. Eu quero que ela se sinta realizada em todos os sentidos – no amor, na vida, em qualquer carreira que ela deseje escolher.

Eu quero que Skylar tenha todas as coisas que uma jovem deveria ter, não apenas na vida, mas em um relacionamento. Encontros mágicos, um noivado, um casamento real.

Ela não conseguiu nada disso comigo.

— O que você vai fazer? — pergunto.

Ela joga as mãos para cima.

— Dar um impulso na minha vida, acho? Vou fazer alguns cursos de fotografia, marketing e fotojornalismo online. E decidi visitar meu pai. Vou pegar o carro para vê-lo amanhã. Não tenho certeza de quanto tempo vou ficar, uma semana, talvez um mês. Vou levar a Gus comigo. Tudo bem se eu deixar minhas coisas aqui até eu voltar? Então eu procuro um apartamento e decido o que eu quero fazer depois. Ainda estou pensando no meu trailer.

Sinto que ela acabou de me atingir com um trem de carga com todos os seus planos.

E ela vai embora *amanhã*.

Eu concordo com a cabeça, apesar do fato de que a mudança e a despedida estão me destruindo por dentro.

— Isso tudo parece ótimo. Estou orgulhoso de você. Você pode deixar suas coisas aqui o tempo que precisar. Sem pressa.

Ela bufa e afasta o cabelo do rosto, claramente tomando minha resposta como um sinal de que eu quero que ela vá.

— Eu prefiro que tudo seja resolvido o mais rápido possível — diz ela.

Eu a observo puxar duas malas grandes para fora de seu armário. Ela deve tê-las comprado nos últimos dias, porque não as tinha quando se mudou pra cá.

— Onde seu pai mora?

— Ele está em Connecticut.

Assumi que ele morava perto, não a quase três horas de distância.

— Você está bem para dirigir por uma distância dessas sozinha?

Ela levanta o queixo com uma confiança que eu não tenho certeza se sente mesmo.

— Não é tão longe, vou ficar bem. Vou alugar um carro para não colocar um monte de quilômetros no seu. Quando eu voltar para a cidade, eu quero o meu Corvette de volta.

Uh-oh.

— Você vai ficar em um hotel ou com ele?

Ela tira algumas camisas de sua cômoda e as coloca na mala aberta.

— Vou ficar na casa dele. Eles têm quatro quartos.

Eu engulo em seco e tento não deixar minha voz soar tão preocupada quanto estou.

— Você tem certeza de que quer fazer isso?

— Ele é meu pai, Jude. Ele casou de novo. Fiz uma chamada de vídeo com ele e sua nova esposa. Ambos parecem muito bem e

surpreendentemente normais, que é o que eu preciso agora.

Estou com medo de que ela esteja fugindo. Algumas semanas atrás, Skylar estava desconfiada em relação ao pai e não tinha certeza se queria falar com ele de novo. Agora ela vai ficar com ele por um período indefinido e está agindo de forma indiferente sobre isso, como se não fosse grande coisa, quando eu sei muito bem que é.

— Megan pode ir com você? Para você não ficar sozinha.

— Ela não pode, ela tem aula. E eu não tenho medo de ir sozinha.

— Eu não disse que você estava com medo, é uma viagem longa, e você não o vê há muito tempo. Quero que você tenha cuidado.

— Eu vou.

Eu olho para o lado enquanto ela se inclina para esvaziar sua gaveta de roupa íntima.

— Você pode deixar Fupagus aqui até você voltar, se quiser. Ela se sente segura aqui. Vou tomar conta dela.

Ela olha para a gata enrolada contente na cama e pondera minha oferta.

— Eu prefiro que ela venha comigo. Eu não posso arriscar que você mude de ideia uma semana depois que eu me for.

Golpe. Golpe. Golpe.

Sem sua risada e sem Cassie e Gus perseguindo uma a outra de quarto em quarto, esta casa vai parecer a merda de um túmulo de novo. Eu tenho sentido falta de jantar com ela e de ver filmes juntos à noite, mas pelo menos Skylar ainda estava aqui. Eu ainda podia ouvi-la, vê-la, podia sentir o doce cheiro de seu perfume.

Eu mordo o interior da minha bochecha enquanto ela segue até a mesa de cabeceira, tira algo da gaveta e depois para na minha frente.

— Toma — ela diz, estendendo a mão para mim. — Pode pegar de volta.

Meus olhos se concentram no pequeno anel de ouro rosê em sua mão, e meu interior se afunda de pavor.

— Não. — Eu balanço a cabeça, recusando-me a tirá-lo dela. — Isso é seu. Foi um presente.

Ela me olha com o lábio inferior trêmulo.

— É uma aliança de mentira — diz ela. — Eu não quero mais.

Juro, quero soldar esse anel no dedo dela e acabar com toda essa loucura.

— Porra, Skylar. Não faz isso.

— Fazer o quê?

— Isso tudo. — Eu jogo meus braços para cima. — Sair correndo pra ir ver seu pai. Se mudar. Me devolver o anel. Por que você está

fazendo isso?

Suas bochechas ficam vermelhas de raiva.

— Porque é o que eu deveria estar fazendo.

— Eu acho que você está em choque ou algo assim por ganhar todo esse dinheiro. Por que você não tira uma semana ou duas e relaxa antes de tomar todas essas decisões?

— Não quero relaxar. Eu vou enlouquecer se eu tiver que ficar aqui tentando ler a porra da sua mente todos os dias.

— O que isso significa?

— Eu não posso mais fazer *isso* com você. Já deu. Esse vai e vem e toda a confusão. Está me deixando doente.

— Uau, jogando baixo assim?

Seu olhar suaviza.

— Não disse que *você* me deixa doente, eu falei de toda essa situação.

Meus ombros murcham, e eu olho para o chão antes de encontrar seu olhar. Tudo que ela está dizendo reforça todos os medos que eu tenho sobre nós. *Eu* sou ruim para ela.

— Faça o que você tem que fazer então.

Ela agarra minha mão e enfia o anel na minha palma.

— Você precisa ir — diz ela, sussurrando suavemente. — Então eu posso terminar de fazer o que eu tenho que fazer.

Capítulo

48

Skylar

Ver meu pai é surreal.

Ele está bem melhor do que a imagem que tenho nos fragmentos desbotados da minha mente. Perdeu peso e agora parece atlético e saudável. Percebo que tenho os olhos dele. Lynn, sua nova esposa, é ainda mais bonita pessoalmente do que por vídeo. Seu cabelo é comprido e castanho, com mechas loiras, e ela tem olhos castanhos profundos e grandes. Ela tem um filho quieto de treze anos chamado Sam, que chama meu pai de pai. Lynn trabalha como contadora e meu pai é engenheiro elétrico, o que eu não sabia quando era mais nova.

É óbvio pela casa deles, em uma rua sem saída de casas idênticas, que eles têm uma situação financeiramente confortável. A casa é grande e bonita, com uma piscina no quintal e grama verde que parece perfeita demais para ser real.

Minhas primeiras horas aqui até agora foram estranhas, mas amigáveis.

Eu não tenho certeza de como me sentir sobre meu pai começar de novo com uma nova vida enquanto eu fui abandonada, possivelmente esquecida. Eu me pergunto se ele encontrou uma foto antiga minha em sua carteira e de repente se lembrou que eu existia, ou se tem pensado em mim e sentido minha falta nos últimos quase doze anos.

Quando cheguei, conversamos casualmente por alguns minutos antes de Lynn me mostrar o quarto de hóspedes, para que eu pudesse desfazer as malas e fazer com que Gus se acomodasse antes do jantar. A gata imediatamente correu para se esconder debaixo da cama, e eu desejei a ter deixado com Jude, onde tem todos os seus lugares

favoritos e Cassie para se aconchegar. A casa do meu pai é grande demais para deixá-la solta. Tenho medo de nunca mais encontrá-la.

Lynn deu um olhar de lado quando eu a tirei do meu carro alugado e mencionou que Sam talvez tenha alergia – especialmente a uma gata de pelo comprido. Meu pai esqueceu de me dizer isso quando conversamos por celular sobre minha visita.

Homens.

Antes de me aventurar a descer as escadas, envio a Jude a mensagem que ele me fez prometer que enviaria.

Eu: Só para você saber que estou aqui, sã e salva.

Jude: Bom. Espero que aproveite a visita. Me mande uma mensagem ou ligue se precisar conversar.

Enquanto estou arrumando meu cabelo, outra mensagem aparece.

Jude: Para constar, eu já estou sentindo falta de vocês.

Suas palavras agridoces fazem com que as lágrimas ardam nos meus olhos e meu peito se aperte em torno do meu coração.

Eu gostaria que nós dois pudéssemos ficar bem. É tão irônico que nunca quisemos nos casar por medo da mágoa que isso poderia causar, mas agora aqui estamos, em um casamento que nem é real e passando por tudo o que estávamos tentando evitar.

Todos os corações partidos à parte, Jude se aproximou de mim quando ninguém mais fez, e isso rendeu a ele um lugar em meu coração e em minha vida para sempre.

Eu: Sinto falta de vocês também.



— Sam está na casa de um amigo essa noite para que possamos conversar — diz meu pai quando nos reunimos na sala de jantar formal.

É tão estranho ver meu pai neste cenário depois de lembrar que ele morou em um velho trailer enferrujado na garagem por anos, vivendo de cerveja e Cheetos.

Eu acho que as pessoas realmente podem mudar seu destino se

desejarem o suficiente.

— Skylar, eu fiz legumes cozidos no vapor e purê de batatas para você — Lynn me informa enquanto senta ao lado de meu pai. — O frango é criado solto e livre de antibióticos. Talvez você possa comer?

— Obrigada, mas eu não como carne de jeito nenhum.

— Não é saudável ser tão exigente com sua comida — diz meu pai, apontando seu garfo para mim, que tem um pedaço de frango no final. — Você precisa de proteína.

— Eu como proteína suficiente. E não é ser exigente, eu tenho um transtorno alimentar e uma relação doentia com a comida.

Seus lábios se apertam em uma linha dura.

— Isso é algo que sua mãe maluca fez com você. Eu nunca deveria ter te deixado lá com aquela louca.

Então vamos começar pulando direto na bagunça. Que o jogo comece, então.

— Na verdade, meu TARE provavelmente resultou de comer comida estragada quando criança e ter intoxicação alimentar várias vezes. E engasgar com a comida. Se eu me lembro, você ainda estava morando lá quando tudo isso estava acontecendo. Ela não é a única culpada.

Ele corta sua galinha agressivamente, e o barulho da faca contra o prato me faz sentir enjoada.

— Eu admito, eu não estava prestando muita atenção naquela época. Eu pensei que sua mãe estava cuidando de você.

— Eu estava cuidando de mim mesma.

Lynn sorri com empatia para mim, e tenho certeza de que, por trás de seu sorriso, ela está feliz por ter enviado seu filho para outro lugar por essa noite, para que ele não tivesse que testemunhar esse drama. Eu me pergunto se ela sabia que meu pai abandonou uma criança quando se casou com ele.

Suponho que os esqueletos saem do armário depois do casamento.

— Você está certa — diz meu pai, sustentando meu olhar com o dele. — E você merecia mais. Sinto muito por tudo isso. Pela sua mãe, por não fazer o certo com você, por te deixar lá. Eu gostaria de poder voltar e mudar tudo.

— Eu também — digo com tristeza.

— Eu só espero que você possa tentar me perdoar e que possamos começar de novo. Entrei em contato com sua mãe inúmeras vezes tentando encontrar você. Durante anos, mandei dinheiro, mas nunca soube se ele foi dado a você ou usado para cuidar de você. Ela raramente atendia minhas ligações ou respondia mensagens. Ela finalmente me deu seu número há algumas semanas, depois que eu

liguei para ela sem parar por meses.

Meu purê de batatas de repente parece muito grosso na boca. Eu conto até cinco e respiro pelo nariz, esperando que minha garganta relaxe para que eu possa engolir. Eu sei que é melhor evitar ter conversas sérias quando estou comendo ou bebendo, eu só imaginei que poderia passar por essa sem ter um episódio.

Quando as batatas descem, tomo um gole de água e volto minha atenção para meu pai, que está me observando com um olhar perturbado.

— Eu não tinha ideia de que você já tinha tentado entrar em contato comigo ou que enviou dinheiro.

Uma careta contorce seu rosto.

— Tenho certeza de que ela pegou o dinheiro e o usou para comprar mais porcarias.

Concordei com a cabeça, pensando na girafa na sala de estar e nas vinte e oito caixas de amaciante empilhadas no corredor.

— Ou isso, ou ela nunca abriu os envelopes e só jogou eles em cima de uma pilha.

— Sinto muito, Skylar. Eu deveria ter levado você comigo ou ido ver como você estava. Ser casado com ela realmente me prejudicou e, no final, eu simplesmente não era eu mesmo; eu tive que fugir. Eu odeio ter ido embora do jeito que eu fui.

Abaixei meu garfo e nivelei meus olhos com os dele. É óbvio que ele está arrependido. Eu posso ver em seus olhos e ouvir o arrependimento que escorre da sua voz. Quero tentar perdoá-lo, mas também quero que ele perceba a gravidade do que seu abandono fez comigo, o que vai muito além de alguns cheques perdidos.

— Eu consigo entender isso — eu digo. — Infelizmente, eu não consegui fugir dela. As coisas pioraram muito depois que você saiu. A casa estava sempre infestada de insetos e ratos. Tinha lixo e comida podre em todos os lugares. A cozinha e o banheiro ficaram inutilizáveis. Eu precisei me trancar no meu quarto para mantê-la fora. Tinha de subir pela janela do meu quarto para entrar e sair de casa porque a porta da frente estava barricada. Eu tinha um frigobar no meu quarto para manter água fresca e comida. Precisei tomar banho em uma parada de caminhões e na escola. E eu precisei colocar areia de gato em um balde no meu armário para mijar e cagar.

Meu pai e Lynn se encolhem ao ouvir minhas palavras, mas eu não me importo. Se eu tive de viver essas coisas horríveis, então eles conseguem ouvi-las.

— Finalmente, eu casei com um homem de trinta e poucos anos e fui morar com ele para ter um lugar seguro para morar e plano de

saúde para entrar em tratamento. Terminei o ensino médio mais cedo, perdi o baile, a formatura e coisas que alguém da minha idade deveria desfrutar, porque eu sofria bullying em um nível que afetava a minha saúde. Esse é o preço que *você e a mamãe* me fizeram pagar, porque vocês dois se esqueceram de mim.

Lynn está soluçando baixinho, e a pele do meu pai ficou mortalmente pálida. Eu não sinto nem um pouco de pena deles.

— Skylar... — A voz do meu pai falha, e ele tosse no guardanapo. — Nenhum pedido de desculpas pode ser suficiente para compensar o que você passou. Eu sei disso. Eu entendo se você não quiser nada comigo. Eu mereço. Mas se você puder me dar uma oportunidade de tentar, prometo que não vou te decepcionar de novo. Quero uma segunda chance.

Eu empurro meu prato para longe.

— Parte da minha terapia é o perdão, então eu gostaria de tentar. — Ele sorri fracamente.

— Eu gostaria muito disso.

— Nós realmente sentimos muito por tudo — diz Lynn, mesmo que ela não tenha nada a ver com nada disso. Suponho que ela se sinta culpada por associação. — Queremos que você saiba que pode ficar aqui enquanto quiser. Temos espaço. Adoraríamos ter você aqui.

— Acho que vou ficar um pouco, mas depois pretendo alugar um apartamento até descobrir o que quero fazer com a minha vida.

— Você já pensou na faculdade? — Lynn pergunta. — Ficaríamos mais do que felizes em ajudá-la. — Ela está supondo que eu me formei cedo para me concentrar na faculdade.

Eles também não sabem que eu ganhei na loteria.

— Faculdade não é para mim — digo educadamente. — Vou fazer alguns cursos online, no entanto.

— Isso é bom — meu pai diz, otimista. — E o homem com quem você está vivendo? Você colocou alguns limites como nós conversamos? Pediu o divórcio ou a anulação?

Na minha primeira ligação com meu pai há algumas semanas, eu estava sozinha e chateada, e provavelmente falei um pouco demais. Eu me deixei levar por ter meu pai finalmente mostrando preocupação e cuidado comigo. Eu disse a ele que as coisas tinham se complicado com Jude e os sentimentos que estavam envolvidos, mas eu não disse a ele que cruzamos mais linhas do que um jogo da velha. Meu pai tentou dar o seu melhor conselho, e, naquele momento, eu queria agir de acordo com ele, porque eu sofri desesperadamente pelo amor e aceitação dos meus pais.

Mas agora não tenho certeza se preciso do conselho ou da

aceitação de alguém.

— Estou pensando em tudo isso — respondo. — É uma situação difícil e confusa com ele. — Lynn está balançando a cabeça e parecendo horrorizada.

— Perdoe-me, mas essa situação soa *muito* inapropriada para mim. É doentio para um homem adulto ser casado e viver com uma menina. Parece que ele se aproveitou de você e pode te machucar...

— Ele não fez nada disso — interrompo. — Jude é um bom homem. Ele se preocupa comigo. O único homem que já me machucou está sentado ao seu lado.

— Querida — diz meu pai, como se estivesse falando com uma criança. — Temos certeza de que ele se preocupa com você da maneira dele, mas ainda é um acordo muito questionável. Não é normal ou saudável, e, como seu pai, eu quero você fora daquela casa. Nós dois estamos muito preocupados com você.

Eu não espero que eles entendam. Eles não estiveram no meu lugar ou no de Jude, então é impossível para eles realmente entenderem a profundidade de nossos sentimentos um pelo outro.

— Eu respeito a opinião de vocês, mas a conclusão é que você não o conhece. Você não me conhece. Estou me esforçando para resolver minha vida, mas não vou aceitar você falar mal dele. Ele tem sido muito bom para mim. Nenhum de nós é perfeito, todos cometemos erros e estamos todos fazendo o nosso melhor — aponto. — Mas posso garantir que ele não é nenhum tipo de predador.

Eu não posso mais lidar com julgamentos e suposições sobre o meu relacionamento com Jude. Deixei o ensino médio para escapar desse comportamento dos outros. Eu não consigo resolver meus pensamentos se os outros estão constantemente dando pitaco quando eles nem sequer nos conhecem ou sabem o que passamos.

— Nós só queremos o que é melhor para você — diz meu pai.

Todo mundo continua dizendo isso, mas eu não sei se alguém – nem mesmo eu mesma – sabe o que é melhor para mim.

Capítulo

49

Skylar

Estou começando a sentir saudades de casa.

Sinto falta de ver os esquilos correndo pelo velho muro de pedras no quintal de Jude.

Sinto falta de trabalhar na boutique, tirar fotos e conversar com Rebecca.

Sinto falta de sair com Megan.

Sinto falta da minha cama.

Sinto falta de Cassie e sua bunda balançando quando passo pela porta.

Sinto falta das minhas consultas presenciais com a minha terapeuta.

Sinto falta de todas as coisas com Jude, nossas noites de cinema, os malditos sorrisos sensuais, seus olhos cinzentos, jantares, ouvir música, ouvir sobre seu dia, sua intensidade silenciosa.

Ugh.

Eu gostei de passar tempo com meu pai, Lynn e o sempre quieto Sam, mas a casa deles não parece um lar para mim. É muito grande, muito fria, muito hotelizada.

Estou há quase um mês aqui, um pequeno relógio interno está me dizendo que é hora de tomar uma decisão. Eu posso ficar aqui em Connecticut e conseguir o meu próprio lar; recomeçar em uma atmosfera totalmente nova, perto do meu pai e sua família. Ou eu posso pegar um trailer e viajar por todo o país, deixando tudo e todos para trás. Mas em algum momento ao longo desses dias, o apelo de fazer isso desapareceu. Estar sozinha em uma grande caixa sobre rodas

parece exatamente isso: estar sozinha.

Estar sozinha não parece mais empolgante.

Em vez disso, eu me pego pensando em ficar em New Hampshire. Ficar perto de Megan. Assumir mais responsabilidades na boutique. E mesmo que eu saiba que encontrar Jude de vez em quando seria o equivalente a ser esfaqueada no coração repetidas vezes, é quase melhor do que *não* estar perto dele.

Quão estranho é eu ter dinheiro suficiente para fazer basicamente qualquer coisa que eu queira, mas tudo o que eu quero fazer é voltar para casa?

Eu pensei que estar longe de Jude e da constante montanha-russa emocional do nosso relacionamento seria útil, mas estar longe dele é ainda pior.

Estou contemplando todas essas opções sentada na cozinha, vendo meu pai podar seus arbustos perfeitamente redondos no quintal, quando meu celular toca.

— Alô? — digo.

— Skylar? — Reconheço instantaneamente a voz da tia Suzy.

— Tia Suzy — eu digo. — Que surpresa. Como você está?

— Al e eu estamos indo bem. Como vai você? Como estão as coisas com seu pai?

— Estão bem. Fico feliz por ter vindo para me reconectar com ele. Fizemos um grande progresso.

— Querida, isso é maravilhoso — diz ela e depois faz uma pausa.

— Eu absolutamente odeio fazer telefonemas como este, mas acho que não tenho escolha.

Um calafrio corre em minhas veias.

— Você está bem?

— Sim, estou bem, mas Lucky está péssimo.

Eu respiro fundo e solto o ar lentamente. Tia Suzy obviamente ainda está empenhada em nos juntar, mesmo que ela saiba, desde a última vez que conversamos, que Jude e eu não estamos conversando muito além de apenas dar oi via mensagem.

— Eu sinto falta dele também, tia Suzy, mas isso é o melhor. Da última vez que falei com ele, Jude estava animado em assumir o bar. Acho que se nós dois ficarmos focados nos pontos positivos, ficaremos bem.

Recitar conselhos da minha terapeuta é fácil.

Acreditar é uma história diferente.

— Não, querida, não é isso. Ele sofreu um acidente no canteiro de obras. Eu não consigo acreditar que esse era o último projeto e então

isso acontece.

— Espera, como é? — Cada célula do meu corpo entra em pânico. — Você disse que sofreu um acidente? Acidente como?

— Aparentemente, ele caiu e atravessou um andar. Ele bateu a cabeça e ficou inconsciente por quase cinco minutos de acordo com aquele cara, Bob, que trabalha para ele. Ele teve uma concussão grave. Quando chegamos ao hospital, ele ficava dizendo onde estou, onde estou, onde estou, repetidamente por horas. Ele estava muito desorientado. Al e eu ficamos aterrorizados, com medo de que ele tivesse danos cerebrais.

— Oh, meu Deus! — digo, correndo para o meu quarto. — Ele está bem? Ele está em casa?

— Ele ainda está no hospital. Ele está melhor, mas eu acho que você deveria saber.

— Quando isso aconteceu? — Eu pego minhas malas e começo a jogar minhas coisas nelas.

— Ontem de manhã. Ele estava muito mal o dia todo, tendo dificuldade de lembrar as coisas e falando arrastado. Ele estava tonto e vomitando por toda parte. Mas hoje ele parece estar muito melhor. Al e eu acabamos de sair do hospital, para que ele pudesse descansar.

Meu coração está tão acelerado, que sinto que vou desmaiar.

— Mas ele está bem? Ele vai ficar bem?

— O médico disse que ele vai ficar bem; ele só precisa descansar e ir com calma por algumas semanas. Eles disseram que ele pode ir para casa amanhã ou no dia seguinte. Ele também tem uma fratura no crânio da linha do cabelo, um cóccix fraturado e as costas estão muito machucadas.

— Oh, meu Deus — eu digo novamente, imaginando a queda. — Vou sair daqui assim que puder. Eu preciso estar ao lado dele.

— Eu não quero te preocupar, querida, e eu sei que as coisas não estão um mar de flores entre vocês dois, mas eu pensei que você gostaria de estar lá. E tenho certeza de que ele se sentiria melhor se você estivesse perto.

— Eu gostaria que você tivesse me ligado mais cedo. Eu teria ido imediatamente.

— Eu sei, nós não tínhamos certeza se era sério. Nós não queríamos interromper a visita à sua família.

— Eu não me importo com isso — eu digo. — Estou muito preocupada com ele. Jude está falando agora?

— Ele estava conversando conosco mais cedo. Está mal-humorado e cansado, mas o que diz está fazendo sentido.

— Isso é bom, certo?

— Sim, é muito bom. Por favor, tenha cuidado ao dirigir. Você não precisa correr até aqui, ele está em boas mãos. Por favor, ligue quando chegar, para que eu saiba que vocês dois estão bem.

— Eu ligo — prometo.

— Chegaremos lá de manhã. Tio Al está mantendo as coisas em movimento no bar, e o tal do Bob está mantendo a equipe funcionando, então não há nada para Lucky se preocupar, exceto descansar e se deixar curar. Ah, nós passamos em casa para alimentar e passear com a cachorrinha, mas ela está muito solitária. Não tínhamos certeza se deveríamos trazê-la para casa conosco ou...

— Não — respondo rapidamente. — Chego ainda hoje e ficarei em casa. Vou cuidar dela. Acho que minha pobre gata sente falta dela. — Solto uma risada e fecho minha mala.

— Tenho certeza de que Lucky e a cachorrinha ficarão muito felizes em te ver — diz a tia Suzy.

— Espero que sim. Muito obrigada por cuidar de tudo e por me ligar. Vou sair dentro de uma hora.

— Ok, querida. Dirija com segurança e tente não se preocupar.

Assim que termino a chamada, lágrimas escorrem pelas minhas bochechas. Eu não suporto pensar que Jude está ferido e deitado em uma cama de hospital. Eu gostaria que a tia Suzy tivesse me ligado imediatamente. Eu poderia estar lá agora, em vez de estar a três horas de distância.

Eu enfito a gata em sua caixa de transporte e escaneio o quarto de hóspedes em busca de qualquer outra coisa. Felizmente, não trouxe muito comigo. Depois de arrumar tudo no meu carro alugado, encontro meu pai na garagem limpando o interior do seu Audi.

— O que houve? — ele pergunta assim que me vê me aproximando dele. Ele coloca seu pano e a embalagem de spray para limpeza de lado.

— Sinto muito, pai, mas preciso voltar para casa. Agora.

— Agora? — Seus olhos brilham de preocupação. — Por quê? O que aconteceu?

— A tia do Jude acabou de me ligar. Ele sofreu um acidente no canteiro de obras e está no hospital. Preciso ir ficar com ele.

— Ah, querida. Lamento ouvir isso. Eu realmente não quero que você vá, no entanto. Nós amamos ter você aqui. Talvez você devesse ficar. Você pode ligar para ele, talvez fazer uma chamada por vídeo, esfriar sua cabeça.

Eu olho para ele com impaciência.

— Pai, eu preciso estar lá pessoalmente. A tia dele disse que ele teve uma concussão grave.

— Tenho certeza que ele vai ficar bem. Eu não acho que seja uma boa ideia você correr para ele.

— Sim, na verdade *é* uma boa ideia. Na verdade, é a *única* ideia.

— Skylar, eu sei que você se importa com ele, mas...

— Pai, eu tenho que estar com ele. Ele cuidou de mim quando eu precisei dele. Muitas vezes. Ele é o único que já fez isso.

Seus olhos escurecem com isso. Não queria que o comentário o machucasse, fizemos muito progresso no mês passado. Mas é a verdade.

— Eu me preocupo com você — diz ele pedindo desculpas. — Estou tentando ser um bom pai.

Sorrio.

— Eu sei que você está, e eu agradeço por isso. Mas eu preciso estar ao lado dele. — Dou um abraço rápido nele. — Estou feliz por termos tido esse tempo juntos.

— Nós também estamos. Lynn vai ficar chateada quando chegar em casa e perceber que você não está aqui.

— Você pode, por favor, dizer tchau a ela para mim? Eu vou voltar. Vamos conversar pelo telefone. Eu vou descobrir o que fazer. Em breve.

Eu venho dizendo isso há semanas e ainda não sei o que quero fazer. Meu coração parece estar gravitando para voltar para casa, em New Hampshire.

Todo mundo sempre diz para seguir o coração, mas como devemos saber se ele está nos levando ao lugar certo?

Capítulo

50

Skylar

Por algum milagre, eu não peguei nenhum trânsito na viagem de volta para New Hampshire. Devolvi o carro alugado e peguei um Uber até a casa de Jude, para deixar Gus e ver a Cassie, que está tão animada para me ver, que dança nas patinhas traseiras, as pequenas patas dianteiras balançando no ar. Ajoelhada no chão, eu a acaricio e a deixo beijar meu rosto antes de arrastar minhas malas para o andar de cima.

É estranho estar de volta a essa casa depois de ter ficado fora por um mês. Por um lado, eu me sinto em casa. Mas, por outro lado, não posso deixar de me perguntar se esse ainda é meu lar. Jude pode não querer que eu volte a viver aqui. Pelo que sei, ele pode estar envolvido com outra pessoa agora. Nossas breves conversas têm sido apenas isso – breves, leves. Não muito paqueradoras. Nada sério. Evitando ao máximo o assunto *nós*.

Eu entro no meu quarto e solto um suspiro de alívio quando vejo que tudo parece exatamente igual. Minhas coisas estão todas onde eu as deixei, intocadas. Espera.

Exceto a minha cama.

O edredom está curiosamente amarrotado, o travesseiro amassado, como se alguém estivesse deitado sobre ele. Lentamente, atravesso o cômodo para me sentar na cama. O perfume característico de Jude está inegavelmente agarrado ao travesseiro e ao cobertor, e evoca memórias que quase me levam às lágrimas. Abraços. Beijos. Toques.

Ele tem dormido na minha cama. Ou, no mínimo, tem deitado nela.

Meu coração treme de esperança de que ele sinta minha falta tanto quanto eu sinto a falta dele.



Ele está dormindo quando chego ao seu quarto no hospital, e provavelmente é o melhor, porque preciso de um momento para olhar para ele. Vê-lo respirar e dar ao meu coração tempo para se acalmar e acreditar que ele vai ficar bem.

Sua parte superior do corpo está apoiada em travesseiros. Está no soro. Ao lado da cama há uma bandeja sobre rodas com um pequeno jarro de água, um copo e uma bandeja de plástico.

Eu sou pega de surpresa por quão pálido e vulnerável ele parece. Jude sempre exalou força e masculinidade. Ele é sempre a potência na sala.

Mas não hoje.

Hoje ele está machucado e fraco.

Eu pisco para afastar as lágrimas, me recusando a deixá-las brotar.

Eu preciso ser forte hoje, porque é isso que o casamento requer às vezes. Você se reveza sendo a pessoa forte da vez.

Silenciosamente, eu me movo e paro ao lado da sua cama, tocando suavemente em sua mão. Luto contra o desejo de me abaixar e beijar sua bochecha machucada, não porque eu não deseje, mas porque não quero que ele acorde assustado, o que pode fazer sua cabeça doer. Meu toque faz com que ele se mexa e abra os olhos. Piscando, ele me olha com a testa enrugada. Por um breve segundo, há um vazio, uma total falta de foco em seus olhos que me assusta pra caramba, mas passa rapidamente, e um sorriso lento curva seus lábios.

— Sparkles... — Sua voz sai em um sussurro áspero.

— Oi. Eu vim assim que pude.

Ele aperta minha mão, e meu coração se contrai quando uma lágrima cai do canto de seu olho.

— Pensei que nunca mais te veria — diz ele, rouco.

Não resisto mais. Eu me inclino e beijo suavemente sua bochecha.

— Como você está? — pergunto baixinho.

— Cansado.

Eu mordo meu lábio inferior enquanto suas pálpebras se contorcem e depois se fecham gradualmente.

— Descanse — eu digo.

— Fica — ele sussurra, antes de apagar novamente.

— Eu vou estar bem aqui. — Sem soltar sua mão, puxo uma cadeira para perto da cama e me acomodo. Eu fico assim, observando o sobe e desce de seu peito enquanto ele dorme.

Senti falta de Jude e da vida que inadvertidamente criamos juntos. Eu gostaria que pudéssemos voltar no tempo e desembaraçar os fios que fizeram uma bagunça entre nós. Eu gostaria que pudéssemos apagar as dúvidas e medos que se apoderaram de nós e nos afastaram. Nada disso parece importar quando a realidade deste momento está me encarando. Não importaria se eu tivesse cem, cinco, ou qualquer outra diferença de idade – eu ainda amaria e me importaria com esse homem com todo o meu coração e alma.



— Com licença. — Uma voz suave e uma mão no meu braço me acordam. — Sinto muito, mas o horário de visita termina em cinco minutos.

Esfrego o rosto e olho para a enfermeira, depois olho para Jude, que ainda está dormindo. Sentada, estico meu pescoço rígido.

— Posso ficar um pouco mais? — pergunto em tom abafado. — Eu sou esposa dele, mas eu estava fora da cidade quando ele sofreu o acidente. Eu não quero deixá-lo. — Ela sorri com empatia.

— Sinto muito, mas é política hospitalar.

— Eu entendo — respondo, ficando de pé em silêncio. — Ele está bem? É normal que ele esteja tão cansado?

— Sim, é normal para um ferimento na cabeça como este. Ele está indo bem. Talvez receba alta amanhã depois que o médico passar para vê-lo.

— Isso seria ótimo. Obrigada.

— Voltarei em alguns minutos.

Eu empurro a cadeira para o canto e pego minha bolsa antes de sentar na beira da cama. Eu não quero deixá-lo. Eu queria poder ouvir sua voz, ver seu sorriso antes de sair.

Eu gostaria de poder dizer a ele que sinto muito por ter ido embora do jeito que eu fui.

Eu gostaria que ele pudesse me dizer porque não me impediu.

— Eu volto de manhã — sussurro e jogo um beijo antes de sair.

Ligo para tia Suzy e depois para o meu pai no caminho de volta para casa, para que eles saibam que Jude parece estar indo bem. Meu pai tentou começar a conversa de “*você precisa de um novo começo na vida*”, mas eu o interrompi. Estou muito preocupada com Jude para pensar em divórcio e mudança para um novo estado em busca de um recomeço.

Nada disso me parece certo.

Apesar de eu estar feliz por voltar para casa, tudo parece desconfortavelmente quieto e solitário sem Jude aqui. Além da vez que ele ficou fora a noite toda conversando com Asher Valentine, eu nunca dormi sem ele aqui.

Entro no quarto dele. Não para bisbilhotar exatamente, mas para ver se há algum sinal de que ele esteve com outra mulher. Eu me sinto como uma fofoqueira quando verifico seu lixo em busca de embalagens de preservativo, mas eu *preciso* saber.

Fico feliz em ver que não há nenhuma.

Pelo canto do olho, vejo algo em sua mesa de cabeceira que não me lembro de ter visto antes, e atravesso o quarto para ver o que é. No começo, acho que é um cartão postal, mas à medida que me aproximo, percebo que é uma foto.

Minha.

Meu coração fica pesado quando eu pego. É a primeira foto que eu mandei por mensagem para ele quando nos conhecemos.

Meu cabelo está uma bagunça, e eu estou sorrindo como uma boba com Gus no meu colo.

Sorrio pela lembrança.

Eu coloco a foto de volta, com cuidado para ter certeza de que deixei exatamente onde estava, e vou para o meu próprio quarto. Gus e Cassie me seguem e pulam na cama, aparentemente felizes por ter sua rotina noturna de volta. A exaustão deixa minha cabeça latejando, mas eu sei que não serei capaz de dormir enquanto os pensamentos sobre Jude estiverem correndo desenfreados em minha mente. Ele se machucar é dolorosamente revelador. E se tivesse sido mais grave? E se ele tivesse morrido? Eu gostaria que tivéssemos conversado mais por celular enquanto eu estava com meu pai, em vez de deixar as coisas tão inacabadas.

Independentemente disso, a menos que ele me peça para ir embora, eu vou ficar aqui para cuidar dele até que fique melhor, quer goste ou não.

Com um suspiro profundo, eu caio na cama. Meu colar cai para o lado do meu pescoço, e eu fico ereta, estendendo a mão para abrir o fecho. Eu seguro o pequeno frasco, olhando para as minúsculas letras

dentro.

Agora é o momento em que eu preciso saber o que a mensagem diz.

Com os dedos trêmulos, desenrosco a minúscula tampa prateada e despejo todas as letras em miniatura no meu edredom. Franzindo a testa, percebo que até mesmo meus dedos pequenos ainda são grandes demais para reorganizar as letras. Corro para o banheiro para pegar minha pinça e começo a brincar com as palavras.

Nunca.

Amor.

Você.

Só.

Ficar.

Putá merda. Isso é impossível.

Duas horas depois, não fiz nenhum progresso compreensível e preciso de uma pausa. Aventurando-me no andar de baixo, eu como uns biscoitos e tomo um pequeno copo de chá gelado. Eu olho pela janela para a lua e tento limpar minha cabeça das palavras confusas. Ligeiramente renovada, volto ao meu quarto cheia de determinação para descobrir a mensagem.

Às duas e meia da manhã, com meus olhos embaçados e o coração batendo forte de excitação, eu finalmente organizo as letras no que eu tenho certeza de que é a mensagem de Jude:

Você é a única que me faz querer ficar.

Um pequeno soluço escapa da minha garganta.

Minhas entranhas estão se agitando descontroladamente, imaginando se ele quer dizer essas palavras literalmente – tipo, ele nunca quer que eu vá embora? Ou eu sou a única mulher com quem ele *consideraria* ficar, se ele realmente quisesse um relacionamento?

Eu tiro uma foto da mensagem montada com o meu celular para que eu possa lê-la sempre que eu quiser, em seguida, cuidadosamente coloco todas as letras de volta no frasco e torço a tampa.

As palavras são tão sutilmente românticas, tão poderosas. Se ao menos ele pudesse me *falar* de verdade.

Capítulo

51

Jude

— Você deveria estar descansando.

— *Estou* descansando — retruco. Não é verdade, no entanto. Eu não consigo ficar parado nem deixar de me preocupar com tudo o que eu deveria estar fazendo. Estou em casa há uma semana e estou ficando louco.

Ela estende a mão do outro lado do sofá, tira meu celular da minha mão e o joga na mesa de centro.

— Você não está descansando. Você está no celular sem parar desde que chegou em casa do hospital. Nem devia estar olhando muito para a tela. Está tentando se dar uma convulsão?

Skylar tem sido incrível agindo como uma enfermeira desde que voltei para casa. Nos primeiros dias, ela me ajudou a subir e descer as escadas, deitar e levantar da cama e sentar e levantar do sofá. A cada quatro horas, ela se certificava de que eu tomei meus remédios. Massageou minhas costas com a gentileza de uma borboleta. Segurou uma bolsa de gelo na minha cabeça a noite toda quando eu tive uma enxaqueca, recusando-se a dormir até que eu me sentisse melhor. Cozinhou para mim e lavou a roupa. Cuidou de Cassie. Leu várias vezes todos os e-mails sobre o bar, porque a confusão mental em que eu estava me fazia esquecer as coisas dez minutos depois de lê-las. Ela me levou ao médico para meus exames. Qualquer coisa que eu precisasse – ela estava ali com um sorriso.

Nós não nos beijamos ou tocamos, mas os momentos que ela passou cuidando de mim, comigo *deixando* que ela cuidasse de mim, foram íntimos de uma maneira que superou em muito o sexo.

Nunca pensei que diria isso.

Nunca pensei que *teria* isso.

— Eu não vou ter uma convulsão. Isso teria acontecido logo após o acidente — eu digo, mesmo que ainda esteja com dores de cabeça.

— Eu tenho que ter certeza de que tudo está avançando.

— Tio Al está cuidando das coisas com o bar.

— É disso que tenho medo.

Ela franze a testa para mim.

— Tenho certeza de que está tudo bem. O médico disse que você tem que descansar mental e fisicamente. Não pode ficar estressado.

Estressado não chega perto de descrever como me sinto. Eu tenho uma tonelada de dinheiro em jogo com a reabertura do bar, e não tenho clareza para retomar minhas atividades diárias até a próxima semana.

Cair na porra do chão não era exatamente como eu queria terminar minha carreira. Mas a culpa é minha. Eu estava exausto e distraído, por isso não prestei a devida atenção. Minha mente estava em uma certa loirinha que eu estava sentindo falta, loucamente.

Olhando pela janela, observo a neve caindo, bebo o chá que ela me fez, que tem gosto de sujeira e mel, mas que forço garganta abaixo e a olho por cima da borda da minha xícara. Skylar está sentada do outro lado do sofá, envolvida na edição de fotos de produtos para a boutique em seu iPad. A maneira como seus cabelos loiros pairam sobre seu rosto e sobre seu ombro me faz querer empurrá-lo para trás, acariciar seu pescoço e beijá-la até que ela derreta em meus braços.

Eu resisto.

Eu ainda estou lutando com o fato de que, apenas algumas semanas atrás, ela trouxe à tona todos os meus medos.

Pedindo o divórcio.

Devolvendo o anel.

Saindo de casa com metade das suas coisas e um animal de estimação que eu aprendi a amar.

Duas vezes eu trouxe para a tela do celular o número da minha advogada para iniciar os papéis do divórcio enquanto ela estava em Connecticut, e duas vezes eu não consegui ir em frente.

Eu não quero um divórcio.

Skylar não tem só agido como uma enfermeira desde que me machuquei, ela tem sido uma esposa.

Minha esposa.

Eu tenho me apaixonado cada vez mais por ela, e cada vez mais luto para tomar decisões.

E, enquanto isso, ela está olhando apartamentos e tem planos de escolher um em breve.

— Você está cansado? — ela pergunta depois que eu bocejo.

— Um pouco. Eu acho que eu vou tomar um banho quente antes de ir para a cama. Minhas costas estão doloridas.

Inclinando a cabeça para trás contra o sofá, ela se vira para mim com um sorriso melancólico.

— É uma ótima noite para um banho. Especialmente no *seu* banheiro. Fala que você não colocou as claraboias para uma noite exatamente como essa para você poder olhar à neve.

Eu empurro sua perna com meu pé.

— Aha. Eu sabia que você ficava lá fantasiando sobre a minha banheira toda vez que você entrava lá para pegar meus remédios.

— Culpada — admite.

No ano passado, remodelei minha suíte com uma grande banheira perfeitamente posicionada sob duas claraboias. Eu adicionei janelas longas na parede com vista para o quintal, muito altas para que alguém possa ver, mas me dando uma excelente vista do céu e das árvores. É o lugar perfeito para relaxar.

— Se você quiser usar minha banheira, sinta-se à vontade. Você merece por cuidar de mim.

— Talvez pudéssemos usar juntos? — ela pergunta em um tom suave e cauteloso, como faria se estivesse tentando atrair um animal selvagem para ir para casa com ela.

Tiro meu cabelo da frente do rosto e olho para Skylar, sem ter certeza de que a ouvi corretamente.

— *Juntos, juntos?*

Ela engole em seco e concorda com a cabeça.

— Eu pensei que não estávamos mais indo por esse caminho.

Ela morde o lábio e toca o colar, movendo-o suavemente para frente e para trás na corrente. O brilho brincalhão que estava em seus olhos segundos atrás foi substituído por uma saudade vulnerável.

— Talvez possamos abrir uma exceção para essa noite, não?

Suas palavras – seus olhos – tudo está infundido com esperança e outra coisa que faz meu coração acelerar.

Amor. Parece amor.

Minhas defesas entram em modo de espera.

— Nós não somos interruptores de luz, Skylar — eu digo suavemente. — Não podemos simplesmente ligar e desligar as coisas.

— Eu sei — ela sussurra. — Desculpa.

Eu puxo uma respiração baixa e constante. Eu mesmo não tenho

sido exatamente um pilar de consistência.

— Você não precisa se desculpar. Nós *dois* temos coisas para resolver.

— Nós vamos... mas por essa noite talvez possamos esquecer tudo isso? Por favor? — Uma pitada de desespero amarra sua voz. — Quero ter uma noite divertida e mágica. Com *você*. Acho que nós dois precisamos disso.

A palavra *divertida* é salvadora. Ela arrancou o pensamento de amor diretamente da minha cabeça e me salvou de todas as emoções, expectativas e mágoas que vêm com ele.

Além disso, a tentação de entrar em um banho quente com Skylar, pele contra pele, envoltos em vapor, é algo que eu não posso resistir.

De pé, eu estendo minha mão para ela e puxo seu corpo com força contra o meu.

— Eu consigo lidar com diversão e mágica — eu digo.

Eu realmente deveria ter dito não.

Mas foda-se.

Finalmente me sinto mais forte. Ficamos presos em casa por uma semana, próximos um do outro, mas com cuidado para não chegar muito perto, evitando um fim que ambos sabemos que está chegando.

Ela quer uma noite divertida. Essa é a minha especialidade.

Capítulo

52

Skylar

Eu tenho cobiçado a banheira de Jude desde a primeira vez que a vi. É tão sexy e masculina quanto ele. Branca e elegante, com luminárias industriais. Uma mistura de suavidade e aspereza.

— Você fez tudo isso? — pergunto, dando uma volta no banheiro dele. — As claraboias, a pia dupla, a banheira...?

Ele acena com a cabeça.

— Sim. Fiz tudo sozinho. Até o boxe de azulejos.

— É lindo.

Quando eu me viro de costas para encará-lo, ele segura meu rosto e lentamente me coloca contra a parede.

— Você também é — diz ele.

Eu olho para Jude, instantaneamente sem fôlego por causa de seu toque.

Eu gostaria que ele estivesse assim o tempo todo, no controle, tomando o que quer, liberando todos os seus sentimentos reprimidos.

O sexo é o momento em que ele se sente confiante e seguro. Eu sou culpada por usar isso para me aproximar dele, assim como eu estou fazendo agora. Provavelmente vou me arrepender amanhã, mas estou jogando a toalha nesta noite. Quero mais uma noite com Jude antes de decidir ir embora. Uma noite para deixar todo o resto de lado e apenas estar perto dele.

Apoiando o braço na parede acima da minha cabeça, ele abaixa o rosto e cobre minha boca faminta. Sua mão se move lentamente da minha bochecha para baixo, para agarrar a minha garganta. Agarrando sua camisa, eu o puxo para mais perto e abro minha boca,

passando minha língua ao longo de seus lábios.

Ele inspira profundamente e me solta. Eu vejo o escurecimento de seus olhos, um vislumbre da profundidade das emoções que Jude se esforça tanto para esconder. Seu caminhar ainda é ligeiramente rígido de dor enquanto ele se afasta para desligar a luz e, em seguida, acender uma menor e mais fraca acima da pia. Estamos banhados por um brilho dourado quente.

— Tire a roupa para mim. — Ele lentamente se inclina sobre a banheira e liga a torneira, em seguida, senta-se na borda, com suas longas pernas esticadas à frente.

Minha boceta treme em resposta ao seu comando suave e profundo. Agarrando a bainha da minha camisa, puxo lentamente sobre a cabeça. Seus olhos se agarram a cada movimento meu enquanto eu coloco a mão atrás do meu corpo para abrir meu sutiã de seda preta. Deixo a peça cair aos meus pés junto com minha camisa, e depois solto o botão da calça jeans skinny.

Fico feliz em ver seus lábios se inclinarem em um sorriso apreciativo ao ver os corações vermelhos bordados no triângulo de tecido preto da minha calcinha combinando.

— Eu nunca soube que peças de baixo também eram descoladas.

Eu tiro minha calça jeans, mas deixo a calcinha para ele admirar.

— Surpresa. — Sorrindo, enfio os polegares sob as finas alças.

— Espera — ele diz, me parando. — Vem cá.

Eu lentamente me aproximo, absorvendo a maneira como seu olhar vagueia sobre cada centímetro de mim como se ele quisesse me devorar, dos meus mamilos duros até minhas panturrilhas tonificadas, voltando a mirar novamente meus lábios. Eu sempre fui confiante quanto ao meu corpo, apesar de ter seios muito pequenos e não muitas curvas. A luxúria nos olhos de granito de Jude alimenta ainda mais minha confiança, banindo quaisquer dúvidas de que meu corpo possa ser muito infantil para um homem como ele.

Quando me aproximo, ele agarra minha cintura. Passando por cima dele, fico de pé com as pernas abertas sobre seu corpo.

Suas mãos circundam meus tornozelos, e ele lentamente arrasta as pontas dos dedos pelas minhas pernas, até os meus quadris.

— Essas pernas naqueles saltos quase me arruinaram no dia do nosso casamento. — Ele se inclina para a frente, pressionando a testa contra o meu estômago, inspirando-me. Meu corpo se mexe com vibrações excitadas sob seu toque.

Sua boca se move ao longo do cóis fino da minha calcinha, sua língua mergulhando sob a borda do tecido.

— Eu pensei que você queria que eu tirasse os sapatos naquele

dia. Você não gostou deles — aponto.

Suas narinas se inflamam.

— Eu queria que você tirasse *o resto*.

O calor da sua respiração e a barba áspera contra minha pele causam arrepios em minha carne, e meu coração bate forte com a percepção de que Jude me queria em segredo mesmo naquela época.

Agarrando minha bunda com as duas mãos, ele me puxa para mais perto e passa a língua sobre a seda fina, pressionando-a entre minhas dobras, molhando-a mais do que meus próprios fluidos já fizeram.

Eu murmuro um pequeno gemido e inclino a cabeça para a dele, passando minhas mãos pelo seu longo cabelo e puxando-o suavemente em sincronia com os golpes de sua língua.

— Ver você molhada é sexy pra caralho — ele solta, deslizando o dedo lentamente sobre a seda úmida agarrada aos meus lábios partidos. Puxando o tecido para o lado, ele desce os lábios tentadoramente devagar. Sua língua me encontra molhada, aberta e esperando, e Jude a mergulha dentro, provocando em mim um grito de prazer.

Sem sair do refúgio das minhas coxas, ele estende o braço e desliga a água corrente. Solto um suspiro agudo quando ele afasta os lábios e as palmas dos meus quadris, me puxando para baixo até que eu esteja ruborizada contra a protuberância dura sob sua calça jeans, meus seios pressionados contra a barba.

Não há dúvida de que ele finalmente está se sentindo melhor.

Agarro seus ombros largos para me equilibrar e rebolo sobre seu pau duro, enfiando seu membro entre o canal da minha umidade. Seus dedos agarram minha bunda, me guiando.

— Deus, é tão bom sentir você — murmuro, fechando os olhos e lentamente cavalcando nele, abraçando a inibição que ele desperta em mim.

— Entra na banheira.

Levanto a cabeça para encará-lo.

— Você vem comigo? — Malícia pisca em seus olhos.

— Porra, sim.

Passo minha perna por cima dele e jogo minha calcinha no chão, depois faço uma pausa, cativada pela flexão de seu bíceps grosso e pelas linhas do seu abdômen enquanto ele se despe. A visão de seu pau duro se estendendo do ápice de suas coxas musculosas acelera minha pulsação.

Jude é tão pecaminosamente belo. Eu poderia desmoronar e chorar aqui mesmo no azulejo, sabendo que nunca mais vou tocá-lo

dessa maneira, nunca mais vou sentir sua respiração em meus lábios, nunca mais vou sentir seu corpo derreter no meu.

Engolindo com força esse sentimento, molho os lábios. Não consigo pensar no que nunca será. Tudo o que tenho é o agora, e quero saboreá-lo.

Eu desvio meus olhos para o vapor que sobe da banheira e mergulho minha mão na água.

— Ainda está quente.

— Vai ficar quente. A banheira é aquecida.

Sorrio de surpresa, sem saber que tal coisa existia.

— Muito legal — eu digo. — Você tem saís de banho?

Ele sorri.

— *Parece* que tenho saís de banho?

Eu pego um frasco de xampu do chuveiro dele. Ele observa com diversão enquanto eu ligo a torneira de volta e despejo o xampu no fluxo de água. Em segundos, bolhas cobrem a superfície.

— Você entra primeiro — eu digo, e quando ele cuidadosamente abaixa seu corpo na água, meu coração desmaia e vibra novamente. O homem parece simplesmente delicioso, todos os músculos e tatuagens cercados por bolhas brilhantes.

Eu me ajoelho ao lado da banheira e me inclino sobre a borda, me sentindo como um gatinho curioso.

Ele lambe os lábios e um sorriso lento e desonesto se abre no seu rosto. É óbvio que ele ama o efeito que produz em mim.

— Eu gostaria de poder tirar uma foto sua assim — eu digo. — Você. Está. Gostoso. Pra caralho.

— Sem fotos — diz ele. — Você quer me ver desse jeito sempre? Tire minhas roupas.

Rindo, subo na grande banheira, e a água quente escorre enquanto me acomodo entre suas pernas. Ele serpenteia seu braço ao meu redor, me puxando contra seu peito. Eu gosto que Jude me queira perto – mantendo seu braço ao meu redor, pressionado contra meus seios nus, com sua mão apertando meu ombro. A água está quente, apenas um passo de ser muito quente, mas é incrivelmente calmante. Eu inclino a cabeça para cima, para ver a neve caindo na claraboia, sentindo um pouco de tristeza enquanto cada pequeno floco de neve perfeito derrete no exato momento em que pousa no vidro aquecido.

Que triste cair tão longe, apenas para desaparecer assim que o destino é alcançado.

— Isso é tão bonito e relaxante — digo baixinho, quase com medo de quebrar um silêncio tão perfeito. — Eu ficaria aqui todas as noites.

Ele acaricia o rosto na lateral do meu pescoço, debaixo da minha orelha.

— Você pode entrar aqui a qualquer hora que quiser — ele sussurra em um tom profundo e sedutor que faz todo o meu corpo tremer.

Eu me inclino em seu toque suave.

— Eu não acho que vou fazer isso.

Apoiando minhas mãos em suas coxas sob a água com sabão, fecho os olhos e respiro o vapor que se espalha ao nosso redor. Atrás de mim, Jude encosta a bochecha na minha cabeça, e tudo parece *certo*.

Calmo.

Seguro.

Feliz.

Estes são sentimentos que eu tenho procurado pelo que parece ser toda a minha juventude. Eu pensei que a única maneira de sentir essas coisas era ficando sozinha, mas eu estava errada.

Eu não planejei esse interlúdio sensual e romântico essa noite. Na semana passada, mantive as coisas platônicas entre nós porque achei que era a coisa certa a fazer. Eu permaneci focada em cuidar dele, em trabalhar e na minha terapia. Precisei me forçar a não o tocar, a menos que fosse para ajudá-lo quando estava dolorido. Eu resisti a pensar nele ou enviar mensagens fofas.

Eu me repreendi mentalmente pelo menos vinte vezes por dia quando quase cedi ao impulso de tocar sua mão ou beijar sua bochecha.

Eu me contive de me aconchegar com ele no sofá com Cassie e Gus.

Eu o peguei fazendo isso também, inclinando-se como se fosse me beijar, mas de repente recuando. Senti seus olhos em mim enquanto eu andava pela casa.

Forçamos uma separação. Mas por quê?

Por causa da nossa diferença de idade?

Por causa dos nossos medos?

Porque eu me senti intimidada pelo passado dele?

Porque meu pai me convenceu de que é errado?

Nada disso parece importar mais.

Desde que nos conhecemos, cada toque, cada beijo, cada conversa entre nós aconteceu naturalmente. Sem esforço em todos os sentidos. Sem motivo ou expectativa.

Não é assim que as coisas devem ser?

Nada nunca pareceu mais antinatural e errado do que me forçar a ficar longe de Jude.

À noite, eu deito na cama e me pergunto o que diabos estou fazendo. O que *estamos* fazendo. As respostas costumavam ser tão claras.

Tenho medo de me machucar. Eu tenho uma necessidade profunda de me sentir livre, de ter uma rota de fuga fácil. Eu nunca mais quero confiar em outra pessoa que possa me decepcionar.

Mas o distanciamento de Jude inesperadamente fragmentou meu coração. O simples pensamento de não o ter em minha vida me aterroriza. Não porque eu tenha medo de ser livre, eu sou livre desde que eu tinha onze anos de idade. Mas porque estar com Jude faz com que eu me sinta completa e íntegra. Como se eu estivesse onde eu pertença.

Eu acredito no que ele disse na mensagem do colar, e eu acho que Jude é quem vai ficar comigo. Acredito nisso na minha alma e nos meus ossos.

Eu não quero mais viver à beira de um plano de fuga rápida. Quero passar por momentos difíceis *com* ele, em vez de fugir.

E eu quero especialmente passar por bons momentos com ele.

Quero que os votos de casamento sejam reais. Quero que os vivamos e os honremos de todo o coração, e vejamos onde a vida nos leva juntos.

Mas eu preciso que ele queira essas coisas também. E ainda não tenho certeza do que ele quer.

— Você está bem? — ele pergunta, passando seu polegar úmido ao longo da minha bochecha.

Eu me pergunto quanto tempo eu fiquei perdida em meus pensamentos.

— Sim... estou só gostando de estar com você e ver a neve cair.

Ele respira tão fundo que sinto seu peito pressionar minhas costas.

— Sinto sua falta — ele diz baixinho.

Fecho os olhos, entendendo suas palavras. Estar no mesmo lugar não é o mesmo que estar junto.

— Eu também sinto sua falta.

Afastando meus cabelos úmidos para o lado, ele beija meu pescoço, de boca aberta, faminto e possessivo. Suas mãos se movem na água para acariciar meus seios, apertando e os empurrando juntos, beliscando meus mamilos até que eles ardam. Arqueio minhas costas, empurrando meus peitos em suas palmas e minha bunda contra seu pau. Ele geme descontroladamente no meu ouvido enquanto seu pau quente desliza facilmente contra minha carne.

Minha cabeça cai contra seu ombro, e eu me viro para beijar seu pescoço, mordiscando-o. A água espirra enquanto sua mão mergulha entre minhas coxas como um tubarão. Dois dedos grossos se concentram no meu ponto G, curvando-se para cima com precisão e esfregando ritmicamente. Choramingando, agarro as laterais da banheira para me firmar enquanto rebolo para frente e para trás, me empurrando contra sua mão, depois de volta contra seu pau.

Ele agarra a lateral do meu rosto e me vira para ele. Nossos lábios se chocam, sem fôlego e necessitados. Ele cruza as pernas sobre as minhas, me prendendo. Meu corpo está formigando, meus quadris ondulando para cima e para baixo, para frente e para trás. A cabeça de seu pau grosso se move entre as bochechas da minha bunda, cutucando minha entrada pulsante. Chupo sua língua, louca pela fome e desejo de devorar qualquer parte de Jude que eu conseguir. Dentro de mim, seus dedos rodopiam contra minhas paredes, seu polegar perfeitamente posicionado sobre meu clitóris, mexendo e me circulando em um frenesi trêmulo. Empurro meu corpo com mais força contra sua mão e seu pau, precisando que ele me preencha e me liberte dessa doce tortura.

Ele tira a boca dele da minha.

— Você está implorando para eu foder essa bunda, não é? — ele rosna.

A euforia toma conta da minha mente e do meu corpo como uma droga. Neste ponto, ele pode entrar em qualquer buraco que quiser e viver dentro de mim para sempre.

— Eu quero você... — murmuro.

Segurando meu cabelo, ele puxa minha cabeça para trás para olhar nos meus olhos.

— Eu também quero você. — Ele lentamente arrasta seu nariz pelo meu. — Coloque as pernas nas laterais da banheira — ele sussurra.

Ele desembaraça suas pernas das minhas, me agarra sob meus joelhos e dobra minhas pernas sobre a borda da banheira, espalhando-me amplamente sobre ele. Agarro os lados escorregadios da porcelana enquanto ele me levanta pelos quadris, me posiciona sobre seu pau e depois me abaixa.

— Puta merda — eu solto enquanto ele enfia na minha boceta com força e profundidade.

Apertando minha bunda com uma mão, ele me guia para cima e para baixo em seu pau, enquanto sua outra mão alcança entre minhas coxas, circulando e esfregando levemente meu clitóris.

Sinto seus lábios em minhas costas molhadas, beijando minha coluna, até a curva do meu pescoço. Sua respiração irregular combina

com a minha, à medida que nos movemos mais rápido e com mais força, espirrando água quente ao nosso redor em ondas enquanto meu corpo mergulha deliciosamente no dele.

Quando Jude sussurra meu nome em um gemido profundo e erótico, me leva a um orgasmo arrepiante. Ele de repente se puxa para fora de mim, e eu caio de volta para ele com um grito enquanto seu pau lateja e se solta em jorros grossos e quentes contra minha bunda.

Permanecendo na névoa pós-orgástica, puxo minhas pernas doloridas para a banheira e me viro para encostar nele. Jude parece incrivelmente sexy e saciado, inclinado para trás contra a banheira; olhos fechados, cabelos longos agarrados à testa, embaçados com suor e vapor.

Seu sorriso é todo sonolento e satisfeito.

— Acho que estou morto.

Ainda ofegante, seguro seu rosto em minhas mãos e o beijo longa e suavemente, não querendo que a intimidade termine aqui.

— Você está bem? — pergunto contra seus lábios, preocupada que tenhamos piorado suas costas.

Ele tira meu cabelo molhado do meu rosto corado e chuta a rolha da banheira com o pé.

— Estou bem. Mas a hora do banho acabou — diz. Entendendo a dica, eu relutantemente começo a sair, mas ele me puxa de volta para outro beijo. — A noite não precisa acabar, no entanto.

Levanto a sobancelha.

— Não?

Ele balança a cabeça para os lados, lançando gotículas de água das pontas de seu cabelo.

— Fica comigo essa noite.

Meu coração salta. Como vivemos na mesma casa, isso só pode significar uma coisa.

— Ficar... na sua cama? A noite toda?

— É. — Ele inala uma respiração forte e expira lentamente, fixando seus olhos de aço nos meus. — Eu não quero que você vá embora.

Espero um momento para responder. O redemoinho da água que escorre da banheira é o único som entre nós. Ela gorgoleja e borbulha, assim como meu cérebro.

É especial, passar a noite juntos. É um nível épico de confiança íntima, adormecer ao lado de alguém no escuro, em sua cama. Respirando ao lado dele, adormecido e vulnerável. Pelo menos para mim é. E eu sei que amanhã à noite, quando eu estiver no final do corredor, de novo no meu quarto, estarei pensando nele, sofrendo por

ele, desejando que não estivéssemos dormindo a um corredor de distância.

Apesar disso, prefiro ter nossa noite juntos do que nunca tê-la.

— Ok — eu finalmente digo. — Eu também não quero ir embora.



Jude estremece quando sai da banheira e enrola uma toalha em torno de seus quadris. Sigo-o até o quarto também enrolada a uma toalha quente e felpuda. A água quente e o sexo ainda mais quente fizeram meus membros ficarem vacilantes. Sento ao pé de sua cama e o observo deixar a toalha e puxar uma boxer.

Algo em mim coloca um sorriso em seu rosto quando ele pega uma camiseta branca de sua cômoda e me entrega.

— O quê? — pergunto. — Você está fazendo uma cara estranha.

Ele ri.

— Você está adorável sentada aí, como se não tivesse certeza do que fazer consigo mesma.

— Positivo.

Eu coloco a camisa dele – que é fina e macia por anos de uso, e eu não quero devolvê-la nunca mais – e levo nossas toalhas para o banheiro, para que elas não fiquem largadas molhadas. Quando volto, Jude está deitado na cama, apoiado contra um monte de travesseiros.

— Devo apagar a luz? — pergunto, imaginando como é possível que eu me sinta mais confortável em uma banheira cavalcando em seu pau do que deitando na cama dele com ele.

Seus olhos se estreitam curiosamente para mim.

— Claro.

Desligo a luz e me junto a Jude na cama, copiando sua formação de travesseiro. Fico surpresa quando ele liga a televisão e coloca um canal de streaming de música.

Jude coloca o controle remoto na mesa de cabeceira e depois me puxa para si. Eu me viro levemente e coloco a palma da mão no seu peito.

— Você pode ficar mais perto — diz ele, rindo um pouco enquanto puxa minha mão para que meu braço fique em torno de sua cintura e meu corpo esteja curvado no dele. Seu pé descalço encosta no meu e esfrega-o lentamente para cima e para baixo no arco do meu pé. — Por que você está tão nervosa? Prefere não ficar aqui?

Eu realmente não quero estar em nenhum outro lugar a não ser aqui. Infelizmente, a insegurança acaba de assumir repentinamente a responsabilidade pelos meus atos. Estar na cama com um homem significa que estamos aqui para transar? Conversamos primeiro? Vamos apenas dormir? O que acontece de manhã? É como jantar, onde você não sai da mesa até que todos terminem de comer?

Ugh.

Aparentemente, ter dezoito anos com um homem de trinta e quatro anos realmente tem seus impasses.

— Não tenho certeza do que devo fazer — admito desajeitadamente.

— Apenas seja você. Você nunca deve fazer, ou ser, qualquer outra coisa. — Ele aperta o braço em torno de mim. — Só ser feliz. Seja sempre feliz.

— Estou muito feliz. — Por enquanto, pelo menos.

— Eu também estou. — Seus lábios pressionam o ponto da minha pulsação na têmpora. — Não há regras ou expectativas, especialmente comigo. Eu só quero estar perto de você.

Eu concordo com a cabeça e movo a ponta do dedo sobre a tatuagem em sua caixa torácica.

— Eu só pensei que seria bom sentar e conversar — diz ele.

— Tudo bem. Desculpe por estar agindo de forma estranha.

— Está tudo bem — diz ele.

Rolando de lado, ele puxa o cobertor para cima da gente e apoia a cabeça no braço para olhar para mim.

Ao fundo, *Wildfire*, cantada por Michael Martin Murphey, toca na televisão. Isso me leva de volta às minhas memórias e traz um flash mental de mim como uma garotinha ouvindo essa música enquanto ficava com os meus avós, me sentindo segura e amada.

Quero isso de novo.

Jude se curva e beija meus lábios; é doce e demorado, fazendo amor com a minha boca de uma maneira sonhadora que rouba completamente minha respiração e manda vibrações para meu coração. Um contraste tão gritante com os beijos famintos e exigentes que demos antes na banheira.

Estou cativada pelos lados duros e macios dele, áspero nos momentos certos, incrivelmente gentil nos momentos perfeitos, também. Jude pode não falar muito, mas seu toque fala mais que mil palavras.

Ele se afasta alguns centímetros, e eu olho para ele, com o cabelo caindo sobre o rosto, fazendo cócegas na minha bochecha.

— Obrigado por cuidar de mim — ele diz suavemente. —

Principalmente quando as coisas estavam complicadas entre nós.

— Nada disso muda o quanto eu me importo com você.

— Tenho pensado muito — diz. — Sobre você, sobre mim, e tudo mais.

Meu coração muda de marcha e bate forte com incerteza e ansiedade. Ele finalmente vai se abrir sobre seus sentimentos.

— Eu gostaria que as coisas não fossem complicadas, Skylar. Eu gostaria que você não tivesse se machucado tanto com tudo isso. Eu gostaria que as pessoas não olhassem para mim como se eu fosse algum tipo de predador fodido. Eu gostaria que você não sofresse a ponto de deixar a escola. Eu gostaria de poder sentir o que eu sinto por você e te tocar sem sentir que estou fazendo algo errado e que por isso vou apodrecer no inferno algum dia. Eu não te culpo de forma alguma por querer ir embora e fugir de tudo isso.

Ele passa a ponta de seu dedo sobre a cicatriz de cinco centímetros na minha testa delicadamente, como se tivesse medo de que minha cabeça se abrisse, e então pressiona suavemente os lábios nela. Fechando os olhos, Jude permanece assim, inspirando e expirando com lenta deliberação. Finalmente, ele se afasta.

— Eu quero que você tenha a vida que uma garota da sua idade deveria ter, que tenha aventuras, longe daqui. Eu não quero te segurar. Às vezes, eu me pergunto por que eu não pude te conhecer no futuro, quando você estiver mais velha. Está me destruindo pra caralho tentar vencer essa disputa de certos e errados com você. — O remorso vivo e a esperança perdida em sua voz são de partir o coração.

Ele esconde seus sentimentos tão bem, que eu não sabia quão profundamente tudo o estava afetando. Não é justo, porque tudo o que Jude queria fazer era me ajudar. As coisas nunca deveriam ter acontecido do jeito que aconteceram, e eu sou parcialmente culpada por isso.

Eu estendo a mão e afasto seus cabelos do rosto. Há tantas coisas que eu quero dizer, que eu *deveria* dizer. Mas o que posso dizer que não o fará se sentir pior?

Se eu disser a ele que quero estar com ele, Jude se sentirá ainda mais culpado. E se eu disser a ele que não quero estar com ele, isso também o machucará.

A última coisa que eu quero fazer é machucá-lo.

Eu forço o sorriso mais brilhante que consigo dar e passo os braços ao redor de seu pescoço.

— Então eu acho que vou voltar para você quando for mais velha — eu digo, na esperança de nos deixar uma porta para o futuro.

— É melhor mesmo — ele diz com um rosnado, depois me rola de lado e puxa minhas costas contra seu peito duro, moldando nossos corpos e entrelaçando nossas pernas sob o cobertor.

— Boa noite, Sparkles — ele diz, roçando seus lábios quentes sobre minha orelha, depois descansando sua bochecha contra o topo da minha cabeça.

— Boa noite, Lucky.

Meu coração se derrete em uma poça. Eu pensei que estava aqui para fazer uma brincadeira nos lençóis. Eu nunca esperei estar de conchinha com ele, ser beijada suavemente e abraçada para dormir. Eu pisco no escuro, esperando que algo mude, mas isso não acontece.

Ele está adormecendo, me abraçando.

Exalando suavemente, me acomodo em seus braços e agarro sua mão. Eu a seguro contra o meu peito, nos prendendo juntos. Depois de alguns minutos, sua respiração diminui e seu aperto em torno de mim afrouxa um pouquinho. Eu me forço a ficar acordada por mais um tempo, apenas para que possa memorizar todos os pequenos detalhes de adormecer no abraço do meu marido. O cheiro persistente do seu perfume. O calor de ser envolvida por seus braços musculosos. O assobio suave de sua respiração. A batida embalada de seu coração contra minhas costas. A sensação avassaladora.

Isso é o que eu nunca acreditei. O que eu mais temia.

E, infelizmente, o que eu não posso ter.

— Eu te amo — eu sussurro porque eu preciso dizer em voz alta, jogar no universo que sou loucamente apaixonada por esse homem. Eu não me importo se é certo ou errado ou complicado ou que ele nem sequer está ouvindo as palavras saírem dos meus lábios.

Eu o amo.

O suficiente para ficar, o suficiente para ir, o suficiente para esperar.

Capítulo

53

Skylar

Acordar nos braços de Jude na manhã seguinte foi como um sonho. Nós não nos afastamos um do outro no meio da noite para procurar espaço. Ficamos abraçados até o sol nascer. Se um de nós mudasse de posição, nos movíamos juntos, permanecendo emaranhados. Acordei com beijos e suas mãos quentes se movendo lentamente sobre meu corpo. Fizemos amor devagar, sem palavras e, ousou dizer, gentilmente. Todos aqueles beijos suaves e carícias quase deixaram meu coração em pedaços.

Eu nunca soube que o sexo poderia ser tão emocional e conectado e, ainda assim, tão doloroso. Eu não queria que terminasse, mas, ao mesmo tempo, não parecia um começo, parecia muito com um fim.

E, de certa forma, foi.

Porque isso foi há duas semanas e, desde então, eu estou fora de ordem. Jude não tem ficado muito em casa, e eu estou em cima do muro, tentando decidir o que fazer. Meu plano era conseguir meu próprio lugar para morar, mas continuo esperando que algo aconteça para me impedir.

Aguardo até depois do jantar para me aproximar dele. Jude está sentado na sala de estar, repassando os planos para o bar em seu iPad, os projetos na mesa de centro.

— Jude?

— Mm? — Ele não olha para mim.

Eu jogo um envelope grosso e branco na mesa de centro ao lado de suas plantas do bar.

— Eu quero meu carro de volta — eu digo. — Aí tem o valor que

você pagou por ele.

Ele lentamente olha para cima e pisca para mim, sua mandíbula tensa.

— Você não pode ficar com ele. — Meu coração pula de choque.

— Perdão?

— Você não pode ficar com ele.

— Temos um acordo.

— Eu sei, mas o carro está em pedaços agora.

— Pedaços? Por quê?

— Eu estou consertando. Te disse isso. Mas ainda não está pronto.

Eu estive meio ocupado, lidando com enxaquecas, confusão mental e começando um novo negócio. — Ele acena com a mão para os projetos.

— Acredite, eu notei quão ocupado e distraído você está. — Minhas palavras saem mais amargas do que eu queria. Sei que a culpa não é dele. Vi o quanto Jude tem lutado com tudo desde a concussão.

Seus olhos se estreitam.

— O que isso significa?

Eu engulo em seco e inclino o queixo.

— Desde que passamos aquela noite juntos, é como se você tivesse esquecido de mim. Você quase nunca está em casa, não conversamos muito.

A preocupação brilha em seus olhos.

— Skylar, eu estive ocupado. Eu tinha muito o que fazer depois do acidente. Tenho que me manter na linha se quero que o bar esteja pronto para a reabertura.

— Eu sei — respondo, me sentindo como uma criança mimada.

— Eu não estou ignorando você. Achei que estávamos bem.

— Eu decifrei a mensagem no colar — desabafo.

A surpresa toma conta de seu rosto.

— Você leu? Quando?

— Na noite em que voltei de Connecticut.

Ele passa a mão pelos cabelos e se inclina de volta para o sofá.

— Eu falei sério. — Espero que diga mais, mas ele fica em silêncio.

— As ações falam mais alto do que as palavras, Lucky. Caso contrário, são só palavras. E eu amei o que a mensagem dizia, mas ainda são só palavras.

— E as *suas* ações, Skylar? Você foi embora. Você me devolveu a sua aliança. Você fugiu para Connecticut.

— E eu voltei — digo defensivamente.

— Só porque eu levei um tombo e bati a porra da minha cabeça — diz ele.

— Isso não é verdade. Eu não ia ficar lá.

— Não, você ia voltar e depois se mudar.

— Eu ainda vou fazer isso. O plano não foi sempre esse? Que eu tinha que me mudar? Eu estou procurando apartamento.

Jude esfrega a nuca.

— Por que a pressa? Você não precisa ir. Eu já disse isso cem vezes.

— Sim, Jude, eu preciso. Isso não é saudável ou bom pra nenhum de nós. Essa coisa estranha de colegas de casa barra amantes barra amigos barra esposa e marido. Você diz que não quer que eu vá, mas também nunca me diz para ficar. Você só diz que eu posso morar aqui, mas como *o quê*? Quero dizer, que porra é essa?

— Eu não sei — ele diz baixinho.

— É um limbo — digo incisivamente. — Nós dois aqui, com medo de fazer um movimento. Medo de ficar, medo de ir, medo de falar. Estamos só machucando um ao outro, não estamos?

— Eu não quero te machucar. Nunca.

— Eu sei disso.

— Eu quero que você seja feliz. Eu só preciso de mais tempo...

Dou um olhar exasperado.

— Tempo pra que, Lucky?

— Para te dar tudo o que você merece.

— Eu nem sei o que isso significa.

— Isso significa que eu te amo, Skylar. E eu só preciso de um tempo para organizar a merda da minha cabeça e melhorar as coisas.

Eu me recupero do choque de ouvir as palavras que eu estava morrendo de vontade de ouvir. Mas não assim, não no meio de uma discussão.

— É *assim* que você vai dizer isso para mim? Que diabos foi isso?

Ele bufa.

— Pelo menos eu não disse quando pensei que você estava dormindo.

Minhas entranhas congelam. *Merda*. Eu não tinha ideia de que ele tinha me ouvido naquela noite quando sussurrei *te amo* para ele.

— Pelo menos eu realmente disse! — rebato, chorosa.

Ele empurra as plantas para o lado.

— Não era assim que eu queria que fosse. Está tudo fodido.

Nunca estive tão confusa na minha vida. O que Jude quer? Por que isso precisa ser tão difícil?

— Jude, por favor, fala comigo. O que está acontecendo na sua cabeça?

— É isso mesmo que você quer? Você quer que eu jogue todas as minhas cartas na mesa agora? Quando minha cabeça está uma bagunça e nós dois estamos de mau humor?

— Sim — digo com o coração palpitando. — Eu quero.

Ele cobre o rosto com as mãos por alguns segundos, pressionando os dedos na testa.

— Tenho medo de tudo — ele finalmente diz. — Falar demais, não falar o suficiente. Te impedir de ter a vida que você deveria ter. De nós dois ficando juntos e então você acordando um dia daqui a dez anos cheia de arrependimento e animosidade, desejando não ter se amarrado a alguém quando era tão jovem. Tenho medo de perder tudo no momento da minha vida em que eu finalmente quero manter tudo...

— Me amarrado? — repito. — Eu não acho que querer estar com você é me amarrar. E você não acha que eu também tenho medos? Você não acha que eu me preocupo que você vai querer uma mulher que consiga te chupar?

Ele zomba e me mostra um olhar incrédulo.

— Você está falando sério? Essa é a coisa mais tosca e superficial que eu já ouvi.

Ok, é verdade. Mas é a primeira coisa que surgiu na minha mente.

— Talvez você queira alguém mais maduro.

— Não.

— Talvez você nem queira ficar casado comigo.

— Eu nunca quis, até que você veio e continuou caindo na minha frente, depois em mim, depois por *minha* causa.

Eu sou culpada de tudo o que foi dito acima, mas talvez o destino tenha contribuído com a minha falta de jeito crônica.

— Eu não vou te machucar, Jude. E não acho que você vai me machucar.

— Acho que você acredita nisso agora. Mas você tem só dezoito anos. Sabe o quanto você vai mudar ao longo dos anos? Seus gostos e desgostos? O que você quer na vida? *Quem* você quer? Quando tiver trinta anos, eu vou ter quase cinquenta. Como vai ser isso?

— E isso não é superficial também? Tenho certeza de que eu nunca vou me importar com a nossa diferença de idade. Eu me preocupo em fazermos um ao outro felizes e dar apoio. Crescermos juntos. Além disso, você vai estar gostoso pra caramba aos cinquenta

anos. Então, eu estou de boa com tudo, Jude.

Ele suspira e fecha os olhos. Noto que ele está com dor e mentalmente exausto, e meu coração dói sabendo que eu sou a causa disso no momento.

— Eu não sei, Skylar. Nada disso deveria acontecer. Eu queria me casar para te ajudar, e você acabou sendo atacada pela minha irmã e sofrendo bullying até fora da escola. Até a minha melhor das intenções fodeu tudo. Eu não sei como te proteger do que a vida vai jogar na gente, e essa merda de diferença de idade não ajuda. É só mais um obstáculo que pode acabar te machucando.

— Você não precisa me proteger. Nada disso foi culpa sua. Agora que estou fora da escola, não me importo com o que as pessoas pensam sobre nossas idades. Você acha que eu quero estar com um cara da minha idade que provavelmente não tem ideia do que quer fazer com a própria vida e não consegue lidar com um compromisso de verdade? Eu sei que é disso que você tem medo, mas eu também tenho medo. Nós somos iguais, Jude. Nós dois temos medo de sermos abandonados. Nós dois ansiamos por confiança e comprometimento. Não importa a idade que eu tenho, isso nunca vai mudar para mim. Você é o único em quem eu confio e sempre vou confiar.

Jude não diz nada, mas eu posso ver minhas palavras lentamente penetrando nele. Seus olhos estão amolecendo, mas o resto de sua linguagem corporal grita que seus muros de defesa ainda estão levantados.

Digo o restante dos meus pensamentos antes que perca o fio da meada.

— Nós dois éramos totalmente contra o casamento e o amor quando entramos nessa farsa. Mas adivinha? Estivemos casados esse tempo todo. Vivendo um casamento *real*, amando e cuidando um do outro, quer soubéssemos disso ou não. Você não pode me dizer que isso não significa alguma coisa.

Ele acena com a cabeça lentamente.

— Você está certa. Significa tudo. Mais do que você imagina. Mas só nos conhecemos há alguns meses.

— E daí? Parece muito mais tempo.

— Parece. Eu sinto que houve uma caralhada de coisas. Como se estivéssemos presos na fase da lua de mel.

— A fase da lua de mel geralmente significa que tudo está perfeito. Estamos longe disso. E tudo bem. Não precisamos de perfeição. Olha para a sua tia e seu tio. Eles ficaram juntos muito rápido.

— Venha aqui — ele diz suavemente.

Atravesso a sala e sento ao lado dele no sofá. Jude pega minha mão na dele, unindo nossos dedos.

Ele respira fundo e expira lentamente.

— Sinto muito por ter andado distraído. Estou tentando fazer muitas coisas em um período muito curto. — Seus olhos são piscinas cinzentas de emoção, escuras e turbulentas. — Eu ouvi o que você disse naquela noite — ele diz, rouco. — E isso me despertou de muitas maneiras. Eu falei sério no colar. Eu não quero que você vá embora. Espere para se mudar, ok? Tem muita coisa acontecendo de uma vez só. Me dê um pouco de tempo, ok?

Ele pressiona seus lábios suavemente contra os meus em um beijo que implora por paciência.

— Você está bem? — eu sussurro, estendendo a mão para tocar sua bochecha. A angústia em sua voz e em seus olhos está me preocupando.

— Eu só estou com muita coisa na cabeça. Preciso de um tempo para pensar em tudo de cabeça fria.

— Sinto muito por ter colocado dúvidas na sua cabeça — eu digo.

— Sinto muito por ter colocado algumas na sua.

Inclino minha testa contra a dele, faço o mesmo com o nariz.

— Nós fomos meio que uma montanha-russa, hein?

Ele sorri.

— Eu gosto de passeios rápidos e loucos, mas acho que nós dois já tivemos o suficiente.

Segurando sua mão, eu me levanto e o puxo para cima.

— Vem fazer uma coisa comigo? — peço.

Quando ele concorda com a cabeça, eu o levo para o andar de cima, até o meu quarto. Ele espera na porta enquanto eu ligo a luz noturna da galáxia, e o teto se ilumina com estrelas.

— Como não podemos ir no seu lugar favorito na montanha, podemos olhar para as estrelas aqui, e isso vai fazer você se sentir melhor. Te ajudar a limpar a cabeça.

Sorrindo, ele me puxa para seus braços e sussurra:

— Acho que você é meu lugar favorito agora.

Capítulo

54

Skylar

— Você pode me dar um empréstimo de uns cinco mil dólares? Quero botar peito — diz Megan enquanto escolhemos uma mesa no canto da cafeteria.

Não sei dizer se ela está brincando ou não.

— É isso que custa botar peito? — pergunto, tirando a tampa do meu chá e mexendo com um canudo.

— Não tenho certeza. Estou só te zoando. Acho que quando eu me formar, vou ver com meu pai se ele paga pra mim.

— Você é perfeita do jeito que é.

Ela projeta o peito para frente, para a minha inspeção.

— Eles podiam ser maiores. E mais firmes. — Olho para o meu pequeno peito.

— Os meus também podiam.

— Bem, você consegue pagar por novos agora. Você ficaria muito sexy com seios maiores. Principalmente com sua cintura fininha.

Eu balanço a cabeça e corto meu muffin de milho em quatro pedaços.

— Não, eu estou bem. — Agora que tenho segurança financeira, não vou desperdiçar um centavo desse dinheiro. Se há uma coisa que aprendi é que minha vida pode mudar em questão de segundos.

— Como Jude está? — Megan pergunta.

— Ele está melhor, ainda tem dores de cabeça. Está trabalhando nas coisas do bar. Licenciamento, melhorias... é muita coisa. Mas aderiu à minha ideia de decoração temática dos anos setenta. E

adivinha qual vai ser o nome do bar?

— Diga.

— Fupagus!

Ela ri.

— Tá brincando. Isso é incrível.

— Né? Quando as coisas começarem a andar e o interior estiver pronto, vou tirar fotos e gerenciar as contas de redes sociais do bar. Eu posso fazer isso de qualquer lugar, eu acho — eu digo. — É trabalhoso e estressante, mas eu realmente acho que vai fazer sucesso quando tudo estiver pronto.

Eu queria me sentir tão animada quanto eu tentei parecer. As coisas têm sido agridoces. Jude e eu estamos felizes com o progresso com o bar, mas, infelizmente, ele está distante. Nada entre nós mudou ou progrediu ainda. Ele ainda está sofrendo com a fadiga, dores de cabeça e mudanças de humor causadas pelo ferimento na cabeça, e eu decidi dar o que ele pediu: tempo.

Tempo para que exatamente eu não sei.

Megan bebe seu café com leite e se inclina para a frente.

— Eu ainda não consigo acreditar que você ganhou na loteria!

— Menina, eu também não. Ainda parece um sonho. A droga do imposto de renda levou um pedaço enorme.

— Eca, impostos. Você já decidiu o que vai fazer? Vai ficar por aqui? Morar em um condomínio ou algo assim? Pegar a estrada em um trailer? Você pode fazer isso agora. É como se você tivesse manifestado tudo!

— Eu sei — respondo, olhando pela janela. A boutique de Rebecca fica do outro lado da rua, e eu posso ver a vitrine sazonal que montei daqui. Ainda trabalho meio período, já que também crio e gerencio conteúdo para algumas outras pequenas empresas, mas adoro trabalhar com Rebecca.

Se as coisas não mudarem logo, vou jogar a toalha e sair da casa de Jude. Seu silêncio está me deixando louca. Eu adiei fechar um contrato de locação de um canto para mim. Por mais que eu não quisesse fazer isso, não posso viver no limbo para sempre. Se eu me mudasse, sentiria falta de Jude de uma maneira que esmagaria minha alma, cortaria o coração, tipo, eu-nunca-vou-superar. Toda vez que tento decidir de verdade o que devo fazer, o pensamento de me mudar faz meu coração doer tanto, que me sinto fisicamente doente.

Casamentos falsos não são brincadeira. Essa merda fodeu a gente de verdade.

— E você e Jude? — Megan pergunta, lendo minha mente. — Alguma coisa nova acontecendo?

— Não. Ele não disse mais nada sobre nós. Ou cuida das coisas do bar ou se esconde na garagem trabalhando na motocicleta. Basicamente, ainda estamos no limbo.

Eu mordisco meu muffin e tento empurrar para baixo a tristeza que está subindo pelo meu peito. A distância entre mim e Jude nos últimos dias tem sido como um abismo. Nunca me senti tão vazia. Muitas vezes, eu quis entrar na ponta dos pés em seu quarto no meio da noite e rastejar sob os lençóis com ele, só para beijá-lo e ficar lá.

— Eu pensei, quando ele disse que me amava, que isso significava que queria que estivéssemos juntos. Mas ainda estamos em quartos separados. Não tivemos nada íntimo. Talvez eu tenha entendido errado.

— Eu não acho que você entendeu errado. Os homens são estranhos. E ele *está* se recuperando de um ferimento na cabeça e lidando com muito estresse. Dê um tempo pra ele — diz ela, olhando para o relógio. — Nunca se sabe o que pode mudar a qualquer momento.

— Eu tenho dado tempo a ele, mas não posso esperar para sempre. Eu disse a Jude no outro dia que encontrei um apartamento bonito que eu amei, e ele parecia que estava tendo um ataque de pânico. Tenho de dar uma resposta ao senhorio até à próxima semana.

— Podemos trocar de lugar? — ela pergunta de repente, levantando e quase derrubando nossas bebidas.

Franzindo as sobrancelhas, pego meu copo e digo:

— Hum, tudo bem. Por quê?

— Eu não gosto de ficar de costas para a janela.

— Desde quando?

— Acho que senti uma corrente de ar. Estou ficando resfriada, não quero ficar mais doente ainda. Erik e eu temos planos para este fim de semana.

— Tudo bem. — Eu rio dela enquanto nos levantamos e trocamos de lugar.

— Assim é melhor — diz ela, olhando para o relógio mais uma vez, depois para a janela atrás de mim.

— Você está bem? — pergunto, começando a me preocupar. — Você está agindo de uma forma muito estranha. — Ela sorri e balança a mão no ar entre nós.

— Estou bem. Eu tenho que encontrar Erik daqui a pouco, só isso.

Meu celular vibra na mesa. Eu pego e vejo uma mensagem de Jude.

Jude: Olá.

Eu: Oi.

Jude: Quais são os planos pra hoje?

Eu: Vim tomar um chá com Megan na cafeteria.

Jude: Você pode me encontrar no parque em cerca de meia hora?

Meu estômago vibra de emoção – um tão assustado quanto animado.

Eu: Claro. Está tudo bem?

Jude: Eu só quero conversar.

Eu quase deixo o celular cair no meu chá.

Eu: Ok. Chego lá daqui a pouco.

— Tudo bem? — Megan pergunta, apontando para o meu telefone.

— Acho que sim. Jude quer que eu encontre com ele. Pra conversar.

— Isso é bom, né? Por que você parece assustada?

Eu leio as mensagens de novo.

— Eu não sei — eu digo. — Encontrar em um lugar público para conversar soa mal, né? — Ela revira os olhos.

— Skylar, não seja tão paranoica. Você está vendo filmes demais. Nem tudo é má notícia. Sua sorte está aumentando agora, lembra?

Talvez, sim, mas eu estou com um mau pressentimento.

— Acho melhor eu ir, então.

Pegamos nossas coisas e saímos de frente para a rua, onde nossos carros estão estacionados. Dou um abraço de despedida nela e digo que espero que ela fique melhor do resfriado.

— Me liga mais tarde — diz Megan enquanto caminha para o carro.

Eu assinto para ela e entro no meu carro, mas quando coloco a chave na ignição, ele não dá a partida.

Ah, porcaria.

Eu tento de novo, mas o motor não liga.

De novo, não! Eu deveria ter comprado um carro novo com o dinheiro da loteria em vez de continuar a usar o Subaru de Jude enquanto espero meu Corvette ficar pronto.

Megan aparece na minha janela.

— Seu carro quebrou?

— Parece que sim. — Solto um grande suspiro e tento iniciá-lo novamente, mas obtenho o mesmo resultado. — Que droga! O que eu faço agora? Jude provavelmente já está indo para o parque.

— Eu te deixo lá. Deixa o Jude lidar com isso mais tarde.

— Você não tinha que encontrar o Erik?

— Vou ligar para ele e dizer que vou atrasar. — Ela sorri e abre minha porta. — Vamos, não vai demorar muito. Jude provavelmente vai olhar o carro mais tarde. Tenho certeza de que ele vai consertar tudo.

— Tudo bem... — digo com relutância.

Estou tão distraída no caminho para o parque, que mal me incomodo com o jeito que Megan dirige, que parece ter piorado; eu nem imaginava que isso era possível.

— Você pode tentar não nos matar? — digo enquanto ela passa por um carro, fazendo uma curva à esquerda e quase nos levando para uma vala.

— Está tudo sob controle — ela diz, as buzinas tocando furiosamente.

Meus pensamentos voltam para os motivos de Jude querer me encontrar no parque do nada. Por que lá?

Ele não deveria estar trabalhando no bar?

Por que não pode conversar comigo de noite em casa?

Megan tenta me distrair divagando sobre um filme que ela e Erik assistiram ontem à noite, mas eu mal estou ouvindo.

Eu me sinto uma péssima amiga.

E muito provavelmente Jude vai me dizer que eu sou uma esposa ruim e me dar papéis de divórcio no meio do parque cercado por árvores e crianças rindo.

As outras esposas *reais* no parque vão assistir e sussurrar. De algum jeito, elas vão saber que acabei de ser dispensada. Elas vão ficar boquiabertas com as tatuagens dele, o cabelo e a bunda sexy, desejando que estivessem solteiras.

Talvez eu esteja destinada a ser ridicularizada e atormentada pelos outros.

Vou ter de vê-lo ir embora, e eu vou ser deixada sozinha em um

banco de parque com um coração partido e nenhum carro.

E mesmo que eu tenha uma tonelada de dinheiro no banco agora, ele não pode me comprar as coisas que eu mais quero.

Fungando, esfrego a testa, tentando acalmar a dor latejante de todas as emoções que se chocam dentro de mim, em uma guerra de tristeza, raiva, medo e decepção. Por que eu sou sempre a descartável e nunca a escolha principal?

— Skylar, por favor, pare de pensar em coisas ruins. Eu não tinha ideia de que você ficaria chateada assim.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, no geral, só porque um homem quer falar com você. Você está quase tendo um colapso e não tem razão para isso.

Eu tusso, contendo as lágrimas.

— Estou preocupada que ele esteja com os papéis do divórcio. Parece muito um fim.

— Você está louca? Você realmente acha que ele faria isso com você? Em um parque? Ou de qualquer outro jeito? O cara te ama e te protege como um Doberman raivoso. Lide com seus traumas, Sky.

— Meus traumas estão sob controle.

— Dá pra ver.

Megan está certa, eu só estou uma bagunça emocional, e nem sei por quê.

Entramos no estacionamento do parque cantando pneu, e ela estaciona em uma vaga.

Suspiro de alívio por termos chegado aqui vivas e desafivelo o cinto de segurança.

— Eu tenho que ir. — Seus dedos digitam algo nos celular. — Me liga hoje à noite. — Eu analiso o estacionamento.

— Jude nem está aqui ainda.

— Tenho certeza de que ele vai chegar a qualquer momento.

— Você vai me deixar aqui?

— Eu não quero me atrasar mais ainda pra encontrar o Erik. Fica esperando ali nas mesas de piquenique. Você não vai ser sequestrada por ninguém. Tem um monte de pais e filhos bem ali.

Olho pelo para-brisa, me sentindo ainda mais abandonada.

— Como é que eu vou voltar para casa?

— Jude vai te levar para casa, doida. Pode relaxar?

— Tudo bem — eu bufo. — Vou relaxar.

Ela se inclina sobre o carro e beija minha bochecha.

— Por favor, sorria, gatinha. Você é muito amada. Tenha um pouco de fé, ok?

Balançando a cabeça, eu me forço a dar um sorriso para Megan, me sentindo muito desconectada e não muito amada. Eu me sinto como aqueles cães que vemos vídeos na internet, em que os donos os empurram para fora do carro e vão embora, e o cachorro senta na beira da estrada – confuso e esperançoso – se perguntando quando diabos eles vão voltar.



Depois que ela vai embora, eu caminho até as mesas de piquenique e observo as crianças pequenas perseguindo umas às outras enquanto suas mães conversam.

Os minutos passam.

Eu lasco meu esmalte, e um rápido choque de pânico traz uma nova preocupação: talvez ele não venha.

Estou prestes a mandar uma mensagem para Jude para ter certeza de que ele está realmente a caminho quando, de repente, *I Want You to Want Me*, do Cheap Trick, começa a explodir pelo estacionamento. Eu viro a cabeça e vejo um velho e reluzente Corvette prateado estacionar em uma vaga. O motor ronca tão alto, que o chão vibra.

Levantando a mão para bloquear o sol, me aproximo do carro, e meu peito aperta de tristeza. Parece com o meu, só que sem a ferrugem e os amassados. As rodas cromadas brilham no sol, a tinta metálica brilha como se houvesse milhões de minúsculos diamantes.

É absolutamente lindo – o carro dos meus sonhos.

Eu observo com inveja como um cara alto usando óculos escuros sai dele. Seus braços musculosos são cobertos com tatuagens, e seu cabelo está amarrado para trás em um rabo de cavalo baixo, e, *oh, meu Deus*, não há como não reconhecer o sorriso familiar enquanto ele se inclina contra o capô do carro e olha na minha direção.

— Lucky? — digo a mim mesma, confusa, enquanto lentamente atravesso o parque em direção a ele como se eu estivesse em um sonho.

— Desculpa o atraso — diz ele, segurando uma vela de ignição. — Eu tive que tirar isso do seu carro enquanto você estava na cafeteria, para que Megan tivesse que te trazer pra cá.

O quê?

Eles planejaram isso?

Minha boca se abre enquanto meu olhar percorre o carro. A curva do para-lamas. O capô elegante.

— Jude... esse é... — gaguejo, circulando o carro em descrença. Passo a mão pela pintura lisa.

— Seu carro? Você pode apostar essa tua bunda bonita que é. — Ele segura as chaves no alto para mim. Minha mão treme enquanto eu pego. — Eu comprei pra você, Skylar. Era a única forma de fazer você pegar a porra do meu dinheiro.

Lágrimas começam a escorrer pelas minhas bochechas.

— Você comprou pra mim? — Eu ofego e cubro a boca com a mão. — Você fez isso por mim?

— Sim. Você realmente acha que fiquei na garagem trabalhando na minha motocicleta todo esse tempo? Eu tenho ficado maluco tentando terminar ele. Ficou na mecânica por duas semanas, e você nem percebeu que não estava na garagem. Toda a coisa do bilhete de loteria, e depois o meu acidente, e então você ficando toda impaciente, meio que jogou uma pá de cal nos meus planos, e eu tive que acelerar as coisas.

— O que você quer dizer?

Ele dá aquele sorriso adorável e travesso que eu não via há semanas.

— Você não quer ver por dentro?

— Sim. — Eu limpo meus olhos. — Acho que estou em choque... Eu não acredito que você fez isso...

Sento no banco do motorista e toco no novo estofamento vermelho-vivo. Cheira a tão novo e limpo. Tudo foi restaurado, o volante, os pedais, o rádio, as tábuas do assoalho. E pelo barulho, o motor, e os tubos, e coisas que eu nem sei os nomes. É como se fosse um carro novinho em folha de novo.

A felicidade agri-doce se aloja na minha garganta.

Ah, Papa. Olha o nosso carro.

Jude entra no banco do passageiro e empurra os óculos para cima na cabeça.

— Você gostou? — ele pergunta.

Desabando em lágrimas, eu o abraço o mais forte que consigo.

— Eu adorei. É exatamente como eu e Papa sonhamos que seria um dia. — Respiro fundo, trêmula. — Eu não sei como agradecer por isso. Significa muito para mim. Você é a melhor pessoa do mundo inteiro.

— Você pode me agradecer dizendo sim — diz ele, se soltando de mim.

— Dizendo sim? — repito, franzindo as sobrancelhas para ele. — Pra quê...?

Sigo seu olhar para uma fina corrente pendurada no espelho retrovisor. Algo prateado e deslumbrante está balançando nele.

Minhas mãos voam para cobrir minha boca e meus olhos se esbugalham.

— Oh, meu Deus, Jude. O que é isso? — Em silêncio, completamente atordoada, eu o observo tirar a corrente do espelho e depois abrir o fecho para soltar os anéis.

Segurando o anel de diamante na minha frente, ele se inclina, passa a mão na minha bochecha e me beija como se quisesse me devorar.

Quando finalmente nos separamos, estou sem fôlego e oscilando no assento.

— É melhor você respirar, Sparkles, ou eu vou ter que fazer RCP.

— Jude... isso é... — Minha voz falha na garganta.

— Um anel de noivado vintage? Sim. E a sua aliança de casamento. Eu sei que você estava ficando chateada, mas eu precisava de tempo para fazer as coisas direito. — Ele levanta os olhos para encontrar os meus. — Eu te amo, Skylar. Eu não tenho mais medo de dizer ou sentir isso. Eu te amo pra caralho. Eu não quero que você vá embora. Nunca. Eu prometo que nunca vou te impedir de alcançar o que você quer. Quero que você tenha tudo o que sonha. Quero construir uma vida juntos. Podemos viajar, como você sempre quis. Podemos administrar o bar juntos, e você ainda pode tirar fotos e trabalhar com mídias sociais. Somos perfeitos juntos, e eu não dou a mínima para o que ninguém pensa. Eu não vou mais deixar meus medos atrapalharem o que nós dois queremos.

Eu suspiro quando ele desliza os dois anéis no meu dedo.

— Você quer ser minha esposa? De verdade dessa vez?

— Sim — sussurro, olhando para os anéis. — Sim! Isso é tudo o que eu tenho sonhado. — Novas lágrimas rolam pelas minhas bochechas, e eu agarro seu rosto e o beijo. — Eu te amo — digo sem fôlego. — Eu te amo muito, de verdade.

— Eu também te amo. — Ele leva minha mão aos seus lábios e a beija. — Eu amo dizer isso. Me promete que vai ser para sempre — diz ele. — Não importa o que aconteça, me promete que vamos sempre resolver. Eu não vou conseguir te perder.

— Eu prometo. — Aperto a mão dele. — Mas você tem que falar comigo. Entendo que você é do tipo sexy, forte e silencioso, mas talvez um pouco menos silencioso, ok? — digo brincando.

Ele sorri, e eu quase desmaio.

— Estou tentando. Falei muito hoje.

— Você falou. E eu não consigo acreditar que você fez tudo isso.

— Eu o beijo novamente.

Jude me puxa para seus braços do outro lado do painel. Eu não quero deixá-lo ir. Tenho medo de estar sonhando, de num piscar de olhos acordar e tudo isso acabar.

Eu coloco meu rosto em seu pescoço e inalo seu perfume aconchegante.

— Isso é real? — sussurro. — Estou com tanto medo de que não seja real.

Colocando a mão na parte de trás da minha cabeça, Jude me mantém próxima ao seu corpo.

— É real, baby. — Ele me abraça por um longo tempo, depois toca meu queixo, levantando meu rosto para o dele. — Eu errei muito. Eu deveria ter dito antes como eu me sentia. Eu só queria fazer as coisas direito.

— Lucky, está tudo bem...

— Não está. Deixei toda essa merda da idade e meus medos de me machucar mexerem com a minha cabeça. De agora em diante, vou ouvir meu coração e meu instinto. Vamos aprender a confiar, amar e crescer *juntos*. Quero que a gente tenha um casamento de verdade e uma lua de mel. E tenho pensado e acho que quero vender a casa.

— Vender? — repito. — Por quê? — Ele trabalhou muito naquela casa.

— Porque não é a *nossa* casa, e tem muitas lembranças ruins para nós dois. Tem uma energia ruim. Encontrei um terreno à venda, não muito longe da tia Suzy e do tio Al. Podemos construir uma casa lá. Fazer a nossa casa dos sonhos.

Meus batimentos cardíacos aceleram de felicidade.

Minha própria casa. Com o meu marido.

— Podemos ter uma banheira grande? E uma varanda e um lugar para sentar na janela do quarto?

Ele ri e beija meu nariz.

— Você pode ter o que quiser.

Molho os lábios.

— Ok, mas eu tenho uma condição.

— Diga.

— Você tem que botar meu dinheiro nisso. Preciso sentir que contribuí para a nossa casa. — Eu me recuso a ter mais coisas gratuitas dele. Quero que sejamos iguais e justos, dois adultos.

— Skylar...

— Eu estou falando sério, Jude. Isso é importante para mim.

Ele concorda com a cabeça e me dá um beijo rápido e suave.

— Ok, baby. Eu entendo. E eu vou pedir para o advogado se livrar do pré-nupcial. O que é meu é seu.

— E o que é meu é seu. — Fechando os olhos, inclino minha cabeça contra a dele e sussurro “eu te amo” antes de me afastar.

— Eu te amo. Agora ligue o seu carro e nos leve para casa como se você o tivesse roubado. Vamos colocar suas coisas no quarto certo hoje à noite, sra. Locketti. Sem quarto de hóspedes. Vou beijar minha noiva todas as noites.

Capítulo

55

Jude

Quando entro na garagem, desligo o motor, olho para a porta da frente e solto o ar ruidosamente.

Sinto que um peso enorme foi tirado de mim.

Hoje encerrei oficialmente meu negócio de construção, e se tudo correr bem com o bar, meu tempo de sair para ralar todos os dias e voltar para casa com minhas costas me matando acabou.

Bem, exceto pela nossa casa nova, que vamos começar a construir no próximo mês. Esse é um projeto em que eu não me importo de dar tudo de mim. Vai ser um trabalho com amor.

Quando entro, encontro Skylar sentada no sofá da sala de estar com Cassie e Gus – uma de cada lado aos seus pés como guardiãs peludas.

Ela está concentrada em seu laptop, provavelmente fazendo uma de suas aulas online ou salvando ideias de decoração em uma de muitas de nossas listas de ideias.

Eu tiro alguns minutos para apenas olhar para ela e me apaixonar novamente do outro lado da sala. *Minha esposa*. Skylar é a coisa mais bonita que eu já vi, com seus longos cabelos caindo sobre os ombros – um desnudo pelo suéter rosa desleixado até a metade do braço. Eu sorrio para a pequena tatuagem de trevo de quatro folhas com *Lucky* em minúsculas letras em seu ombro.

Sexy. Pra. Caralho.

Toda minha.

Sorrindo, eu paro atrás do sofá e toco em seus ombros, e ela inclina a cabeça para trás, toda sorrisos e olhos azuis olhando para

mim, estendendo os braços para me puxar para um beijo.

Eu a beijo, sedento, e lentamente movo minhas mãos de seus ombros para envolver seu pescoço.

Ela murmura meu nome e a vibração da sua garganta contra as pontas dos meus dedos me deixa louco.

— Vou tomar banho. Eu quero você nua na nossa cama quando eu sair — eu murmuro contra seus lábios.

Quando eu me movo para me afastar, ela agarra minha nuca, segurando meu cabelo.

— Esquece o banho — diz ela com uma voz sensual. — Eu quero você sujo. Aqui mesmo. Agora.

— Porra — sussurro, gemendo. Meu pau já está duro, se forçando contra meu zíper.

Eu cubro sua boca com a minha e deslizo minhas mãos pela frente da sua camisola, respirando fundo quando minhas palmas encontram seus seios nus. Movo meus lábios até seu pescoço, depois sua clavícula, sugando a carne delicada entre meus lábios. Suas unhas afundam no meu couro cabeludo, sua cabeça tombando para o lado. Inclinando-me sobre ela, deslizo minha mão entre suas coxas, para alcançar sua boceta por cima da calça jeans. Eu posso sentir seu calor quente e úmido através do tecido.

Ela pega o laptop, fecha e o joga na almofada ao lado.

Em um movimento rápido, eu a pego em meus braços e a sento nas costas do sofá, de frente para mim. Fico entre suas pernas, e, com um sorriso, ela tira meu moletom e abre minha calça jeans. Começando outro longo beijo, eu tiro minhas botas. Seu pé descalço empurra minha calça para baixo, eu apressadamente saio dela e puxo seu suéter por cima da sua cabeça. Ela agarra meus braços enquanto eu seguro no cós da sua calça jeans e puxo sem me preocupar em abrir.

Olho para baixo e vejo uma calcinha com cara de gatinho, com pequenas orelhas de tecido felpudo saindo do cós.

— Você colocou ela para mim, sua diabinha? — Engancho meus dedos nas alças finas e tiro dela.

Ela ri.

— Claro.

— Vou guardar.

Ela envolve suas pernas longas e tonificadas ao meu redor e me puxa para perto, estendendo a mão para colocar em volta do meu pau. Agarrando a minha nuca com a outra mão, Skylar me puxa de volta para seus lábios.

— Você está duro pra caralho — ela sussurra, fazendo meu pau se

contorcer em sua mão.

Eu acaricio sua boceta, e ela quase ronrona e se contorce contra a minha mão.

— E você está molhada pra caralho. — Mordo seu lábio, e ela solta um pequeno grito sexy.

Enfiando os calcanhares na minha bunda, ela guia meu pau para dentro da sua boceta e arqueia o corpo para trás, segurando meus ombros enquanto eu entro profundamente nela. Inclino a cabeça para me deliciar com seus seios erguidos, passando a língua sobre seus mamilos perfeitos.

Skylar diz meu nome em um sussurro enquanto move os quadris para cima e para baixo para acompanhar meus impulsos. Suas paredes apertadas me puxam para dentro, minhas bolas batem contra sua carne rosa, o som da sucção rítmica e molhada é um coro erótico.

Agarrando sua garganta, eu a puxo para cima e a beijo profundamente, mergulhando minha língua em sua boca até que eu possua cada respiração dela. Skylar arqueja contra minha boca, suas mãos agarrando meus quadris.

Eu saio de dentro quase completamente, e ela suspira de frustração. Apoiando a cabeça do meu pau contra a entrada dela, seguro seu rosto e beijo seus lábios suavemente, depois me afasto, ficando a poucos milímetros da sua boca. Lentamente, entro apenas uma parte. Seus lábios molhados me envolvem, deliciosamente apertados e quentes.

— Eu quero mais — ela implora.

— Olha para mim — sussurro. Skylar abre os olhos e olha para os meus, e eu observo suas pálpebras tremerem parcialmente fechadas quando coloco meu pau centímetro por centímetro. Ela está tão linda e sensual, que eu preciso de todo o meu autocontrole para não gozar instantaneamente. Ela solta um gemido satisfeito quando meu pau finalmente está completamente dentro dela; eu me mexo contra ela, lentamente alimentando a paixão crescente.

Skylar prende os braços ao redor do meu pescoço e deixa suas mãos unidas.

— Eu te amo — ela murmura sem fôlego.

— Eu te amo, Sparkles.

Quando a sinto apertar e tremer ao meu redor, capturo seus lábios e a beijo, me derramando nela pela primeira vez, tão feliz que não precisamos mais parar ou nos afastar ou ter látex entre nós.

Momentos depois, ela descansa contra o meu peito, e eu faço carinho em suas costas.

— Eu senti sua falta hoje — ela diz suavemente.

— Eu percebi. — Inclino seu queixo para cima e roço os lábios nos dela. — Eu também senti sua falta. — Silenciosamente, eu a pego no colo e a carrego para o andar de cima para a segunda rodada em um bom banho quente.



Mais tarde, estamos deitados na cama assistindo a um filme, com camisetas brancas e moletons cinza, olhando para as plantas digitais da nossa nova casa. Uma vela perfumada de biscoito de baunilha está acesa na cômoda. Gus e Cassie estão dormindo ao pé da nossa cama.

Nunca me senti tão caseiro.

Nunca fui tão feliz.

— Eu vendo pensando... — ela diz baixinho, acabando com o espaço entre nós para se aconchegar ao meu lado.

Coloco meu braço ao redor dela.

— Certo...

— Eu não quero casar.

A preocupação me chicoteia. Ela mudou de ideia?

Eu limpo a garganta e me preparo.

— Não quer?

— Não. Eu amei o dia do nosso casamento. Eu não quero outro.

Estou surpreso. E aliviado para caramba. Achei que todas as mulheres queriam um casamento com vestido branco, véu e o negócio todo, com muitos convidados e comida e música.

— Baby, você tem certeza? — pergunto. — Eu pensei que você queria um casamento de verdade.

— Na verdade, eu nunca quis um até o dia em que eu estava de pé na sua frente no quintal. Esse se tornou o meu casamento dos sonhos. — Ela levanta a cabeça para olhar para mim. — Esse *foi* o nosso casamento de verdade. É a única lembrança que eu quero de me casar com você.

Ela me derrete.

— Quer saber? Eu sinto a mesma coisa. Aquele é o meu dia favorito. — Coloco o iPad na mesa de cabeceira e me volto para ela. — Eu também estive pensando em uma coisa.

Sua sobrancelha se arqueia curiosamente.

— Eu estava pensando... se você quiser um bebê algum dia, eu ficaria feliz com isso. Se você não quiser, eu também estou bem com

isso. Mas se você quiser um bebê, eu prometo a você, eu vou ser um pai muito bom. E te darei apoio na sala de parto, todas essas coisas. Te darei mil por cento de apoio.

Ela engole com força e pisca para mim.

— Lucky, eu...

— E se você decidir que nunca vai querer um bebê, eu vou fazer uma vasectomia. Eu não quero que você tenha que tomar anticoncepcionais por metade da sua vida. Mas estou deixando a escolha para você.

Inclinando-se, ela toca em meus lábios.

— Shh... não fala mais nada. Vamos decidir juntos algum dia. Neste momento, eu só quero que nos concentremos na gente. — Ela sorri gentilmente. — Mas obrigada por me informar que é algo que *podemos* ter.

— Eu só quero que você tenha uma vida feliz. Sem arrependimentos. — Ela rola em cima de mim e sorri sonhadoramente.

— Você é um marido muito bom, Jude — diz ela.

Abro meu sorriso infame para Skylar.

— Você é uma esposa foda.

Trazendo seus lábios para os meus, nos beijamos suavemente e entrelaçamos nossos dedos. Nossas alianças se juntam, e é o meu som favorito no mundo.

Epilogo

Skylar

DOIS ANOS DEPOIS

Tomando uma xícara de chá, sento de pernas cruzadas na cadeira Sherpa no canto do nosso quarto e observo as ondas de neve começarem a cair do céu. Gus pula para se sentar no encosto da cadeira e se junta a mim para assistir.

— Aí está você — diz Jude, entrando no quarto. Ele tira o moletom e joga no cesto.

— Você estava querendo me dar um show de strip-tease? — pergunto com um sorriso enquanto meus olhos percorrem com apreço seus braços musculosos e seu peitoral.

Sorrindo, ele empurra seus longos cabelos para fora de seu rosto e se inclina para me beijar.

— Nos seus sonhos — brinca. — Vou vestir algo limpo porque vou te levar a um lugar para uma surpresa especial.

Intrigada, eu o observo desaparecer no closet e reaparecer alguns segundos depois vestindo uma camisa preta de mangas compridas que abraça seus ombros largos.

Meu coração bate mais rápido só de olhar para ele. Jude é um daqueles homens que fica mais bonito com a idade, e eu me considero extremamente sortuda.

— Para onde vamos? — pergunto. — Pode me dar uma dica?

Ele pega minha mão e me puxa, me abraçando pela cintura e me aproximando. Fico na ponta dos pés e pressiono meus lábios contra os dele.

— Você vai ver quando chegarmos lá — diz ele.



— Por que eu tenho que usar uma venda? — pergunto dez minutos depois, já no carro. — Você não quer que eu veja o velocímetro para que não possa ver quão rápido você está dirigindo meu carro? — provoco.

— Eu não quero que você veja para onde estamos indo. Vai estragar a surpresa. — Ele atravessa o painel do Corvette e segura minha mão. — Não se preocupe, vamos chegar daqui a pouco.

— Ainda está nevando? — pergunto, preocupada com o meu carro, que não anda bem na chuva ou na neve.

— Não, foram só alguns flocos.

— Vamos voltar a tempo de jantar com a tia Suzy e o tio Al?

— Sim.

Eu não tenho ideia de onde ele está me levando, mas estou animada e cheia de perguntas. A última vez que meu marido me surpreendeu foi com um lindo anel de noivado e um Corvette. Eu não tenho ideia de como ele pode superar isso.

Com um filhote, talvez.

Ou um periquito.

— É um cachorrinho? — pergunto animadamente.

Ouçoo soltar o ar pelo nariz.

— Não é um cachorrinho.

— É um periquito?

— Não é um periquito. Eu te disse que se você quer um pássaro, é só passar um tempo com a tia Suzy. Eu não quero um pássaro piando e cagando nas paredes. Além disso, Gus vai comer ele. E aí você vai chorar, e eu vou me sentir horrível, então vou te comprar outro pássaro, e o ciclo vai continuar. Vou falir comprando pássaros.

— Gus não faria isso — protesto. — Ela é uma criatura muito gentil.

— Prefiro não arriscar.

— Megan e Erik estão envolvidos nessa surpresa? — pergunto, lembrando como Megan ajudou Jude a orquestrar seu pedido.

— Não.

Sinto o carro parar e depois virar.

— Já chegamos?

— Quase.

Levanto a mão dele até meus lábios para um beijo rápido e sinto o

leve cheiro da colônia Ernest Hemingway que comprei para ele em seu último aniversário. Isso instantaneamente me lembra de ter feito amor com ele na banheira na noite passada, o aroma sexy se agarrou ao seu corpo úmido. Como seus lábios tinham gosto de pasta de dente com sabor de canela – sua favorita. Como Jude me acordou no meio da noite com beijos só para me dizer que me ama, então nos aconchegamos e voltamos a dormir.

Eu sou a mulher mais sortuda do mundo.

O carro desacelera, vira e depois para.

— Chegamos — anuncia.

— Oba!

Eu espero que ele me ajude a sair do carro o quanto antes; ele coloca o braço em torno de mim e andamos pelo que parece cascalho.

— Espero que você não esteja me levando para a floresta.

— Nada de floresta, eu prometo.

— Estamos no parque? — questiono.

— Você é irritante — brinca.

— Estou animada para ver o que é.

Ele para de andar e se move para ficar atrás de mim. Suas mãos roçam minhas bochechas.

— Vou tirar a venda agora — diz ele, depois sussurra perto do meu ouvido. — Mas acho que vou guardar para o quarto hoje à noite.

— Promessas, promessas — cantarolo.

A venda é tirada e, de repente, estou olhando para uma coisa grande cinza e preta. Meu coração salta descontroladamente, e eu agarro seu braço.

— Um trailer?! — grito, olhando para todos os lados do enorme veículo e depois para Jude. Estamos no meio do que parece ser uma área de estacionamento de trailers. — Você está *falando sério*?

— Eu imaginei que já que nunca chegamos a ter uma lua de mel, e você nunca realizou o seu sonho de viajar em um trailer, seria legal se entrássemos nisso aí e dirigíssemos por um mês. Que tal? Só você e eu. E os animais de estimação também podem vir.

Eu olho para Jude com a boca aberta, uma centena de pensamentos felizes e nervosos correndo pela minha mente.

— P-podemos deixar o bar por um mês?

— Não se preocupe com isso. Tio Al vai cuidar dele. Lembra de que prometemos que não deixaríamos o negócio administrar nossa vida?

Concordo com a cabeça. Prometemos sempre arranjar tempo um para o outro.

— Você está certo. — O bar tem sido um sucesso, mais do que poderíamos ter imaginado, mas é difícil não trabalhar sete dias por semana.

Meus olhos são atraídos de volta para a beleza elegante do *motorhome*.

— É tão bonito! — Eu jogo meus braços ao redor dele, e Jude me pega e me gira. — Eu adorei! Para onde vamos?

Ele me coloca gentilmente de volta no chão.

— Para qualquer lugar que você quiser. Ou podemos simplesmente dirigir sem rumo até encontrarmos lugares com as estrelas mais brilhantes do céu.

Isso parece a melhor lua de mel de todos os tempos.

— Quando você acha que podemos ir? Logo?

Ele pisca para mim.

— Que tal daqui a duas semanas?

Fico na ponta dos pés e o abraço pelo pescoço.

— Você é incrível — eu digo, olhando para seus olhos cinzentos.

— Eu te amo muito. O que eu fiz para te merecer?

Ele se abaixa e me beija suavemente, descendo as mãos para segurar minha bunda e me puxar para perto.

— Você jurou me amar, Sparkles. Na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. Pra sempre. Você fez isso.

CONHEÇA O LIVRO:



As pessoas que **amamos**
são usurpadoras.
Elas **roubam** nossos corações.
Nosso ar.
Nossa sanidade.
E nós permitimos.
Muitas, muitas e **muitas vezes**.

COMO SE NÃO
HOUVESSE

Amanhã
CARIAN COLE



Dizem que o primeiro amor a gente nunca esquece.
O meu foi um músico de rua que entrou com tudo na minha alma.

Ele foi meu primeiro em tudo. E mesmo depois de catorze anos, ainda não o esqueci.

Ele quebrou todas as minhas regras. E o meu coração.

Eu assisti sua ascensão, torcendo de longe.

Ele explodiu como um meteoro, deixando um rastro de destruição para trás.

Mas o amor vence sempre, não é? Precisa vencer. Porque aqui estou eu, devastada, arruinada, precisando acreditar que isso seja verdade.

Meu desejo é poder voltar no tempo. Voltar ao parque. Voltar à época em que ele cantava só para mim. Antes de ficar famoso. Antes de partir o meu coração.

Pensei que o conhecia bem. Mas me enganei.

Ele me prometeu todos os amanhãs.

E aqui estou... Esperando. Torcendo.

De novo.



Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

- ✓ **TIKTOK:** <https://www.tiktok.com/@allbookeditora>
- ✓ **FACEBOOK:** <https://www.facebook.com/AllBookEditora>
- ✓ **INSTAGRAM:** <https://www.instagram.com/allbookeditora/>
- ✓ **TWITTER:** <https://twitter.com/AllBookEditora>
- ✓ **YOUTUBE:** <https://www.youtube.com/@allbookeditora>

Após a leitura, não deixe de avaliá-la.

E não esqueça de se cadastrar na nossa newsletter para não perder nenhuma novidade.

<https://www.allbookeditora.com/newsletter>